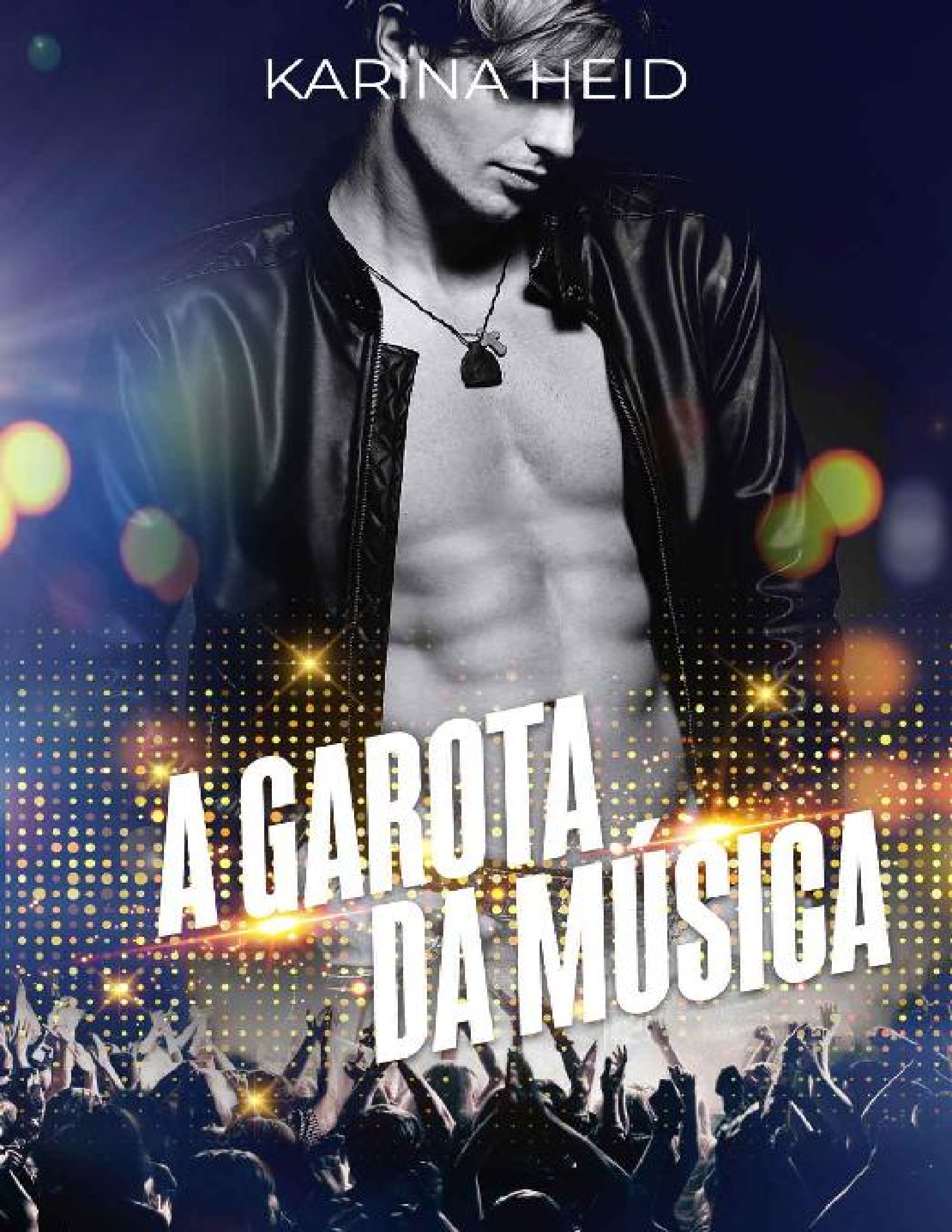


A black and white photograph of a man with short, light-colored hair, wearing a dark leather jacket that is open, revealing his bare chest. He is looking down and to the right. The background is a dark stage with a grid of bright, out-of-focus lights. In the foreground, the silhouettes of a crowd of people are visible, many with their arms raised. The overall atmosphere is that of a live music performance.

KARINA HEID

A GAROTA DA MÚSICA



A GAROTA DA MÚSICA

KARINA HEID

Karina Heid

Copyright© 2019 Karina Heid Rocha
Todos os direitos dessa obra são exclusivos da autora.
É expressamente proibida sua distribuição ou cópia, parcial ou inteira.
Editoração: Karina Heid Rocha
Capa: Tatiana Mareto

✿ Created with Vellum

*Dedico esse livro a todos aqueles que fizeram parte da minha
adolescência. Acreditem, vocês estão nos detalhes da minha
história.*

CONTENTS

Quem é a garota da música?

1. Aquela Garota
2. O destino das coisas frágeis
3. A casca do mundo
4. Nada Pessoal
5. Destruído, mas Ok
6. Vertigem da queda
7. Órbita de Júpiter
8. Esse Cara
9. Segredo desvendado
10. Segredo Desvendado (Parte 2)
11. Coração Empalado
12. Círculos
13. Grandeza Modesta
14. Bem vindo ao meu mundo
15. Cair e Levantar
16. Infelicidade segura
17. Desculpas
18. Sob as estrelas
19. Todas para você
20. O ditado errado
21. De ruim para péssimo
22. Mancomunados
23. Louco por você
24. Minha fraqueza
25. Confusa
26. Noite infeliz
27. Vadia
28. Onde está Gabriel
29. Retorno ao passado (Parte 1)
30. Retorno ao passado (Parte 2)
31. Retorno ao Inferno
32. Caos e calma
33. Minha Garota

Epílogo

Meus livros

Sobre a autora

QUEM É A GAROTA DA MÚSICA?

Querida leitora,

Queria deixar algumas palavrinhas aqui sobre como esse livro nasceu. Certo dia, dirigindo por Vitória - ES (minha cidade) ouvi uma música antiga na rádio chamada **Skater Boy**. É uma canção dos anos 2000, cantada pela Avril Lavigne, que fala sobre uma bailarina que dispensou um garoto punk, embora apaixonada por ele. Acontece que ele mais tarde vira um cantor de sucesso e ela uma mãe solteira lutando sozinha com o filho. A Avril canta o seguinte:

*"Desculpe, garota, mas você saiu perdendo
Bem, foi mal aí, aquele garoto agora é meu
Somos mais do que apenas bons amigos
É assim que a história termina"*

Eu tomei um susto ao prestar melhor atenção à letra. Não só porque o **"É assim que a história termina"** não faz sentido (no mundo literário não existe *fim da história*, e um epílogo é sempre prólogo de outra coisa). O que me chocou foi a frase *"foi mal aí, o garoto agora é meu."* Achei aquilo de uma falta de sororidade danada, e me incomodou. Como psicóloga, concluí também que se tratava de um passado mal elaborado.

Se, depois de cinco anos, você e o boy compõem uma música inteirinha para a garota que ficou para trás, é por que ela ainda é importante. Para os dois.

Foi assim que a história veio. **A Garota da Música** é a história não contada da menina que fazia balé. Da que disse 'não' para o garoto rebelde que ficou famoso (e os motivos que a levaram a isso). E que teve um bebê que precisou criar sozinha, cujo pai ela se recusa a dizer quem é...

Como esse é um **livro musical**, coloquei estrofes em todos os capítulos. **Algumas das músicas são famosas e vocês irão reconhecer, já outras eu mesmo compus para montar o Bandits na cabeça :)**

Aproveitem!!

(Para quem não conhece a música Skater Boy, segue o link do clip oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=TIy3n2b7V9k>)

Karina

AQUELA GAROTA

*“I’m with the skater boy
I said see you later boy
I’ll be backstage after the show
I’ll be at the studio
Singing the song we wrote
About the girl you used to know...”*

Sk8er Boi, Avril Lavigne

Gabriel

A multidão se movia em um só ritmo, como um cardume. Do palco, a impressão era que o estádio ondulava. Dei um gole na água e deixei a garrafa sobre o piano, concentrado na guitarra pendurado no pescoço. O calor era sufocante agora que as nuvens tinham se fechado por completo sobre a cidade. A sensação era que a arena estava envolta em saco plástico.

Bandits! Bandits!

A turba entoava. Ela também gritava:

Gabriel! Gabriel!

Gabri-hell.

Ajeitei rindo o instrumento na frente do corpo. Eles gostavam de me chamar daquilo, de enfiar o inferno no nome. Dedilhei as cordas sentindo o suor pingar do rosto. A camisa tinha ido parar na plateia e o cabelo colava na testa, tampando os olhos. Vinte e cinco mil pessoas lotavam o estádio em plena quarta feira de tempo fechado; duas horas de show sob gritos, palmas e refrões cantados em coro.

Com a boca perto do microfone e os holofotes me cegando, encerrei mais um show:

— Obrigado, Belo Horizonte!! Obrigado por incendiaram esse ginásio! Valeu!!

A horda gritou, entoando o bis. Hora da música final.

Peguei ar, sentindo a faísca correr gelada pela coluna. Eu sabia que música pediriam, e andava inquieto toda vez que chegava a hora. O coro começou a entoar: *aquela garota*. Em todos os shows, em todas as apresentações, em todas as entrevistas, era *ela* que todos queriam. *Aquela Garota* era a música oficial dos finais.

Das nuvens carregadas desceu o primeiro raio, partindo o céu da cidade em dois. O trovão que o seguiu se confundiu com o eco das vozes, lançando uma corrente elétrica por mim. Foi como se a guitarra tivesse me dado um choque. O coração começou a bater rápido demais. A porrada contra a caixa torácica mandava o aviso: *você está morrendo*. O coração queria rasgar o peito pedindo por liberdade.

Pelo telão vi os dedos de Tris posicionados nas cordas, e as baquetas de Gus sobre a bateria.

— *Aquela Garota* — repeti. Aquele era o pedido.

Tris puxou os primeiros acordes sob o som de aplausos. As baquetas de Gus desceram sobre a bateria, ao mesmo tempo que outro raio caiu. Sinuoso, carregado, mais claro que todos os holofotes juntos. Das nuvens bélicas despencou finalmente a chuva.

Levei o microfone à boca, ouvindo os estalos dos pingos sobre ele. A cabeça era empurrada para o passado e, quanto mais eu ia, mais me afundava. *Eu estava morrendo*. E por estar morrendo, precisava consertar um erro.

Meu peito subia e descia, desesperado por ar. Eu estava tendo um ataque de pânico na frente de vinte e cinco mil pessoas. Perdi a entrada na música e Tris me olhou, confusa. Estava tudo fora do script. *Eu estava fora do script*. As palavras saltaram em meio à chuva sem que eu as visse sair:

— Eu gostaria de oferecer essa última música para uma pessoa.

Tris soltou um "que merda ele tá fazendo?" para Gus. Não sei o que estava fazendo. Limpei água da testa com o braço, olhando para a frente. Não via nada por causa do temporal.

— Sabe...as pessoas cometem erros. Muitos erros. Infelizmente, nem sempre dá tempo de consertá-los.

Um estádio lotado nunca ficava em silêncio, mas os sons daquele estavam estranhamente em suspenso. Eu estava exausto. Foram meses de shows, entrevistas, drogas e adrenalina a mil. Eu estava caindo há tempos, mas não podia desabar agora.

— Não dá pra voltar no tempo — minha voz retumbou, alta. — Não dá para apagar as merdas que fizemos. O problema é que também não dá para deixá-las para trás. Por isso eu queria dedicar essa música para *ela*. A garota que a inspirou, anos atrás.

O silêncio começou a se organizar em vaias, que cresceram no estádio. O ataque deu lugar a uma sensação de culpa. As pessoas entoavam *vadia*.

Va-di-a!

Va-di-a!

Eu não estava sendo sarcástico, mas eles achavam que sim. Que estava oferecendo a música como forma de

provocação. Os dedos tocaram em automático os primeiros acordes, e a banda acompanhou.

Aquela vadia.

*"Ele era um perdedor
O cara que ela nunca olharia duas vezes
Ele se encantou por ela — quem não se encantaria?
Ela gostava dele — mas jamais admitiria
Suas amigas torceram o nariz
Esqueça, mude de calçada, finja que não o conhece
Ele não é cara pra você*

Anos depois, ela liga a TV

*Adivinha quem ela vê?
O perdedor botando o ginásio abaixo
Cantando a música sobre a vadia
Que achou que ele não teria nada"*

Toquei "Aquela Garota" sem sinal de humanidade. Foi uma performance merda, sem potência, ao contrário da porra da música que nunca perdia a energia. Ela não gastava a força nunca porque era feita de pura raiva. Em épocas de ódio, a garota da música era Judas. Uma catarse coletiva. *Perdedora, vacilona, burguesa capitalista. Ela teve o que merecia.*

Aquela garota ainda latejava no ouvido quando as luzes amansaram e eu ergui a guitarra para o alto. Continuou durante os aplausos, e a viagem no ônibus da banda até o hotel. Tris não se despediu da gente. Ignorou os fãs no saguão e subiu puta da vida pelo elevador de serviço. Gus e Rafa, o baixista, pararam para conversar com as pessoas. Nenhum deles me perguntou por que falei aquilo no palco.

— Gabriel? — Rico, o empresário da banda, me avisou. — Tem uma garota no quarto esperando por você.

Eu nunca sabia em que categoria essas "garotas" estavam: *groupies* ou babysitters. Meu empresário as escolhia. Conhecia meu tipo: loira de olhos castanhos, do tipo mignon. Era uma estratégia: me manter ocupado com sexo para não sobrar tempo para a auto-destruição.

Depois dela, uma noite solitária se seguiria a um dia solitário, e as bebidas, cigarros e drogas voltariam. E enquanto eu fodia a garota para apaziguar os demônios, a chuva insistia em trazer de volta o passado.

A estrada. A chuva. O carro parando ao meu lado.

Quando a garota tombou na cama, mais bêbada que saciada, os demônios já estavam todos ali. Todo o amor e todo o ódio. Toda a deslealdade e o arrependimento que veio depois, todo o jeito destrutivo de lidar com a vida, fazendo coisas imbecis para tapar um buraco que não tinha fim.

A chuva estalava nas janelas enquanto a madrugada avançava. Tudo que existia hoje — a fortuna, a mansão, a fama — foram desdobramentos daquela única noite, e de um gesto simples de generosidade.

Olhei para os remédios de dormir do lado da cama. Os ouvidos zuniam baixo, como fios de alta tensão. *Kurt, Janis, Jim*. Eu seria só mais um de uma longa lista. Peguei o frasco e entornei os comprimidos na mão. Não era a primeira vez que pensava naquilo, só a primeira vez em que estava em paz com a ideia. A morte viria sonolenta, como a de Xerife, o cachorro que precisei sacrificar. O vira lata leal que por dezesseis anos me fez companhia quando ainda morava em Porto das Pedras morreu assim.

— Vou como Xerife — informei à mulher apagada na cama. Ela soltou um arroteo e se virou para o outro lado.

Doente, aleijado, cego da paulada que meu padrasto deu em sua cabeça por que achou que ele latia demais. Xerife fechou os olhos em paz. Eu também fecharia.

Enfiei os comprimidos na boca e virei a garrafa de vodka por cima. *Uma vida ruim era uma vida ruim e ponto.* A língua não demorou a ficar grossa, e logo os olhos começaram a pesar. A chuva aumentou de volume.

O carro parou pela última vez do meu lado na estrada escura.

Estava frio e eu tremia. Um rosto de anjo surgiu na janela, dizendo com voz delicada: — Gabriel? É Gabriel, não é? Meu nome é Lis, a gente estuda na mesma escola. Vem, vamos tomar um café. Um café vai te esquentar.

Lis.

Você não tinha como saber, Lis, mas naquela noite me salvou.

Eu amei te odiar e odiei amar você. A garota que nunca seria minha me estendendo a mão em piedade? Eu preferia a chuva e os ossos encharcados. Mas você tinha essa coisa de enxergar pelas fendas, e viu que eu estava blefando. Fora o orgulho, eu não tinha nada.

— Um café e só — você disse firme. Não estava me oferecendo pena, só uma bebida quente.

Sabe como eu te devolvi o gesto algum tempo depois? Te pintando para o mundo como vilã. Espero de coração que tenha aprendido a lição. Gente destruída só consegue dar o que tem: destruição. Elas costumam trincar gente como você. Todos os dias, em todas as situações.

Sua vingança foi ser tão bonita, e toda essa beleza acabou gastando o meu coração. Pena que esteja indo de forma rasteira. Com minha partida eu implodi a banda, o trabalho de Rico, a vida de Tris, Gus e Rafa. Até a guria do meu lado teria problema na justiça com a minha morte, amanhã. Mas é assim que os grandes boçais partem: fodendo com tudo. Com força. Com um soco bem dado na base, que é pra ruir tudo e não sobrar nada.

O DESTINO DAS COISAS FRÁGEIS

*Para onde correr quando a ruína é interna?
Pra onde fugir quando em você explodiu a guerra?
Pra que insistir se você não tem chance de melhora
Se as palavras que podiam salvar não foram ouvidas
Se fez do fundo do poço a própria história?*

História, trilha do álbum Hit. Bandits, 2014

Lis

A mulher à frente tinha sérias chances de perder a guarda do único filho. Imigrante, pobre, sozinha, ela podia pouco contra o ex namorado, natural do país e pessoa conhecida na região. Ela sabia isso — eu mesma tinha dito aquilo mil vezes —, mas ela custava acreditar. Eu sempre me surpreendia com a capacidade humana de ignorar as notícias ruins. Éramos programados para não aceitar a verdade quando ela ia contra os nossos desejos.

— Doutora, não tem a menor chance do meu filho ir parar com o pai, tem?

Afastei a pasta da mesa e fiz o que Carlão, meu chefe, cansou de me proibir: segurei as mãos de Rosária entre as

minhas. Eu tinha pouca paciência para pais que não assumiam seus filhos. Menos ainda para os que queriam assumir filhos por birra ou vingança.

Suas mãos eram pequenas e calejadas, cada calo um quebra-mola da vida. Passei o polegar pela pele ressecada, olhando para as unhas curtas e encardidas.

— Há chances, Rosária. Sempre há, eu estaria mentindo se dissesse o contrário. Mas lutaremos com você. O tempo inteiro. O Dr. Carlos é um advogado muito competente.

— Ele é um anjo, doutora — Ela me corrigiu. — Seu chefe é um anjo.

Sorri, balançando a cabeça. Ele era.

Continuei, olhando para nossas mãos unidas: — Seu marido não quer esse filho. Ele quer machucar *você*.

Rosária fungou, assentindo.

— Ele sempre quis.

— Mas ele não vai conseguir se depender de *luta*, entendeu? — perguntei para que ela soubesse disso. Carlão me proibia de dar esperanças aos clientes, dizia que esperanças complicavam o processo, mas eu discordava. Esperança é força.

— Não vou desistir dele, doutora — ela disse. Pensei em corrigi-la, dizer que não era doutora, mas ela completou: — Passei os últimos oito anos do lado do menino. Cuidando, alimentando, vestindo. O que o pai sabe sobre o menino é o que tá escrito em um papel: nome, número. Só.

— Eu sei, querida. Tenho um menino da mesma idade. Acredite: eu sei.

Rosária agradeceu, limpou as lágrimas e se levantou. Acompanhei-a até a saída e ali nos despedimos. Por um tempo a observei deixar o escritório, pensando no seu caso enquanto tentava afastar a sensação doída do peito.

O escritório de advocacia onde trabalhava estava cheio de Rosárias. Gente que saía humilde pela porta, abraçada às

bolsas murchas. A cota de tristeza que certas pessoas traziam ao mundo sempre me impressionava. A cota de tristeza que deixavam comigo preenchiam os meus dias.

— Lis?

Carlão estava me olhando da fresta da porta. Cruzei os braços e andei até seu escritório, aguardando o sermão.

O homem imenso em altura e circunferência, de terno torto e gravata suja de molho desceu os óculos até metade do nariz:

— Pare de se envolver com as clientes.

— Olha quem fala. Aprendi com você.

Ele me encarou por um tempo, então afastou os papéis que estava lendo.

— Você não vai chegar aos 30 se continuar advogando com o coração.

— Quantos anos mesmo você tem?

— Vinte e nove — Ele respondeu, divertido. Recolocando os óculos, encerrou o micro-sermão: — Traga a papelada dela para cá. Vamos discutir o caso e pensar em alternativas.

— Só se for agora — dei meia volta para pegar a pasta. A pasta continuava sobre a mesa da sala de reuniões. Assim que toquei nela, uma melodia antiga dançou no ar, congelando as mãos no lugar.

"Anos depois, ela liga a TV

Adivinha quem ela vê?

O perdedor botando o ginásio abaixo

Cantando a música sobre a vadia

Que achou que ele não teria nada"

Era a terceira vez que ouvia aquela música hoje. Eu sabia o que aquela frequência significava, eu só não queria saber.

— Lis? — Carlão me chamou.

A mesa agora servia de amparo. Eu estava emotiva com a história de Rosária, tocada pela tristeza. Só isso explicaria porque estava com uma ridícula vontade de chorar. A sombra

na porta me fez secar o rosto. Deus me livre chorar no serviço por causa de algo que merecia um ataque de raiva.

— Vou pedir para a secretária desligar a TV — Carlão falou atrás de mim.

— Não precisa. *Ele* deve ter se metido em outra confusão, ou anunciado um casamento, sei lá.

Só isso explicaria a insistência da música em todas as mídias.

— Você não soube?

Enquanto me virava para perguntar "soube o quê?", Carlão pediu para que a secretária desligasse o aparelho. *O que eu não sabia?* Que Gabriel estava namorando outra celebridade? Que tinha lançado um novo álbum para termos novas músicas enchendo o saco nas rádios?

A secretária desligou a TV, e a música que antes parecia cravar alfinetes na pele sumiu.

— O que ele aprontou dessa vez? — perguntei.

Pelo jeito com que Carlão me olhou, foi algo enorme. Por um tempo ele pareceu não saber se continuava ou me deixava descobrir sozinha. Ele sabia muito de mim, mas pouco sobre essa parte do passado. Sabia só o necessário.

— Vamos para a minha sala — Ele decidiu.

Segui meu chefe desconfiada de que dessa vez Gabriel tinha se metido em algo sério. Talvez tivesse ido preso. Machucado alguém. Ele era errático, impulsivo, irresponsável. Uma tragédia anunciada. E mesmo assim, ouvir seu nome ainda me roía os nervos.

Carlão fechou a porta e circulou a mesa, afundando na cadeira. Toda aquela solenidade e expectativa estavam me deixando tensa.

Eu andava sem paciência para os dramas histriônicos de Gabriel. Ele havia virado uma celebridade dramática, autocentrada e sempre acompanhada de escândalos. Se pudesse processá-lo por ter feito da minha vida o que fez, eu

teria, anos atrás. Mas ele nunca revelou quem era *a garota*, e poucos sabiam que a garota da música maldita era *eu*.

No mais, a melhor maneira de se vingar de um narcisista era ignorá-lo.

— Lis — Carlão disse cheio de dedos. — É sobre Gabriel.

— Nem gaste a saliva, Carlão. Não quero saber o que ele inventou dessa vez.

Carlão deixou que eu terminasse, me dando silêncio suficiente para que eu me continuasse a me explicar, atrapalhada:

— Ele é desprezível — continuei, sob o olhar humano do meu chefe. — É OK, não vou mentir, às vezes digito o nome dele no Google só pra sentir a alegria mesquinha de vê-lo metido em confusões. O que não vem ao caso. O que *vem ao caso* é que o não me interessa o que ele faz da vida.

— Eu sei.

Por que ele estava de volta à Tv? A curiosidade era mesmo uma desgraça.

— É por causa do show em Porto, não é?

Em alguns meses o *Bandits* estaria de volta à cidade natal, participando do concerto que acontecia a cada dois anos. Nem sei porque eles vinham — acho que para não deixar as pessoas esquecerem que a garota da música que catapultou a banda ao sucesso vivia ali, entre os mortais. Eu geralmente pegava a estrada nessa época, mas isso foi antes do emprego, e das contas começarem a bater forte e frequentes na caixa de correios.

— Quer saber, Carlão? Nem me conta. — Dei meia volta e tentei abrir a porta, mas me embananei com o trinco. — Ele que se exploda.

— Então — a voz macia de Carlão me fez parar no lugar. — Gabriel teve uma overdose.

Um raio desceu pela coluna, congelando as vértebras. Quando finalmente consegui perguntar, a voz saiu tremida:

— Ele morreu?

Carlão exalou, cruzando os braços. — Está internado. Ninguém sabe se vai sobreviver.

A imagem que me assombrava há anos estava de volta. O vulto encolhido caminhando na chuva, andando sem rumo. A figura magra iluminada pelos faróis. Não vi Carlão se aproximando, mas senti sua mão em meus ombros. Ele não me tocava: ele estava me amparando.

— Era questão de tempo — eu murmurei.

— Sim, era. — Carlão me olhou com os olhos comidos de pena. — Lis... Essa ferida vai continuar doendo enquanto você não tratá-la. E a gente trata feridas enfrentando-as, não fingindo que elas não existem.

Recuperei o equilíbrio, balançando a cabeça que não. Certas coisas mereciam enfrentamento, outras mereciam distância. Gabriel era parte das segundas coisas.

— Preciso tomar um ar — falei em um sopro. Abri a porta e deixei a sala em direção à saída, lutando por ar. Embora a secretária tivesse desligado a TV e o escritório estivesse em silêncio, a música continuava na cabeça.

Você sempre foi uma granada de insensatez, Gabriel. O tipo de cara que nossos pais mandavam a gente passar longe. Mas isso?

O que aconteceu com a sua vida? Você não ganhou nenhum juízo em todos esses anos? *E porque saber que você pode morrer traz de volta essa sensação de perda, de amputação?* Você devia ter morrido para mim anos atrás.

E enquanto caminhava sem rumo pelas ruas do balneário vazio, entendia que o destino de certos sentimentos era botar tudo abaixo.

Não sei como parei na frente da antiga casa onde vivi tantos anos, até perdê-la, anos atrás. Ela ruía aos poucos, abandonada. Olhei para o telhado, para o banco improvisado

que ainda estava por lá. Eu as vezes me via ali. E quando isso acontecia, o via também.

Doía não poder subir mais até lá em cima e ver o mundo de outra perspectiva. Restava hoje a perspectiva do chão, e só.

Deixei a casa para trás, mas não as memórias. Os malditos castelos de cartas que construíamos durante a vida não se sustentavam quando enfrentados. Um sopro, e tudo ruía de volta para o lugar de onde nunca teria se erguido sem a ajuda de mentiras.

Esse era o destino das coisas frágeis: desmoronar.

A CASCA DO MUNDO

*"O passado quer te dizer mil coisas
te convencer que dá pra ser recontado
É mentira, garota, não abra a porta
Deixe que ele sufoque com suas próprias palavras..."*

Passado , trilha do álbum Bandits United, 2011

Nove anos atrás Gabriel

Era uma daquelas tempestades que traziam fins, com pingos do tamanho de moedas, raios que transformavam a noite em dia e trovões que pareciam quebrar a casca do mundo. A chuva desabava brava no asfalto, ricocheteando como tiros. Eu caminhava por eles. Molhado até o tutano dos ossos, machucado e sozinho, me equilibrando entre o asfalto e o precipício.

Lembro que aquele era só mais um dos muitos faróis que iluminavam a rua e passavam direto. O capuz tapava o rosto inchado, mas também servia pra afastar as ofertas. Não que

fosse aparecer alguém querendo dar carona a um Zé ninguém àquela hora da noite. E no mais, carona para onde? Eu não podia dizer onde ia, e tinha deixado aquele maldito *trailer* para sempre.

Quando o carro desacelerou dando sinal de que ia parar, xinguei baixo. O pisca alerta vermelho parecia um sinal: *não pare. Vá embora*. Não estava pronto para trocar ideias com algum mal intencionado — ou bobo inocente — disposto a oferecer carona a um estranho.

O carro parou na minha frente, exatamente na borda da estrada. Estalei a língua, impaciente. Só conseguiria continuar se passasse pelo lado do motorista. Se ele visse meu olho roxo e a boca inchada do soco, mudaria de ideia? *Além disso eu arruinaria o seu assento, babaca. E te comeria de porrada se tentasse alguma gracinha.*

Parei ao lado da janela com os punhos fechados, ouvindo o vidro descer. Eu esperava tudo daquela noite, menos ver o rosto *dela*.

— Gabriel? — a voz feminina falou. — É Gabriel, não é? Meu nome é Lis, a gente estuda na mesma escola. Vem, vamos tomar um café. Você deve estar com frio, um café vai te esquentar.

Lembro da saliva descendo grossa, carregando um espinho garganta abaixo. Ninguém quer estar por baixo, com a cara sovada, na frente da garota mais bonita da cidade. Olhei para a estrada, sem coragem de olhar para ela.

— Tô bem. Só preciso andar um pouco.

— É só um café — ela insistiu. Sem esperar minha resposta, ela se inclinou até o lado do carona e abriu a porta. Acho que reagi por instinto, que o *clic* da porta abrindo me forçou a tomar uma decisão. Foi a primeira vez que aceitei uma mão estendida. Até porque ela era a dona da mão.

Sentei no carro o mais perto da porta que consegui. Parecia um bicho acuado — e era — mas não queria estragar

o forro do assento. Impossível, eu estava encharcado. Ela passou a marcha e arrancou de maneira brusca, como se não soubesse dirigir direito.

Um pompom rosa pendurado no retrovisor chacoalhava, e Kate Perry torturava os ouvidos com *California Girls*. Adesivos halográficos de unicórnios e borboletas infestavam o console. Em um deles estava escrito: "Sou bailarina com muito orgulho". Do lado, uma ilustração de menina unia os braços em um arco, enquanto as pernas sustentavam o corpo sobre sapatilhas cor-de-rosa.

— Podemos ir ao café da rua principal, que tal? — Ela sugeriu. Ela olhava rígida para a frente, sem coragem de se virar. Certamente tinha visto o estado desfigurado do meu rosto, porque logo se corrigiu: — Talvez não. Muito cheio.

— E central — eu completei.

Era estranho ouvir minha própria voz. Ela parecia ressecada. Antiga, Como se tivesse saído de uma gaveta ou de um lugar pouco usado. Mas a verdade era que eu me sentia sufocado. Era difícil ser eu mesmo do lado dela.

— Sim, claro. — Ela concordou.

O carro cruzou a rua principal e deixou a parte iluminada da cidade para trás. Havia gente demais no café, de qualquer forma. Passamos pela rua de trás, mas a lanchonete da esquina já havia fechado. A cada metro percorrido eu ia me sentindo um pouco pior. Crescia em mim uma preocupação inédita sobre o que ela devia estar pensando de mim. No que aconteceu comigo essa noite. Por que eu estava no meio da estrada, na chuva, e tinha tantos hematomas. Era uma sensação pior que a dor.

— Já sei — ela freou o carro em um rompante e eu voei para frente, quase batendo a testa no vidro. — Oh, desculpe! Ainda estou aprendendo a dirigir.

Ela finalmente olhou para mim. Seus olhos eram de um castanho bem escuro, e ainda maiores do que eu me

lembrava. O cabelo claro e ondulado estava ouriçado pela chuva, preso em um rabo de cavalo expirado. Ela piscou, enfrentando com coragem o meu rosto.

— É melhor você colocar o cinto — falou sorrindo. — Já sei onde podemos tomar um café.

Coloquei o cinto sem perguntar para onde ela estava me levando. Ofuscado pelo seu sorriso, deixei que me carregasse para onde quisesse. Quando ela parou na frente de uma casinha jeitosa em um dos bairros bons de Porto, olhei feio para ela.

— Que porra a gente...

Ela desligou o carro e praticamente deitou em cima de mim para pegar a bolsa que, eu não sabia, estava sob minhas botas. Em seguida avisou em meio a uma nuvem perfumada que misturava o cheiro do shampoo, o hálito de canela do chiclete e a água de colônia:

— Vai ter que correr, não tenho sombrinha.

Ela tinha me trazido para a sua casa.

Como seus pais reagiriam ao vê-la chegar com um cara todo machucado? Iam querer ligar para a polícia, torcer o nariz para as minhas roupas. Continuei sentado dentro do carro enquanto ela disparava curvada até a varanda. Os pingos estalavam no para-brisas, e eu mal a enxergava. Não podia aceitar o convite. Foi gentil e tal, mas eu era eu, e ela era ela. Garotas como ela, que namoravam playboys riquinhos do colégio, não levavam punks fodidos para casa.

Ela tentou acertar três vezes a chave na fechadura, e quando conseguiu acenou para eu vir logo. Eu parecia um idiota paralisado dentro do carro, mas em que porra eu estava me metendo? Para piorar, eu estava irritado pela trilha de fogo nos nervos, confuso pelo frio na barriga. Anos depois, eu me lembraria dessa sensação sempre que ouvia a multidão gritar meu nome antes de entrar no palco. Eu a chamava de *sensação das estréias*. Ou *efeito Lis*.

Abri a porta com um plano simples. Agradecer, dar as costas, partir.

Corri na chuva até a varanda, treinando o *'muito obrigado, mas preciso ir'*, mas ela já não estava mais ali. A porta estava escancarada, e do hall iluminado pelo abajur eu via a casa aconchegante de uma típica família estruturada de classe média. O chão de madeira, espelhos nas paredes, roupas largadas aqui e ali, como em uma casa normal.

— Lis?

Aquela deve ter sido a primeira vez que disse seu nome em voz alta. Ela chegou saltando, tentando tirar a bota. Um pé já estava sem, e inacreditavelmente não me surpreendi ao ver que até suas meias eram rosa.

— Ainda está aí? Vem, entra. Feche a porta, está frio.

O plano de dar meia volta virou um passo adiante. Fechei a porta, olhando inconformado para a poça de água que se formava ao meu redor. Ela notou meu incômodo.

— É só água. Tire a bota que vou buscar um pano de chão.

Como eu ia tirar a bota se minha meia tinha furos, e o coturno estava tão gasto que a sola na frente se abria como uma boca? Tirei a bota e também as meias, escondendo-as dentro do coturno.

Ela chegou com um pano de chão em uma mão e uma toalha na outra. Jogou o pano aos meus pés e se abaixou. Eu me abaixei também, me atrapalhando ao dizer que podia secar a bagunça.

Ela riu, perto demais. O cheiro bom de shampoo me calou.

— A gente vai bater a cabeça se ficar tentando fazer as coisas ao mesmo tempo.

Ela parecia se divertir enquanto eu fazia papel de idiota. Ela olhou para os meus pés e passou a toalha sobre eles. Ninguém jamais havia feito aquilo antes.

— Você tem pés bonitos — ela ergueu os olhos. Prendi a respiração, vendo-a se levantar. Ela abriu um armário ao

lado e tirou de dentro outra toalha. — Toma. Se enrola com essa. Vou ver se o ex babaca da minha mãe deixou alguma coisa para trás antes de se mandar.

E enquanto ela subia as escadas tagarelando sobre como o tal cara levou até o computador dela antes de fugir, eu chacoalhava a cabeça, tentando entender o que estava acontecendo. Em minutos eu tinha sido resgatado, trazido para casa e enxugado como um cachorro que ela tivesse encontrado na rua. Ela desceu as escadas ainda falando, a história já no fim, como se eu tivesse acompanhado o que contou enquanto estive no segundo andar.

— Um absurdo, não é? — Ela me estendeu uma camiseta masculina e uma calça de flanela preta. — Por que as pessoas fazem essas coisas? — Ela perguntou.

Eu não tinha a menor ideia: — Por que são idiotas?

— Exato — ela concordou.

Ela sumiu outra vez, mas dessa vez me mexi. Encontrei-a na cozinha, enchendo uma chaleira de água. — Pode se sentar aí — ela apontou o queixo para uma banquetta. Sentei com a toalha nos ombros, e aos poucos, menos ameaçado, tirei o capuz da cabeça. — Tenho café, mas também chá.

Como não era uma pergunta, não respondi. Ela emendou a frase a outra: — Não vai trocar a roupa? Você deve estar gelado.

— Aqui?

Ela não tinha me mostrado o banheiro. Ela ligou o fogão e se virou com as bochechas vermelhas, indicando a direção do banheiro.

Apertei a roupa entre os dedos e obedeci. Minutos depois estava de volta, me sentindo estranho dentro do que parecia um pijama.

— Deixei as coisas sobre a pia para secar. Antes de ir embora eu devolvo as roupas.

— Nem pense nisso. Pode ficar. Eu e mamãe não estamos querendo nos lembrar do dono.

Ela se sentou do outro lado da bancada, observando como a roupa ficava em mim. Que eu pudesse lembra-la de um idiota me aborreceu.

— Sua mãe não vai se incomodar se me vir aqui?

A frase a pegou de surpresa. O eterno sorriso congelou na boca, e ela abraçou os joelhos. Pelo jeito eu tinha dito alguma coisa errada.

— Minha mãe está internada. Eu moro sozinha.

A transformação em seu rosto era visível. Se eu antes me sentia mal, agora me sentia péssimo.

— Sinto muito.

— Câncer — ela disse. — Estágio terminal.

Estava aí algo pior que um soco na cara e ser expulso de casa. A mãe dela estava morrendo. Ela afugentou a sensação ruim com um gesto, piscando os olhos para não deixar que transbordassem. Certas coisas nunca mudariam: ela sempre sorriria, mesmo nas piores horas. As pessoas davam cedo os sinais de como nos machucariam.

— Mas, respondendo à sua pergunta —, ela continuou — ... se ela estivesse aqui, perguntaria quem é o cara por trás da cara inchada, e que horas pensaríamos em cuidar desses machucados. E é isso que vamos fazer, mas depois de te esquentar.

Ela se levantou, tirou a água do fogo, coou o café e voltou com duas xícaras fumegantes. Bebi em silêncio, evitando olhá-la. Um tipo de febre crescia em mim, uma coisa que não conhecia a natureza. Eu não tinha a menor ideia de como reagir a ela. Ou a gentilezas em geral.

Aos poucos as mãos voltaram a ficar mornas, e os tremores pararam.

— Ouvi dizer que você toca. É verdade? — ela quebrou o silêncio.

— Como sabe disso?

— Não sei quem me contou. Mas me disseram que você toca nos bares que ficam fora da cidade. Nos que vão a galera das motos barulhentas. — Ela abriu outro sorriso lindo. — Guitarra?

— Guitarra.

Ela apoiou o queixo na mão, me olhando por um segundo a mais do que deveria: — Que sexy.

Ela acabou de dizer a palavra sexy? Sim, ela disse. Com todo aquele charme que a natureza concedeu ao 1% mais bonito da população. Você tá tão ferrado, Gabriel.

— Sou um zero à esquerda para música — ela deu de ombros. — Nunca pensou em montar uma banda?

A palavra *sexy* ainda piscava em neon quando respondi, mais atordoado do que deveria:

— Temos uma banda. Eu, Rafael, Gustavo e uma garota. Tris.

— Tris é uma garota? — Ela perguntou desenhando algo imaginário com o indicador sobre a bancada.

— Ela é guitarrista também.

Mas nem de perto tão sexy quanto você.

— Hm. E qual é o nome da banda?

— *Bandits*. Uma brincadeira com o termo *Band*, banda em inglês, e ...

— Bandidos.

Assenti, levando os olhos outra vez para a curva que sua boca fazia. Acho que o nome a agradou.

— E os *Bandits* tocam aonde, além de nos bares onde não posso entrar?

— Você pode entrar... — corrigi-a, franzindo o nariz em seguida. *O que os frequentadores do Rucker's diriam se eu aparecesse com uma versão mais doce da Barbie Malibu para o show? De qualquer forma, não chegaria nem perto do que seus amigos diriam se ela aparecesse ao lado de um*

personagem de Tim Burton nas sorveterias de tom pastel da cidade.

— ... Talvez só não devesse. Não desacompanhada, pelo menos.

Seu sorriso era de quem sabia disso. Um momento se passou, o olhar dela grudado no meu rosto.

— Caso eu vá, não pretendo ir desacompanhada. Posso ir com você.

Minha saliva desceu rolando pela garganta.

— Claro.

Tenho certeza que meu constrangimento a divertia. Que ela notava que, cada vez que piscava os cílios escuros e longos, minhas respostas saíam tremidas. O fato dela brincar com os cachos que caíam do rabo de cavalo não ajudavam meu estado.

— E por que justamente lá? Por que não em algum barzinho da cidade?

— O Rocker's é o único local que sobrevive fora de temporada em Porto das Pedras. E eles pagam direitinho.

— E o que vocês tocam? Rock?

Balancei a cabeça. *Punk rock*, pra ser mais exato. Mas deixei a palavra *punk* por enquanto para lá.

— Você gosta? De rock?

Havia um brilho diferente em seu olhar quando ela respondeu: — *Humhum*.

Que inferno. O café me fazia suar, agora.

— Embora não ouça muito, admito — ela suspirou. — Sou bailarina. Ou melhor, era. De qualquer maneira, não há muito espaço para o rock dentro do universo cor de rosa.

— Você me chocou agora com essa informação.

Sem saber como, ela conseguiu tirar uma piada boba de mim. Seu sorriso esvaiu o ar da sala.

— Queria ter tempo para dançar — ela abraçou a própria caneca. Suas unhas eram delicadas e bem feitas. — Mas não

tenho mais cabeça para praticar. Levar a vida como antes, sabe? Desde que minha mãe me emancipou, tudo que faço é mexer com papéis e resolver problemas de adultos.

— Você não tem mais ninguém? É só você e ela?

Ela fez que sim.

— Meu pai vive em São Paulo, mas é um estranho pra mim. Só um nome na certidão.

Ela afugentou mais uma vez as preocupações e se levantou: — Que tal tratar desse rosto agora?

Ela buscou a gaze, o Mertiolate e o esparadrapo. Sentou-se na minha frente com os joelhos encostados nos meus, ajeitando a camisa larga. Sua blusa insistia em tombar em um dos ombros, mostrando o pescoço claro e de aspecto macio. Eu suava em contato com ela.

— E aí? Qual é a história desses machucados? — Ela abriu o frasco de Mertiolate e molhou a gaze.

— Meu padrasto e eu tivemos um desentendimento.

— E resolveram as coisas no soco? Que maduros, vocês.

Às vezes ele também resolvia os desentendimentos na paulada, pensei olhando para o rosto perfeito alinhado ao meu. Seus dedos percorriam a extensão machucada da boca.

— O que sua mãe fala disso?

— Ela não tá mais ao redor.

Ela afastou a gaze para me olhar. Seus olhos, de perto, não eram tão escuros. Havia um tom de dourado entre a borda da Íris e a pupila.

— Ela morreu ou foi embora?

As chances de que ela tivesse feito tanto uma coisa quanto outra eram enormes para um cara com o meu histórico. Morador de um estacionamento de trailer que vivia de bicos em bares de motoqueiros, eu era o clichê do fracassado. As chances de minha mãe ser uma vadia insensível, enormes.

— Os dois.

E foram, realmente, as duas mortes. Se eu era um clichê, minha mãe foi um ainda maior.

— Sinto muito, Gabriel.

Dei de ombros, e ela voltou a limpar o corte. Talvez, para fazer eu me sentir melhor, ela começou a desfiar a meada de tragédias que era sua vida pessoal. Contou sobre o namorado babaca da mãe, o namorado babaca anterior (seu pai), e falou até do seu próprio namorado babaca — *futuro ex namorado*, adicionou — , um cara cheio de marra que costumava xingar gente como eu. Eu já tinha visto os dois juntos. Ela era infinitamente melhor do que ele.

— Por que está com ele, se ele é um idiota? — perguntei tentando não olhar para ela. Ela voltou a molhar a gaze, e o líquido com cheiro de álcool tomou o ar ao redor.

— Sei lá — ela deslizou a gaze pelo corte da testa. — Deve estar no meu DNA ruim gostar de gente assim.

Dando de ombros, fechou o frasco. Tudo ao redor da ferida ardia, mas ouvi-la dizer aquilo fazia arder um pouco mais. *Sou material que DNAs ruins costumam gostar*, parte minha esperava que ela soubesse.

— Sei como é — falei.

Ela voltou a se sentar do outro lado da bancada. Soltou o cabelo revolto, ajeitou o rabo de cavalo e o prendeu novamente com o elástico. Observei o gesto enfeitiçado. O que acontecia em mim não tinha precedentes, mas já parecia inevitável. Ela funcionava mais ou menos como uma droga, misturada a um tipo de sedativo potente. Estimulava com efeitos contrários.

A conversa se estendeu para as coisas cotidianas, como a escola. Sobre o meu péssimo rendimento e total falta de planos. Sobre o futuro que ela traçou nos mínimos detalhes, com medo do que a vida traria nos próximos meses. Sobre nossos amigos, tão diferentes como a água e o vinho. Sobre animais de estimação — seu gato preguiçoso e Xerife, o

cachorro que meu padrasto matou — , cujo desenrolar da história levou ao olho roxo e aos lábios machucados.

Sobre sua vontade de me ver tocar.

A noite avançava, e a xícara de café se transformou em três. Quando ela enfim bocejou, eu me levantei. Havia sido uma noite tremenda. Guardaria aquelas horas no peito, que ela não tivesse dúvidas disso.

— Preciso ir — falei. Levei a xícara até a pia, fechando os olhos ao ouvi-la perguntar:

— Para onde? Não pode voltar para o trailer. Seu padrasto matou o *seu cachorro*.

— Não pretendo voltar.

— E onde vai dormir essa noite?

Era ali que devia ter mentido, mas não consegui. Eu devia ter dito que ia para a casa de um amigo, ou que dormiria na Tris. Mas falei a verdade, porque já tinha me virado e não conseguiria contar uma mentira olhando em seus olhos:

— Não sei. Mas vou dar um jeito.

— Não — ela disse firme. Ela marchou até a sala, jogou as almofadas do sofá no chão e sem me dar a chance de retrucar, pegou um lençol do mesmo armário de onde tirou a toalha.

— Lis, não posso aceitar.

— Pode, e vai. — Ela estava decidida. — O sofá não é lá grandes coisas, mas você pode ficar até se ajeitar. Imagine, Gabriel, se vou te deixar voltar para a rua.

— Não acho boa ideia eu dormir aqui.

— Você me deixaria partir, se estivesse no meu lugar?

O que teria feito se a tivesse encontrada encolhida na chuva? Trazido para casa. Esquentado-a. Acolhido-a. Definitivamente não a teria deixado mais.

Enquanto procurava uma brecha entre seus argumentos, ela indicou o lugar das cobertas, avisou sobre a mania do

gato de pular sobre as pessoas e onde ficava a pasta de dente.

O sangue ainda bombeava surdo no ouvido quando ela apagou a luz e subiu para o segundo andar. Puxei a cobertura sobre as pernas, aquecido, ouvindo o som do peito retumbar no corpo. A chuva caía forte do lado de fora, os trovões mexiam com as estruturas da casa — e com as minhas. O calor morno, o cheiro de shampoo, o gosto do café, a textura da toalha nos pés, a palavra *sexy* — tudo aquilo me atingiu de um jeito único, e ficou gravado na minha cabeça.

Uma sensação estranha me envolvia quando fechei os olhos. Segurança, misturado com seu riso fácil. Cuidado mesclado à vontade de nunca mais me afastar. Desde aquela noite passei a procurar aquela sensação em todos os lugares que fui e pessoas que conheci, sem nunca mais encontrá-la.

NADA PESSOAL

*"Certa vez conheci uma garota
que foi escrita para mim
Ela era a letra de uma música triste
E sua melodia embalava meu sono
Tentei apagá-la, mas só consegui borrar tudo
Ela se tornou uma rasura escura
na minha linha pontilhada..."*

*"Escrita para mim", trilha do álbum **Você não acreditaria.**
Bandits, 2015*

Nove anos atrás

Lis

Trazê-lo para casa e forçá-lo a dormir na sala foi fácil. Difícil era agora acalmar o coração e entender por que raios fiz aquilo.

Fechei os olhos com tanta força desejando que minha mãe estivesse ali que praticamente espremi as lágrimas para fora. Ela saberia dizer a coisa certa. Que eu fiz bem em trazê-lo

para cá. Que está tudo bem ser impulsiva de vez em quando, e que embora ele parecesse problema, ela entendia por que ele despertava sentimentos turbulentos em mim.

Eu e ela tínhamos uma queda por garotos rebeldes.

Era de partir o coração que ela sentisse tanta dor e não conseguisse mais me aconselhar. Ela usou toda força que tinha para assinar os documentos que passavam tudo para o meu nome. Os preparativos finais antes de sua partida. O gesto a exauriu além do reparo: depois disso, ela passou a agir como se estivesse pronta para ir embora.

O problema é que *eu* não estava pronta.

Naquela noite quebrei o hábito de chorar antes de dormir. Girava na cama, sem posição. Só de pensar em *quem* estava no primeiro andar, meu estômago se contorcia. Uma parte era medo de ter agido de modo impulsivo; outra parte era só antecipação do que *aquilo* poderia se tornar.

Gabriel estava *ali*. O cara maltratado, esquisito, anti-social e *muito bonito* que eu costumava fingir não olhar no colégio. A aparência *frágil-cravejado-de-espinhos* me desorientava. Tinha uma queda pela franja que não via corte há semanas e tapava os olhos azuis comidos pela melancolia. O físico esbelto e longilíneo, mais para o magro que para o forte, que disparava pensamentos estranhos em mim. Era como se cada detalhe dele tivesse sido feito para mexer com partes minhas.

Por que raios ele me agoniava tanto? Acredito que era o jeito silencioso de viver duas vidas — uma do lado de dentro e outra do lado de fora — como quem passa a todo momento um tipo de mensagem subliminar. Talvez ele me angustiasse porque nunca sorria. Vi Gabriel sorrindo uma única vez. Ele estava fumando no canto do pátio, entre os outros esquisitos da escola. A camisa de flanela estava amarrada na cintura; as calças rasgadas nos joelhos. Ele parecia distraído. Ouviu alguma coisa e soltou um sorriso tão contagiante que eu ri do

outro lado, tendo que fingir que estava rindo de algo que lia no livro apoiado nas pernas.

Quando o vi na estrada, reconheci imediatamente sua silhueta — reconheceria seu jeito de caminhar sob qualquer condição do universo. Eu tremia tanto quando parei ao seu lado que tive medo de não conseguir falar nada. Mas ao ver seus machucados, o nervosismo virou algo mais complexo. Sei que Gabriel apanhava do padrasto, todo mundo na escola sabia, mas hoje ele tinha sido destruído.

Eu me sentia mal quando alguém falava mal dele, embora fosse raro. Dizer que alguém o respeitava era assumir que alguém o notava, para começar. Ninguém o notava. O que a gente sabia era que ele apanhava e que, para não enlouquecer, descontava tudo na música.

E ele nunca olhava para mim. Nunca.

No meio da madrugada, cansada de não conseguir dormir, desci para vê-lo. A casa estava completamente às escuras. Gabriel dormia profundamente, o peito subindo e descendo tranquilo. Uma das mãos descansava sobre a barriga, a outra debaixo da cabeça. Parei ao seu lado, sem entender aquele feitiço por ele. Seu rosto estava em paz. A impressão que dava era que ele não dormia há um século, e agora sucumbia ao sono. Ajoelhei ao seu lado, tentando ver se o machucado da boca tinha diminuído. Tinha.

Admita, Lis: você quer beija-lo. Queria que ele acordasse, te puxasse para um beijo de novela e trouxesse alguma emoção aos dias cinzentos. *Seria algo maravilhoso em meio a dois anos ruins.* Então suspirei e caí na real, dando dois passos para trás. Eu parecia uma maluca, ali no escuro, observando-o descansar. Deixei a sala com vergonha da minha própria carência e voltei para o quarto, feliz por ele não ter acordado e me visto ali.

De manhã, quando amanheceu e eu desci, ele já tinha ido embora. A roupa que usou estava dobrada sobre o lençol e a

coberta. Sobre a mesinha havia um bilhete: *obrigado*, ele dizia.

Sentei no sofá e trouxe a blusa que ele usou até meu colo. Em um gesto impensado, levei-a ao nariz. Eu nunca mais esqueceria aquele cheiro. Tinha chuva e tristeza ali, uma mistura que nunca mais senti em nenhum outro dia ou com outra pessoa.

Lembrei, sozinha, de uma das últimas coisas que minha mãe disse, entre um efeito e outro da morfina: "Prometa-me, Lisley", disse quase sem voz. "Prometa que vai evitar as ciladas." Ela havia caído em todas, e eu precisaria me sair melhor. "Prometa que fará de tudo para viver da melhor forma possível depois que eu partir."

Larguei a camisa sobre o sofá. *Talvez ela teria me aconselhado a manter distância de Gabriel.*

Infelizmente essa não foi uma escolha que partiu de mim. Durante a semana ele não apareceu na escola. Não vi nenhum dos seus amigos, ninguém que pudesse me informar onde ele poderia estar.

Uma semana depois, trombei com Tris, a guitarrista que tocava na sua banda. Estávamos no meio do corredor da escola: eu saindo mais cedo porque tinha recebido um telefonema do hospital, ela chegando atrasada, os olhos injetados de vermelho e aparência desleixada.

Ela ergueu a cabeça quando nossos ombros se esbarraram. Sua cara era de zero amigos.

— Tris? — Ela tomou um susto quando disse seu nome.
— Oi. Queria saber como Gabriel está.

Seus olhos desceram do meu rosto para as minhas roupas, e delas para os meus pés. Como se o que eu estivesse vestindo fosse decidir se ela me responderia ou não.

— Como conhece Gabriel?

— Somos amigos — menti. — Ele não apareceu no colégio essa semana. Queria saber se está tudo bem.

Ela decidiu que não perderia seu tempo me respondendo. Deu meia volta e me deixou para trás.

— Ei — andei atrás dela. A semana inteira tentei arrumar um jeito de saber onde ele morava, e a única que sabia se recusava a falar comigo. *Qual era o problema dessas pessoas?* — Eu só preciso saber se ele está bem.

— Ah, precisa? — Ela perguntou sem olhar para trás.

— Queria — eu corriji o verbo. — Ele não parecia bem da última vez que o vi.

Eu poderia ter ido diretamente à secretaria e perguntado, mas temia que a secretaria se desse conta das faltas, e fizesse algo contra ele. Era mais seguro saber pelos seus amigos, mas esses não colaboravam.

Tris girou nos calcanhares com expressão desconfiada. Ela era puro desdém entediado quando perguntou: — Desde quando vocês "se vêem"?

Não entendia a sua hostilidade.

— Há algumas semanas — menti outra vez. — Onde ele está ficando? Com você? Ou com os meninos da banda?

Os olhos da garota se apertaram. Como eu sabia que ele não estava no trailer do padrasto? Tris se colocou de frente para mim. Seu rosto se inclinou para o lado, e ela soltou com tranquilidade:

— Ele está comigo. Não acho que vá voltar pra escola, não tem cabeça pra isso.

— Falta pouco para acabarem as aulas. Não faz sentido largar a escola em outubro.

Ela soltou um riso forçado. Eu sei, tentar forçar um garoto sem recursos a terminar a escola era o tipo de conselho que só alguém como eu — notas altas, "vida perfeita" — daria. Gabriel não podia se dar a esse "luxo", o deboche de sua voz dizia isso.

— Vamos fazer o seguinte, "Barbie Malibu": você cuida da sua vida cor de rosa, que Gabriel cuida da vida dele, que

tal?

A ofensa veio gratuita, mas não me pegou desprevenida. Não conseguiria imaginar uma conversa com aquela menina sem alguma ofensa.

— Diga para ele que me preocupo, e que se ele quiser, posso ajudá-lo com a matéria atrasada.

Embora sua expressão fosse a de profundo desprezo, havia algo mais ali. Surpresa? *Ciúmes*?

— Vou passar o recado, mas já adianto a resposta. Gabriel tem nojo disso aqui. De todos vocês. Nada pessoal.

DESTRUÍDO, MAS OK

*"O amor guarda o DNA
de todos os amantes do passado
eles passam adiante o que funciona
e o que te machuca
deveríamos aprender e não repetir os erros
mas o que fazer
quando o erro é mais perfeito que o acerto?"*

Parado na estrada, faixa do álbum Estradas, de 2013

Presente**Lis**

Foi Carlão quem me convenceu de que deveria visitá-lo no hospital, e organizou o encontro. Ele não chegou a me dizer como encontrou o empresário da banda, ou como passou para ele a informação que me deu acesso ao quarto. Tudo que recebi foi o *e-ticket* por mensagem no celular e o endereço do hospital em Belo Horizonte.

O problema agora era Vinícius.

Ele dirigia em silêncio. Seus olhos estavam parados na estrada, e a mão esquerda às vezes descansava na porta, às vezes massageava a testa. Eu ia olhando para a paisagem sem coragem de puxar assunto. Meu noivo ainda estava em choque e não conseguia absorver ou engolir a história.

— Por que, Lis? — Ele perguntou pela terceira vez. Na primeira eu respondi que não sabia. Na segunda, que não queria falar sobre isso. Mas agora eu precisava dizer alguma coisa. *Por que escondi dele quem era o pai de Chris?*

— Falar para quê? — eu murmurei para o vidro.

— Por que vamos nos casar. Porque até ontem você me dizia que o pai de Chris era um babaca que "tinha sumido."

— Vinícius soltou uma fungada pouco divertida: — A parte do babaca eu entendo, mas "sumido" é uma escolha estranha de palavra. Gabriel é o nome mais ouvido aqui em Porto das Pedras, ele está em *todos* os lugares.

Revirei os olhos para a paisagem. *E eu não sei?*

— Eu achei que nunca mais fosse vê-lo — respondi.

— Não se esconde uma informação dessas — ele finalmente olhou para mim. Eu sentia como estivesse levando uma bronca. E estava, realmente.

Os olhos escuros do meu noivo, adornados por sobrelanceiras fortes, passavam uma rigidez que não condizia com sua personalidade. Ele sempre parecia bravo, mas não estava. Embora no momento ele fizesse de tudo para não mostrar como estava bravo. Claro que parecia *muito* bravo.

— Você sabe que se escondi, é porque não queria me lembrar disso, não sabe?

— Sei. — Ele falou.

— E você faz ideia do motivo.

Vinícius sabia. Gabriel incorporava tudo que eu tinha afastado de mim e de Chris. Eu tinha pavor à insegurança ou atos inconsequentes. A atitudes que poderiam me colocar em encrenca. Por ter que cuidar de mim e de uma criança,

sozinha, achei consolo nas coisas corretas, seguras e pouco arriscadas. Envelheci aos dezenove e deixei a adolescência pra quem podia vivê-la.

A gente pode até cometer erros, mas errar pela segunda vez é uma escolha. Eu não errava mais, não em assuntos do coração.

Quando me conheceu, Vinícius falou que eu parecia uma idosa: tudo era medido em consequências. Eu estudava riscos só para evitá-los. Depois ele entendeu que uma jovem advogada com um bebê só podia se dar ao luxo de ser uma advogada com um bebê — não jovem.

— Como acha que Chris vai reagir? — ele perguntou.

Sinceramente? Eu não sabia. Chris era minha dose de surpresa diária. Ele poderia reagir de qualquer maneira.

— Ele anda insistindo no assunto — falei. — Mas não sei o que vai pensar quando souber que o pai esteve ali, na TV e nas rádios o tempo inteiro, e eu não disse nada.

— Não acha que é tarde demais para contar? — Vinícius olhou para mim. — Sério, Lis. Ninguém sabe se Gabriel vai sobreviver. Ou ter sequelas. Você talvez não precise dizer nada.

O peito se apertava quando pensava nisso. *Seria tarde demais?* Essa pergunta vinha me corroendo cada minuto do dia. Cada segundo.

— Eu não sei.

Vinícius estacionou na frente do portão de embarque e exalou. Inclinou-se para me dar um beijo breve, mas eu envolvi seu rosto com uma das mãos. A barba cerrada pinicou sob a palma. *Nada de beijos breves.* Puxei-o para um beijo de língua, calmo e silencioso. Mesmo assim, o contato durou pouco. Ele se afastou.

— Você volta hoje à noite, certo? — perguntou.

— No último voo. Mando uma mensagem dizendo as horas.

Ele fez que sim e eu saltei, alisando o estômago que desde ontem não parava de queimar. Ainda não conseguia acreditar que estava indo me despedir *dele*. Do babaca que me engravidou anos atrás e depois sumiu.

EU DUVIDAVA que a moça de calça preta rasgada em dois mil lugares, cabelos roxos e piercings pendurados nas orelhas, nariz e sobrancelhas fosse funcionária do hospital. Ela entrou na sala de espera e chamou meu nome, altamente entediada. Levantei, andando até ela.

— Eu sou a Lis. Lisley.

Sem dizer nada, ela marchou hospital adentro e eu a segui. Entramos por uma ala isolada, longe do agrupamento de fãs que insistiam em perturbar as recepcionistas. Ela alternava entre me olhar com enfado — para ver se eu continuava atrás dela — e interesse. Como se perguntasse a si mesma por que justo eu, dentre tantas mulheres na porta do hospital, tinha recebido acesso para entrar.

Não me sentia nem um pouco especial por estar ali. Sentia-me indignada. Confusa. Meus sentimentos em relação a Gabriel eram contraditórios e, Deus é testemunha, *intensos*. Eu o achava um inconsequente idiota. Um imbecil irresponsável que, por causa de ações que chocavam zero pessoas, o haviam levado a uma overdose. E tinha toda aquela mágoa que eu vinha carregando atrás de mim, como uma grande mala sem rodinhas.

— Por aqui — a menina me disse virando em outro corredor, explodindo um chiclete cor de rosa enquanto segurava a porta para mim. Apertei a bolsa contra o corpo e entrei, sentindo as terminações do corpo como fios desencapados. Se alguém encostasse em mim, tomaria um choque.

Ela parou na frente de uma porta. Um segurança de dois metros de altura levantou da cadeira, olhando para nós duas com cara amarrada.

— Avise a Rico que a moça de Poço das Pedras chegou.

— Porto — eu a consertei. — Porto das Pedras.

Agora eram os dois que me olhavam com cara amarrada. O segurança abriu a porta e chamou Rico. A mocinha discreta cruzou os braços e suspirou, como se a caminhada a tivesse extenuado.

Desde ontem minha testa doía em dois mil lugares. Cada pinçada de dor causada por um pensamento diferente. Pesquisas sobre o fator genético do suicídio. Lembranças desagradáveis de anos atrás. Gabriel todo quebrado na porta da minha casa. E, claro, a eterna raiva por ele ter feito aquela música. Seria pecado estapear um moribundo? Alguém me prenderia se eu o xingasse, muito e alto?

A garota parecia interessada nas minhas reações. *Sim, sou a mulher da música idiota.*

— Foi para você que ele dedicou aquela última música, não foi?

Parei de massagear a testa e respondi devagar, estranhando a frase:

— Que música?

— Rico falou que foi. Que ele dedicou a música para a garota que ficou em Rio das Pedras.

— Porto das P...

A princípio não entendi a frase, mas em seguida o coração voltou a dar cambalhotas. *Como assim, ele dedicou uma música para mim?*

Ela tirou o celular do bolso e acessou um vídeo. Estendeu a tela em minha direção, se colocando ao meu lado para ver também.

No vídeo que já ultrapassava meio milhão de visualizações, Gabriel aparecia na frente de uma multidão.

Sua figura esguia — ele sempre foi mais esguio que encorpado — aparecia sem blusa, abraçado à guitarra. Músculos e reentrâncias formavam uma pintura na tela que era o seu corpo. Uma chuva torrencial caía sobre o palco, fazendo seu cabelo escorrer pelo pescoço e cair sobre os ombros.

A câmera fechou no seu perfil. Havia algo de errado com ele, e até eu percebi. Seu rosto estava sombrio, e o olhar, vago. Os raios que se misturam às luzes do show pareciam ameaçá-lo. Ele disse alguma coisa sobre cometer erros. Sobre não ter tempo de consertá-los. Sobre dedicar a última música à garota que o inspirou a compor a canção mais famosa do *Bandits*. Meus dentes travaram quando a resposta da horda foi gritar *vadia*.

Um estádio inteiro me xingava ali.

Afastei o rosto da tela e olhei para a porta do quarto, mordendo o interior das bochechas. Ele me dedicou a música para que eu fosse achincalhada. Não sei que erros disse que cometeu e não conseguiu consertar — nem queria saber. Sabia só que aquela música tinha sido seu maior acerto, mas também a prova de seu descaso. *Faça a paz com o fato de que cresceu sobre uma mentira, como eu fiz anos atrás, Gabriel.*

— A gente devia ter percebido que havia alguma coisa errada. — A garota trouxe a tela mais para perto do rosto, balançando a cabeça com pesar. — Ele saiu arrasado do show.

— Ah, ele saiu arrasado? — indiquei o celular com o queixo, fingindo peninha. — Você não faz ideia de como se sente a garota da música.

A porta se abriu e o empresário da banda me convidou para entrar. A porta se fechou, e a garota ficou para trás.

Dei um passo adiante me sentindo pequena. O ar condicionado estava no máximo, e cruzei os braços na frente do corpo, escondendo os punhos cerrados. O conhecido

cheiro de éter se misturava ao de algumas flores colocadas no canto, e o odor entrava gelado e malcheiroso pelo nariz. O homem disse alguma coisa sobre como precisaram fechar as cortinas depois que pegaram um drone sobrevoando a janela, mas não prestei atenção ao fim da frase. Eu não conseguia me concentrar em nada que não fosse a cama no centro do quarto, a dois passos de mim, onde jazia o corpo pálido de Gabriel.

Meu coração perdeu uma batida.

Eu não o via há muitos, *muitos* anos. Seu rosto caía de lado, e ele parecia dormir. Ele estava tão magro que era possível contar as costelas do tronco destapado. Ainda assim era preciso tempo para acalmar o corpo à sua visão.

A imagem que tinha dele não era muito diferente do homem que ele era agora, embora as duas contassem histórias diferentes. A franja que enchia a testa e escondia os olhos claros havia virado algo mais manso e comprido. A boca continuava com o formato elegante, que quando sorria virava um deslumbre — mas suas fotos sorrindo eram raras. Os dedos estavam mais calejados pelas cordas da guitarra, mas a mão continuava bonita, os dedos longos e bem formados. E por algum motivo inexplicável ele ainda mantinha aquele ar de inocência perdida. De garoto machucado cuja vida nunca tinha sido fácil. *Essa era a história que eu não comprava mais.*

Eu sentia os olhos do empresário dele esquentarem as minhas costas.

— Não foi droga — ele disse atrás de mim, como se precisasse explicar.

— Hm.

— Foram remédios para dormir.

Nem me dei ao trabalho de responder. Aquilo não mudava a intenção, mudava? Andei até ele e segurei na grade lateral

da cama, olhando para os fios atrelados aos seus braços. Os monitores mostravam linhas coloridas e números estranhos.

Sentia uma coisa estranha no peito. Um nó, uma mistura de sentimentos, uma sensação pesada. Se me perguntassem anos atrás como eu imaginaria seu fim, diria que Gabriel acabaria assim. Ele parecia uma dessas pessoas que não dariam conta da tarefa que é sobreviver.

Tomei ar — eu precisava tomar fôlego para ficar perto dele — e comentei, mais para afastar a sensação ruim do que para puxar assunto: — Ele parece em paz.

— Ele está. Destruído, mas OK.

Destruído, mas OK. Que tipo de gente diz algo assim? Senti a presença do homem passar atrás de mim quando uma enfermeira o chamou da porta. Eles conversaram alguma coisa em tom baixo.

— Preciso atender a uma chamada e já volto. Fique à vontade.

Olhei para ele e fiz que sim. Ele continuava a me escrutinar, correndo os olhos pelo meu contorno. Não de um jeito indecente ou desconfortável, apenas com curiosidade. Pensei na música idiota, e em todo sucesso e dinheiro que ganharam com ela. *De nada*, pensei mal-humorada.

— Não vá antes que eu volte, por favor — ele pediu. — Precisamos conversar.

Ele deixou o quarto. Não fazia ideia do que Carlão havia contado para esse senhor, além da existência de Chris, mas se havia alguém ainda mais nervoso que eu nesse quarto, esse alguém era ele.

Voltei a olhar para Gabriel. Uma coisa era esconder meu nervosismo por causa da plateia, mas agora que estávamos sozinhos, desmoronei. *Cacete, você não envelhece ou enfeia, Gabriel?* Não ganha rugas, gordura localizada ou precisa fazer canal no dente? É um ultraje ser tão bonito quando todo mundo é tão feio.

Suas feições continuavam escandalosamente bonitas para um roqueiro tão sexy.

— Até em coma você ganha da maioria, seu babaca — reclamei baixo. — Mesmo sendo uma bomba com o pavio aceso e tendo esse relacionamento de idas e vindas com a autodestruição. Dá um tempo.

Minha mente — *essa sim, uma vadia* — trouxe de volta memórias de noites passadas enroscadas a ele. Das coisas insanas que ele dizia; palavras e frases que nem os livros mais românticos conseguiam reproduzir. *Nunca houve amor do tamanho daquele, e mesmo assim acabou da forma mais vil. Como podia?*

— Sabe o que eu não entendo? Que mesmo me lembrando de tudo - e eu digo das partes ruins- , você ainda desperte em mim um sentimento de *proteção*. Que proteção você precisa *de mim*, me diz? — dei uma pausa para que o moribundo se defendesse.

Nada.

Eu sabia que estava sendo condescendente. Era a indulgência nervosa que alguns tinham frente aos fins. Aquela moratória que os vivos concediam aos mortos — ou semimortos— a fim de perdoar suas faltas. Puro gesto de egoísmo, eu sei. Uma estratégia para não nos sentirmos mal. Mas ainda assim, o momento final para apertar as mãos e fazer as pazes.

— Sei que você merecia um soco, e não minha piedade. Um murro bem dado nesse nariz perfeito por ter partido sem se despedir, e invertido toda a história. E dane-se que nove anos se passaram: não sei se você sabe, mas rancor feminino não expira. Principalmente quando a minha vida foi uma sucessão de noites mal dormidas, estudo e trabalho, e a sua foi virar uma estrela badalada. Essa é a definição de rancor, aliás. Pode olhar no dicionário.

Olhei para a porta, vendo que o empresário continuava ao telefone. Quando ficava nervosa, disparava a falar, e eu estava bastante nervosa:

— Bem, não vim aqui para dizer que você é o cara mais sortudo do mundo por causa da sua aparência. Vim aqui para dizer que você tem sorte por *outro* motivo.

Ninguém prepara a gente para esse momento. Gostaria que houvesse um jeito de saber de certas coisas com antecedência. Um contrato firmado com a vida, por exemplo, onde uma cláusula me informaria que aos 28 anos eu precisaria dizer a um babaca famoso que ele tinha tido um filho lindo com a ex namoradinha da escola.

Acho que não teria assinado esse contrato.

— Bem, lá vai. Lembra daquela última noite, no clube? Um pouco antes da briga? — Seus monitores continuavam a apitar indiferentes. — Então. Um mês depois os enjôos começaram. Por um bom tempo tentei te achar, mas você tinha sumido. Até que um dia eu ouvi vocês na rádio. E adivinhe só que música estava tocando?

Pausa para a resposta.

— Essa mesmo — continuei. — *Aquela Garota.* Foda, né? Também achei. Mas enfim, só Chris importa agora. O menino precisa de respostas, talvez mais do que de um pai. E, por Deus: você era o último pai que eu teria desejado para ele.

Sinto-me mal por estar derramando tudo em seu ouvido adormecido, mas guardei isso por tempo demais.

— Não me culpe por ser sincera. Sua vida foi uma sucessão de escândalos e confusão, o rol de namoradas, infinito. O problema é que Chris quer saber de onde vem, e não merece ouvir uma mentira. Até por que ele é mais inteligente que eu e você juntos, e descobriria mais cedo ou mais tarde. Enfim, é isso: você é pai.

Troquei o peso do corpo sobre os pés, conferindo se o empresário ainda estava longe. Eu ainda não estava

satisfeita.

— Sei que o seu empresário acha que eu estou atrás de dinheiro, mas ele não sabe de nada. Eu ganho uma miséria, mas tenho o melhor emprego do mundo. Chris ganha bolsa atrás de bolsa na escola, e *uau*, isso ajuda muito. Na verdade, talvez eu nem conte para ele que vim aqui. O que me impediria dizer que o pai dele foi um herói? Um policial, ou um médico que morreu de malária enquanto cuidava de ribeirinhos na Amazônia?

Inclinei a boca até seu ouvido e perguntei: — Acha que ele iria querer saber que o pai morreu de overdose?

Seu silêncio era a resposta.

— Também acho — ergui as mãos. — Que bom que concordamos.

Ajeitei a bolsa no ombro me sentindo mais leve. Gabriel estava indo, mas eu estava em paz. Talvez não em paz, mas iria ficar. Eventualmente. Em um futuro não muito distante. Seria absurdo dizer que ele faria falta — nove anos apagam qualquer rastro de presença — mas ele deixaria algo que eu não gostava de lembrar. *Saudade*.

A ideia passou voando pela cabeça, como uma brisa que a gente sente mas não enxerga. *E se eu o tocasse?*

Se eu passasse os dedos pelo seu rosto sentiria o mesmo furor que ele me causava no passado? Às vezes tinha essa curiosidade. Queria ter certeza se as paixões fulminantes, aquelas que queimavam forte e rápido podiam existir perto dos 30 ou eram uma concessão da adolescência. Levei os dedos até ele, afastando o cabelo da testa.

Sua pele estava morna. Ela continuava lisa, delineada por uma sombra de barba. *Você é um diabo de tão bonito*.

— Mas vocês são mais bonitos quando não sabem quão bonitos são. — Falei baixo. — Como era antes da fama, quando você me achava a garota mais bonita do mundo.

Engoli em seco, vendo Chris em todos os seus detalhes. O menino tinha os mesmos olhos claros e o mesmo cabelo escuro. O mesmo nariz bem feito e rosto quadrado. Ele era uma cópia mais bonita do original que roubou meu coração, anos atrás.

Meu dedo correu a linha de seu maxilar até o lóbulo da orelha, onde desviou dos três brincos. Eu podia ver suas veias correrem azuis pela curva do pescoço. Podia sentir o cheiro de hospital e remédios trazerem de volta memórias devastadoras. Afastei o lençol, observando as tatuagens. Eram poucas, mas bonitas. Seu diafragma erguia o peito quase sem cabelo, de mamilos pequenos e escuros. *Que perdição você havia se tornado.*

Recolhi a mão, com medo de começar a chorar. *De onde vem essa sensação de que você fará falta?*

— Você teria adorado o Chris — falei, engasgada. — Todo mundo o adora. E ele é tão inteligente, tão...

Enquanto olhava ao redor procurando palavras, uma enfermeira entrou no quarto. Acendeu as luzes fazendo barulho, e pousou uma bandeja metálica ao lado de Gabriel. Ela olhou para mim de cima embaixo, pegando o braço de Gabriel nas mãos enluvadas.

— E essa, quem é, Gabriel? — Ela perguntou naquele tom maternal. Chacoalhou o braço dele, esticou e ajeitou a agulha do soro, colada à sua veia por um esparadrapo. — Você é um arrasa quarteirões, não é? Vamos acordar para dar um oi pra moça.

Olhei com o rosto franzido para ele, e quase me desequilibrei ao vê-lo mexer a cabeça. Meus olhos se arregalaram de tal forma que a enfermeira parou o que estava fazendo para me olhar.

— Você está bem?

Eu? A pergunta era: ele está bem?!

— Ele não está em coma? — olhei para o seu rosto, que se mexia outra vez.

— Não. Ele já acordou. — Ela guardou o material de volta na bandeja, conferiu os números do monitor e caminhou na direção da porta. — Não estamos passando toda a verdade para a imprensa. Eles são muito chatos. O empresário quer um tempo de sossego para o menino descansar.

Levei a mão até a frente da boca, vendo os olhos azuis se abrirem, e encararem o teto de maneira confusa. Agarrei a bolsa sobre a poltrona e disparei para fora do quarto, cruzando os corredores em disparada.

Eu estava preparada para muitas coisas na vida, mas não para encará-lo. Muito menos para admitir, nove anos depois, que uma parte de mim ainda estava parada em uma curva da estrada, com o coração na mão, no aguardo de um amor que nunca veio.

VERTIGEM DA QUEDA

*“Certa vez me falaram que carregamos nossos sonhos quando
partimos
Trouxe todos eles, estão todos aqui.
Pisoteados em palcos, de olhos roxos, faltando dentes
respirando por aparelhos
mas falantes, vivos, sobrevivendo.”*

***Deixe minha tristeza em paz. Faixa do álbum Rock'n'go,
Bandits, 2018***

Nove anos atrás Gabriel

Entre colocar o dedo na campainha e apertá-la, uma vida inteirinha passou, imensa.

O sábado estava morno e calmo naquele lado da cidade, ao contrário do inferno barulhento do cortiço onde estava morando. Os grilos faziam a cantoria junto às cigarras, e as

famílias descansavam do almoço. Não havia viva alma na rua. Eu estava suado por ter andado do ponto de ônibus até ali — o caminho entre o lugar onde eu estava morando e a casa dela era longo. Para piorar, tinha passado no hospital, acreditando que ela estivesse lá. Eu a perdi por questão de minutos. Ela tinha acabado de deixar o quarto da mãe e voltado para casa.

Tinha uma vaga ideia do que estava fazendo na sua casa. Duas semanas atrás ela me resgatou da rua e me trouxe para lá, e depois não consegui mais olhar para ela de novo. Não sei, acho que por vergonha. Orgulho ferido. Mas tinha outras coisas que não conseguia dar nomes, porque doíam demais. Por exemplo, quando Tris me disse que tinha conversado com Lis — que Lis havia enfrentado seu mau-humor para perguntar por mim — , quase enlouqueci. Vergonha, paixão, desejo, ansiedade. Eu sentia tudo, menos *nojo* por aquela menina.

Quando ela abriu a porta, quase caiu para trás.

— Gabriel?

Enfie as mãos nos bolsos, sem a menor ideia do que falar. *Você está linda*, era a vontade de dizer.

— Posso entrar? — Ali na porta, à vista de todos, não conseguiria organizar duas palavras juntas.

— Claro — ela deu um passo para trás e eu entrei. A sala estava do mesmo jeito que eu deixei. O lençol e a coberta que usei estavam dobradas, no mesmo lugar. A blusa que ela me emprestou estava aberta sobre o sofá.

— Desculpe atrapalhar o seu almoço — falei ao sentir o cheiro de comida vir da cozinha. Aquilo a lembrou de algo e ela correu até o fogão para desligar o miojo que estava fazendo. Eu a segui.

— Desculpa. Acabei de chegar do hospital. Estava fazendo alguma coisa para comer.

Olhei para o miojo, meu alimento há dias.

— Não queria interromper.

— Imagine. Você já comeu? Posso fazer um para você.

Fiz que não. Embora estivesse com fome, duvido que conseguisse comer. Meu estômago estava embrulhado, o nervosismo não deixaria nada entrar.

— Fui ao hospital. Achei que te encontraria lá, mas você tinha acabado de sair. — Falei.

Ela desligou o fogo mas não trouxe a comida. Sentou-se no mesmo lugar que havia se sentado na noite de tempestade, de frente para mim. Sua expressão era de quem havia voltado da maior das batalhas de uma guerra que estava durando tempo demais.

— Como ela está?

— Ela quase não me reconhece mais. Quase não acorda. Toda vez que está desperta, está com dor. É horrível.

Eu sentia muito. De verdade. Anos se passariam e eu ainda não saberia responder por que não disse que sentia muito. Ou por que não me levantei e a abracei. Tudo nela indicava que ela precisava de um abraço.

Um longo tempo se passou. Ela não esperava que eu dissesse nada, mas eu queria. Durante todo o tempo em que olhou fixo para um lugar da bancada, tentei achar algo inteligente para dizer, mas falhei miseravelmente.

Ela me olhou com imensa doçura: — A gente não faz ideia da quantidade de sonhos que acumula antes de partir. Ela guardou cada um deles, mas não realizou nenhum.

— Ela teve você.

Ela sorriu triste: — Fui um acidente.

Tanto eu como ela rimos, mas não durou muito.

— Acha que levamos os sonhos com a gente quando partimos? — ela perguntou.

Eu não sabia, mas a pergunta permaneceu na cabeça. Ela sorriu triste para um canto da cozinha e eu continuei a

observá-la. Quando ficou óbvio que estava perdido por ela, ela disse:

— Às vezes você me olha e eu me pergunto no que está pensando.

Você se espantaria se eu te contasse.

— Só coisas boas.

Ela ergueu os olhos: — Por que então me ignorou durante a semana?

— É complicado — olhei para as mãos. — A gente anda com um pessoal muito diferente. Na verdade, somos muito diferentes.

— Somos?

— Sim, somos. Mas queria pedir desculpas pelo que Tris falou. Ela disse que você foi perguntar por mim, e acabou respondendo uma bobagem. Não tenho nojo de você.

— Eu sei — ela respondeu tranquila. — Por que Tris acharia que tem?

— Acho que por ciúmes.

Ela mordeu os lábios. A conversa estava chegando perto de onde eu queria chegar.

— Ela gosta de você? — Lis perguntou.

— Talvez de você, não sei — sorri. Meu sorriso agradou, porque suas pupilas dilataram e suas bochechas ganharam tons de rosa. Continuei, mais corajoso agora que conseguia encara-la: — Ela pode gostar de mim o quanto quiser. Não temos nada a ver um com o outro

— Vocês tem *tudo* a ver com o outro. — Seu sorriso estava de volta. — Quem não tem nada a ver um com o outro somos nós.

Ela conseguiu manter o sorriso, mas eu não. Aquela era uma grande verdade. A garota mais bonita da escola não era companhia para mim.

— Sim, ao contrário de nós.

Por um tempo não falamos mais nada, pensando no que aquilo significava. Se cheguei perto de me declarar, voltamos algumas casas.

— Quer beber alguma coisa?

Fiz que sim, e ela foi até a geladeira. Aproveitei para observar os porta-retratos que enfeitavam a estante que separava a cozinha da sala. Nelas, Lis e a mãe apareciam sorrindo em lugares diferentes. Ela surgiu atrás de mim com um copo de água na mão, e eu soube ali que havia algo diferente no ar. Ela sabia o que eu tinha ido fazer ali. Algumas coisas haviam sido escancaradas — não tínhamos nada a ver um com o outro — mas isso não diminuía minha atração — ou a dela.

Eu vi você aquela noite, Lis. No escuro, parada diante de mim. Por que não mostrou que estava acordado, e pediu que ela ficasse um pouco mais com você? Por que ela estava ali?

Dei um gole na bebida, continuando o escrutínio pelo rosto bonito das fotos. Será que um dia eu teria uma foto dela em um porta retratos? Uma foto minha e dela, uma história para contar no futuro?

A gente realmente não faz ideia da quantidade de sonhos que acumula durante a vida.

Quando as fotos acabaram, ela estava lá. Encostada na estante, como um enfeite raro. A camisa estava caída de lado, o ombro escorado na madeira, as pernas cruzadas. Era demais sonhar que ela pudesse gostar de mim?

— O que veio fazer aqui, Gabriel? — Suas bochechas estavam em brasas. Seus lábios, rosados.

— Acho que precisava te ver.

— E depois?

— Como assim, depois?

— Você veio, me viu. O que vai acontecer na segunda-feira?

— Continuarei a te olhar à distância.

Não dava para fingir que o mundo era perfeito e podíamos sentar e bater papo no colégio. Havia regras na escola, grupos definidos. Nossos grupos não se misturavam. Isso viraria no futuro uma grande bobagem, mas no fim do ensino médio essas coisas importavam.

— E bastaria? — Ela pergunta baixo. — Só me olhar à distância?

Se bastaria?

Coloquei o copo sobre a estante, balançando a cabeça que não. Jamais bastaria. Mas era um começo. Eu precisava me acostumar à ideia de que ela estava abrindo uma porta para mim. Eu podia ser um passatempo, um refúgio em tempos de crise, uma confusão interna. Mas poderia ser outra coisa também.

E como não conseguia mais passar dois minutos do dia sem pensar nela, dei um passo à frente. De que forma transporia essa galáxia entre meu mundo e o dela sem coragem?

Ela estremeceu. Eu sabia há alguns dias que ela me beijaria. Eu via seu interesse. Sentia as fagulhas. Mas perguntei mesmo assim, porque gostava de sua voz:

— Posso te beijar?

Ela prendeu a respiração, fazendo que sim.

Meu dedo roçou a lateral do seu rosto. *Um dia eu vou cantar uma música para você.* E a cantaria para o mundo para que você se reconhecesse nela. Não conseguia expressar tudo que eu sentia ainda — eu sentia coisas violentas, infernais, intensas demais para terem formas bonitas — mas conseguiria dizer metade delas se as tocasse. Era assim que eu existia, e você existia em mim.

Segurei seu queixo e te puxei com delicadeza. Um calombo desceu pela sua garganta. Seus pés se moveram, e você encostou em mim.

Você era uma tentação para pessoas com o DNA ruim. Mas dessa vez eu sabia que havia algo mais. Você era quebrada como eu. Partida em mil pedacinhos. E quando deixou de ser perfeita, te achei ainda mais bonita.

— Tem certeza? — sorri.

Olhe para mim uma segunda vez. Eu não tenho nada para oferecer. Comigo, você parte do zero.

Você fechou os olhos, colocou-se na ponta dos pés e fez que sim. Minhas mãos envolveram seu rosto quente e meus lábios tocaram os seus. Eu amava sua falta de ambição por me querer mesmo sabendo quem eu era — e não era. E essa foi a primeira vez que usei a palavra amor ao pensar em você.

Não foi um beijo roubado, tomado às pressas. Não era o seu estilo e nem era o meu. Eu te cheirei primeiro. Roci os lábios na ponta do seu nariz arrebitado, e te tomei aos pouquinhos: primeiro a firmeza das pernas, depois a respiração, e por fim todo o resto.

Eu estava insanamente apaixonado por você. Nunca senti nada pela metade ou em parcelas, e você só potencializou tudo. Insinuou a língua na minha boca, e eu a chupei. Você era uma delícia feita de sabonete fino e perfume delicado; eu era só terra e suor, chiclete de menta e tristeza abafada. O beijo inteiro foi a subida de uma imensa montanha russa que parecia não ter fim. Mas ela tinha. E quando me dei conta do que você tinha virado para mim, caí na vertical, sem nada que freasse a queda.

Não sei por quanto tempo nos beijamos, o tempo não significava mais nada para nós. Pareceu uma eternidade. Pareceu acabar cedo demais. Quando abri os olhos, encontrei os seus — escuros, inteligentes, atentos — com uma expressão tão carinhosa que quase me declarei, ali. Mas não consegui, porque o ar desapareceu.

E até hoje o ar escasseava quando pensava em você. Nas lembranças, a vertigem da queda nunca passou.

Nunca.

ÓRBITA DE JÚPITER

*“De todos os males conquistados em batalhas frias
a solidão era o troféu mais celebrado
É a maldade que teve sucesso
A tristeza que venceu a contenda
É a guerra perdida, celebrada como vitórias vazias.”*

Vitória, faixa do álbum *Decadência*. Bandits, 2012

Presente

Lis

— Você o quê?! — Dalila ergueu as mãos, dramática. As unhas de gel, imensas e holográficas, cintilaram.

Sorte que o Pub estava vazio e as pessoas sentadas nas mesas vizinhas conheciam os escândalos de Dalila. Mesmo assim viraram as cabeças em nossa direção em uma reação involuntária de curiosidade. Abaixei o tom, explicando outra vez:

— Precisei fazer aquilo. Chris está me perturbando com o assunto.

— Mas ir ao *hospital*? Depois que o cara teve uma *overdose*?

— Achei que fosse ser uma coisa digna, sei lá. Um último gesto antes dele partir. — Levei a canudo à boca, chupando mais do drink do que deveria. — Chris insiste em saber o que o pai faz, de onde vem. Odeio ter que dizer que seu pai é um roqueiro drogado, mas... é isso que ele é.

— Eu disse para inventar outra coisa! — Dalila soltou novamente. — Médicos Sem fronteiras, amiga! — ela apontou para um comercial de TV onde cenas tristes desfilavam embaladas em uma música ainda mais deprimente. — Policial, um herói em serviço! Um bombeiro, sei lá. — Ela chacoalhou as mãos outra vez. — Quantas vezes eu te dei ideias de um pai para Chris?

— Infundáveis vezes — respondi molhando a batata frita no molho e levando à boca, deixando uma trilha de ketchup sobre a mesa.

— Por que não me ouviu? Por que tinha que ir até Belo Horizonte presentear aquele filho da puta com a notícia de que além de milionário, famoso e gostoso, ele é pai da criança mais fenomenal desse planeta?

Suspirei, amolecida pelo elogio ao Chris. Ele era realmente fenomenal. Mas endureci logo ao me lembrar do papelão que fiz.

— O pior ainda não te contei. Achei que ele estava nas últimas, Dalila. Que estava ali para me despedir de Gabriel. O que você acharia se ouvisse que seu ex sofreu uma *overdose* e estava para morrer? Você acharia que ele *sofreu uma overdose e estava para morrer*, né?

— Se eu ouvisse isso do meu ex, estourava um espumante em casa. Mandaria uma coroa de flores escrito em letras garrafais: JÁ FOI TARDE!

Desde que foi abandonada pelo marido há três anos, Dalila abandonou a vida de *dona-de-casa-conservadora-e-esposa-*

perfeita e passou a viver, como ela mesma dizia, "com o dedo do meio erguido para o mundo". Do marido, que a trocou pelo *Personal Trainer* depois de anos de "pinto murcho e beijos gelados," ela queria um pouco mais do que distância: queria a evisceração.

— Imagine o meu susto ao descobrir que *ele não estava para morrer*.

Minha amiga suspirou e virou o copo de chopp.

— Você chegou a falar com ele? — ela perguntou, batendo o copo vazio na mesa.

— Não. Quer dizer, falei bastante coisa, mas acho que ele estava sedado ou dormindo. Não sei se me viu. Assim que percebi que ele estava acordando, saí correndo. Não estava preparada para vê-lo *vivo, sabe?*

Dalila fez que sim, pensativa.

— O pior é que a essas alturas ele já sabe de tudo. Carlão contou ao empresário sobre Chris.

— Carlão sempre esteve mancomunado com Chris — Dalila esfregou o indicador e o pai de todos, mostrando que meu filho de oito anos e meu chefe de sessenta faziam complôs contra mim.

Trouxe a vasilha inteira de batatas para o meu lado: — Se tivesse tido filhos, entenderia que não é fácil mentir para eles. — Abri o vidro de ketchup e espremi uma quantidade absurda em cima delas. Quando ficava apavorada, precisava comer.

— E ele? — Os olhos de minha amiga se afiaram. — Virou realmente aquele pedaço de mau caminho que a gente vê nos palcos?

Enfiei três batatas na boca, olhando ao redor. O que eu poderia responder sobre Gabriel? Eu sempre o achei fora de série. Ele só tinha conseguido ficar mais perturbador.

— De perto é que a gente vê como Chris e ele são iguais. Sem tirar nem por. Chris é uma versão infantil de Gabriel.

Dalila puxou o celular e digitou o nome do Gabriel. Achou a foto mais bonita do bandido e me mostrou, balançando a cabeça que sim.

— Eles são iguaizinhos, eu sei. Gabriel pode ser um lixo, mas é bonito de doer. Olha essa foto aqui, pelo amor de Deus.

Não era uma foto, era um gif. Um mini vídeo de Gabriel em um dos shows, se esfregando no microfone enquanto cantava e sorria para alguma fã. Sexy de doer. De *morrer de dor*.

— Isso é nojento.

Dalila sorriu para o gif que reproduzia em loop a esfregadela da calça no microfone.

— Nojento? Hm.

— Já pensou quando Chris souber que ele é seu pai? Vai digitar o nome de Gabriel no Google e dar de cara com *isso*.

Dalila ergueu as sobrancelhas diversas vezes. "Isso" a agradava, e muito.

— Você não presta — falei.

— Não presto mesmo. Mas seu filho é melhor que eu e você, e vai tirar isso de letra. Embora você saiba a minha opinião: ele merecia um pai menos cretino. Mas não fuja do que interessa, Lis. Como foi revê-lo? O que sentiu?

Minhas bochechas ganharam a cor de tomates. O pulso acelerou, e a raiva ao lembrar de tudo que passei por aquele otário estava de volta.

— Ele é tudo que afastei da minha vida nos últimos anos. Caos, inconsequência. Bagunça.

— Ele é tudo que Vinícius *não é*.

Levei mais batatas à boca, pensando a respeito. Gabriel e meu noivo eram opostos de um espectro. Tão diferentes quanto um sim e um não.

Por um tempo brinquei com a comida, evitando pensar que afastei tudo aquilo da vida porque "aquilo" me atraía demais. E, como sempre acontecia quando eu entendia os

reais motivos por trás da vida exageradamente segura, ressuscitei a maior das minhas mágoas:

— Não vamos esquecer que ele é o cara que compôs *Aquela Garota*.

Dalila suprimiu uma risada. Eu sofria com aquilo; ela não. Lembrando-se de algo, ela pegou o telefone e deu play no mesmo vídeo que a moça do hospital havia reproduzido mais cedo.

— Você ouviu o coro do estádio inteiro cantando "Vadia"? — ela perguntou. — Ouve só a raiva com que aquela guitarrista biruta grita o refrão.

— Aff. Tris. — Nem me dei ao trabalho de ouvir.

— Aquela esganiçada. Ela fala "aquele vadia" com a boca cheia, como se estivesse chupando uma rol..

— Ok, modos. — Sorrio para o casal de idosos sentado ao lado, clientes do escritório. Abaixando o tom, concordo que ela pareça estar com um *dildo* na boca: — Você tem razão. Uma desse tamanho, e grosso.

Dalila gargalha.

— Um ginásio inteiro te chamando daquilo. Impagável. — Ela ergue a mão, pedindo mais um chopp. — Se fosse comigo, faria questão de anunciar pra Deus e mundo que a vadia do refrão era eu. Subiria no palco igual aqueles pugilistas, com os braços para cima, puxando o grito da vitória, sabe?

— Mas eu não sou você.

O garçom, um rapaz que mal saiu das fraldas, trouxe um novo chopp para a minha amiga. Ela o agradeceu com uma piscadela maliciosa. — Você sabe o que acho. — Ela diz dando um gole na bebida enquanto confere o traseiro do menino. — A música pode ter sido inspirada em você, mas agora é só uma musica tola que não diz mais nada sobre ninguém. Só sobre o Bandits, que não consegue emplacar outro sucesso.

— Para, vai — resmungo mexendo meu drink — As musicas deles são todas fenomenais.

— Porque todas falam de você.

De todas as teorias estapafúrdias de Dalila, aquela era a maior. Para ela, tudo que o Bandits compunha girava em torno de mim. Porque tudo girava em torno de Gabriel, e Gabriel continuava a orbitar ao redor do meu universo.

Era uma ideia *muito* imbecil. Nove anos de ausência não podia ser considerado uma órbita confiável, podia? Embora Chris argumentaria, caso pudesse me ouvir, que Júpiter demora mais de nove anos para completar a jornada ao redor do sol.

Mesmo sendo uma teoria imbecil, ela trazia uma leveza estranha no peito. Uma emoção que parecia agir no meu rosto, no jeito que eu respirava e na rapidez com que meu sangue corria nas veias. Por causa dessa teoria, minha raiva de Gabriel era incompleta.

— Você vai transformar essa batida de coco em manteiga se continuar mexendo o canudo assim.

Parei de girar o canudo, subitamente irritada. Não gostava da *ideia* de Gabriel. De tê-lo na minha vida outra vez. Sempre falei que no dia que ele aparecesse em Porto, eu o esmurraria pela tristeza e raiva que me fez passar.

— Imagino que você deva estar com os nervos à flor da pele, por que uma coisa é certa: ele virá atrás de vocês.

Olhei para o celular, fazendo que sim. Só de pensar nisso sentia o corpo endurecer. Desde o dia do hospital eu esperava a ligação. Vi pela TV que ele tinha deixado o hospital, mas depois não ouvi mais nada.

— Acha que ele vai querer assumir a paternidade? — perguntei a ela. — Ele mudou muito nos últimos anos... Pode achar que um filho é um fardo que não precisa.

— Ele sempre foi o caos, querida, mas você sabe... órbitas são trajetórias fixas...

Balancei a cabeça, repreendendo-a.

Tinha minhas opiniões sobre paternidades, em geral. No direito de família, era comum encontrar pais relapsos e ausentes. Minha própria história — e a de Gabriel — era assim.

— Apenas não espere demais. *Gabrihell* é um pecado? É. Um bad boy de primeira? Com certeza. Mas não aguarde que ele busque o menino na escola, vá às reuniões de pais ou frite panquecas pro café da manhã.

— Jesus, isso jamais passou pela minha cabeça.

— Ele pode te culpar, sabia? — Dalila disse com cuidado.

— Pode vir com aquele papo "você poderia ter me procurado."

— Eu procurei.

— Só até ouvir a música.

— Saber que o pai do bebê estava fazendo sucesso me chamando de vadia não foi um grande incentivo para continuar, foi?

— Ah, esses caras babacas... Eles nunca nos surpreendem.

Definitivamente, não. Uma vez babaca, sempre babaca.

Assim que entendi que Gabriel tinha ido embora — realmente ido embora — tomei a decisão de me virar sozinha. Chris já era nessa época uma realidade. Um bebê gentil, inteligente, saudável. *O que um pai revoltado, furioso e errático poderia acrescentar?*

Às vezes as pessoas me perguntavam como consegui dar conta de tudo. Como consegui fazer faculdade, estagiar, pagar as contas — que eram muitas e nunca faltavam.

Eu consegui fazendo o que minha mãe me pediu em seu último dia de vida: trilhando caminhos seguros. Afastando o caos da vida. Sendo a primeira na fila para conseguir a vaga na creche, trabalhando à noite com revisão de textos para pagar as contas, vendendo a casa e me mudando para um

lugar pior, porque filhos precisam de babás e ficam doentes, e tudo é muito caro.

Mas, principalmente, evitando relacionamentos insensatos. Fugindo de gente errada. *Um conselho que, caso tivesse vindo antes, poderia ter salvado meu coração.*

— Pense pelo lado bom — Dalila falou — Você finalmente terá ajuda financeira. Porque o que falta de juízo em Gabriel, sobra em dinheiro.

— Jesus, Dalila.

— O quê? Tô só dizendo o que há anos tento te dizer mas não podia, por causa desse muro ao redor do assunto que você construiu. Eu queria ter dito isso em doses homeopáticas, mas você não deixou.

Dalila suspirou, cruzando os braços na frente do decote.

— Sabe que por muito tempo duvidei que ele gostasse realmente de você? Ele agia de maneira esquisita. Como se não quisesse ser visto ao seu lado.

Respondi no automático, sem realmente revisitar as memórias: — Ele dizia que não queria me constranger falando comigo no recreio. Às vezes penso se não seria o contrário. Se eu não o constrangeria na frente dos amigos.

— Lis, lembra. Como te falei na época, essa era você — ela colocou a cerveja cheia de um lado. — E esse é ele — a outra mão empurrou o copo vazio para o outro. — Você era uma Ferrari. Vermelha, cintilante. Ele, no máximo uma Brasília 74.

Olhei para ela, segurando a risada. Ela repetiu, apontando divertidamente para os copos:

— Você. Ele.

— Acho que nos últimos nove anos mudamos de patamar, não? Hoje em dia não pode achar que eu seja a Ferrari e ele a Brasília.

Dalila repetiu pausadamente, e sem dúvida na voz:

— Você, Ferrari. Ele, Brasília. Não é sobre ter dinheiro ou fama; é sobre ainda se comportar como um garoto de 19 anos que foi expulso de casa e vive com seus demônios.

Entendo o que ela quer dizer, e de certa forma ela tem razão. O pai do meu filho é um homem de 29 anos caindo aos pedaços.

De súbito estou outra vez no passado, sentindo as circunstâncias nos empurrando para a borda. Gabriel era um garoto de bordas, sempre foi. *Quem estaria lá para ajudá-lo da próxima vez que caísse?*

— Já conversou com o Vinícius sobre ele?

Mais uma vez ao estômago retorceu.

— Não. E não pretendo falar o que ele não precisa saber.

Demorou um tempo para Dalila dizer o que estava pensando. Mas ela resolveu falar, mesmo hesitante:

— Lis, é justamente esse "o que ele não precisa saber" que me preocupa. Faça uma autópsia nesses sentimentos aí, amiga, especialmente nesses que você escondeu do mundo. Gabriel vai chegar na sua vida botando tudo abaixo. Só vai sobrar o que for forte, e você sabe.

— Vira essa boca para lá — respondi estremecendo.

O que sabia, mas não falei, era que autópsias só se faziam em coisas mortas. Gabriel não estava morto para mim — não depois que me vi colapsando na sua frente.

Mas isso era uma dessas coisas difíceis demais para admitir.

ESSE CARA

*Oh coisa simples, pra onde você foi?
Estou ficando velho
E preciso de alguma coisa para confiar
Então me fale quando você vai me deixar entrar
Eu estou ficando cansado
E preciso de algum lugar para recomeçar*

Somewhere only we know, Keane

— Mãe, porque as pessoas estão *surtando* por causa desse cara?

Chris fez a pergunta enquanto assistia a um vídeo no celular encostado na vasilha de cereais.

— Que cara? — Perguntei aérea, tentando entender como tinha colocado o pó de café novo em cima do pó velho, e agora tinha na xícara a bebida mais asquerosa do mundo. Que eu não colocasse fogo no apartamento me surpreendia, às vezes.

— O tal cantor que quase morreu.

Esbarrei na xícara e ela tombou, derramando o café pela bancada. Ele desceu como uma cachoeira em direção ao chão, fazendo uma bagunça grande demais para uma segunda de manhã.

— C-como sabe que o cantor quase morreu?

O menino girou o celular em minha direção, onde um *youtuber* com cara de idiota contava a errática trajetória de vida de Gabriel. Tanto suspense sobre o pai do menino e ele ficava sabendo de TUDO em um vídeo cheio de gritos, balões coloridos e duração de três minutos.

— As pessoas estão "surtando" porque ele é famoso — respondi arrancando um milhão de folhas do rolo de papel absorvente para secar a bagunça. — Por favor, desligue essa porcaria.

Era impossível que Chris não soubesse quem era o pai. O menino era um gênio, uma criatura astuta e tranquila que pouco falava, mas muito observava. Quantas vezes ele não me pegou assistindo algo sobre o Bandits e viu escapar uma lágrima? Ou me ouviu xingar a banda para alguém?

— Não gosto muito das músicas deles — Chris falou pausando o vídeo.

— Eu sei. Você tem outro gosto musical. — Disse ajoelhando no chão. Imediatamente senti os joelhos molhados da bebida escura. *Que droga*. Há dias estava fazendo tudo errado. Derrubando coisas, perdendo tudo. Tateei sobre a mesa e peguei o celular, conferindo se havia alguma mensagem. Nada.

— Não é isso. — Chris respondeu olhando para mim. — Eles costumavam ser melhores. Alguma coisa aconteceu nos dois últimos álbuns.

— Desde quando você conhece a qualidade dos álbuns do Bandits, menino?

— De ouvir eles tocarem, ué.

— Onde? Nesse instrumento miserável dos infernos? —
aponte para o celular.

— Não, do DVD que você tinha. O que você via de noite, no quarto.

A sensação é que alguém tinha enfiado meu rosto em água fervente.

— Chris, olhe só — Puxei a cadeira e me sentei na sua frente. — Não falamos do Bandits nessa casa.

— Por quê?

— Por que somos pessoas que não gostam de roqueiros que arrumam confusão em bares, namoram meio mundo e falam palavrões no palco. Só por causa disso.

— Mas mãe, *todo mundo* desse meio faz isso — ele falou, emendando: — Acho que a banda brigou. Ou o vocalista não está bem, não sei.

— Não falamos sobre o vocalista, também!

Minha resposta veio rápida, ríspida e alta. Típica resposta que atrairia a curiosidade de uma criança.

É claro que Chris desconfiava de alguma coisa, e eu só estava piorando tudo. *Retire o que disse, não é verdade.* Falaremos bastante sobre o vocalista no futuro.

— Desculpe — segurei as mãos de Chris, emocionalmente em pandarecos. — Não gostei de te ver assistindo vídeos sobre isso. Isso não é assunto para crianças.

— Por que acha que ele quis se matar?

Caraca, por que ser mãe é tão difícil?

— Porque ele tem problemas — respondi sincera. — Um monte deles. É por isso que faz tantas besteiras.

— Que problemas?

Eu gostaria de falar mais uma vez "não te interessa", ou "não importa", mas me vi respondendo algo que nem eu sabia que responderia:

— Nem todos têm a chance de conhecer amor e segurança nos primeiros anos, como eu e você. Essas pessoas cresceram

achando que não existem chãos seguros. Cambaleiam pela vida, reagindo a tudo, tomando decisões impulsivas e erradas. E por não entenderem a importância dos sentimentos, o descartam com facilidade. E isso traz todo tipo de problemas.

Chris me olhou triste.

— Por que não tentou ajudá-lo, mamãe?

A pergunta simples implicava muitas coisas. Que eu e Gabriel nos conhecíamos, e que tivemos algo. Alisei seu rostinho bonito, tocada.

— Eu tentei, meu amor.

E fui descartada.

Levantei e comecei a recolher a comida da mesa, substituindo a tristeza pela tresloucada verborragia materna que às vezes servia para afastar coisas improdutivas da mente, e passar a falsa segurança de que sabemos o que estamos fazendo:

— Além disso, esse é um meio com muitas drogas, e falta de estudos não ajuda no emocional quebrado, e...e além do mais as más companhias *definitivamente* atrapalham.

A louça caiu na pia fazendo barulho. A ladainha precisava continuar para não dar chance a mais perguntas:

— Por isso insisto tanto para que faça os deveres de casa e *estude*. Tenho certeza que astrônomos cometem menos besteiras que vocalistas de bandas de rock, e se quiser, posso arrumar estatísticas para mostrar.

Chris balançou a cabeça, entediado.

— Aliás, pode me dar o celular — Pedi antes que descobrisse mais sobre Gabriel do que deveria saber. — Esses *youtubers* estão fritando o seu cérebro.

Chris me entregou o celular com um "Ahhhhnnnnffff" desanimado.

— Que bicho te mordeu essa semana? — ele resmungou.

— O bicho das mães sensatas. E o das mães que não querem ver o cérebro dos filhos fritos. Ou seja, dois bichos diferentes.

— Foi por que critiquei a música do Bandits?

— Aquilo nem é música — desdenhei, escondendo o celular na minha bolsa. — É só um monte de gente gritando no microfone.

— Você diz isso hoje, mas ia nos shows dele, não ia?

— Só fui em um ou dois — respondi com o rosto em chamas. — E foi uma experiência ...

Incrível.

— Terrível. Não recomendo.

Precisei me virar, antes que confessasse que quando fui aos shows, o Bandits ainda não era uma banda famosa. Que eu e seu vocalista sexy estávamos perdidamente apaixonados — ou, pelo menos, eu estava. E que antes de uma dessas apresentações, na excitação do momento, concebemos um bebê. Mas essa história ele não precisava saber.

— O pessoal na escola fala, sabe — Chris disse atrás de mim.

Paralisei na frente da pia.

— Fala o quê?

— Que o Gabrihell e você.... — O menino pausou. — Que aquela música sobre a garota que...

— Chega — eu me virei. — Hora de ir para a escola. Vá buscar sua mochila.

— Mas ainda temos meia hora.

— São sete e meia. Suas aulas começam às oito e não quero me atrasar.

— A escola é aqui do lado — Chris apontou para a rua. Realmente morávamos do lado da escola.

A campainha tocou, e eu agradeci aos céus pela discussão chegar ao fim. Uma criança curiosa conseguia levar uma mãe

à loucura antes das 7h45 da manhã — todas as manhãs. Quem duvidasse disso, que tivesse filhos.

— Quer que eu atenda? — Chris perguntou.

Olhei para os joelhos sujos de café e para a bagunça do chão, fazendo que sim. Só podia ser Vinícius, que agora andava reagindo de modo estranho.

Vestido com o uniforme da escola, Chris parecia um pequeno homenzinho. Assim que ele sumiu pela porta, comecei as tentativas frustradas de limpar a mancha dos joelhos. Consegui deixá-las mais marrons e maiores. O primeiro desastre da semana.

— Mãe? — Chris me chamou da sala. — É pra você.

Joguei o pano de prato na pia, mas antes que saísse do lugar, o corpo congelou inteiro. Eu sabia quem estava ali.

Parado à porta e com os olhos vidrados em Chris, estava Gabriel.

SEGREDO DESVENDADO

*Como avalanche, ela passou
arrasando caminhos, chances, opções
Como a fúria da natureza que era
Minha loucura, meu vício, minha dor
Você foi o preço por eu amar demais.
A mesma mão que segura, derruba as cartas
A mesma voz que acaricia, pune
A mesma mulher que te salva, mata*

Terremoto interno, faixa do álbum Terremoto. Bandits, 2016

Gabriel
Cinco anos antes

A cafeteira gorgolejava, engasgada, enquanto o resto da banda saía da sala. A entrevista em grupo tinha acabado. Éramos agora eu, a repórter e, claro, Rico, que não confiava na minha diplomacia. Essa era a parte mais

insuportável dos meus dias — que andavam ficando cada vez mais numerosos nos últimos anos. A cafeteira parou de chiar, a porta bateu e o barulho de café sendo cuspidos começou.

Bati a cinza do cigarro no cinzeiro que tentava equilibrar sobre o braço da cadeira. No caminho até a sala Rico fechou um pouco mais as cortinas. Ele sabia que a luz me dava dor de cabeça pela manhã.

— Podemos começar? — A repórter olhou para Rico. Eu respondi por ele que sim. Ela apertou o play no celular e pousou a caneta sobre o bloco de papel.

— Ok... — ela disse para si mesma. — Por que cidades a turnê do Bandits continua, Gabriel?

Era a mesma pergunta que ela tinha feito ao grupo, segundos atrás. Levei o cigarro à boca, olhando a jornalista enviada pelo jornal local. Ela esperou eu tragar e soltar a fumaça, devagar. Às vezes, quando não respondíamos logo, elas mesmas davam a resposta que queriam ouvir e tudo que tínhamos a fazer era balançar a cabeça.

Ela aguardou batendo a pontinha da caneta no joelho ossudo. Suas pernas estavam cruzadas, e o cabelo tinha um penteado fora de moda. Ela devia ter sido bonita na década de 90. Hoje trabalhava no pequeno jornal de Porto das Pedras, cobrindo eventos bobocas como feiras de carros, eventos sazonais e o dia a dia da pequena cidade de veraneio.

— Belo Horizonte, depois Vitória e por fim Rio de Janeiro. — Rico respondeu, fazendo uma careta ao queimar a boca com o café.

A mulher esticou os olhos para mim. Ela sabia que eu não era um bom falante, o nota zero em relações públicas do grupo. Mas ao invés disso espantar as pessoas, minha aridez as atraía. *Vai entender*, levei o cigarro de volta à boca.

— Como foi tocar em Porto das Pedras? — Ela perguntou. — Já faz alguns anos que vocês incendeiam o nosso festival

de verão. A cidade traz saudade para vocês?

Levei os olhos até Rico. *Eu respondo essa.*

— A gente cresceu aqui e nas cercanias. — Falei. — Gus e Rafa vêm de cidades vizinhas, mas eu e Tris somos daqui.

— Sim, você é o nosso cidadão mais ilustre — a jornalista riu. — Sente falta dos anos passados na cidade?

Meus olhos pararam na brasa incandescente do cigarro. Até hoje não sabia por que tocávamos aqui. O festival era beneficente e pequeno demais, mas foi daqui que saímos, e uma vez a cada dois anos retornávamos. Voltávamos por minha causa? Por causa de Tris? Ela definitivamente gostava de esfregar na cara dos antigos colegas que havia virado uma estrela do rock nacional. Meu ego ferido também era parte dos motivos.

Mas havia outra coisa que nem mesmo eu admitia.

O faro da jornalista captou algo. Estava tudo ali, na verdade: na minha cara amarrada, na minha ausência, nas tatuagens estranhas, na fuga do labirinto que o álcool prometia, no disfarce do cigarro, na pose de quem se esforçava para parecer que não estava nem aí. Ninguém decide tocar em uma cidadezinha litorânea depois de arrebentar em shows nos grandes centros, em Portugal e até na América do Norte sem um motivo pessoal. E esses motivos sempre eram sentimentais.

— Quantas vezes voltou à cidade depois que o Bandits estourou?

— Três — respondi.

Rico fez as contas. A primeira foi há dois anos, para o festival passado. E teve essa vez. *E a terceira?* Ele me olhou, em dúvida.

— Ainda mantém contatos na cidade? — A jornalista anotou algo no bloquinho.

Rico limpou a garganta. Ele não gostava que mencionassem o passado. Ao contrário do passado dos

outros — da história de Rafa, que largou a faculdade para se juntar aos Bandits, de Gustavo que trabalhava em um abrigo para animais ou mesmo de Tris, que falava abertamente sobre o bullying que sofreu na escola, eu não gostava de falar do passado. Minha vida em Porto tinha sido violenta, solitária, desolada. Uma história feia como a fome, a falta de mãe e a pobreza.

— Não — respondi a verdade. — Não tenho mais contato com ninguém.

Imediatamente acendi outro cigarro. A jornalista anotou algumas coisas no bloquinho e sorriu. Meus instintos diziam que era hora de perguntar sobre o assunto preferido das entrevistas: relacionamentos.

— Bem, Gabriel, hora de perguntar o que as garotas querem saber.

— Cinco minutos — Rico falou, olhando o relógio.

— Não preciso de tanto tempo.

— O que quero dizer é: cinco minutos já se passaram. Você só tem mais dois.

A mulher ajeitou a saia e sorriu, como se dois minutos fosse mais do que precisasse para perguntar o que queria.

— Gabriel. O Brasil inteiro se pergunta o que aconteceu entre você e a Tris. Vocês formaram por três anos o casal mais comentado e fotografado da mídia. Estavam sempre juntos, tocando a banda e o romance que todo mundo queria ver. Mas ultimamente vocês não tem mais aparecido juntos. Não vibram mais como antes — ela ergue o lápis e olha ao redor, como se procurasse onde estava a vibração de antes. — Ao mesmo tempo, vocês nunca *assumiram* um relacionamento. Foram fotografados de mãos dadas, mas nunca deram entrevistas sobre o relacionamento ou falaram sobre a relação. Minha pergunta é: o que mudou entre vocês?

Em um gesto ensaiado, dei a palavra a Rico. Havia temas que avisávamos com antecedência que não discutíamos. Um

grupo só era unido até o elo mais fraco se quebrar. Eu não falava de Tris, Tris não falava de mim, ninguém falava de nós. Sempre foi assim.

— Ok, Ok, — a jornalista sabia bem que estava perguntando sobre um assunto que não respondíamos. — Ela molhou a ponta dos dedos na língua e virou a página do bloco. — Vamos então à próxima pergunta.

— Um minuto — Rico avisou.

— Quero falar sobre a música que catapultou vocês ao estrelato. A que você gravou em um estúdio pequeno, logo que saiu daqui e acabou virando história. Você e Tris a cantavam no começo, vocês dois contavam aquela história. Ouvindo a versão original, tinha tanto sentimento ali, tanta emoção que foi fácil entender porque vocês explodiram. Quero saber mais sobre essa música.

Embora tentasse, nunca conseguia tirar a música da lista de assuntos a serem evitados. *Aquela Garota* havia virado a pedra fundamental sobre a qual se erguia nossa carreira, a própria banda e tudo que veio depois.

O pescoço doeu ao estalá-lo. A melodia antiga entrava pelos ouvidos mais uma vez. Um som baixo e rítmico, repetido vezes demais.

— Quem é *Aquela Garota*?

A bile subiu devagar pela garganta, mas a resposta veio limpa e sem dúvidas:

— Ninguém em especial.

Os olhos da jornalista se apertaram. Aquilo era uma mentira e ela sabia.

— Quem foi a garota que viu você virar uma estrela, e se arrependeu de não ter ficado com você?

Rico deixou o café sobre a mesinha ao lado e se sentou na beirada da cadeira, indicando que a entrevista tinha chegado ao fim. Só eu, Tris e Rico conhecíamos a história da garota. A minha versão da história, pelo menos.

— Como falei, ninguém — bati a cinza do cigarro no cinzeiro. Notei que minhas mãos estavam menos estáveis. A moça notou também.

— Ela era uma esnobe da cidade? — A jornalista conferiu suas anotações — Segundo a música, "uma patricinha, uma bailarina, uma..."

— Não! — Apaguei com raiva o cigarro na madeira da mesa. *Ela ficou para trás! A merda foi feita, eu precisava viver com isso, fim!*

Fechei os olhos. Tudo atrás deles doía, tudo em cima da nuca doía, tudo entre as orelhas doía. *Porque ela não ficava para trás?*

Sem tirar os olhos de mim, a jornalista voltou algumas páginas no bloco.

— Quer encerrar a entrevista, Gabriel? — Rico perguntou. *Para ela escrever que perdi a paciência quando falou de Lis? Não!*

— Ela te rejeitou? — A mulher escreveu algo no bloco. — Como foi?

— Ok, o tempo acabou. — Rico se levantou e se colocou entre nós. A jornalista inclinou o corpo para me olhar: — Ela estudou com você no segundo grau? Vocês tiveram um relacionamento?

— Muito obrigado pelo interesse. — Rico disse de forma macia, mas firme. O sorriso da jornalista virou uma linha no rosto. Ela fechou o bloco, guardou a caneta e se levantou:

— Vocês escreveram boas músicas. Mas como aquela não teve igual.

— Sabemos disso — Rico pousou a palma em suas costas, empurrando-a para a saída. A jornalista não largava o osso:

— Mas pensando nas letras das músicas, pergunto: essa não foi a única música que fez para essa garota, foi? O último álbum trouxe três baladas, uma mais triste que a outra, todas

sobre um amor do passado que deu errado. Elas foram escritas para a mesma pessoa?

— Obrigado pela presença — Rico a colocou para fora, tentando fechar a porta. — Vá pela sombra, aproveite o show. Adeus.

A porta bateu e Rico voltou grunhindo palavrões. Merda de entrevista, outra vez. Acendi outro cigarro sentindo o amargo virar ácido e recomeçar o estrago interno.

— Pediremos as perguntas com antecedência da próxima vez.

— Eles sempre farejam onde está o problema.

Cheio de paciência, Rico se sentou na minha frente e perguntou: — E onde está o problema, Gabriel?

Ele não entendia como um cara que tinha tudo ainda estava estacionado no passado, sentindo, segundo ele, "remorso". Remorso? Era isso que eu sentia?

Não sei se era, mas há semanas estava inquieto. Não foi fácil descobrir o que me corroía as vísceras. A cabeça tinha defesas para evitar que a gente chegasse a algumas conclusões dolorosas. Concluí que eu precisava saber se ela viria ao show. Se ela ainda vivia em Porto. *Que ainda sentia alguma coisa depois de cinco anos.* Foram anos de negação até finalmente entender que o frio na barriga era por causa *dela*. Eu queria desfazer uma coisa que não havia sido desfeita — fechar um círculo, encerrar um assunto, aterrar o buraco no peito — , e só conseguiria se olhasse para ela outra vez. Eu diria: *foi tudo uma bobeira, certo?* E ela responderia que sim, que foi uma tolice de adolescência. *Você chegou a ter raiva da música?* Ela diria que nem pensava mais nisso, e nós riríamos do passado.

Às vezes eu sonhava com esse diálogo.

— Não tem problema algum — respondi. — Só preciso que me faça um favor. Preciso de um carro. Pra amanhã cedo.

Rico me olhou com aquela cara de quem pensa: *Ai meu Deus*.

— Acha uma boa ideia? Não sei o que planeja, mas sinceramente? Não faça. Não confio em você.

— Deixa de ser otário. Me arruma um carro alugado. Volto antes da partida.

Rico coçou o nariz.

— A gente parte por volta das dez. Nada de carros.

— Eu preciso fazer uma coisa.

— Vou arrumar coisas para você fazer. Duas, até. Para te manter ocupado e desistir da besteira que estou te impedindo de fazer.

SEGREDO DESVENDADO (PARTE 2)

*Criamos um mito moderno?
Nós imaginamos a metade dele? [...]
Salve-se
O segredo foi desvendado
Para comprar a verdade você vende uma mentira
O último erro antes de você morrer
Então, não se esqueça de respirar hoje à noite
Esta noite é a última, então diga adeus
Adeus
Adeus
A Modern Myth, 30 Seconds to Mars*

O show sobre as areias da praia de Porto das Pedras trouxe uma multidão à cidade. O mar de gente se confundia ao oceano escuro, onde uma lua imensa crescia, amarela. Faltava pouco para começar. Gus e Rafa faziam os exercícios de concentração atrás do palco, cada qual com seu instrumento, enquanto Tris tentava se concentrar de olhos fechados sobre uma caixa de som. Eu sentia fogos estourarem no peito. Andava de um lado para o outro no

corredor apertado, trombando de vez em quando com algum técnico de som. Finalmente Carla, uma das produtoras, conseguiu a planilha que havia pedido. Ela me estendeu a prancheta falando com alguém ao pequeno microfone conectado à cabeça. Virei a planilha, conferindo os nomes dos convidados. A lista VIP tinha de tudo: políticos locais, empresários, garotas que deixávamos entrar no backstage, alguns parentes do pessoal. Eu lia cada nome sentindo o som aórtico se confundir à batida fraca da bateria. A pancada ganhava ritmo à medida que os olhos desciam pelos nomes.

Ela não veio. Olhei para trás para ver se achava Carla. Tinha pedido para mandar os convites para o endereço dela. Foi uma besteira, um gesto impensado. *Mas ela não veio.*

— Três minutos — alguém gritou. Tris abriu os olhos. Gus e Rafa se esticaram, um estalando as costas, outro girando o pescoço.

Olhei para o palco, jogando a planilha em um canto. *Não estar na lista não significa não estar na plateia.* Eu entraria lá e faria o que sabia fazer: tocar. Daria 100% de mim — 100% de cada um dos meus mil pedaços.

Toquei como o cara que dentre três opções — parar na cadeia, afundar nas drogas ou sublimar a desgraça — optou pela sublimação, e transformou o que era podre em arte.

Exagerei nas piadas idiotas. Fui extra babaca no palco. Cantei não uma, mas duas vezes Aquela Garota, como se quisesse mandar um recado: não ligo para você. Você não é nada para mim.

Foi patético. Um comportamento imbecil até mesmo para mim, graduado em imbecilidade.

No fim do show, sob os urros da galera, surdo da música alta e com a adrenalina na estratosfera, me perguntei o porquê. Por que ainda era tão importante cantar para ela?

Eu sabia o porquê. Sempre cantei para voltar para ela.

O TROVÃO ESTOUROU como se tivesse trincado o céu. As vidraças do hotel tremeram, e eu acordei. Ao abrir os olhos, a noite mostrava um céu limpo e sem nuvens. Não estava chovendo, não havia raios nem trovões.

Era eu quem andava sonhando com tempestades.

O silêncio era completo. A língua estava esturricada, como se eu tivesse fumado sozinho um maço de cigarros — e devo ter fumado. Apalpei ao redor, sem entender onde eu estava. Na cama? Não, eu estava na sala da suíte do melhor hotel de Porto das Pedras. Tropecei em uma perna, quase pisei em um braço. Era uma garota.

Era difícil pensar. Zonzo, cambaleei até o janelão que mostrava a cidadezinha acesa, procurando alguma coisa para molhar a língua. Achei uma garrafa com um resto de alguma coisa dentro. E enquanto a água descia como rio por um leito seco, tentava controlar a *raiva*.

Na noite passada, decidido a chocar a cidade, chamei duas garotas que estavam sentadas no colo de Gus e Rafa e perguntei se elas topavam algo mais radical. Foi uma noite decadente. Desnecessária, que se tornaria sem dúvidas bastante polêmica. Se *aquilo* não chegasse aos ouvidos de Lis, nada mais chegaria.

Agora, horas depois, eu só conseguia me detestar um pouco mais. Minha vontade era arrebentar a guitarra contra a vidraça e ver cair os estilhaços lá embaixo. Odiava o fato de ter feito o show ali, e ainda me sentir mutilado. As memórias, os sonhos, a sensação de ter o coração esmagado no peito: quando ia passar? Olhei para a garota esticada sobre o tapete. A cabeça andava tendo dificuldades para raciocinar. Cadê a outra? Olhei ao redor. Não fazia a menor ideia.

Tomei o resto da água sentindo o líquido arder no estômago. Pela hora da madrugada, ainda tinha umas horas de sono. Um tempo que eu podia aproveitar para descansar o corpo dolorido, mas decidi usar para fazer outra coisa.

Cambaleei ao telefone e liguei para a recepção do hotel. Pedi com voz arranhada para falar com a Carla. Esperei alguns segundos até que a produtora atendesse, com voz sonolenta.

— Preciso de um carro.

A voz distante chegou do outro lado: — Gabriel?

— Mas preciso para agora.

Desliguei o telefone e entrei no banheiro, escorando nas parede. A luz branca me cegava. Eu estava péssimo, parecia um esboço mal desenhado em um papel amassado. Entrei debaixo do chuveiro e me lavei da noite. Coloquei uma camiseta e um jeans e descii. Carla me esperava mal humorada na recepção com uma chave nas mãos e um café na outra.

— Avisei Rico que estava saindo — disse com uma careta.

Arranquei a chave da mão dela, andando em direção à saída.

— Porra, Carla. Qual é a merda do carro?

— O conversível vermelho. Ultra discreto, para ter como te achar caso você faça besteira. Que é o que você vai fazer, e todo mundo sabe.

Deixei o hotel quando os primeiros raios de sol nasciam. O plano era simples; na verdade, nem era um plano. Não pretendia passar na frente de onde morei, da escola ou dos lugares onde frequentava — talvez o Rocker's, mas fiquei sabendo que ele tinha fechado as portas. O que me vi fazendo foi percorrer a estrada daquela noite de tempestade. O trecho da vida de onde eu parecia nunca sair, e para onde voltava todas as noites de chuva, e em algumas noites em claro. Eu precisava arrancar aquela noite de mim, e só tinha um jeito

de fazer isso. Não demorou para eu estar dirigindo pelos bairros nobres de Porto, e fazendo o caminho que tantas vezes fiz a pé, de noite, até a casa *dela*.

Jamais achei que ela tivesse se mudado. O mundo girava em velocidade frenética, mas na minha cabeça ela havia ficado ali. Na casa charmosa no fim da rua, sendo a garota popular da escola, saindo com os playboys enquanto visitava a mãe no hospital. Não fazia sentido, ela tinha enterrado a mãe na mesma época em que parti, mas para mim tudo havia ficado em suspenso. Parado no tempo.

Quando vi o quintal mal cuidado, senti o frio arder no estômago. Uma placa enorme de vende-se estava pendurada no muro baixo da casa escura. A caixa de correios estava cheia de cartas. Aquilo encerrava meu delírio de que o mundo não girava em Porto das Pedras. Não havia mais nada da vida antiga ali.

Desci do carro e andei até a caixa de correios. Lá estava, entre propagandas e jornais do bairro, o envelope enviado duas semanas atrás. Suspirei, olhando para os ingressos do show de ontem. Anotei o telefone da imobiliária. Pensei em bater na porta de algum vizinho e perguntar para onde ela tinha ido, mas faltou coragem.

Vida que segue, cada um por um caminho. Voltei caminhando para o carro, sentindo um vazio novo no peito. O coração já era cheio de buracos, como um queijo suíço; um a mais um a menos não fazia diferença.

Ao mesmo tempo, eu estava ali e não queria adiar nada. Liguei para o número de celular da imobiliária, acordando mais um naquela manhã.

— Alô? — a voz sonolenta falou ao telefone.

— Bom dia. Estou na frente de uma casa em Porto, a da rua 5. Estou procurando a antiga moradora e queria saber como encontrá-la.

Sua resposta foi um óbvio "não sei, e vai tomar naquele lugar". Com a minha insistência passou para "não posso informar", até chegar ao "vou chamar a polícia se continuar me ameaçando." Saquei então a moeda mais antiga do mundo:

— Compro a casa, se me disser. À vista.

Uma hora depois saí da imobiliária com uma parcela depositada na conta da imobiliária e duas assinaturas: uma no contrato, outra na camisa da corretora. Faltava pouco para as dez. Acelerei com o carro em direção ao centro.

Ela havia se mudado para um pequeno edifício em uma das ruas principais da cidade, segundo a mulher. Parei o carro sem coragem de tocar a campainha. Pensei em deixar um bilhete com o meu telefone; podia falar o que queria em uma breve ligação. Não era, no entanto, como eu queria que a conversa acontecesse.

As mãos agarraram o volante. Apertei os olhos, sentindo dor em cada músculo do corpo. A merda que fiz na noite passada pesava na dor. Aquilo estava sendo mais difícil que nos diálogos imaginários.

Eu nunca tinha falado dela abertamente. Tinha medo que, uma vez tirada de dentro de mim, ela acabasse sumindo. Eu só tinha lembranças.

Foi quando a porta do edifício abriu e o ar do mundo sumiu. O cabelo loiro da mulher, hoje mais curto, resplandeceu sob o sol. A imagem dela em jeans e camiseta — sem rosa, dessa vez — fez meu coração parar de bater.

Ela vinha com uma criança. Um menino pequeno, três ou quatro anos talvez, que estendeu as mãos para o alto pedindo colo. Ela o recebeu com amor. O filho era *dela*.

Sedado, eu repetia em silêncio: ela tem um filho. *Ela tem um filho*. Ela seguiu com a vida, logo depois que eu parti. *Estava casada? Vivia com alguém?*

Ela teve um *filho*.

De um momento para o outro minha vida inteira pareceu intolerável. Senti nojo de mim, e um peso esmagador achatou meu coração.

Ela ajeitou o menino na cintura, uma perninha gorducha em cada lado dela, enquanto lutava para puxar a mochila de rodinhas. E ela sorria. E o beijava nas bochechas redondas, falando com ele com carinho.

Ela desceu a rua, e eu fiquei para trás.

Parti naquele dia às dez da manhã com o ônibus da banda, de volta para a cidade. Nunca contei onde fui ou o que fiz naquela manhã. Se eu falasse, engasgaria. Tiraria ela de mim e soltaria no mundo, e não estava preparado para libertá-la. Seria bom fazer isso, mas também seria ruim, mas com as coisas ruins eu estava acostumado.

Mantive a casa como compensação por nada. Eu só precisava saber e soube. E saber cobrou um preço alto nos anos que vieram.

CORAÇÃO EMPALADO

*Meu coração cresce forte, ele quer amar
E eu só sinto isso quando quero que ele seja rasgado
Eu arruinei tudo, eu te derrubei
Seus dedos estão desgastados [...]
Oh Deus, eu perdi
Eu não devia ter vindo aqui com o vento em minhas velas
Eu te soprei para trás, agora o seu coração está empalado
E eu sei que você não acredita em mim, mas eu sinto muito por
tê-la deixado*

To be Torn, Kyla La Grange

Presente Lis

Pai e filho se mediam, vendo à frente uma cópia de quem eram. O perfil de ambos parecia o recorte de uma matriz, disposta lado a lado. O cabelo da mesma cor, o nariz igual.

Gabriel havia chegado em nossa vida. Estava ali, parado na porta da minha casa, olhando para Chris como se ele lhe desse choques.

Segurei uma mão na outra, tentando conter o tremor e me aproximei, devagar.

— Oi, Gabriel.

Ele só parou de olhar para o menino quando ouviu minha voz. Dois faróis deixaram Chris e migraram para o meu rosto. Ele estava pálido de um jeito triste, magro, com o cabelo comprido caído sobre os ombros. As roupas não tinham nada dos trajes justos e descolados que ele usava nos palcos. Era só Jeans desbotado, camiseta cor de chumbo e tênis velho com cara de usado. Ainda assim atraente, como camuflagem para uma armadilha perigosa.

Uma vez contei a Dalila sobre Gabriel. Na época tentei explicar para ela o que era uma atração instantânea; o que era ver alguém pela primeira vez e sentir um *baque*. Um tipo de choque, uma porrada na boca do estômago, sentir o coração empalado por uma imagem. Ela perguntou se tinha a ver com química. Um tipo de "atração personalizada". Devia ter. Não me surpreenderia se a natureza tivesse feito certas pessoas para caber nos moldes ajustados das preferências de outras. Isso significaria dizer que aquela pessoa sempre causaria o mesmo estrago em você, porque seu corpo vinha programado de fábrica para se sentir atraído por ela. Isso explicava o que acontecia comigo sempre que via Gabriel. Antes dele eu nem sabia que a gente podia bater os olhos em alguém e perder o ar.

Minha teoria continuava valendo, como um produto que nunca perdia a validade.

— Oi, Lis.

Então era assim que acontecia o momento que mais temi na vida. Ele na minha porta, com o menino entre nós. Sua expressão um completo enigma, enquanto a minha era

colapso. Deus, eu imaginei tudo diferente. Imaginei que contaria sobre Chris entre lágrimas, gritando de ódio e despejando rancor. Mas Gabriel não parecia vir com raiva.

A raiva viria, de ambos os lados.

— Posso entrar? — Ele perguntou novamente com os olhos no menino.

Dei um passo para o lado, vendo-o passar por mim.

A casa estava uma bagunça, como geralmente casas que tem crianças ficam nas segundas feiras. As roupas para passar estavam empilhadas em um cesto na frente da TV, para uma ocasião futura que nunca chegava. A mesa era puro farelo de pão, leite derramado e vasilha usada. Cocei a testa, levemente irritada por ser pega desprevenida.

— Chris? — Minha voz saiu modulada e baixa, para não alertar ninguém. — Você pode ir por favor para o seu quarto? Já te chamo.

— Mas temos que ir para a escola — ele argumentou, correndo os olhos de Gabriel para mim. — Não era você quem estava com pressa?

— Não estou mais com pressa. Vai, já já te chamo.

Chris demorou a me obedecer. Ele sabia muito bem quem Gabriel era, e esperava corretamente que eu fizesse as apresentações. *Sinto muito, filho, não será fácil assim para a mamãe.*

O menino deu meia volta e obedeceu. Dei um tempo para que ele chegasse ao quarto e ligasse a TV, para ter certeza de que não ouviria a conversa.

Por um longo segundo ninguém disse nada.

Nove anos depois, o momento tinha chegado. Gabriel estava na minha vida outra vez. Não do jeito que sonhei um dia; do jeito que esperei que nunca mais chegasse.

Quase não o ouvi sob o escândalo do coração: — Por que, Lis?

Fechei os olhos. Sua voz continuava rouca e macia. Essa era a voz das músicas que ouvia quando tinha certeza que nem Chris, nem Vinícius me pegariam ouvindo. A voz das minhas melhores e piores lembranças.

— Seja mais específico.

Existem muitos porquês nessa história.

— Por que nunca me contou que tivemos uma criança?

— Eu tentei. Anos atrás.

— Você não me achou? — ele perguntou. — Não tinha como me mandar um recado?

Sim, eu podia ter levantado um cartaz durante um dos seus shows, que tal? Como demorei a responder, ele completou:

— Você devia ter me contado.

Ri, irritada. *Gestei, pari, criei. E agora ainda devia algo ao pai que nos últimos nove anos brincou de viver.* Eu tinha uma montanha de rancor guardada no peito, e sinceramente zero vontade de me explicar.

— Você não estava *acessível* — falei, fria.

— *Acessível?* — Seus olhos claros faiscavam. — Como pode esconder por nove anos que teve um filho comigo?

— Se veio aqui me culpar, saia. — falei apontando pra a porta. — Você não faz a ínfima ideia do que passei sozinha nesse mundo, com um bebê. Sozinha. Você tinha ideia de como eu era sozinha, não tinha, Gabriel?

Uma linha dura corria ao longo do seu maxilar. Mas se pudesse me ver no espelho, veria que uma mais dura cruzava o meu. *Lembra? Quando foi embora eu tinha perdido a minha mãe. Perdi você também, logo depois. Afinal, a música não podia esperar.*

— Eu teria te dado apoio.

O sangue que já estava quente entrou em ebulição. Soltei uma fungada de menosprezo. Imaginei durante anos como reagiria quando esse momento chegasse. Os diálogos que travei na cabeça — eu generosamente explicando a ele meu

lado, a paz que infundiria à conversa para o bem de Chris — foram por terra.

— Você estava do outro lado do país vivendo seu sonho, Gabriel. Corta essa!

Um barulho no quarto de Chris me fez olhar para a porta. Quando voltei a olhar Gabriel, ele corria os olhos pelo apartamento. Como se me julgasse por não morar mais na casa bonita, que precisei vender para pagar as contas. Como se ele tivesse o direito de julgar alguma coisa.

— Eu teria voltado — ela falou.

— Pare — estendi a mão, me recusando a deixá-lo continuar. — Não existe essa de "teria voltado". Fácil falar quando a fama, o dinheiro e o sucesso vieram. Você não sabe o que teria feito.

— Eu teria ajudado financeiramente.

— Jamais faltou nada nessa casa. Se é essa sua preocupação, esqueça. Estamos bem.

— Eu podia ter passado a casa para...

— O que veio fazer aqui? — interrompi a balela. — Oferecer dinheiro? Não precisamos. O pior já passou.

— Vim por causa dele.

Aquilo soava tão falso. Exalei alto, cada segundo um pouco mais alterada:

— Para amanhã embarcar em outra turnê e sumir por outros nove anos? Para mostrar a ele que o sucesso te libera de alguns valores que ralei para ensinar?

— Não, Lis. Para conhecer o meu filho.

— Ele é uma criança, Gabriel — Apontei para o quarto, sem condições de julgar se estava sendo razoável ou vingativa. — Uma criança feliz, sadia, honesta. Que tem sentimentos, e vai sofrer com sua chegada e com sua partida.

— Quem falou em partir? Eu quero conhecer o garoto!

Aquilo era simplesmente horrível. Comecei a tremer, sem entender por que. Era para ser uma conversa simples. Limpa,

como foi quando contei a ele no hospital. Mas não dava para estar frente a frente com ele — com ele me olhando, e disparando memórias que daria tudo para esquecer — e me manter calma.

— Caramba, *eu* devia ter raiva de você! — ele falou.

Toda a raiva, toda a adrenalina espirrada no sangue, tudo pelo que estava passando reagiu de forma química: eu explodi. Minha mão estalou em sua cara, virando seu rosto para o lado. Ele levou imediatamente a mão ao local onde meus dedos agora surgiam em vermelho.

Não havia palavras para descrever como foi finalmente bater nele. Redentor. Extático. Eu o odiava por ter se tornado tudo e me deixado.

Ele, por outro lado, estava em choque.

— Vou te contar o que é ter raiva — baixei finalmente a voz, entoando cada sílaba com a dignidade que a conversa deveria ter tido mas não teve. Peguei o celular sobre a mesa e abri uma das abas, onde o vídeo do estádio gritando vadia ainda ecoava fundo em mim. — Isso é raiva. — Mostrei a tela para ele.

Quase uma década de mentiras ruiu em sua cara. O sucesso que veio em cima da história invertida. A partida de Porto sem se despedir, meu coração esfaqueado. Quando ele foi embora, foi de vez — e não seria eu quem mendigaria sua atenção por causa de um filho. Não me interessava no momento que ele tivesse direitos. Somos muito rápidos em reivindicá-los, mas nunca rápidos o suficiente para exercer nossos deveres.

Quando você abriu mão de mim, abriu mão de tudo.

Ele abriu a boca, mas minha ferocidade o fez mudar de ideia. Se tinha algo a dizer, não conseguiu.

— Ainda assim, gostaria de conhecê-lo — ele insistiu. Baixo, de forma humilde.

Foi tão fácil entrar no quarto do hospital, despejar a informação e achar que havia feito a minha parte. Com sua morte, ia uma boa parte do meu coração, mas também os riscos que um pai rico e interessado representavam. Agora precisava lidar com questões que não podia prever: os sentimentos de Chris. Os riscos de uma guarda compartilhada. A influência que ele poderia ter sobre o menino.

Os perigos de deixá-lo voltar para a minha vida.

Estava tudo tão coladinho, tão remendado. Como poderia permitir que ele trincasse o que tinha sido tão dolorosamente colado?

Suspirei profundamente, olhando o relógio. Agora sim, estávamos atrasados.

— Preciso levar Chris para a escola. Deu a hora. Tenho uma reunião às 8h00 e não posso me atrasar.

— Posso acompanhar vocês?

Fiz que não. Deixei Gabriel na sala e andei até a porta do quarto de Chris. Antes que batesse o menino apareceu com a mochila na mão.

— Vamos? — Tentei fazer a melhor cara que consegui. — Agora sim, estamos em cima da hora.

Era impressionante como Chris sabia tudo. Seus olhinhos corriam meu rosto, e passaram em seguida para o estranho parado na sala.

— Está tudo bem?

— Sim — afirmei. — E o que não está, vai ficar.

Ele passou por mim, arrastando a mochila. Em nenhum momento tirou Gabriel da mira. Quando chegou perto o bastante, largou a mochila e estendeu a mãozinha em sua direção.

— Oi. Sou o Chris.

Pude ver o sangue fugir do rosto de Gabriel. Por um instante ele não soube como reagir, mas então, em um gesto

tremendamente certo, ele se ajoelhou. Chris era pequeno para a sua idade, mas com Gabriel ajoelhado, eles tinham quase o mesmo tamanho.

— Oi, Chris — Gabriel falou com voz macia. — Eu sou o Gabriel.

Ele estendeu a mão e os dois se cumprimentaram. Chris sorriu, olhando para mim. Havia ao menos três emoções estampadas em seu rosto: a timidez vencida, o orgulho por algo que ainda não tinha condição de admitir, e uma alegria genuína. Esfreguei a boca e olhei para os lados, esperando que os olhos secassem antes de olhar de novo para os dois.

— Eu sei quem você é — a vizinha do menino disse.

Meu coração perdeu uma batida, e sei que o de Gabriel também. Tudo nele parecia em suspenso, no aguardo da resposta.

— E quem eu sou? — Gabriel perguntou. Eu não era a única emocionada ali.

— Você é o vocalista do Bandits.

Deixei escapar um suspiro longo e doloroso. Gabriel esperava ouvir outra coisa também, mas foi incrivelmente elegante ao dizer, todo orgulhoso, que ele tinha razão.

— Mas você ouve o Bandits? — ele fingiu surpresa. — Quantos anos você tem? Dezoito?

— Não — Chris riu, olhando para mim. — Tenho oito. Mamãe não deixa eu assistir seus vídeos.

— Ela faz muito bem — Gabriel falou manso.

— Ela diz que você não é um bom exem...

— Ok — interrompi a conversa. — Peguei a bolsa sobre a mesa, o casaco pendurado nas costas da cadeira e parei ao lado dos dois: — Precisamos ir. Preciso trabalhar.

Gabriel se levantou. A pele do rosto quase não mostrava mais nenhum dedo meu, mas a expressão dele era outra. Ele quase parecia um estranho, de tão *...leve?*

— Lis — ele disse. Aprumei o corpo, sem coragem de olhar para ele. — Gostaria de passar aqui mais tarde. Posso?

As mãos de Chris seguraram meu braço: — Sim, mãe, por favor! Ele pode jantar aqui?

A pergunta me pegou desprevenida. Jantar? Tipo, sentar na mesa e conversar com Gabriel? *Não tenho condições*. Com a falta de respostas, veio o próximo pedido: — Por favor, mamãe! Você pode fazer o seu nhoque de frigideira!

— Eu adoraria — Gabriel disse para mim.

Quantas aspirinas eu precisaria para tolerar o dia? E como diria não sem virar a bruxa mais cruel e rancorosa de todas as bruxas cruéis e rancorosas do planeta?

— Está bem — falei sem olhar direito para Gabriel. — Jantamos às sete, sete e meia.

Gabriel fez que entendia. Ele sorriu para o menino, que sorriu de volta meio cúmplice, meio se sentindo vitorioso por ter vencido uma batalha. Despedimo-nos friamente, e Gabriel partiu em um carro chamativo demais para a pequena Porto das Pedras.

— Gostei dele, mãe — Chris falou quando parei na porta da escola. Ajoelhei na sua frente e tirei a franja fina da frente dos olhos, temendo pelo pior.

— Eu sei meu amor. Mas quero que acalme o coração até a noite, tá bom? Não pense muito nisso.

O que eu queria dizer e não disse é: não espere demais de quem não tem muito para oferecer. Mas isso seria injusto e precoce, além de ir contra tudo que eu desejava.

E no caminho inteiro até o trabalho, tudo que fiz foi chorar.

CÍRCULOS

*"Forças externas não facilitaram
Então pensei que partiria antes de você me deixar
Auto-preservação não é explicação para nada
Mas a verdade é maior do que jamais entenderemos
Estou apenas começando a entender, meu amigo,
Toda essa distância, pois me apaixonei pelo inimigo [...] E quando
eu fui embora, o que eu esqueci de dizer
Tudo o que eu tinha para dizer:
Oito letras, três palavras, um significado"*

Eight Letters, Take That

— Ele apareceu na sua porta? — Carlão perguntou, mais atento à caixa de bolinhos que em mim.

— Sem avisar ou ligar antes. Chris abriu a porta e me chamou. Quando cheguei na sala, Gabriel estava parado na minha frente.

— Hm — Carlão voltou com um bolinho de chuva na mão. A cadeira abaixou sob seu peso quando ele tombou sobre ela.

— E como foi revê-lo depois de tanto tempo?

Lembrei do tapa, e das emoções alucinadas que até agora me deixavam com a sensação de carregar chumbo no peito.

— Horrível. Exatamente como achei que seria.

— Ele queria saber se o que contei ao empresário era verdade — ele disse lambendo os dedos, olhando rapidamente para mim. — Queria ver vocês.

Balancei a cabeça devagar. Gestos bruscos pioravam a britadeira descontrolada que torturava minha cabeça desde então.

— Por que fizemos a besteira de entrar em contato com eles? — perguntei. Aquilo era uma indireta *bastante direta* para o meu chefe, que gostava de bancar meu pai. A ideia de contar para o ex moribundo que tinha um filho foi dele, não minha.

— Porque não se trata apenas do que *você* deseja nessa história — ele falou com voz carinhosa. Seu carinho me atingiu como um bom tapa. — Chris procura uma figura paterna. Você não pode tirar dele a chance de ter um pai.

Escorreguei na cadeira até quase deitar nela. Soltei um "Ah" lamuriado e impaciente de quem odiava reconhecer que estava errada. Claro que ele precisava de um pai. Principalmente se eu sabia que esse pai estava vivo e bem. Ou melhor: vivo. Bem era outra história.

— Essa é uma grande chance de esclarecer algumas coisas do passado. — Carlão limpou as mãos na calça e recolocou os óculos de leitura. — De conversar com Gabriel.

— Não quero esclarecer nada. Nem conversar sobre nada.

Carlão revirou os olhos.

De súbito, lembrei de algo que ainda não tinha pensado e voltei a sentar reta na cadeira: — Ai meu Deus.

— O que foi?

— Vinícius — Falei olhando para ele. — Ele ainda não sabe que Gabriel apareceu. Hoje é dia dele passar lá em casa.

— E o que é que tem?

— Ele não vai gostar de saber que Gabriel vai jantar com a gente. — Olhei para Carlão. — Ele ficou com ciúmes quando

descobriu que Gabriel era o pai de Chris. Ele não sabia que eu e ele tivemos um relacionamento anos atrás.

Carlão me olhou por cima dos óculos: — Você nunca contou para o homem com quem vai se casar quem era o pai do seu filho?

Balancei a cabeça que não. Carlão suspirou, mas disse o que já esperava que diria: — Vinícius não tem que gostar de nada. Apenas apoiar sua decisão.

— Falar é fácil. Vinícius já me perguntou duas vezes sobre Gabriel. Com o casamento chegando, acho que queria ser a figura masculina na vida do menino. Virar o pai, sabe?

— Como em um lindo comercial de margarina — meu chefe ironizou. Por razões que eu não entendia, ele às vezes soltava esses comentários a respeito de Vinícius. Que ele era metódico e preocupado com as aparências. — Avise para ele que não é assim que as coisas acontecem. A vida é uma bagunça; feia, injusta, confusa. Não dá pra evitar o caos.

Essa indireta, em especial, tinha sido para mim.

— No mais, não acho que Chris o teria eleito como pai. Se tivesse que acontecer, já teria acontecido.

— Porque para Chris, a figura ideal masculino é *você*.

Carlão me lançou um olhar debochado: — Como culpá-lo?

Ri, adorando que Chris tenha vivido o suficiente com o meu chefe para adotá-lo como uma figura *quase* paterna. A inquietação, no entanto, voltou logo.

— Vinícius vai surtar quando der de cara com Gabriel hoje à noite.

— Não vai convidá-lo, vai? Acho que você precisa desse momento com Chris e o pai do menino.

— Não preciso de momento *algum* com Gabriel — rebati, irritada. — Eu podia deixar Chris e ele conversando, e esperar o jantar acabar dentro do quarto.

— Super maduro, continue. O que mais planeja para a noite? Colocar Vinícius na mesa, com vocês?

Encarei meu chefe por um tempo, sem acreditar que estava levando outro sermão. Carlão me olhava de volta, inabalável em suas convicções.

— Acho melhor a gente interromper essa conversa. Você não está ajudando.

Ele cruzou as mãos e sorriu. Conhecia aquele sorriso, ele queria dizer: *disponha, sempre às ordens, precisando estamos aqui*.

— Amanhã conto como foi — falei abrindo a pasta do caso de Rosária. — Se sobreviver.

— Fico feliz que Gabriel tenha voltado para a cidade. — Carlão falou reorganizando a papelada sobre a mesa. — Acho que você e ele têm algumas coisas para conversar.

— Você está enganado.

Carlão sorriu.

— Só o tempo dirá.

Gabriel

DEITADO NO QUARTO DO HOTEL, eu olhava para o teto e pensava *nele*. No menino. Um pedaço meu, só que melhor.

Por anos achei que Lis tinha tido um filho com alguém e seguido a vida. Quase cinco anos tentando esquecer a cena dela saindo do pequeno edifício com ele no colo. Sozinha, sem ninguém para apoiá-la.

Passei a mão pelo rosto, ainda capaz de sentir a textura da palma quente na pele. Tentei me colocar no lugar dela e entender por que raios ela abriria mão de receber uma pensão que a ajudaria a cuidar dele. Orgulho? Raiva? Pelos

mesmos motivos deixei que a casa de sua mãe apodrecesse, sem informá-la de que a havia comprado. Mas o que eu diria? Que foi uma compra feita por impulso só para saber seu endereço? Que, ao achar que ela tinha seguido com a vida, deixei a casa fechada por *ciúmes*?

Anos de casa abandonada enquanto ela criava o menino em um cubículo.

Um rosnado escapou do peito. Minha vontade era sacudi-la. Gritar que ela foi canalha, que ela não podia ter feito o que fez. Trouxe o celular outra vez às vistas. Abri o Whatsapp, na mensagem onde Rico dizia:

Tá aí o vídeo.

Dei play mais uma vez. A gravação mostrava o quarto do hospital. As fagulhas retornavam à barriga ao vê-la se aproximar da cama, onde estava sedado. Aumentei o áudio, sem conseguir resistir ao desejo de ouvir sua voz.

Fechei os olhos, e suas palavras chegaram:

"— Até em coma você ganha da maioria, seu babaca... Mesmo sendo uma bomba com o pavio aceso e tendo esse relacionamento de idas e vindas com a autodestruição. Dá um tempo."

Deitei o celular sobre o peito. Sua voz continuava a encher o quarto:

"— Sabe o que eu não entendo? Que mesmo me lembrando de tudo, você ainda desperte em mim um sentimento de proteção." "

— Sei que você merecia um soco, e não minha piedade. Um murro bem dado nesse nariz perfeito por ter partido sem se despedir, e invertido toda a história. E dane-se que nove anos se passaram: rancor feminino não expira..."

Abri os olhos, sentindo o conhecido aperto no peito.

"Mas não vim aqui para dizer que você é o cara mais sortudo do mundo ..."

Essa era a parte em que eu precisava vê-la, e não só ouvi-la:

"Lembra daquela última noite no clube? Antes da briga?"

Eu me lembrava, Lis. Como se tivesse acabado de acontecer.

"Então. Um mês depois os enjôos começaram. Por um bom tempo tentei te achar, mas você tinha sumido. Até que um dia eu ouvi vocês na rádio. E adivinhe só que música estava tocando?"

Conhecia a música que estava tocando: eu a escrevi. O que seria apenas uma catarse pessoal acabou explodindo, e nós explodimos juntos. Como banda, como artistas, e infelizmente explodindo como pessoas. Fomos pego em um redemoinho. Entendemos cedo que tínhamos pouca voz, não importava o quanto gritávamos no palco. Por meses pensei em te ligar para explicar que não foi minha intenção pintar você como a errada da história. Era para ser uma piada interna, uma tristeza cantada, um jeito de lidar com o Nada. O Nada com letra maiúscula, aquele gigante que preenche tudo e te esmaga. Acontece que o mundo é tão cheio de dor, tão inundado de gente infeliz que a música serviu como máscara. Todos nós a vestimos. Todos ali, do vocalista mais fodido ao empresário mais bem sucedido lidávamos com Nadas grandes demais para suportar. Todos vestimos as máscaras, e descobrimos que as máscaras vendiam como água.

"Mas enfim, só Chris importa agora." — Você alisou a grade da cama, cheia de mágoa na voz. "O menino precisa de respostas, talvez mais do que de um pai. E, por Deus: você era o último pai que eu teria desejado para ele."

Aperto os olhos com os dedos, sentindo o peito doer. Como culpá-la?

"Sua vida foi uma sucessão de escândalos e confusão, o rol de namoradas, infinito..." "... Enfim, é isso: você é pai."

E então você se inclinou sobre mim, disse algo no meu ouvido e me tocou. Deslizou os dedos até meu rosto e afastou minha franja da testa. Eu esperava muito mais raiva, muito mais rancor vindo de você, mas você deixou para mostrá-la

quando parei na sua frente, forte o suficiente para aguentar seu tapa. Fraco, você me acariciou. Queria ter acordado a tempo de te ouvir dizer que algumas pessoas são mais bonitas quando não sabem quão bonitas são. Eu teria te respondido que exatamente por isso você continua sendo a garota mais bonita do mundo, e nunca deixou de ser. Em um mundo tão feio, você foi perfeição.

Na filmagem te vi correr os dedos pelo meu rosto como quem ainda sentia alguma coisa. Repeti por anos que você não tinha mais importância, mas foi só assistir a cena para achar um motivo para querer viver. Não apenas um: dois.

Você também tem a impressão, Lis, de que a vida gira em círculos perfeitos? Que a gente parte de um ponto, dá voltas no mundo e acaba sempre retornando para o lugar de onde saiu? Sentindo exatamente as mesmas coisas que antes? Querendo ou detestando as mesmas coisas que queria e detestava no começo?

Alguns conseguiam fugir desse círculo: esses eram livres. E tinha gente como eu, eternamente preso na mesma estrada escura. Atraído pelas bordas seguras, apegado àquilo que um dia acreditei ser meu único patrimônio: seus sentimentos por mim.

Gente como eu não ligava para a liberdade. Gente como eu queria voltar para dentro do círculo.

GRANDEZA MODESTA

*Escrevi canções e inventei batidas, formei com letras
Palavras bonitas
Pra cantar em versos, refrões e rimas
Meu passeio por seu labirinto
fui sequestrado por olhares perdidos
resgatado por acordes e ganchos, versos completos,
da noite que foi só melodia...*

Minha melodia, faixa do álbum Você não acreditaria.
Bandits, 2015

Nove anos atrás

Lis

Já passava das nove quando cheguei. Minha mãe tinha piorado, e aos poucos, o que estava para acontecer se avolumava sobre mim. Eu não estava bem. Me sentia pesada e desatenta, como se ao redor do peito pesasse uma nuvem escura. Cruzei a sala, joguei a mochila no chão e andei até o jardim de inverno. As plantas não respondiam aos meus

cuidados como respondia aos da minha mãe, e murchavam como os moradores. Subi as escadinhas que levavam ao telhado e abri a portinhola. Sobre as telhas, um velho banquinho de madeira me esperava. Ele havia sido feito anos atrás pelo morador anterior, e era o lugar ideal para ver a rua escura e vazia. Porto das Pedras morria fora da estação. Tudo parecia estar realmente morrendo.

Não sei quanto tempo passei ali, sentindo a brisa fria. Tempo suficiente para acostumar os olhos à escuridão e ver Gabriel caminhando em direção à casa. Ele continuava vindo. Vinha todas as noites do outro lado da cidade para passar a noite comigo. No começo achei que ele sentia pena de mim, depois entendi que era outra coisa. Na maioria das vezes eu adormecia em seu ombro, segurando o choro. Em outras, nos atracávamos no sofá da sala, sob efeito de hormônios furiosos. Loucos para achar no amor o que não encontrávamos no mundo.

Foi ali que me dei conta de que estava perigosamente apaixonada por ele.

Ele nunca tinha subido até o telhado, por isso, quando assoviei, olhou para os lados sem me achar. Até que me viu, e eu indiquei que a porta estava aberta. Ele subiu e se juntou a mim. Sentou do meu lado no banquinho e entrelaçou os dedos aos meus antes mesmo de me beijar. Todos os dias ele esperava a notícia de que ela tinha partido.

— Oi — ele falou baixo. — Tudo bem?

Balancei a cabeça que sim. *Sim* era como eu respondia que ela ainda respirava.

Naquela noite estava chateada com ele. Odiava que ele me evitasse no recreio. Que estivesse faltando às aulas, que não saísse do lado de Tris. *Principalmente, que fosse o garoto que minha mãe pediu para eu evitar.* Mas ao invés de falar tudo aquilo, meus ombros se curvaram e eu comecei a chorar.

Ele passou o braço ao meu redor e deixou que eu molhasse seus ombros com lágrimas. Beijou minha cabeça e me apertou forte. Sem dizer uma palavra. Sem pedir para que eu contasse nada. Quando o desespero passou, enxuguei as lágrimas e senti o cheiro estranho. Ele cheirava a incenso, um tipo doce de planta.

— Você está cheirando a ... — *droga*. Eu sabia que ele fumava maconha com os amigos, mas ele nunca tinha fumado antes de me ver. Dava para sentir de longe seu cheiro.

— Saí com uns amigos. Acabei fumando um antes de vir para cá.

— Você deveria estar tocando, e não fazendo isso, Gabriel.

— Posso fazer as duas coisas. A segunda coisa fica melhor se eu fizer a primeira — ele riu.

Já tínhamos conversado sobre drogas. Eu discordava que ele precisasse fumar para tocar bem, mas não queria criar confusão com ele. Não hoje, não ali. Alisei sua camiseta, feliz que ele optou estar aqui, e não com os amigos.

— É sexta. — Comentei.

— O que é que tem?

— Sexta é dia de fazer coisas legais.

Ele beijou minha testa. Meu nariz, minha boca, meu pescoço. Seus olhos estavam injetados, mas doces e tranquilos nos meus.

— O movimento no Rocker's só vai melhorar em dezembro. Até lá, virei sempre que puder. Se você quiser que eu continue vindo, claro.

Inalei o cheiro de sua camiseta, beijei o canto do seu pescoço. Em seguida me levantei e sentei em seu colo. Era mais aconchegante que sentar no banco, e podia abraçá-lo melhor. Enfiei os braços por baixo dos seus, envolvendo-o inteiro. Aninhei o rosto em seu pescoço, desejando nunca

mais deixar de gostar de alguém daquele jeito. Ele secou minha última lágrima com um beijo.

— Você é a única coisa boa na minha vida — murmurei perto do seu ouvido. — Claro que quero você aqui.

Gabriel enrijeceu. Por um tempo ficou imóvel em meu abraço, depois me afastou. Do jeito que me olhava, parecia que eu tinha dito algo estranho. Como se a frase tivesse rompido algum lacre, ou derrubado alguma coisa dentro dele. De qualquer forma foi algo bom, porque em seguida ele segurou meu rosto, uma mão em cada lado, e o trouxe para um beijo novo. Minha pequena declaração tinha sido especial, de uma forma que eu talvez jamais entendesse.

Sua língua entrou fundo na minha boca. Os ruídos denunciavam arfadas profundas. Eu ouvia minha própria respiração — e a dele — se acelerando. Seus dedos se embrenhavam em meu cabelo, e me puxavam para mais perto. Minha tristeza foi substituída por algo diferente. *Para onde ia a tristeza, quando nos deixava?* E como ela podia se transformar em algo tão feroz?

Gabriel era macio, quente, e cheirava bem. Suas mãos sabiam o que fazer, e subiam dos meus ombros para o meu pescoço, enquanto as minhas desciam por suas costas. O beijo ficou mais lento, mais profundo e sensual. Sua mão desceu pelo meu pescoço até os ombros, e dali para os seios, por cima da blusa. Havíamos cruzado essa linha alguns dias atrás. Até então ele tinha sido gentil e respeitoso, embora quisesse que sua gentileza e respeito se explodissem. Então ele um dia tentou e eu deixei.

Minhas pernas estavam abertas e abraçavam sua cintura. Suas palmas deslizaram dos seios para a barriga, e então para as coxas. Era tão gostoso quando a fase dos carinhos recatados ficava para trás e outra começava. Nelas, as mãos de Gabriel ficavam pesadas. Sua boca, malvada. Nessas horas meus problemas sumiam, e eu mergulhava em outro lugar.

Mas, ao invés de seguir adiante, ele costumava interromper esses momentos. Era sempre ele quem parava. Eu ficava enlouquecida, mas sabia que um dia não daria mais para parar, e esse dia seria o dia certo.

Passei as mãos pela camiseta sentindo o cheiro dele. Ergui-a, arrastando as palmas pelo seu peito quente enquanto o olhava. Seu coração batia forte, e seus olhos estavam pesados. Ele pousou as mãos sobre as minhas — quentes, cobertas de esparadrapos sobre os machucados que as cordas da guitarra deixavam — e as afastou.

— Por que não? — perguntei baixinho.

— Não é uma boa ideia.

— Eu acho uma ótima ideia — respondi mordendo de leve seus lábios. Suas mãos endureceram em meus braços.

— Vamos descer — ele falou. Não de um jeito abrupto, e sim como uma sugestão tranquila.

Descer para você me abraçar e fazer carinho no meu cabelo até eu dormir?

— Não — balancei a cabeça, sentindo a proximidade da minha virilha com a sua barriga. — Quero que minha primeira vez seja com você, Gabriel.

A tensão do seu braço diminuiu. Aproveitei que sua guarda estava baixa e inclinei o rosto, beijando o seu pescoço. Ele fechou os olhos, tocado pelo que disse. Seus dedos já não eram mais garras, e voltaram a me acariciar. Sua mão procurou a barra da camiseta e se enfiou debaixo dela. Senti a trilha dos dedos como se fossem feitos de fogo. Ele afastou de leve a borda do sutiã, mas então a mão parou outra vez.

— Lis — ele disse perto do meu ouvido. — Não queria que estivesse triste quando acontecesse.

Aquilo chegava a ser engraçado. Eu me afastei para olhar para ele.

— Minha mãe vai morrer, Gabriel. Ficarei triste pela próxima década, e isso é muito tempo para não transar.

Ele alisou meu rosto com as costas das mãos e se arrastou para trás no banco, me tirando do seu colo. Sentei ao seu lado, frustrada.

— Você já fumou antes? — ele perguntou, enfiando a mão no bolso. A mudança de assunto me confundiu.

— Quê?

Ele tirou dali um baseado e o alisou. — Quer experimentar?

Estávamos falando de primeiras vezes, de sexo, de amassos — *eu estava me declarando!* — e ele me ofereceu *maconha*?

— Ela acalma — ele falou olhando demoradamente para o baseado enrolado na mão.

— Ouvi dizer que sim. — Suspirei, conformada. Ele acendeu o baseado. A noite era de uma escuridão profunda, e poucas casas na rua davam para o nosso telhado. Depois que tragou, passou para mim.

Drogas não eram a minha praia, mas eram a dele. Serviam a propósitos que eu não entendia, nem ele parecia querer explicar.

Na primeira tragada, comecei a tossir.

Por um tempo rimos da minha total falta de conhecimento em fumar, mas não demorou para que aquele baseado terminasse e estivéssemos rindo como bobos de qualquer coisa. Realmente, naquela noite a maconha me acalmou. A noite ficou mais luminosa, o coração menos pesado. Ele estalou as costas, olhando para o número infinito de estrelas em cima da cabeça. Seu perfil era de uma perfeição dolorosa.

Beijei seu ombro, lânguida, e ele encostou a bochecha em mim. O baseado pode até ter me acalmado, mas não diminuiu meu desejo. Na verdade, o acendeu. Triplicou.

Não sei porque fiz aquilo, mas fiz. Cruzei as mãos na frente da blusa e a ergui, remexendo o tronco para ela descolar e sair. Gabriel olhou para mim assustado. Antes que dissesse alguma coisa, arranquei o sutiã da mesma maneira que tirei a camisa.

Chocado, ele só conseguia olhar para os meus seios. Como se nunca tivesse visto peitos antes.

— O que está fazendo, Lis?

Sua confusão disparou minha risada. Sentei de frente para ele, fazendo questão de empinar o tronco.

— Tá doida? Coloque a camisa, alguém pode ver — ele pegou a camiseta e me entregou. Peguei a camiseta da sua mão e a lancei no quintal, lá embaixo. Aquilo disparou em mim outra risada. Estava cansada de ser a certinha. De aguentar que ele brincasse de ser certinho comigo. Gabriel não era certinho, e eu sabia desde o início que perderia a virgindade com ele. Nunca passou pela cabeça perdê-la com outro. Aquele garoto machucado me atraía de um jeito louco, meio selvagem. Aquilo culminaria em sexo e eu mal via a hora.

Ele olhou para a rua, balançando a cabeça como se me recriminasse. Evitava olhar para mim.

— Pode olhar pra eles — falei. — Eles não mordem.

Ele balançou a cabeça que não.

— Por que não? — eu me aproximei no banco.

— Você ria se eu dissesse — ele riu, tentando esconder que a frente da sua calça parecia uma barraca armada.

— Eu ria de qualquer coisa agora — falei.

— Não sou bom com palavras — ele tentou me afastar.

— Eu sou — me liberei de suas mãos e rocei o seio direito em seu braço. Eu estava pegando fogo, e pelo jeito incinerei seu rosto. O volume da calça duplicou. Chegando bem perto de seu ouvido, me justifiquei: — Estou apaixonada por você.

Eu podia ouvir seu coração bater de onde estava.

Colhi sua mão e o trouxe até meu corpo. A cabeça estava aérea, o que só deixava o momento melhor. Deve ter sido efeito da maconha, porque senti a pele soltar faíscas quando ele me tocou. Ele parecia querer se conter — por quê? — mas sua angústia só me atiçava mais. Cheirei a curva do seu pescoço, sentindo suas mãos acariciarem em concha a curva do peito.

— Não quero que se arrependa amanhã — ele falou. — Que ache que me aproveitei do fato de estar vulnerável.

Deus, eu jamais pensaria isso. Minha resposta foi colher sua outra mão e trazer até o outro seio, forçando-o a acariciá-los. Eu amava que ele estivesse na minha porta todas as noites, que cuidasse de mim quando eu me sentia sem forças, e que dormíssemos assistindo TV — eu sobre seus braços, acolhida em minha dor. Há duas semanas ele me dava uma rotina. Me fazia companhia. Ele era o meu namorado que ninguém sabia que existia, mas existia.

— Vamos para o primeiro andar? — perguntei beijando o canto de sua boca, sentindo sua mão menos reticente.

Ele me beijou de volta, dizendo rouco: — Você é tão bonita.

— Tire a blusa — pedi.

Ele me obedeceu. Era a primeira vez que o via sem camisa. Ele tinha absolutamente tudo no lugar, embora estivesse mais magro que devesse estar. Alisei seu peito, coleí o meu ao dele. Queria sentir minha pele junto à sua, e ter certeza que não era impressão: eu sentia estrelas quando ele me tocava.

— Vamos descer — ele concordou. Estávamos ao ar livre, sem roupa, querendo tirar o resto. Seria um show e tanto.

Ele desceu na frente, e me segurou quando eu vim atrás. Me abraçou com força e os beijos recomeçaram — só que dessa vez, explosivos. Só quando tombamos no sofá da sala, onde ele há algumas semanas vinha dormindo, entendi por

que ele precisava se conter. Gabriel não era de contenções. Uma vez rompida a barreira, eu estava nas mãos dele. Literalmente nas mãos dele, e tudo dele estava em mim.

Eu deitei embaixo, ele em cima. Seu joelho encaixou-se entre as minhas pernas, meus pulsos estavam presos entre seus dedos. Embora afoito, ele queria olhar para mim. Era estranho estar nua na frente de um cara. Vê-lo ficar doido por um pedaço de pele sua.

— Nunca vi nada tão bonito na vida. — ele murmurou. — Você, Lis. Você é a coisa mais bonita que já vi.

Seus lábios beijaram as minhas pálpebras. Primeiro uma, depois outra. Encontrei seus olhos, e sabia que havia sentimentos ali. Mais do que vontade de transar. Mais do que ele conseguia dizer.

— A coisa mais bonita que já toquei.

Ele me soltou e eu desabotoei minha calça, e ele a dele. Os hormônios enfurecidos deixavam tudo meio afoito e sem charme. Mas eu amava o modo como ele se movia, os movimentos de cada músculo ao livrar-se das meias e do tênis. Amava principalmente como minha pele reagia quente à dele, e como cada ângulo seu mexia comigo.

— Quero mais que isso — falei enquanto ele tirava a calça. Ser admirada era maravilhoso, mas não queria que fosse apenas atração física. Eu *precisava* de mais. Queria sua admiração, seu amor, sua companhia.

— Você já tem — ele me garantiu quando a cueca caiu sobre os seus pés.

Se vestido ele me roubava o ar, nu era inesquecível. Fios sedosos envolviam o membro masculino, ereto. O primeiro que eu vi na vida. O peito era livre de pelos, certo em todos as reentrâncias e saliências. Ele segurou o fôlego ao me ver sem calcinha, e mordeu o lábio quando me deitei no sofá. Ele deitou sobre mim e me beijou de novo. Abri a boca para receber sua língua, achando tudo erótico e incrível demais. O

beijo tinha um toque de loucura, e veio acompanhado de gemidos e respiração pesada. Sua mão passeava perdida por mim e as minhas por ele. Ninguém pensou em preliminares — em minha defesa, nem as conhecia — mas conhecíamos vontades. Ele beijou meu colo, meus seios, lambeu meus mamilos. Alisei seu membro molhado de fluidos, e abri as pernas.

Ele ergueu o rosto bonito, com os olhos claros nos meus: — Vai doer um pouquinho.

— Sei que vai — respondi enfiando a mão entre as almofadas do sofá. Tirei dali um pacote de camisinha e o estendi. Desde que o clima esquentou, dias atrás, esperava a hora dela ser usada.

Ele riu. Nem passou pela sua cabeça irresponsável pensar nisso — mas eu não era irresponsável, e precisava ser cautelosa. Gabriel abriu o pacote e desenrolou o látex sobre o pênis, voltando a colar o corpo no meu. A sala estava aquecida, e o suor começava a cobrir o meu corpo e o dele. Quando ele entrou em mim, com gentileza infinita, olhamos um para o outro. Alguma emoção estranha aconteceu ali, mas nunca soube como chamá-la. Uma sensação de intimidade completa. De confiança e amor. Eu levaria aquele olhar comigo através dos anos, e toda vez que travasse contato com outro homem, procuraria aquela mesma sensação. Nunca mais aconteceu com ninguém.

Gabriel deslizou para dentro do meu corpo trazendo dor. A sensação era de que ele entrava entre paredes apertadas, e as paredes ardiam. Embora tentasse não mostrar, ele viu. Ao perceber que doía, me prendeu entre os braços e perguntou:

— Quer parar?

Não, eu balancei a cabeça. Mas o cuidado serviu de reparo para a primeira vez relativamente ruim. Ele saiu, e eu me senti estranha; com as pernas cruzadas ao redor de sua cintura, o senti entrando outra vez. Soltei um gemido

tremido quando o membro enterrou mais fundo. O corpo dele vibrava sobre o meu. As sobancelhas estavam unidas e pesadas sobre os olhos bonitos. Sem ao menos notar, suas mãos se entrelaçaram às minhas, e o vai e vem ficou menos dolorido. Mais lento, mais profundo, mais íntimo. Seu peito deslizava sobre o meu, os dois molhados de suor. Não consegui sentir prazer, minha satisfação veio de olhá-lo. Ele era lindo, em cada detalhe ignorado pelo mundo. Mas eu o via. Sempre o vi.

Ele desabou sobre mim minutos depois, arfando pesadamente em meu ouvido.

— Queria que tivesse sido bom para você também, Lis. — Ele disse um tempo depois. Aconcheguei o corpo em seu abraço, colada a ele para caber no espaço estreito do sofá azul.

— Precisamos praticar — eu ri, e ele riu também. Por um tempo nos olhamos, enquanto suas mãos brincavam com alguns fios do meu cabelo.

— Estou apaixonado por você — ele disse. — Muito.

— Eu sei — respondi sentindo fogos explodirem no peito. Eu sabia.

Anos mais tarde, quando a dor fosse só parte das memórias e meu coração estivesse quase curado, eu conheceria outras pessoas, e com elas teria relacionamentos saudáveis. Elas me mostrariam o lado colorido da vida — passeios de mãos dadas, jantares românticos, ares de normalidade — e me dariam noites quentes e doces, alegres e leves.

Eu entraria em uma ou duas ciladas, não mais que isso. Teria orgasmos, sentiria frios na barriga, e diria até dois "eu te amos" para pessoas diferentes.

Mas nenhuma outra noite teria a grandeza modesta daquela primeira vez.

BEM VINDO AO MEU MUNDO

*Te trocaria por minutos de paz
por qualquer promessa de amnésia
Drogas não funcionam mais
Mas nada te apaga, nada te esconde
meu coração não anda exigente
Ele só pede
minutos de paz.*

*"Minutos de Paz", apresentação do Bandits no programa
Acústico MTV, 2017*

Presente

Lis

Meu coração parou de bater às 19h10, quando a campainha tocou. Arrastei as mãos geladas no avental, vendo Chris correr até a porta. Inspirei, expirei, inspirei, expirei. *Que Deus me ajude*. Olhei para o nhoque congelado, à espera do preparo; para a salada de folhas verdes, tomate e muçarela de búfala na vasilha. O vinho já estava na metade

— teria que abrir outro. *Talvez devesse também esconder as facas da casa.*

Dei um último gole no vinho e tirei o avental. O barulho de vozes masculinas — uma grossa, outra ainda fina — me levou à sala.

Merda. Aquele parado na porta era um homem ou uma arma de choque? Porque eu parecia ter sido acertada por um imobilizador. Gabriel não parecia tão cansado quanto de manhã. Havia recuperado a glória enquanto eu perdido a minha na jornada tripla que envolvia trabalho, compras a jato e cuidados com o filho.

Ele vestia uma blusa escura, um lenço estiloso ao redor do pescoço e calças ultra-justas com aspecto de caras. Se cruzasse com ele na rua, me perguntaria o que alguém com tanto estilo estava fazendo em Porto das Pedras. Indicaria que a direção da *Vogue* ficava para o outro lado.

Ele trazia um embrulho em uma mão e um buquê de flores na outra.

— Boa noite — Ele cumprimentou Chris. — Trouxe uma coisinha pra você.

O menino olhou animado para o embrulho. Gabriel me lançou um sorriso rápido e entregou as flores para o menino: — Você fica com as flores e sua mãe com o presente, certo?

O menino quicou, fazendo alegre que não.

Ele trouxe as flores de volta e finalmente entregou o embrulho para Chris. Chris deu um salto de alegria. Correu até o sofá e começou a rasgar o papel, me deixando frente a frente com Gabriel.

— Obrigada pelo convite — Ele me estendeu as flores. — Significa muito para mim.

Peguei o buquê sem reconhecer que flores eram. Pareciam lírios, mas tinham uma cor mais vibrante, e um cheiro diferente.

— Obrigada — falei dando as costas para os dois, com o coração aos saltos. Andei até a cozinha consciente de que ele me olhava, sentindo formigamentos pelo corpo. Enquanto enchia um pequeno vaso com água, sentindo as pernas fracas e as batidas no peito fortes, ouvi Chris gritar:

— Uau, muito maneiro!

Voltei com as flores na água, curiosa pelo que Gabriel tinha trazido para o menino. Ele estava ajoelhado ao seu lado, sorrindo da alegria genuína pelo presente. Coloquei o vaso sobre o aparador, me aproximando.

— Não sabia o que trazer — Gabriel se levantou, explicando-se. De pé, seus olhos se alinhavam aos meus, azuis e intensos. — Por isso trouxe um brinde da banda. É só uma lembrança até saber do que ele gosta.

Chris se virou para mim. Ele tinha uma camisa do Bandits na frente do corpo, e me mostrava como a camisa — grande demais — ficava nele.

— "Fuck the Law" — repeti a frase escrita em letras garrafais. *Realmente* garrafais.

Meus olhos escorregaram até os de Gabriel. Aparentemente ele não tinha a menor noção de que aquilo era estranho ou impróprio, mas ao ver minha cara, perguntou:

— Ele ainda não fala inglês, certo?

Chris respondeu: — *Oh yes I do, sir. Straight A student.*

Gabriel suprimiu a risada, me olhando com uma cara de quem achou graça. Quanto a mim, só conseguia pensar no bem que fiz em esconder as facas.

Indiquei a mesa, tentando não dar ao presente muita importância. A mesa estava posta. Tinha colocado a melhor louça, as taças de vinho que a esposa de Carlão me emprestou, os guardanapos de pano que nem lembrava que tinha. Mas não sabia como montar uma mesa — acho que havia uma ordem certa para facas, garfos e colheres que não

me lembrava mais — embora ela estivesse bonita. Quem era boa nisso era a minha mãe, mas aos dezessete não prestei atenção suficiente para aprender com ela.

— Você não ficou brava por causa da blusa, ficou? — Ele se aproximou, curvando os dedos sobre o encosto da cadeira. Eles ainda eram cobertos por esparadrapos, e traziam memórias há muito desaparecidas. — É uma brincadeira da banda.

— Entendi a brincadeira.

A resposta saiu ríspida. Não conseguia encará-lo por nada no mundo, nem amansar os ânimos inflamados. — Aliás, Chris tem Q.I 138. Só avisando.

Vamos, escolha logo um lugar para se sentar. Preciso me sentar longe de você.

Não fazia sentido mencionar o Q.I do menino, nem estar com tanta raiva, mas conhecia o tipo de Gabriel. Experiência zero com crianças, tato nulo. Não custava nada achar que estava na frente de um menino de cinco anos, e fazer algo idiota, como soletrar um palavrão, ou usar uma metáfora sexual. Chris conversava como adulto.

— Hm — Gabriel respondeu. — Puxou a você, com certeza, porque eu...

Ele parou a frase no meio. Chris havia acabado de arrastar uma cadeira para se sentar ao seu lado, e olhava com olhos imensos para nós dois. *Ah, ótimo.* Ele tinha colocado a camisa do Bandits por cima de sua blusa.

Eles se sentaram e eu me sentei do outro lado, de frente para eles. Aquilo estava se arrastando por tempo demais, eu precisava fazer logo a introdução que todos ali esperavam que eu fizesse.

— Bem — tomei coragem. — Acho que precisamos falar sobre o que se trata isso, certo? — Disse olhando para Chris. — Você sabe o que o Gabriel veio fazer aqui, não sabe, amor?

O menino balançou efusivamente a cabeça que sim. Sentado, eu só via um imenso FUCK em seu peito, apontado diretamente para mim. Exalei, continuando:

— Quando mamãe tinha dezoito anos, conheceu um rapaz aqui da cidade.

Pela periferia da visão, vi Gabriel abaixar a cabeça e mexer nos anéis. Eu mesma só conseguia olhar para o guardanapo dobrado no colo e vez ou outra para a expressão que Chris fazia. Continuei, tomando coragem:

— A gente namorou, mas um dia esse rapaz foi embora. E mamãe descobriu que estava grávida logo depois. De você.

Gabriel me interrompeu: — Se eu puder contar porque...

— Não — eu o interrompi. — Eu conto.

Soei dura e rígida mais uma vez, mas não era mais a menina que ele conheceu. *Minha casa, meu filho, minhas regras*. A narrativa dessa história, hoje, era minha.

— Enfim. O seu... *pai* não sabia que você existia. Tentei achá-lo por um tempo, sem sucesso. Então mamãe esperou. E depois de um tempo... desistiu de esperar.

Eu sentia Gabriel olhando para mim. Fixamente. Tão atento ao que eu dizia que nem sei como consegui continuar. As palavras pareciam sair a fórceps:

— Quando *algumas coisas* aconteceram, tio Carlão convenceu mamãe de que era a hora de encontrar seu pai. — Peguei ar, tentando ser cautelosa sobre o assunto: — Seu pai estava *doente*, e mamãe foi visitá-lo. Lá ela contou que você existia. E assim que ele melhorou, chegou aqui.

Olhei finalmente para Gabriel. A bola estava no campo dele.

— E ele veio aqui pra te conhecer — Gabriel concluiu, olhando para Chris.

Chris parecia confuso. Não quanto ao assunto — ele sabia que Gabriel era seu pai —, mas às dinâmicas estranhas em torno da história. Havia bem mais enterrado sob ela do que

aquelas frases mostravam. Aquilo, sim, era novidade para ele.

Só de olhar para os dois, lado a lado, eu sentia o peito esmagado. *Deus, eles são iguais.*

— Você é meu pai, certo? — Ele perguntou só para conferir.

Gabriel coçou o nariz e fez que sim. Estava claro que ele tentava fazer os olhos secarem rápido. Acho também que tinha a intenção de abraçá-lo, mas em sua dinâmica infantil e sem culpa, Chris não precisava de abraços. Sorrindo, falou:

— Legal.

E assim tudo foi revelado. Sob a desculpa de que estávamos em frente a uma mesa vazia, murmurei que precisava buscar o vinho e levantei, atordoada. Deixei os dois na sala e me escondi atrás da parede da cozinha, esfregando algumas vezes o rosto para recuperar a calma. Peguei a garrafa, dei um gole no gargalo. Abracei o vinho, olhando ao redor. Aquilo estava realmente acontecendo? Estava.

Peguei a saladeira e voltei, encontrando os dois conversando sobre a blusa. *Oh, Deus.*

— Você bebe? — Perguntei para Gabriel. A garrafa estava inclinada, pronta para encher seu copo.

— Estou dando um tempo — ele agradeceu, polido.

Foi inevitável. Um flash antigo, como uma cena em preto e branco explodiu na cabeça. Eu na estrada, empurrando-o. A chuva desabando do céu sobre a rua. Meu grito irritado: *nunca mais volte aqui.*

Trouxe o bico da garrafa até meu copo e o enchi até a borda. A mão tremia de leve, e alguns pingos sujaram a toalha branca. Claro que ele notou.

Nos PRÓXIMOS MINUTOS cada um se serviu de salada, e Chris buscou um suco de uva que entornou na taça de Gabriel — entornando como eu uma boa quantidade na mesa — mas a essas alturas ninguém ligava.

Estranho era um adjetivo leve pra descrever aquele início de jantar.

— E você — Gabriel olhou para Chris. — Gosta de música?

O menino balançou a cabeça.

— Toco um pouco de piano, e aprendi alguns acordes no violão nas aulas de música da escola. Mas não sou bom como você. Inclusive, acho que o Bandits fazia músicas melhores no começo.

— Chris? — Ralhei. Chris ia do zero ao cem rápido demais para algumas pessoas.

O comentário tinha aguçado a curiosidade de Gabriel.

— Quero ouvir sobre isso — Gabriel se virou, atento. — O que acha que mudou?

— Bastante coisa — o menino falou dando um gole no suco, manchando os cantos da boca de vermelho. — Tem pouca coesão nos dois últimos álbuns. As músicas parecem ter sido feitas por pessoas diferentes. E tem alguma coisa nas melodias também. Elas estão mais pop, menos rock clássico, sabe?

Os olhos de Gabriel estavam no menino, mas sua cabeça estava em outro lugar.

— Isso é muito interessante — ele disse tranquilo, virando-se pra mim. Ergui as mãos, indicando que não tinha nada a ver com aqueles comentários.

Aquilo o fez sorrir.

— Elas realmente foram escritas por gente diferente — confessou. — Passei por um bloqueio na época, e se tive algum papel no álbum de 2018, foi na melodia.

— As músicas estavam... alegres. Não parecia vocês — Chris continuou, equilibrando o garfo cheio de muçarela até a boca.

Gabriel franziu o cenho. Chris concluiu com um cabinho de agrião escapando da boca:

— Faltou a angústia.

Esse era um problema comum em famílias com crianças extraordinárias. Às vezes moderávamos esses tipos de frases para que nossos filhos não ficassem conhecidos como esquisitos. Ou pedíamos que guardassem esses comentários para si, para não assustar os amigos. Mas a verdade era que tentávamos conter o que era grande demais para o nosso pobre mundo comum. Gênios eram gênios.

Por alguns segundos Gabriel olhou para Chris e eu não consegui decifrar o que pensava. Como ele podia ter notado aquilo? Como ele sabia que faltava angústia — ou mesmo o que *era* angústia? Por mais que eu estivesse acostumada com as tiradas de Chris, até eu estava surpresa.

— Sim — Gabriel concordou depois de alguns segundos.
— Sou obrigado a concordar com você.

Voltamos a comer, e os talheres voltaram a fazer barulho nos pratos.

— E ler, você gosta? — Gabriel perguntou.

— Adoro.

— O que gosta de ler? Quadrinhos da Marvel?

— Qualquer coisa sobre a Segunda Guerra. Mas adoro a Marvel — o menino adicionou rápido.

Por um tempo Gabriel e ele falaram sobre heróis, vilões e assuntos geek. Pedi licença e me levantei.

— Vou fazer o nhoque. Ele é melhor quando preparado na hora.

Gabriel subiu os olhos até os meus. Ele estava sentado de frente para Chris, atento à história de como ele começou a colecionar gibis, e como era difícil achar quadrinhos nas

bancas de Porto. Mas naquele segundo breve entrei no centro de sua atenção.

Era estranho me lembrar de seus olhos. Do tom exato de azul, do formato, do aspecto doce que eles davam ao rosto bonito.

— Você come queijo? — perguntei, tropeçando em pelo menos três consoantes da frase. Ele balançou a cabeça que sim, gastando um segundo a mais no olhar do que deveria. Ele estava se lembrando. Eu podia ver as lembranças passarem diante de seus olhos. *Sai já daí, Lis.*

— Só um segundo, então.

Dei meia volta e sumi na cozinha, com raiva desse frio desgraçado na barriga. O que estava acontecendo comigo?

Os ingredientes estavam todos preparados. Fritei a cebolinha na manteiga, joguei os nhoques até dourarem, e depois o molho de queijo por cima. Atrapalhada sobre como servir aquilo, levei os pratos já prontos para a mesa. Primeiro os dos dois, depois voltaria para buscar o meu.

— Cuidado, está quente — disse me aproximando. Gabriel e Chris agora conversavam sobre tanques alemães, táticas de guerra e líderes que surgiam de conflitos assim. *Bem vindo ao meu mundo, Gabriel.*

Me enfiei entre eles e pousei um prato na frente de cada um. Meu quadril roçou em sua coxa, disparando eletricidade pelas pernas. Durou só um segundo, o suficiente para deixar o prato na mesa e sair dentre eles. Foi o suficiente para encharcar minhas mãos. Estava tudo ali, como antes: a sensação de perder o norte. O cheiro que trazia de volta sentimentos ruins. As faíscas infernais.

Cambaleei de volta à cozinha para buscar meu prato. Gastei um tempo tentando socar na marra os sentimentos no porão escuro das memórias, mas eles eram ágeis. Quando reapareci, Gabriel olhou para mim como se soubesse de tudo. Ele sabia, e eu sabia que sabia. Conhecia cada reação que eu

tentava esconder, porque certa vez, anos atrás, burra e inocente, adepta da sinceridade completa e cética de que no amor se podia tudo, listei para ele cada reação que ele causava em mim. Eu era um livro auto-escancarado, que estava sendo lido como se fosse o mesmo.

CAIR E LEVANTAR

*Sem sinal de alerta, Sem álibi
Estamos desaparecendo mais rápido
que a velocidade da luz
Tivemos nossa chance, quebramos e queimamos
Não, jamais aprenderemos
Eu desmoronei
Mas me ergui novamente
E então desmoronei
Mas me ergui novamente
E então desmoronei
Mas me ergui novamente*

Alibi, Thirty Seconds to Mars

Embora Gabriel soubesse o que estava acontecendo comigo, nove anos se passaram. Quase uma década era o suficiente para que as pessoas aprendessem uma ou outra coisa sobre embrutecimento, não era? E eu havia embrutecido.

— Adoro nhoque de frigideira — Chris comentou, tentando cravar um deles com o talher. — Você gosta, Gabriel?

Era a primeira vez que ele o chamava pelo nome.

— Está muito bom — Gabriel respondeu olhando para mim. — Você cozinha muito bem, Lis.

— É congelado. E vende no supermercado.

Só faltava essa, ele achar que tirei a tarde para enrolar o nhoque e preparar tudo eu mesma. *Vá sonhando.*

— Congelado? Me sinto então em casa — ele sorriu.

Se seu sorriso não fosse tão familiar, eu responderia que ele *não estava em casa*. O problema é que um cômodo dentro de mim continuava trancado, à espera de uma chave que ele tinha me roubado. Naquele cômodo, ele sempre estaria em casa.

Terminamos de comer. Eu, constrangida e incomodada. Eles, descontraídos e falantes. O jantar terminou sem que eu e Gabriel trocássemos mais palavras. Em algum momento Chris pegou o tablet para mostrar alguma coisa para Gabriel, e encostou nele. Era visível como o homem endureceu ao contato com o menino. Como se ele jamais tivesse se imaginado ao lado de um filho. Para quem nunca teve a chance de *ser* menino — ou ter um pai que ensinasse a natureza da proximidade —, estar sentado à mesa com o filho, ombro a ombro, causava estranhamento. Aposto que quando nos procurou atrás de aproximação, não esperava que a ela fosse ser literal. O corpo do filho encostado no seu, o cheiro da infância, a descoberta de nuances, similaridades, diferenças de uma pessoa que veio de você. A ideia precisaria ser interiorizada aos poucos, sob risco de esmagar o peito.

Gabriel subiu o rosto até o rostinho do menino, que havia colocado os óculos e refletia a claridade da tela. Ele mexia compenetrado os dedos sobre o aparelho, sorrindo quando

achava o que estava procurando. Gabriel estava visivelmente enfeitiçado.

O degelo do coração talvez tenha se iniciado ali, com o calor da visão. Até então eu sentia suspeita, confusão, constrangimento. Mas agora entendia outra coisa. Não queria dar nome àquilo ainda, mas era uma sensação que estava mais para a boa do que para a ruim. Tudo que envolvia nossas crianças nos envolvia.

— Achei — ele disse para o pai, e mostrou no mapa a costa da França para ele. — Foi aqui que as tropas desembarcaram no dia D. Nessas cidades aqui.

O pai ainda olhava para ele, e se esqueceu por alguns segundos do que estavam falando.

— Ah, sim. E você descobriu tudo isso pesquisando?

— Adoro a Segunda Guerra — Chris voltou a olhar para a tela. — Um dia quero ir até lá. Ver com os meus próprios olhos.

Chris finalmente desencostou de Gabriel e voltou a se sentar. Por um tempo Gabriel o olhou, então acordou. Voltando-se para mim, perguntou:

— Por que ele usa óculos?

— Ele tem um grau e pouco de hipermetropia.

— Por quê?

— Como assim, por quê?

— Ele cresceu com tablets? Passou tempo demais vendo TV?

Levei o vinho à boca, olhando Gabriel por cima da borda. Estava bom demais para ser verdade. *Calma, Lis, é só uma pergunta.*

— Não. Ele não cresceu com tablets — respondi, seca. — Algum problema com tablets?

— É só que... — Gabriel parou. Chris levantou os olhos para olhá-lo, assim como eu.

— É só que sua mãe e eu não usamos óculos — Gabriel falou para ele, tranquilo.

O silêncio desabou sobre a sala. Minha cabeça, louca, atribuiu à frase todo tipo de significado ruim, inclusive o de que Gabriel estava questionando minhas qualidades como mãe. E enquanto avermelhava e pousava a taça lentamente sobre a mesa, pronta para o coice, ouvi Chris dizer:

— Oh, oh.

Gabriel e eu o olhamos.

— O que foi? — perguntei para ele. Chris estava com os olhinhos arregalados nos meus. Havia algo divertido em seu olhar.

— Ele descobriu o nosso plano, mãe. E agora?

No primeiro segundo não entendi a piada, mas o sorriso do menino — esperto, astuto, tranquilo — me desarmou. Era ironia em seu estado mais fino, oferecido pela criança da mesa como saída para o clima.

Em um segundo passou de tudo pelo rosto de Gabriel: incompreensão, então compreensão de que estávamos zoando o fato trivial de uma criança usar óculos mesmo que seus pais não tenham precisado de um. Por fim Gabriel entendeu o humor.

Limpei a boca com o guardanapo e pousei-o sobre a mesa, dizendo de maneira cúmplice:

— Fomos desmascarados, Chris. Plano abortado. *Corra.*

A gargalhada do menino quebrou o clima, e ele visivelmente adorou que estivéssemos agora rindo. Sim, Chris cresceu com a droga do tablet, como toda a sua geração. O que certamente o deixou mais esperto, mas também com problemas de vistas. E enquanto eu tinha todas as armas apontadas para o pai, que convenhamos, estava se saindo bem para um primeiro encontro — com exceção da camisa inadequada —, o menino estava monitorando os

humores na mesa, tentando de tudo para fazer aquilo dar certo.

Eu devia aquilo a Chris.

A conversa seguiu leve a partir daí. Talvez tenha sido o vinho — finalizei uma garrafa inteira — talvez tenha sido o esforço de Chris. O fato é que amoleci. Era delicioso ver o pai de Chris se encantar pelo que eu já conhecia — e não tinha com quem compartilhar. Era quase uma sensação divina ver Chris monopolizar a conversa e mostrar que, além de esperto, ele era também espirituoso, gentil, empático. Que adorava temas como meio ambiente, astronomia e música. Que falava de tanques de guerra e soldadinhos de plástico citando frases de Churchill.

As horas passaram e a conversa começou a trazer risadas. As posturas mudaram: Gabriel estava recostado na cadeira, relaxado. Eu me apoiava na mesa. Quem diria, por essa nem mesmo eu esperava. Como não esperava a frase seguinte de Chris:

— Gabriel, como era a mamãe?

A pergunta fez tanto eu quanto Gabriel sentarmos retos na cadeira.

— Como assim? — Perguntei, deslizando os olhos rapidamente para Gabriel.

— Eu queria saber como você era, ué — o menino deu de ombros. — Tia Dalila fala que você era divertida. Animada. Você é tão séria hoje em dia.

Esfreguei os olhos, preparada para dizer que mães sempre mostravam seu lado mais sério com os filhos — e um bem menos sério com as amigas farristas — quando ouvi a voz de Gabriel:

— Ela era a menina mais bonita da escola. E a mais divertida.

Os olhos de Chris chegaram a brilhar. — Jura?

Gabriel não conseguia olhar para mim.

— Juro. Ela vivia rindo. Você trocava duas palavras com ela, e já estava rindo também.

Levei a unha à boca, concentrada em ajeitar com a outra mão o guardanapo sobre a toalha. *Não acredite em uma palavra do que ele disser. Não deixe que elas entrem em você.*

— Mamãe não é mais tão divertida — Chris falou. — Ela é mãe.

A cara de resignação do menino era hilária, mas nada arrancaria uma risada leve de mim no momento.

— E Gabriel, mãe? — Chris perguntou para mim. — Como ele era?

Louco. Lindo. Sexy. Triste. Gabriel aguardava a resposta, mas eu não conseguiria levar a conversa adiante. Olhei para o relógio e tomei um susto: nove horas.

— Uau. Nove horas. — olhei para Chris. — Hora de encerrar a noite, mocinho.

O menino soltou um muxoxo. Mas havíamos combinado previamente que às nove ele viraria abóbora. Ele sabia que eu tinha planos.

Quando Chris deixou a sala para trocar de roupa e escovar os dentes, Gabriel se inclinou sobre a mesa.

— Ele dorme às nove?

Era difícil encará-lo. Sua resposta ainda causava pequenos tremores sob a pele.

— Deixo-o ler até as nove e meia — respondi. *Hora em que você deverá se transformar em abóbora também.*

Gabriel olhou para a direção do banheiro, de onde vinha o barulho de torneira aberta. Enquanto ele observava a casa, levantei e comecei a empilhar os pratos.

— Eu te ajudo — ele disse se levantando. Trouxemos a louça para a cozinha minúscula, onde a bagunça me aguardava. Ele pousou os copos sobre a pia ao meu lado. Podia sentir o calor de sua presença. Não o mesmo calor que

antes, mas ainda assim me fazia suar. *Ele não é a mesma pessoa, coloque isso na cabeça, Lis.*

Eu estava me saindo bem, mas jamais poderia dizer que estava sendo fácil.

Ao dar meia volta, quase tropecei nele. Para passar, ele precisaria sair da frente.

— Licença.

Ele deu um passo para o lado. Uma coisa era recebê-lo como pai de Chris. *A outra coisa era outra coisa.* E essa outra coisa era intolerável.

— Precisamos conversar — ele falou atrás de mim. Continuei a esvaziar a mesa, fingindo não ouvir. *Eu sei. Não quero.* — Podemos conversar depois que ele dormir?

— Não — respondi seca. — Não podemos.

Ele não facilitou quando tentei passar por ele outra vez. Colocou-se na minha frente, como um muro. Subi as vistas. Ele estava sério, bem mais contido que a figura teatral que incorporava no palco. Era estranho como me acostumei com aquela performance nos últimos anos. Como o achei bobo, juvenil e dramático. Ele mostrou outro lado à mesa, com Chris, e agora mostrava um terceiro lado que não conhecia.

É claro que precisávamos conversar. Havia agora uma criança em sua vida, e uma ex namorada que não estava muito disposta a facilitar as coisas.

— Eu te devo desculpas — ele falou com os olhos nos meus. — Assim como você também me deve algumas.

Mais uma vez eu era Lis, a tocha humana. O rosto incandescia, vermelho e quente.

— Não é hora nem lugar — falei baixo, ouvindo Chris retornar do quarto. — Outro dia.

Chris chamou meu nome: — Mãe?

— Estamos aqui — falei olhando a porta. O menino apareceu na cozinha.

Ele vestiu a camisa do Bandits por cima do pijama. A blusa batia no joelho, e eu estava começando a ficar irritada com o FUCK THE LAW gritando na minha direção. Gabriel soltou uma risada, olhando de maneira carinhosa para o filho.

— Você sabe que sou advogada? — Perguntei para Gabriel. — Que trabalho *dentro* da lei, *para* a lei, *pela* lei?

— Não — ele respondeu, divertido. — É uma piada com o nome do grupo, só isso.

— Gabriel pode me colocar hoje para dormir? — Chris pediu.

— Se ele não estiver de saída, claro que pode.

Gabriel olhou para mim: ele não estava de saída. Os dois foram conversando em direção ao quarto, e eu suspirei aliviada por ele sumir da minha frente. *É uma brincadeira com o nome do grupo*, eu o imitei com uma careta. *A música idiota também foi uma brincadeira?*

Sozinha na cozinha, tapei o rosto com as mãos. Aquela noite consumiu toda a minha reserva de sanidade. Nunca pensei que fosse tão difícil compartilhar meu filho com alguém. Era como se um pedaço de mim já estivesse fazendo falta. Eu amava a ideia de exclusividade, era uma egoísta assumida. Precisaria aprender, momento a momento, que ser egoísta era algo que só favorecia a mim.

Suspirei, ajeitando a roupa. Em breve Dalila estaria ali, assim como Vicente, e eu precisava me aprontar. Segundas feiras não eram um bom dia para jantares de apresentação, mas agora estava feito.

Olhei outra vez para o relógio. O plano era sair da casa sem deixar Vinícius perceber que Gabriel esteve ali. Ele não costumava entrar; estacionava na rua, me mandava uma mensagem e eu descia. Nessas noites Dalila tomava conta de Chris, em troca de um acordo que eu e Carlão fizemos na época em que a defendemos no processo de divórcio. Aquele foi o pagamento arranjado, e funcionava bem para as duas

partes. A casa era tranquila, Chris geralmente dormia até as sete do dia seguinte, e Dalila colocava as séries da Netflix em dia. Para uma mãe sobrecarregada, segundas costumavam ser o dia em que eu trans...

Droga. Onde estava com a cabeça de marcar isso na segunda?

Enquanto ouvia as vozes vindas do quarto, retoquei a maquiagem e escovei os dentes. A cabeça continuava aérea por causa do vinho, e da voz rouca e fora de lugar que vinha do outro cômodo. Gabriel estava lendo para Chris.

Às 9h20, quando Gabriel retornou do quarto, minha bolsa já estava sobre a mesa, e eu de pé, ao lado dela. Já havia trocado de roupa, penteado o cabelo e passado o batom. Estava na cara que eu tinha um compromisso.

Gabriel parou na minha frente. Correu os olhos pelo meu rosto, depois desceu-os discretamente para o vestido que eu vestia.

— Vai sair?

— Segunda feira é o dia em que... em que Dalila passa a noite com Chris.

Gabriel enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça, correndo os olhos pensativos pela mesa. Seu cabelo estava desarrumado. Algumas mexas caíam atrapalhadas sobre os ombros, enquanto outras eram mantidas seguras e comportadas atrás da orelha. Embora hesitante, ele perguntou assim mesmo:

— Por quê?

— Por que vou sair?

— Por que Dalila vem dormir aqui às segundas?

— Um acordo antigo. Nas segundas durmo na casa do meu noivo.

Seus olhos cresceram. Um segundo depois, a cor do rosto era varrida como essas explosões que levam tudo embora. Sua surpresa foi uma surpresa para mim.

— Você está noiva?

Fiz que sim, sentindo um calor estranho aquecer o peito.

Olhamo-nos por mais tempo do que deveríamos. Não sei no que ele pensava, mas sabia que não lhe devia explicações. Como ele não me devia nenhuma. Estávamos nos revendo por causa de Chris, e era isso. Ele mesmo namorou Tris durante anos. *Anos*. Eu tinha o direito de estar noiva, óbvio.

O problema é que nada explicava a vaga inquietação que crescia dos dedos em direção aos braços. Que recaía sobre os ombros como um manto escuro e pesado, e tomava o peito como uma mancha. E o mesmo parecia acontecer com ele. Ele parecia... devastado.

— Estão de casamento marcado?

Não estávamos, mas fiz que sim. Era bom que ele se acostumassem à ideia.

Gabriel levou as mãos ao cabelo e o ajeitou. Deu dois passos para os lados, voltou. Me olhou de novo. Não conseguia decifrar seus pensamentos, mas eles pareciam perigosos.

— Preciso ir — falei apressada. — Você pode ficar aqui com Dalila, ou voltar outro dia.

Eu estava tentando ser generosa. *Mentira, eu estava tentando escapar.*

— Não — ele respondeu, sério. — Queria que *você* ficasse. Tenho coisas para falar. Sobre a música Aquela Garota, sobre minha partida nove anos atrás. Sobre o que vai acontecer agora.

Peguei a bolsa e a coloquei sobre os ombros. *Não mesmo*. Minhas mãos tremiam e eu mal conseguia me concentrar no que ele falava. Dei meia volta, atordoada, mas antes que alcançasse a porta, Gabriel cruzou a sala e se colocou entre mim e a saída.

— Esperei nove anos por esse momento. Sinto muito, Lis, mas hoje você vai me ouvir.

INFELICIDADE SEGURA

*"Ser feliz era a bandeira
que ela buscava no topo da montanha
eu escalei o monte com ela
Um percurso difícil para um homem quebrado
Eu sabia que a bandeira tinha sido levada
e hoje só havia o culto à sua presença
mas ela insistia
E por ela escalei o monte de mentiras
sabendo que não existia felicidade sem garantias
só infelicidades seguras..."*

In-feliz, trilha do álbum "Bandits United", 2011

Desconfiava que algumas linhas de batalhas só seriam definidas depois que o menino se deitasse, e estava certa. Meu corpo fervilhava de tensão.

— Não quero ouvir nada. Não exigí explicação. Por favor, não estrague a noite. Foi perfeita para quem precisava que ela fosse.

— Ele é fabuloso, Lis — ele amansou ao falar de Chris, olhando com os olhos comidos de amor em direção ao quarto do menino. — É simplesmente fora de série. Eu estou...

muito surpreso, claro, mas também muito perdido com tudo que aconteceu nos últimos tempos.

O celular vibrou dentro da minha bolsa. Geralmente era Dalila, avisando que estava chegando. Ou Vinícius.

— Você terá tempo para digerir tudo. — Falei olhando para a porta. — Agora me dê licença, eles chegaram.

Ele deslizou pela madeira, colocando-se na frente da maçaneta. Ele não me daria licença. Estávamos muito próximos, bem mais perto do que deveríamos estar. Dali conseguia sentir seu maldito perfume, e sob ele, a nota única da sua pele. *Que inferno.*

As pálpebras de Gabriel baixaram. Ele estava olhando para a minha boca.

— Eu não voltei para Porto porque não consegui.

De todas as frases que poderia dizer, e todos os assuntos que poderia abordar, ele escolheu o mais difícil. O que cravava mais fundo a farpa que ele próprio havia deixado no meu coração. Eu *sei* que ele nunca mais voltou; eu o esperei.

— Licença. Por favor.

— Cheguei a tocar duas vezes aqui. Esperei que você fosse aos shows.

— Eu jamais iria aos shows.

— Eu teria pedido desculpas publicamente. A música te magoou, eu sei.

Encarei-o, já não ligando mais que meus olhos estivessem cheios de água.

— Você cresceu por causa daquela música. Foi um bom negócio para você.

— Quero me redimir — ele falou.

Por que a sala estava tão quente? Por que eu ainda sentia tanta coisa por ele?

— Não precisa. Não estou cobrando nada. Apenas que saia da minha frente.

Outra vibrada dentro da bolsa, e eu sabia que Dalila e Vinícius estavam lá embaixo. Mas Gabriel não estava com pressa.

— Se te interessa saber, não houve vez nesses últimos nove anos que tenha cantado a música sem me lembrar de você. E em cada uma delas, fiquei mal. Eu nunca vou me esquecer o que você fez por mim.

O que nunca esqueceria, Gabriel? Eu ter te recolhido do meio da rua numa noite de tempestade? Minha reação ao saber que beijaria Tris sobre o palco, já perto do fim? Meu empurrão que te levou ao chão, meu dedo apontado na sua cara dizendo que nunca mais se aproximasse de mim?

— Esquecer faz bem.

Ele respondeu tranquilo: — Não consigo.

Da sala eu podia ouvir o barulho do antigo portão de ferro se abrindo e fechando no térreo. Alguém estava subindo as escadas. O coração não batia; retumbava.

— Não posso te ajudar — dei um passo para trás, mas sua mão segurou meu braço. Como se superaquecidas por um pulso forte de energia, as pernas falharam. Meus circuitos estavam pifando.

— Você disse naquela noite que eu nunca chegaria a lugar algum — ele falou sem rancor na voz.

Tentei puxar o braço, com vontade de gritar que a frase tinha um contexto que ele ignorava. Mas suas mãos me seguravam firmes, e eu estava nervosa demais:

— Retiro o que disse. Eu estava claramente errada. Você chegou *lá*, seja lá onde lá é, e todos viram.

Ao invés de me soltar, Gabriel me puxou. Eu poderia gritar, me debater ou passar um sermão sobre como não podíamos segurar os outros à força, mas teria que explicar porque dei um passo adiante. No mais, seus dedos não me machucavam no sentido violento da palavra. Machucavam no sentido *triste*.

Os olhos absurdamente azuis estavam nos meus. Passavam como sempre a mesma falsa serenidade que costumava rasgar meu estômago em pedaços.

— Eu vi o áudio da visita — ele falou baixo.

Os passos do outro lado da porta eram audíveis.

— Que áudio? — Murmurei sentindo o cheiro que vinha do seu pescoço. Perfume masculino. Suor. Afastem-se, lembranças.

— O do hospital.

Estremeci ao ouvir a batida na porta. Gabriel estava escorado nela, a cabeça na madeira, impassível. *Que batessem*, sua postura dizia. Ele me tinha presa, próxima demais de seu peito, e comecei a suar. *Era Vinícius do outro lado? O que eu estava fazendo?* Onde estava a força para chutá-lo e gritar "me larga"?

Baixinho, de modo que eu só consegui ouvir porque estava a centímetros de seu rosto, ele falou:

— Você sempre teve razão. Eu não cheguei a lugar algum, porque nunca saí daqui.

E assim que disse isso, largou meu braço e me segurou pelo rosto, como costumava segurar. Puxando-o, colou os lábios nos meus até que a batida na porta me fez saltar para trás.

— Lis?

Meu cérebro havia pifado. Travado na parte em que Gabriel dizia: *eu nunca saí daqui*. Fragmentado em mil pedaços quando senti a textura de sua boca. Que merda isso significava? Por que ele tinha me beijado?

Dei dois passos para o lado, ofegante. *Como ele se atrevia vir aqui e misturar tudo?* Joguei nervosa a bolsa em cima da mesa e abri a porta em um rompante. Gabriel foi obrigado a dar um passo para o lado para não ser esmagado pela madeira.

Dalila entrou, entediada.

— O que aconteceu, por que você está com essa cara esfolad...

Assim que ela viu Gabriel o meu lado, sua bolsa caiu no chão. Seus olhos se arregalaram, e ela levou a mão à boca.

— PUTA. MERDA. PUTA. MERDA. — O segundo de completo constrangimento foi sucedido por um grito: — Caráleeeeeoooo, não acredito! Gabrihell ?!

Meu *shhhh*, fale baixo! se misturou aos seus pulinhos, e o sorriso arrasa quarteirões de Gabriel.

— Ah meu Deus, ah meu Deus, ah MEU DEUS, não acredito que você está em Porto! — ela olhou assombrada para mim: — Chris já sabe? Vocês contaram para ele?

Fiz que sim, voltando a pegar a bolsa que tinha largado de lado. Alguma coisa precisava esconder o tremor das mãos. Gabriel estendeu a mão para ela.

— Lembro de você — ele falou. Dalila fez uma cara engraçada e olhou para mim. Assim que a mão dele a soltou, ela recuperou a bolsa e começou a procurar algo lá dentro.

— E eu de você! — ela gritou tirando o celular da bolsa. — Precisamos fazer um selfie, JÁ!

Ah, Deus. Gabriel arregalou os olhos para mim e fez *não*, mas Dalila já estava com a cabeça deitada em seu ombro, e o clic denunciou a foto. Ele abriu e fechou a boca, sem conseguir reclamar, assustado com a rapidez daquilo. Apontando para o celular, disse sem jeito:

— Só não marque a localização de onde eu estou porque...

— CHU-PA ... — Ela o ignorou, murmurando enquanto digitava freneticamente — ... FER-NAN-DO...!!!

Gabriel olhou para mim com uma cara engraçada.

— Voilá! FOI! — ela olhou sorrindo para ele. Sem que ele perguntasse, ela falou. — Ele merece que eu esfregue isso na cara dele. Ele era seu fã, o filho da puta. Mas me largou. Eu emagreci DEZ QUILOS por causa dele. Dez! Pois bem, ele que se doa, agora.

Um segundo de constrangimento depois, Gabriel perguntou:

— Seu ex?

— Meu ex? Credo, não. Meu *Personal*. Meu ex me trocou por ele. Aquele viado filho da puta. Ele não podia ficar com nós dois? Não. Preferiu ficar com meu marido. Agora está lá, emagrecendo aquele pançudo. Mas ele vai se doer, sei que vai.

Aproveitei que Dalila monopolizaria os ouvidos de Gabriel nos próximos minutos para falar sobre o fim de seu relacionamento perfeito com o ex *personal* — motivo pelo qual Vinícius jamais subia — e caminhei para a saída.

— Preciso ir, Dalila. Vinícius vai chegar daqui a pouco e ...

— Já estou aqui em cima — A voz grossa chegou do corredor. Dalila parou de falar, e Gabriel recuperou o interesse na situação.

Os calafrios corriam para cima e para baixo pela coluna. O nervosismo havia dado lugar ao pânico.

Assim que Vinícius pisou na porta do apartamento, Gabriel colocou-se do meu lado. A surpresa de Vinícius só não perdeu para a minha.

— Lis? — Vinícius correu os olhos por mim, parando em Gabriel. — Está acontecendo alguma *reunião* por aqui? — Ele perguntou quando enfim viu Dalila.

— Gabriel veio conhecer Chris. Mas já está de saída — disse, seca.

— Na verdade, você disse que eu podia ficar — Gabriel respondeu. Estendendo a mão em direção a Vinícius, falou.

— Prazer. Sou Gabriel. *Pai de Chris*.

Ah, pronto.

Vinícius o cumprimentou com a cara amarrada. Ambos estavam sérios, e mediam-se de maneira ridícula, como se disputassem espaço. O espaço da minha casa.

— Estou pronta — disse para Vinícius, ignorando que Gabriel tenha decidido ficar. — Dalila, Chris está excitado com tudo que aconteceu. Se ele acordar no meio da noite, leve-o de volta para cama. Não deixe que ele te convença que quer assistir "só um pouquinho de TV". É golpe.

— Pode deixar — Dalila respondeu alternando os olhares entre o meu rosto e o de Gabriel.

Vinícius se inclinou quando parei na sua frente e me deu um selinho. Eu sentia o olhar de todos nas minhas costas.

— Bem — Olhei para Gabriel com o coração socando violentamente o peito. — Obrigada por vir. A gente se vê.

— Voltarei amanhã — ele anunciou. — Combinei com Chris de que o porei na cama outra vez.

— Está de mudança para Porto das Pedras? — Vinícius perguntou. Eu sentia algumas coisas em seu tom. Deboche. Preocupação.

— Tenho uma casa na cidade — Gabriel respondeu olhando para mim. — Acho que ficarei um tempo por aqui.

Isso não poderia ser bom.

Meu noivo olhou para mim. Molhou o lábio com a língua e balançou a cabeça, definitivamente incomodado.

— Nos vemos amanhã, então — ele anunciou.

Agora os dois viriam para cá amanhã à noite.

— Até amanhã — me despedi de Gabriel, e parti ao lado do meu noivo.

DESCULPAS

*"Essas são as mentiras que eu criei
Essa é a história da minha vida
Essas são as mentiras que eu criei
Estou no meio do nada
E é onde eu quero ficar
Estou no fundo de tudo
E finalmente começo a viver
Essa é a história da minha vida
Essas são as mentiras que eu criei [...]
E eu juro por Deus
Que eu me encontrarei
no fim"*

The Story, 30 Seconds to Mars

— Por que não me contou que ele estava na sua casa? —
Vinícius perguntou assim que entramos no carro.

— Não tive tempo, nem cabeça.

Ele ligou o carro. Queria olhar para cima e ver se Dalila e Gabriel estavam na janela, mas não seria incauta assim. Eu

havia excedido em tudo naquela noite. Não em comportamento — esse eu consegui segurar. Em sentimentos, mesmo. Eu deixei todos fugirem do lugar onde os mantinha cativos. Como um caseiro relapso que deixa aberta a porteira e a criação inteira escapole. Eu passaria a noite — e os próximos anos — caçando de volta cada emoção e lembrança que deixei escapar na selva que era o meu peito. Que tristeza ter que começar a caçada ao lado do homem com quem eu estava para casar.

— Não achei legal — Vinícius falou. — Você não se sentiu bem em me dizer? É isso? Não gostei.

— Não fui eu quem o convidei para jantar — respondi olhando para ele de cara feia. — Foi ele quem se ofereceu. E na frente de Chris. O que eu poderia dizer? Que o pai do menino não era bem vindo?

— Lis, é a sua casa. Suas regras.

— Exatamente — respondi, dura. — Minha casa, minhas regras. Não me senti bem em contar para você, só isso. Ele tem o direito de conhecer Chris.

O silêncio desabou no carro. Cruzamos calados as ruas da cidade, deixando as ruelas escuras para trás. Íamos em silêncio porque ninguém queria brigar. Eu, pelo menos, não queria.

— ...O que me leva a perguntar por quê — Vinícius falou depois que viramos na esquina da sua rua. — Você poderia ter sido racional e me falado tudo. Mas optou esconder.

Soltei um grunhido impaciente. Por que esconder algo tão importante de você? *Porque Gabriel mexia com tudo em mim, do dedo do pé ao último fio de cabelo, e minha consciência estava tão pesada por causa disso que não consegui falar nada.* Esse era o motivo. A droga do motivo.

Mas nada estava perdido ainda. Eu era dona de minhas emoções. Eu controlava meus sentimentos — ao menos um pouco, eu gostava de acreditar.

— Você tem razão — respondi, me acalmando. — Você não imagina o choque que está sendo para mim. Nunca pensei que dividiria Chris com alguém. E agora preciso pensar nisso, porque há a possibilidade.

— Não dê chances para isso acontecer.

Olhei para Vinícius, sem entender. Ele parecia sério quando se virou para mim e disse:

— Afaste Gabriel do menino. Sério, o que o garoto poderia aprender com aquele traste humano?

A resposta saiu de mim automática: — Ele não é um traste humano.

Vinícius estacionou o carro na frente da casa e puxou forte o freio de mão.

— Por favor, Lis. O cara era uma drogado, e certamente ainda é. Você ficou com ele o quê? Alguns meses durante a adolescência? Depois só ouviu falar dele outra vez quando ele teve uma overdose. Pelo amor de Deus. Não tem medo de que tipo de influencia ele teria sobre o seu filho?

Voltei a olhar para a frente, angustiada pelo que Vinícius tinha acabado de falar. Não havia uma única mentira no que ele disse, e ao mesmo tempo, nenhuma verdade. Nunca achei que Gabriel fosse um traste. Perdido, sim. Não uma má companhia.

Mas ao mesmo tempo, precisava admitir que ele muito provavelmente ainda usava as mesmas drogas que anos atrás, e que não era um exemplo de bom comportamento.

Exalei alto, exausta. Aquela noite tinha acabado comigo.

Vinícius desligou o carro e a rua escureceu sem a iluminação dos faróis. Sua casa, não muito distante de onde eu mesma morava anos atrás, era pequena mas confortável. Moraríamos ali depois do casamento, havíamos combinado. Era uma área segura e arborizada de Porto, onde as crianças ainda brincavam na rua. Ele saltou do carro e eu saltei em seguida. Minhas pernas se moviam pesadas, como se

carregasse atrás de mim anos de história mal resolvida. Não gostava do frio da barriga que sentia toda vez que lembrava de Gabriel sentado na minha frente, na minha sala, olhando para mim como se estivesse ali não apenas por causa de Chris, mas também por causa de... nós. Ele havia se transformado em um *homem* depois de todos esses anos. Um homem lindo. Os ares de adolescente tinham ficado para trás, e havia força no seu rosto. Uma aura masculina de atrativos inigualáveis. Uma expressão de segurança que tanto me derretia quando apavorava. Gabriel era um perigo para mim.

Vinícius abriu a porta da casa, acendeu as luzes e jogou as chaves sobre a mesa.

— Vou tomar banho — avisou, desabotoando o primeiro botão da camisa azul. — Você vem?

Olhei para ele e sorri. Com a correria da semana e os fins de semana reservados para os programas com Chris, tínhamos pouco tempo para ficarmos a sós. Esses eram os momentos em que podíamos ficar juntos, mas querer, hoje, eu não queria. E não era apenas por cansaço, era por... Sei lá.

Ao mesmo tempo, não podia deixar que Gabriel alterasse minha rotina com Vinícius. Eu tinha aceitado passar a vida ao lado daquele homem, que nunca deixou de ser carinhoso e amigo. Dizer não era dar muita chance para que aquele *corpo estranho* que me habitava crescesse novamente, e me tomasse inteira.

— Claro. Me dê só um minuto.

Ele subiu as escadas e eu suspirei. A proximidade com Vinícius era o que me traria de volta à razão e à normalidade, eu tinha certeza.

Entrei finalmente no banheiro. A ducha quente estava aberta, o jato descendo forte sobre as costas largas do meu noivo. O vapor havia embaçado o box, os espelhos e também o ar. Tirei a roupa e abri a porta de vidro. O vapor se dissipou,

mostrando o corpo do homem que eu amava. Aproximei o corpo do dele, sob o chuveiro, e o abracei. Colei o rosto em suas costas sentindo a água quente levar meu cansaço embora. Ele se virou, e me envolveu com os braços. *Olhe para ele, Lis. É ele que você ama.* Ele se inclinou e eu o beijei. Com vontade. Ele não estava com a mesma euforia que eu, mas eu insisti. Com força, talvez *força demais*. Era falsa paixão. Mas se eu não o beijasse, beijaria outro em pensamento, e isso eu não suportaria.

O beijo regrediu do falso para o medíocre, e esfriou quando Vinícius se afastou alegando estar cansado.

— Podemos deixar o sexo para outro dia? — ele perguntou.

— Claro.

Tomei o resto do banho envergonhada e furiosa. Confusa, mas também triste. Estava acontecendo outra vez. A bruxaria, o caos. Era só Gabriel aparecer para eu desintegrar. E Vinícius sentia.

Abri a porta do box e puxei a toalha. *Por que não existia uma pílula do esquecimento? Uma máquina que arrancasse de nós certas pessoas?*

Vinícius já estava na cama quando voltei para o quarto. Estava deitado de lado, e fingia dormir. Enquanto colocava meu pijama, ele eventualmente dormiu. Deitei ao seu lado com o corpo leve do banho quente e a cabeça quente de preocupações. O noticiário das 11 trazia notícias desinteressantes, mas eu não consegui pregar o olho.

Era como se eu tivesse sido pega em uma corrente subterrânea que me arrastava para o fundo, um lugar que eu não podia visitar. Levantei e coloquei o roupão por cima do pijama cor-de-rosa e descí, amparando as mãos na parede devido à escuridão, não mais sedada pelo vinho. Eu estava alerta e com as memórias no lugar — infelizmente, no lugar errado. Não sei por que decidi caminhar, quando vi já estava

com a mão na maçaneta. Coloquei o tênis e saí, o cabelo molhado amarrado em um coque em cima da cabeça, e uma necessidade absurda de respirar. Queria ar fresco, me cansar, esquecer, conversar em pensamentos com a minha mãe, organizar na cabeça como seria a vida agora que Chris e Gabriel tinham se conhecido.

Peguei a direção contrária à da praia. As ruas escuras e residenciais eram mais atrativas, e duvidava que encontraria alguém aquela hora da noite. Passei a primeira esquina, com as mãos no bolso, dando boa noite para o guardinha que circulava de bicicleta pelas ruas tranquilas, apitando de quando em quando para que soubessem que ele estava por ali. Ele acenou e continuou a ronda, e eu me senti tentada a ver como a casa estava.

Tinha conversado uma época com Vinícius sobre comprarmos a casa que foi da minha mãe. Sozinha eu não teria o dinheiro, mas a dois poderíamos paga-la. Eu amaria morar lá novamente. Era uma casa simples, bem dividida, construída décadas atrás com amor. E tinha aquele jardim de inverno que eu sentia falta, e memórias em cada canto. Vinícius topou, até que descobrimos que ela havia sido vendida anos atrás, e que o morador nunca se mudou. A nova proprietária da imobiliária não quis dizer quem era o dono, mesmo estando dispostos a fazer uma oferta. O assunto ficou esquecido; a casa, não.

De longe ela continuava perfeita. Isolada no fim de uma rua sem saída, com vista para as outras, e para a pequena mata que circulava o bairro. Sorri ao vê-la. Uma vez, anos atrás, avancei pelo jardim e tentei olhar para dentro, pela janela imunda. Talvez desse para ver alguma coisa hoje. Se alguém havia pisado nela, ou se poderia haver alguma correspondência para o dono na caixa de correios. Dava pena ver uma casa tão bonita caindo aos pedaços.

Caminhei mais devagar à medida que me aproximava. As lembranças vinham a cada passo: as brincadeiras no quintal, as conversas que tinha com minha mãe sentada nos degraus da varanda, os canteiros de flores. Olhei para cima, me lembrando do banquinho em cima do telhado.

Os olhos se ajustaram à escuridão. A casa era um grande borrão em contraste com o céu azul marinho, mas tive a impressão de ver um vulto sentado em cima do telhado.

Não pode ser. Ninguém sabia sobre o banquinho.

A figura se levantou ao ver que eu me aproximava, e o ar sumiu. Dei meia volta com o coração aos pulos, envergonhada por ter sido pega bisbilhotando a casa. Quão estranho era uma mulher caminhando sozinha no meio da rua vazia, encarando descaradamente a propriedade dos outros?

Acelerei o passo em direção à casa de Vinícius, quando ouvi um assovio. Parei no meio da rua, reconhecendo o som. Virei devagar, e o vulto escuro acenou.

Gabriel?

Olhei para o caminho até a casa de Vinícius. *Corra daqui.* Mas ao mesmo tempo, aquela era a casa da minha mãe. Quando ele disse que tinha uma casa na cidade, ele estava falando *daquela* casa?!

Não saí correndo, nem disparei em direção à segurança de meu noivo. Me vi caminhando na direção errada. Por que ele havia alugado justamente aquela casa?

Ao chegar no gramado, ele me esperava da porta. O coração começou a bater rápido e desordenado. Subi as escadas da varanda irritada, apertando o roupão contra o corpo. Minhas mãos tremiam. Meu corpo inteiro formigava.

Parei a uma distância segura, porque seria loucura chegar perto demais. A noite havia trazido emoções em excesso para terminar assim, comigo na sua frente, sozinha e no escuro.

A expressão de Gabriel era soturna, como se minha presença ali o preocupasse muito mais que o surpreendesse.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— Acho que o mesmo que você.

Aquela voz era a minha perdição. Tão suave e rouca, tão íntima e familiar. Olhei para as janelas sujas, para a madeira descascada do balanço que resistia ao tempo e ao descaso.

— Você a alugou? Essa era a casa que disse ter na cidade?

Ele continuava a me olhar de maneira estranha. Não parecia o homem gentil que se esforçou para parecer na frente de Chris. Também não parecia com o garoto que vinha me ver depois da escola. Era um novo homem que eu não conhecia.

— Sim — ele respondeu olhando para outro lado. — Para a temporada.

Passada a minha surpresa, ele caminhou até o balanço suspenso e se sentou. As correntes rangeram, fazendo um som velho e familiar.

— É uma pena que ela esteja assim — falei observando a estrutura ao redor.

— Como queria que ela estivesse? — ele perguntou.

— Como antes. Com minha mãe tomando conta do jardim. O cheiro de bolo vindo da cozinha. Os cômodos ensolarados.

Ele sorriu, tranquilo. Eu queria o impossível.

— Por que justamente aqui? — perguntei. *Por que essa casa, entre todas? Por que ali?*

— Ela estava disponível. E no mais, tenho lembranças daqui. Mais especificamente, lá de cima. — Ele olhou para o telhado.

Ele riu, e sei que se lembrava do dia em que fumamos e eu arranquei minha blusa e a joguei no quintal, e depois entramos porque eu cismeí que queria perder minha virgindade com ele no sofá da sala. E enquanto pensava

nisso, lembrei do dia também. E comecei a sentir o coração bater no pescoço, nos pulsos, nas pernas e dentro da cabeça. Eu era, inteira, um coração pulsante e errático.

— Você tinha acabado de me apresentar para a maconha. Dê um desconto — eu disse constrangida, ciente de que ele também se lembrou da noite.

Eu sabia que ele estava rindo, mas não conseguia olhá-lo. Eu mal conseguia esconder dele a respiração alterada que as memórias trouxeram.

Um tempo imenso se passou até que eu confessasse: — Acho que aquela foi a última vez que fiz algo errado.

Eu não tinha um pinga de orgulho daquela frase. Aposto que ele também não tinha da resposta que deu: — Não teve dia em que não fiz algo errado, desde então.

Não falamos por um tempo. Ajeitei a barra do pijama, ele mexeu os pés, traçando desenhos aleatórios na madeira do chão.

— Fora a música, nada mais pareceu certo depois daqui.

O tom da frase era pura melancolia. Estava tudo nela: a tristeza que ele mantinha à distância mas nunca ia embora. O sentimento que provavelmente o fez querer desistir de tudo e tomar uma caixa de remédios para dormir. Abri a boca e fechei, mais uma vez abalada pelas coisas que ele falava, ao mesmo tempo que não sabia como responder. Era horrível ver que ainda me sentia atraída pela sua escuridão. Ela devia me causar medo, mas agia de maneira contrária.

— Seu noivo mora aqui perto? — Ele perguntou de rompante. Abracei os joelhos e pousei o queixo sobre eles, fazendo que sim.

— Três ruas atrás.

— Ele sabe que você está aqui?

Balancei a cabeça que não.

— Perdeu o sono?

— Às vezes gosto de passar aqui na frente. Olhar a casa, ver se alguém a comprou. Por falar nisso, depois me passe depois o contato do dono. Quero fazer uma proposta quando a temporada acabar.

Eu podia sentir Gabriel olhando para mim. No que pensava, não sabia. Imaginá-lo circulando por Porto das Pedras durante a temporada era difícil. Como ele afastaria a multidão de fãs? Como veria Chris sem trazer caos? Seriam os três meses mais compridos da minha vida.

— Quer entrar? — ele perguntou. — A casa está cheia de sujeira, mas por dentro está a mesma coisa.

Olhei com o coração apertado para a porta aberta. Mesmo na penumbra eu conseguia sentir o calor dos anos passados ali. Fiz que sim, e ele se levantou. Estendeu a mão para me ajudar, mas recusei. Não podia sequer sonhar em encostar nele.

Ele entrou primeiro e eu o segui. Era um risco estar ali. A casa continuava a mesma, o cheiro de mofo, as lembranças pregadas nas paredes como quadros antigos. E entre todas as coisas que deixei para trás, o imenso sofá azul.

Gabriel parou ao lado dele.

— Por que deixou ele para trás?

— Não cabia no apartamento — respondi, parando ao seu lado. Eu me via ali, e pelo olhar dele, ele também. Braços e pernas entrelaçados, beijos românticos, promessas de amor.

Ele se virou e me encarou.

— Posso te perguntar uma coisa? — Minha resposta foi olhar para ele. — Se eu não tivesse parado no hospital, algum dia teria me procurado?

Balancei a cabeça que não.

Ele me olhou por uma eternidade. *Eu nunca teria te procurado.* Você continuaria em mim, mas trancado em um cômodo escuro. Eu evitaria você na TV. Eu tentaria suprir Chris pelo pai que não consegui dar. Eu me casaria com

Vinícius e tentaria fazer com que desse certo. Eu não seria infeliz; apenas incompleta.

— E você? — eu devolvi a pergunta. — Teria voltado se eu não tivesse contado sobre Chris?

— Eu voltei — a resposta dele veio tranquila. — Algumas vezes.

Você voltou?

Gabriel deu um passo adiante, e eu não consegui me mexer. Ele levou a mão até meu cabelo e o soltou, e o coque bagunçado se desfez como os planos de não deixá-lo se aproximar. Eu destruiria tudo que construí se não me movesse. E mesmo sabendo disso, não me movi.

Uma frase tola dançou na mente enquanto ele encostava o peito no meu. *Qual era mesmo o destino das coisas frágeis?*

Sua cabeça se inclinou, e seu braço enlaçou minha cintura. E eu ruí.

ENTREI AFOGUEADA na casa de Vinícius algum tempo depois. Respirando com dificuldade, chocada pelo que deixei acontecer. Tirei o roupão e subi as escadas, tentando fazer silêncio. Deitei ao seu lado, imóvel, e encarei o teto pelo que pareceu uma eternidade.

Na cabeça, as cenas da noite colidiam com os planos de vida. Eles não combinavam. Eu podia botar tudo abaixo se pensasse nisso, então fechei os olhos e rezei que as imagens sumissem.

Mas as imagens não sumiram.

Passei o braço em torno do corpo do meu noivo, arrependida do que tinha feito. Desejando ardentemente que ele se virasse agora e dissesse algo bonito que me fizesse lembrar do porquê queríamos compartilhar a vida. Por que ele havia me escolhido entre outras. Que dissesse que tudo

ficaria bem. Naquele minuto, eu acreditaria nele porque queria acreditar. Muito.

Fechei os olhos e desejei do fundo do coração que meus planos seguros dessem certo.

Mesmo tendo feito algo muito errado naquela noite.

SOB AS ESTRELAS

*"Oh, o motivo pelo qual aguento firme
Oh, porque preciso fazer este buraco desaparecer
É engraçado, você é quem está em ruínas
Mas eu era o único que precisava ser salvo
Porque quando você nunca vê as luzes
É difícil saber quem de nós está desabando ...
Algo no seu jeito de se mexer
Faz com que eu acredite não ser possível viver sem você
Isso me leva do começo ao fim
Quero que você fique, fique
Quero que você fique"*

Stay, Rihanna

Presente
Gabriel

Só voltei a respirar quando deixei a casa. Não tinha percebido que o peito estava achatado, como se alguma

coisa tivesse sugado o ar do mundo e embalado meu coração à vácuo.

Eu estava assombrado. Um calor desconhecido irradiava através do corpo, e o peito estrondava pelo jato de adrenalina. Uma batida diferente de todas as outras; sístole e diástole criando uma percussão própria. O menino que até dias atrás eu não conhecia tinha me dado uma rasteira. Eu queria tudo que aquela casa tinha. *Tudo*.

Eu queria aquele menino.

Queria ser pai. Queria ser aquilo que até algum tempo atrás desprezava, achava prescindível, um conceito idiota. Mas que agora eu *era*. E isso implicava em tanta coisa que me sentia zozinho. Não perdido como no passado, sem o mapa da vida, onde tanto o caminho para o bem quanto o para o mal se confundiam: era outra coisa. Eu estava perdido em um lugar que queria conhecer. E tudo que eu precisava fazer era seguir o fio deixado naquele labirinto que abandonei, anos atrás.

Mas havia um elemento nessa história que não era novo, nem por isso menos impactante.

Lis.

Cocei o cabelo, andando até o carro. *Caralho*. Ela estava ainda mais fenomenal. Mais bonita, mais segura, mais perfeita. Bem, a perfeição era uma rota natural e inevitável, no caso dela. O que eu não esperava é que ao colidir com ela, eu fosse sofrer perda total. Era com a minha avaria completa que estava lidando. Meu coração nunca bateu tão rápido. Na verdade, a última vez que ele bateu assim foi quando estivemos juntos.

Olhei uma última vez para cima, para a pequena janela acesa no segundo andar, e a rua que ela viu nos últimos anos. Meus horizontes foram vastos em comparação aos dela. Por que achava então que ela tivesse visto mais do que eu? Entrei no carro e o liguei, lembrando que ela estava noiva.

— Casar, Lis? — perguntei em voz alta quando o carro já cruzava a rua da cidadezinha. *Ser fiel, acordar e dormir ao lado dele, ter outros filhos?* A simples ideia de imaginá-la fazendo aquilo com outro homem agia como ácido nas entranhas. Me comia os cantos, a vida. Outro homem levaria tudo que eu queria para mim.

Se queria tanto, por que foi embora e não olhou para trás? Aquela era a pergunta que eu precisava responder. Por que não a procurei antes? Acendi um cigarro e soprei a fumaça em círculos pela janela, vendo os prédios baixos do centro deslizarem à esquerda da avenida. *Por que agora, que a vida dela estava estável?*

Que tipo de vida poderia prometer, Gabriel? Eu não era muito diferente do cara que ela empurrou anos atrás e disse para nunca mais voltar. Era esse o problema: a vida tinha seguido e ao mesmo tempo ficado parada. Com exceção do fato de hoje ter um teto e dinheiro na conta, eu continuava sendo o problema que a mãe dela pediu, no último dia, para evitar.

Estacionei nos fundos do hotel e subi. Busquei as chaves no quarto e peguei uma lata de coca-cola no freezer. Deixei o hotel rumo ao lugar que precisava ir.

Era incrível como eu conhecia o caminho, mesmo anos depois. Era estranho como na época achava que jamais teria dinheiro para morar ali. Em como não havia modo de crescer e deixá-la orgulhosa de mim. Hoje eu vinha no meu carro. Aquela era a minha propriedade. Eu não horrorizaria mais os vizinhos; ou talvez os horrorizasse, mas mesmo assim eles iam querer socializar comigo.

Testei o controle da garagem e por milagre ele se abriu, embora a corretora tivesse alertado que talvez não abrisse. Estacionei o carro e fechei o portão, entrando pelo acesso da cozinha.

Quando a porta abriu, pareceu causar um vácuo na casa. O cheiro de mofo invadiu as narinas. O chão estava coberto por

uma fina camada de poeira, e as paredes precisavam de uma pintura. A imobiliária garantiu que vinham de três em três meses dar um trato na casa, mas esses três meses mais pareciam três anos. Fechei a porta e caminhei no escuro.

Passei pela bancada da cozinha, me vendo ali sentado, anos atrás. Acuado como um menino, molhado até os ossos, inebriado pela vida que irradiava dela. E a vi também, andando para lá e para cá, me contando mil histórias — inclusive sua história triste.

Abri a lata de refrigerante e dei um gole. Hall de entrada, sala. Mais adiante estava o jardim de inverno, e a escada até o telhado. A visão seguinte fez a cabeça rodar. No meio da sala havia um único móvel. Ele estava coberto por um lençol branco, mas eu sabia que móvel era.

Fui até o sofá e puxei o lençol. Ele havia ficado para trás, junto com a casa.

Ajoelhei na sua frente. Passei a mão pelo estofado escuro, disparando as imagens. *Você não quis levá-lo ou ele não coube na sua vida nova, Lis?* A mão se enfiou entre as almofadas, de onde ela tirou naquela noite um preservativo. Ri, sozinho, das coisas que fizemos. A mão saiu da fenda sem nada.

Senti vontade de reviver a noite. Subi até o telhado pela escada enferrujada e encontrei o banquinho do telhado, inteiro. Sentei nele, rindo quando lembrei o que aconteceu da última vez que estive ali. Os locais especiais da juventude guardavam um certo tipo de magia.

Lá em cima, o arco do mundo mostrava o significado de infinito. Um traço comprido e iluminado cruzou o marinho da noite, de norte para o sul, riscando o céu como um rabisco. *Faça um pedido*, ela diria.

Quero você de novo. Aqui. Por livre vontade, nos meus braços outra vez.

O que mostrou no hospital não era uma concessão a um moribundo, e sim sentimentos. Vivos. Capazes de

ressuscitação.

A cauda do pequeno meteoro sumiu primeiro, apagando o resto até desaparecer de vez. Rápido como veio, a estrela cadente se foi.

Mas ao olhar para baixo, ela estava ali.

ELA QUIS SABER o que eu estava fazendo ali. Não queria contar ainda que tinha comprado a casa, aquilo traria confusão, por isso menti. Eu precisava dela só mais um pouco perto de mim. Lembramos da noite em cima do telhado e chamei-a para entrar.

Perguntei se, caso eu não tivesse parado no hospital, ela algum dia teria me procurado. Ela fez que não.

— E você? Teria voltado se eu não tivesse contado sobre Chris?

Eu voltei todos os dias, quis responder, mas só respondi que sim. Voltei em cada noite de chuva forte e trovoadas. Em cada noite insone. Cada vez que cantei a música maldita e me senti um verme depois. Voltei para cá, para essa mesma casa e para os braços esticados para mim sempre que procurava em outras pessoas o que só você me deu.

Não funcionou nenhuma vez.

Mas agora eu estava ali, e ela estava aqui comigo. Soltei seu cabelo, em um gesto impensado. Ela poderia ter saído correndo, mas não correu. Eu sentia o corpo inteiro pulsar por ela. Abracei-a, trazendo-a para perto. Virei o rosto para que minha boca colasse perfeitamente à sua, como me lembro que colava. E elas se uniram como me lembrava que se uniam. Lis me abraçou de volta – prova viva de que eu não estava enganado. Que o que tivemos ainda poderia viver outra vez.

Insinuei a língua dentro da sua boca, e ela a recebeu. Cheirosa, delicada, doce. Abriu-se quando explorei de mansinho, e me ajeitei para beijá-la outra vez, dessa vez mais forte e mais firme. Meus braços viraram correntes ao seu redor. Nada me afastaria dela agora — nada. Ergui-a, trazendo-a até o braço do sofá, onde me sentei. Abri as pernas e ela se encaixou entre elas, coxa com coxa. Suas mãos se arrastavam pelas minhas costas. Sua respiração entrava sôfrega, reprimida, e saía em gemidos tímidos. *Minha Lis. Minha garota bonita.*

Eu continuava apaixonado por você. O mesmo garoto tolo de volta à mesma casa, nos braços da mesma mulher. Como podia dizer para ela que nada tinha mudado? Que nada sumiu?

Avancei os sinais. Abri seu roupão e o afastei. Ele caiu formando um pequeno monte de pano aos seus pés. Ergui seu pijama perfumado, arrastei as unhas na pele macia das costas, seguindo o caminho das costelas. Minha respiração agora era audível como a dela. Afastei para olhá-la — ela me olhava de volta, parte assustada, parte desejosa. Eu poderia ter dito algo, mas não consegui — os anos levaram a intimidade embora.

Trouxe-a pela cintura para mais perto. Levei a boca até seu pescoço, vendo-a fechar os olhos. Meus dedos se embrenharam nos cabelos macios, enquanto ela inclinava o rosto para me dar acesso. Os beijos desceram pela trilha das veias delicadas que pulsavam sob os lábios. Lambi sua pele, amando sentir de novo seu gosto. Amando seu cheiro outra vez. As mãos, ávidas, desabotoaram os poucos botões do pijama.

Arrastei o tecido pelos ombros, olhando para a curva dos seios que apareciam à medida que o tecido caía. Gemi, trazendo-a para perto para um abraço. Sua respiração rasa e rápida denunciava desejo. Sentei no braço do sofá e seus

seios ficaram na altura da boca. Beije-os, muito. Por todos os anos que desejei beijá-los e não pude. Desci os beijos até a barriga lisa, afastando-a para me ajoelhar.

Beije sua barriga, abraçando-a por trás. Respirei profundamente com a testa colada a ela, pensando que daria tudo que tinha naquele segundo para voltar no tempo e estar com ela quando, desamparada, viu a barriga crescer sozinha.

— Me desculpa por não ter estado aqui — falei engasgado com o rosto preso a ela. Beije seu umbigo e olhei para cima. Ela parecia chocada. Apavorada pelos sentimentos que jorravam de mim. Acordando, deu um passo para trás. Coletou o pijama e o vestiu às pressas, deixando a casa em debandada.

TODAS PARA VOCÊ

*Promessas são dívidas difíceis de pagar
Quem me dera não ter feito aquela
fugido pra longe, sumido
eu não estaria correndo
da promessa que fiz
Promessas devoram, destroem, perturbam
Promessas me roubaram a paz*

Promessas, do álbum Estradas. Bandits, 2013

Nove anos atrás

Lis

— Lis, esse lugar tá lotado!

Dalila caminhava de mãos dadas comigo. Íamos acotovelando quem estava na frente, enfiando o corpo entre as pessoas. O lugar estava cheio de meninas de mini saias e tops curtos, e garotos de camisetas de bandas e cerveja na mão. Uma equipe desmontava o palco onde ia acontecer o primeiro show pago do Rocker's. Antes um mero reduto de

motociclistas, ele havia sido invadido pelos veranistas que ouviram falar da banda nova, e apareciam em peso. O burburinho sobre a banda tinha começado em dezembro, quando alguns turistas viram o Bandits tocando para a turma barra pesada, mas aquilo havia atingido um tamanho inesperado em janeiro. Ainda não era nem dia quinze e o lugar estava lotado. Nada ali remetia ao bar de aspecto soturno de até um mês e meio atrás.

— Como pode você estar namorando o guitarrista dessa banda? — Dalila perguntou. Seu tom era de quem estava ofendida, afinal eu tinha passado metade do verão fugindo dela para ficar com ele. E ela sequer sabia que existia um *ele*!

Parei no lugar, e ela esbarrou atrás de mim. A partir dali não dava mais para passar, estava cheio demais.

— O cara toca em um inferninho, Lis. fala sério — Ela olhou para os lados. — A gente tá destoando.

Sem os veranistas, destoariamos mais. Ainda assim não cabíamos direito entre tanta gente de pulseira de tachinhas, roupas escuras e calças de couro.

— Por que estão desmontando o palco? — perguntei agarrando no braço de um cara que passava atrás de nós. — Não vai ter show hoje?

O cara desceu os olhos até a nossa roupa, mais especificamente para o conjuntinho comportado cor pastel que Dalila usava.

— Excedeu o número de gente. A gente vai levar o show lá para fora.

Eles estavam desmontando o palco porque na última hora viram que ia dar merda fazer o show ali dentro. Esvaziaram o estacionamento às pressas e decidiram que o show seria ao ar livre, para quem quisesse chegar. E não parava de chegar gente. Olhei boquiaberta para Dalila, quicando de alegria:

— Eles estão crescendo, Dalila!

— Vou adorar saber *quem* está crescendo, amiga — ela respondeu. — Você tá muito cheia de segredinhos sobre esse seu namorado.

— Você sabe quem ele é. Só não vai acreditar que é *ele*.

Era complicado falar de Gabriel. Ele largou a escola em novembro, e acabou reprovando de ano. Duvidava muito que Dalila se lembrasse quem ele era. Caso se lembrasse, ficaria horrorizada.

— E onde ele está? — ela olhou ao redor com cara de nojo. — Em um camarim?

Achei improvável que estivessem. Um bar desses não tinha cara de ter camarins. Perguntei para um homem que fazia parte da equipe onde a banda estava. Ele apontou para uma porta.

— Venha. Quero que conheça Gabriel. — Arrastei Dalila atrás de mim.

Foi Tris quem abriu a porta. Ela mascava chiclete e parecia entediada, como sempre. Olhou para a gente e anunciou para os amigos:

— As patricinhas de Beverly Hills chegaram.

Enquanto engolíamos seu deboche, os três rapazes se levantaram. Dois deles esconderam o que estavam fumando — como se a fumaça não os denunciasse —, e o terceiro sorriu.

Era sempre um evento encontrá-lo. A pele borbulhava e se arrepiava. O coração ia a mil, as bochechas esquentavam.

— Oi — falei para Gabriel.

— Oi — ele respondeu, as pupilas tão dilatadas que quase comiam todo o azul dos olhos. Ele se aproximou com as mãos enfiadas nos bolsos traseiros da calça.

— Credo, esse cômodo tá pegando fogo? — Dalila abanou a mão na frente do rosto. — Que fumaceira é essa!?

Os garotos riram. Tris revirou os olhos e se afastou. A gente era demais para ela.

— Querem? — Rafa, o baixista, perguntou estendendo um baseado na direção de Dalila. Dalila respondeu com uma careta antipática que não.

— Lis, vamos embora. — Ela me puxou.

— Pare com isso — pedi. Dalila entrou no quartinho arrastada. Olhou para cada um deles com um vinco na testa, praticamente se escondendo atrás de mim.

— Gabriel, essa é a Dalila. Minha melhor amiga.

Gabriel estendeu a mão para ela, e os olhos que sempre me derretiam a derreteram, dessa vez. Eu sabia que ela entenderia por que desapareci de sua casa e agora só sabia falar dele. De longe, Gabriel passaria por um garoto descuidado que não merecia um segundo olhar. De perto, estava mais para um anjo caído.

Dalila me deu um cutucão quando Gabriel olhou para os meninos, que haviam começado a fazer piadas.

— Uau.

— É, eu sei — respondi sonhadora, vendo-o se afastar para pedir para os garotos apagassem o baseado.

— Rafa, Gus — Gabriel falou para os colegas de banda. Propositalmente, deixou Tris de fora — Essa é Lis. Minha namorada.

A palavra "namorada" saiu como um grunhido. Eu dava um desconto pelo seu constrangimento. Para começar, eu e Dalila não éramos o tipo que aparecia no Rocker's todo dia, ou apresentadas como namoradas. Segundo, porque aquela era a primeira vez que me apresentava para alguém.

Eu tinha insistido muito para vir. Gabriel não me queria nos shows. Segundo ele, o tipo de rock que fazia exaltava o ânimo de alguns, e se alguma coisa acontecesse comigo ele sequer poderia me ajudar.

— Quer dizer que você é o motivo de Gabriel sumir de vez em sempre — Gus, o mais extrovertido deles, falou.

— Sumir? isso não choca ninguém — Rafa chegou perto, olhando a gente de cima embaixo. — Ela ter conseguido fazer Gabriel *sorrir*, sim, é um feito.

Olhei para Gabriel. *Você não sorria, Gabs?* Como prova que sim, ele sorriu. Rapidinho, só pra confirmar que o motivo dos sorrisos estava ali.

— E você, gatinha? — Rafa se inclinou para mexer com Dalila, praticamente escondida atrás de mim. — Primeira vez no Rocker's, aposto.

— Virgem de Rocker's e rampeiros como vocês — Tris desdenhou, virando-se para a parede para trocar de blusa. A visão dela tirando a roupa na frente dos meninos me assustou. Tris trocou a blusa, grudou o chiclete na parede e saiu do cômodo.

— Primeira e última — Dalila respondeu mal humorada por estar respirando marofa de maconha. Uma cortada, e o roqueiro sem noção se afastaria, certo? Errado. Se ela achava que Rafa era um dos garotos sensíveis do lado nobre da cidade, estava enganada.

— Duvido — Ele riu olhando para os amigos. — Quer dizer, primeira eu acredito, mas última?

— Ela não é o tipo de menina que gosta do que você toca — Gus provocou.

— Não mesmo — Dalila cantarolou perto do meu ouvido, olhando ao redor.

— Ah, vai. Ela nem me viu *tocar*. Quem sabe se me deixasse *tocar*, ela não se tornasse assídua?

Dalila ignorou o sentido ambíguo da frase e falou: — Alguém aqui andou fumando demais.

Revirei os olhos, impressionada como ela era incapaz de ouvir qualquer coisa e não revidar. Gabriel cruzou os braços, divertidamente atento ao bate e volta.

— Pois acho que essa noite vai mudar sua opinião a respeito do lugar — Rafa troçou. — Topa uma aposta?

Dalila olhou com desagrado para o baixista do Bandits. Embora não estivesse gostando nem um pouco de estar ali, uma aposta mexia com seus brios. Minha amiga podia ser o retrato da caretice, mas inflamava-se com facilidade.

— Que tipo de aposta? — ela o encarou.

Se no sangue de Dalila corria secretamente gasolina, dentro de Rafa corria abertamente fogo. Ele ergueu um canto da boca, movendo o piercing que perfurava o lábio inferior.

— O tipo bom de aposta — provocou.

— O tipo que devolve nosso dinheiro depois do show se a gente reclamar? — Dalila falou pra mim. — Isso seria bom.

— Não — Rafa estalou as costas, e outro piercing, dessa vez no mamilo, correu sob o tecido fino da camiseta, atraindo de súbito a atenção da minha amiga. — Se você se amarrar no show, vai ter que me beijar.

A cara de Dalila franziu inteira.

— Que!? Jamais.

— Na boca — ele adicionou. — De língua.

Gabriel e Gus começaram a rir.

— Pirou — ela me puxou pelo braço. — Vamos embora, Lis. Isso é ridículo. — Mas antes de dar um passo adiante, ela se virou, pensativa. — E se eu não gostar?

— Do beijo? — Rafa riu.

Ela chacoalhou a cabeça: — Não, do show!

— Ah. Oras, se você não gostar, eu faço o que você quiser.

— Peça que ele dê um beijo em Gus. — Gabriel sugeriu. — Ou em qualquer outro cara da plateia.

— Deixa de ser babaca, Gabriel — Rafa reclamou, sem deixar de olhar para Dalila. — Não quero beijar marmanjo. Quero beijar a Barbie.

Dalila franziu os olhos, encarando a cara porca de Rafa. Conhecia um olhar de fascinação, e o baixista do Bandits estava fascinado pela minha amiga inalcançável. O fato dela ter trocado três frases com ele dizia algo sobre ela também.

— Vou pensar em alguma coisa — Dalila empinou o nariz já bastante empinado. — É bom se esforçar — completou, piscando.

Gabriel se levantou da mesa onde estava sentado, e nos acompanhou até a porta. Dalila saiu fazendo cena, respirando dramática o ar nada puro do *pub* como se estivesse sentindo a brisa à beira mar. Gabriel parou na minha frente. Ele parecia alegre em me ver ali; um pouco preocupado, mas feliz.

Minhas mãos se amassavam de nervoso — era a primeira vez que estava com seus amigos, prestes a vê-lo tocar. Ele desatou o nós que eu formava com os dedos e os segurou.

— Como esta sua mãe? — ele perguntou, baixo. — Não consegui te ver, ontem. A apresentação acabou tarde, e acabei desabando de cansaço.

— Ei, você não precisa se explicar — sorri. — Mamãe teve uma pequena melhora. Consegui até trocar algumas palavras comigo. — Alisei a pele de sua mão, sem querer pensar naquilo aquela hora. — Mas não pense nisso. Você tem que se preparar, essa é a sua chance de brilhar.

Ele sorriu. Levando a mão à cabeça, desarrumou o cabelo já desarrumado.

— Estou um pouco nervoso com você aqui — ele confessou.

— Por que? Tem medo que eu veja o sucesso que faz com a mulherada? — Brinquei.

Ele gostou de saber que eu sentia ciúmes.

— Tenho certeza que vai ser maravilhoso — repeti, tocando de leve sua barriga. Ele alisou meus dedos com os seus.

— Adorei que você veio. De verdade. Sempre dá a maior neura de não aparecer ninguém.

— Você ainda vai ser famoso — falei vencendo a timidez e beijando-o de leve seus lábios. Os assobios infantis atrás de

nós o fizeram balançar a cabeça.

Beije-o rapidinho outra vez, para dar sorte. Ou para sossegar minha paixonite, e sentir seu cheiro bom.

— E quando isso acontecer — ele adicionou — ...Vou querer um camarim só para mim, para poder te beijar em paz.

Ele olhou feio pra trás, e minhas bochechas avermelharem. Num gesto pra lá de ousado até mesmo para mim, escorreguei a mão pela sua camiseta e o puxei de volta. Fazia um calor imenso naquele lugar, mas um ainda maior dentro de mim.

— Eu já te disse o quanto acho um guitarrista sexy? — Sussurrei para ele.

Seus olhos se afiaram. Sim, eu já tinha dito aquilo. No primeiro dia em que conversamos. E no segundo, terceiro e quarto. E todos os dias depois do quinto. Sei que era exagerada, mas *puta que pariu*, ele era realmente sexy.

— Venha pra cá depois do show — ele falou no meu ouvido. As implicâncias atrás de nós recomeçaram, mas dessa vez ninguém prestou atenção. — A gente pode começar o lance de se beijar em um camarim vazio hoje.

Eu mal consegui soltar o ar. Só fiz que sim.

Eu e Dalila deixamos a banda e fomos procurar um lugar do lado de fora, na frente do novo palco. Eu precisava de ar puro para amansar o calor. Quando achamos um lugar para ficar, compramos algo para beber e ela finalmente disse:

— Com que gente doida você se meteu, hein, Lis.

— Um daqueles doidos gostou bastante de você.

— Ah, vá. Não viu que ele se despediu de mim dizendo 'tchau, algodão doce'? Nem sei o que ele quis dizer com aquilo.

Olhei para o conjunto azul e rosa bebê.

— Deve ser por causa da roupa.

— Ah, claro. Aquele povo monocromático entende *tudo* de cores.

O Bandits entrou no palco às nove, duas horas depois da hora marcada. O show de luzes não era impecável, nem a acústica perfeita, mas por ser onde era — um show no estacionamento de um bar de quinta — estava bem organizado. E lotado. Quando a banda começou, com um *cover* perfeito do *Foo Fighters*, Dalila comentou do meu lado:

— Uau.

A galera maluca do Rocker's deu um jeito de desligar alguns postes da rua e ligar as luzes posicionadas nas carrocerias de duas caminhonetes estacionadas ao lado do palco. Uma lâmpada azul iluminava os meninos e Tris, que pareciam outros em cima do palco. O pessoal que estava passando férias na cidade não acreditava que tanta improvisação podia resultar em algo tão maneiro. O improvisado tinha dado ao show o tipo de diversão alternativa que mil dias de planejamento não dariam.

O barulho começou a crescer à medida que os acordes iam reproduzindo a música conhecida: as pessoas estavam cantando. Gabriel, em cima do palco, era um evento à parte. Eu não tinha dúvidas de que ele tinha sido feito para palcos maiores. Nunca tinha visto alguém dosar com tanta maestria a performance ao espetáculo; eu mesma estava de boca aberta, e tinha dificuldades de ligar aquela voz rouca e masculina ao garoto que dormia todas as noites ao meu lado.

— Eles são bons — Dalila começou a balançar os ombros, levando de vez em quando o canudo do drink até a boca. Eu não tinha condições de avaliar a qualidade da música; meu coração batia descompassado unicamente por ele. O som do baixo se conectava às batidas da bateria. Os acordes da guitarra se uniam a voz de Gabriel, e me deixavam mole. Era impressionante como sua voz tinha textura. Como era

inconfundível, e se tornaria mais tarde a sua marca. *Sexy*. *Sexy* continuava a ser e sempre seria *a palavra*.

— Lis, você está quase babando.

Eu estava mesmo. *Fã numero um*, eu falei para ele naquela noite. *Sou sua fã número um, Gabs. Sempre serei*.

Quando um jato de luz iluminou Gabriel durante um solo e ele fechou os olhos, criando para a música que cantava uma versão ainda mais perfeita que a original, as mulheres foram ao delírio. Os dedos calejados dedilhavam com intimidade o cabo da guitarra, confidenciando sua entrega total. O quadril às vezes se movia no ritmo dos acordes, como se a música o puxasse.

O que era o calor que subia pelo meu pescoço e me fazia querer gritar seu nome?

Eles tocaram por mais de uma hora. Era bastante para uma banda desconhecida que não tinha nenhuma música autoral. Quando encerraram, a plateia reclamou. Pediram Bis. Pediram que voltassem. Eles voltaram, suados, surpresos, meio sem jeito. Era a primeira vez que aquilo acontecia.

Às vezes eu acenava para Gabriel no palco, mas ele não me via. Sentia que me procurava nos rostos que conseguia enxergar lá de cima, mas eu estava longe demais. Uma cena ficaria gravada na memória, uma entre muitas: o céu quase completamente escuro atrás dele, no palco. Mil tons de azul ao fundo. Ele perfeito ali em cima, e meu coração se desmanchando de orgulho.

— É mais música que vocês querem? — Gabriel gritou. A multidão respondeu em coro: — É!

Com presença de palco completa, ele entregou a música. O grupo inteiro cantou, em uma animação jamais vista na pequena cidade de veraneio. Os turistas vibravam, os locais aplaudiam. O garoto acuado sumia para dar lugar a uma nova pessoa.

Enfeitiçada, entendi que o modo com que Gabriel conversava com a guitarra, verdadeiramente sentindo a música que ela enviava, o faria grande. Aquilo o levaria embora.

Quando o show terminou, chamei Dalila para vê-los, mas ela negou.

— Tá doida? — gritou sob a gritaria do público. — Vou ter que beijar aquele maluco! Fica pra próxima! — E partiu.

Respirei fundo e andei com passos firmes até o pequeno quartinho, onde tinha marcado com meu roqueiro favorito. Eu estava pegando fogo, e ele precisava ouvir — e sentir — tudo que eu queria falar e fazer.

O DITADO ERRADO

*Minhas intenções nunca mudam
O que eu queria, continua o mesmo
E eu sei o que tenho que fazer
Chegou a hora de me atirar no fogo
Foi um sonho? Foi um sonho?
Essa é a única evidência que prova
Uma fotografia minha e sua
Seu reflexo, eu apaguei
Como mil "ontens" queimados
Acredite em mim, quando eu digo adeus para sempre
É para sempre*

Was it a dream? 30 Seconds to Mars

Presente

Lis

A presença de Gabriel em Porto das Pedras acabaria matando Vinícius de raiva. E me matando de nervoso, no caminho. Ele largou o celular com uma bufada exaltada, me sobressaltando:

— Não acredito.

O coração de uma pessoa que fez algo errado precisa ser forte: o meu foi do zero a mil em uma fração de segundo.

Minha mão parou no ar. A faca cheia de manteiga em uma mão, o pão na outra. O silêncio até o momento tinha sido de morte. Vinícius acordou calado e continuava calado, e ainda não tinha olhado para mim.

— Que foi?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, como se soubesse de tudo. Que eu saí ontem a noite para caminhar e encontrei Gabriel na casa da minha infância. Que ele só precisou me tocar para que eu capitulasse, sem resistência. Que beijei Gabriel e me vi outra vez no passado, sentindo as coisas mais loucas e coloridas da vida. Que chorei no escuro, sozinha, pelo seu pedido de desculpas por não ter estado comigo. Eu precisaria ser de ferro para não desmanchar.

Ele mordida o interior das bochechas e balançava a cabeça, intercalando olhares entre o celular e meu rosto.

— É sério, o que aconteceu ontem não pode se repetir — ele falou.

E simples assim, meu coração parou. Minhas mãos ficaram geladas e a fome sumiu.

— Vinícius — falei, pousando a faca no prato e esquecendo a comida. — Precisamos conversar sobre Gabriel.

Eu ia contar tudo.

— É o que você quer? falar dele? — ele perguntou.

Eu sabia que, se abrisse a boca, meus lábios tremeriam e as palavras jorrariam. O certo era contar o que aconteceu *logo*. Sem mentiras ou delongas.

Vinícius apontou o queixo para o celular. Seus olhos pareciam dois poços escuros: — Você viu o que postaram?

Ai, Jesus, o que postaram? Se alguém desconfiasse que Gabriel estava naquela casa, uma dúzia de fãs estaria

escondida atrás dos arbustos, gravando tudo que fizemos lá dentro. Mas Vinícius completou:

— É sério, Lis. Não gosto de Dalila. Ela é desrespeitosa.

Peguei seu celular sem entender, vendo-o se levantar da mesa, aborrecido. O *stories* de Dalila me fez levar as mãos à boca.

Além da mensagem abusada ao ex *Personal* — com a selfie feita com Gabriel — ela tinha colocado outra, agora de manhã. Uma foto de Chris, vestido com a camisa do Bandits. No lugar do rosto do menino, um coração pulsante. A mensagem sob o "Fuck the Law"?

"Por um segundo li 'Fuck the Lawyer' ;) "¹

E marcou o perfil oficial de Gabriel.

Larguei o celular sobre a mesa e apoiei a testa na mão, ouvindo os passos duros de Vinícius no andar de cima. Ele desceu logo depois com o jaleco pendurado em um ombro, cheiroso e arrumado, e meu coração se apertou. Olhei para ele com a verdade na ponta da língua. Eu estava me preparando para as consequências. Elas seriam sérias. Eu sabia que nosso relacionamento trincaria.

— Foi desrespeitoso da parte dela — falei reunindo a coragem. — Vou pedir que apague e não faça mais isso

Vinícius passou por mim, pegou as chaves sobre a mesa e olhou-se no espelho do hall. Em seguida, sem esperar que eu terminasse o café, abriu a porta de casa e falou:

— Essa sua amiga não vale nada.

Olhei para o pão, a manteiga e o leite em cima da mesa. Olhei para ele, que já abria a porta do carro, do lado de fora. Segurei a raiva, juntando os alimentos para colocar na geladeira. Marchei até a cozinha e guardei as coisas, irritada ao ouvir o barulho do motor do carro. Só deu tempo de pegar

o terninho pendurado no hall e sair. Entrei no carro, mal humorada.

— Você precisa parar de falar assim das pessoas — falei assim que me sentei. Minha frase saiu rápida e ríspida. O tom, duro. Vinícius finalmente me encarou. Nunca tinha visto ele tão alterado antes.

— Você sabe que tenho razão. Mas posso guardar minha opinião, se não gosta dela.

— Não é isso — disse vendo-o passar a ré e sair da casa. — Você está sempre atacando as pessoas à minha volta. Carlão é uma besta, Dalila não vale nada, Gabriel é um traste.

Como imaginava, o motivo da raiva era ciúmes. Vinícius avermelhou quando falei sobre Gabriel.

— Ah, Gabriel agora virou uma pessoa que está à *sua volta*? Desde quando ele precisa que você o defenda?

— Não estou defendendo ele, estou apontando algo sobre você! — eu explodi. Vinícius estava me tirando do sério. — Eu só queria que você parasse de achar todo mundo inferior! As pessoas são diferentes! Dalila é um pouco sem noção, mas é minha amiga.

— Você mais uma vez perdeu o foco da discussão. Acho que está fazendo de propósito.

Se eu respondesse, ia piorar tudo. Optei por olhar para fora e tentar não me alterar demais até o trabalho.

— O ponto é que sua amiga surtada fez uma brincadeira de cunho sexual com — meu Deus — uma camisa horrenda que aquele *moleque* deu para o seu filho! Como pode ter deixado Chris vestir *aquilo*?

Voltei a olhar para ele. Vinícius estava me chocando, mas mais ainda me chocava o quanto suas opiniões eram rígidas. Ele não perdoaria nada que Gabriel fizesse por Chris. Ele criticaria toda e qualquer alegria que Chris visse nessa relação que, concordo, seria pouco usual. Mas só existia um jeito de ser feliz? Um jeito de ser pai, um jeito de ser filho?

Em que momento minha vida ficou tão rígida? Ou nós viramos algum tipo de bastião da moral e dos costumes a serem seguidos?

— Convenhamos que a mensagem é idiota, mas ele é um roqueiro, o que queria que viesse dele? — perguntei.

— As expectativas seriam baixas, de qualquer jeito, mas aquilo é ofensivo e desrespeitoso.

— Não achei o fim do mundo. Certamente não o suficiente para justificar essa briga — aponteí aborrecida para a gente.

— Você está agindo de maneira estranha — Vinícius murmurou. — Deixou que esse... que um *estranho* entrasse na sua vida.

— Ele é o pai de Chris. Não há nada que eu possa fazer.

— Imponha limites. Isso você pode fazer.

Dirigimos por um tempo em silêncio. Infelizmente, por um tempo curto demais.

— Você precisava ver como ele olhava para você, Lis.

Meu estômago se incendiou. O pouco café que consegui tomar agia como ácido dentro de mim.

— Como ele me olhava?

— Como se ele quisesse realmente te foder.

Olhei para ele, horrorizada: — Vinícius!?

Ele calou a boca e eu me calei porque estava a ponto de começar a chorar. O que estava acontecendo com a gente?

Aproveitei o silêncio para escrever para Dalila. Perguntei como Chris tinha passado a noite, e se tinha tomado café direitinho. Em seguida, pedi que ela retirasse aquela foto do *stories*. Ela logo respondeu:

Oi amadinha. Chis dormiu bem, tomou leite com Nescau, comeu pão. Estamos saindo para a escola, e ele está mandando um oi.

Ela pausou. Três pontinhos dançavam, indicando que ela estava escrevendo. O resto da mensagem finalmente apareceu:

Quanto aos Stories, o Instagram se encarregará de sumir com ele amanhã.

Ai, Dalila.

Bem, pelo menos Gabriel jamais acessaria a conta dele e veria a brincadeira sem graça — uma coisa a menos para me embarçar. O problema agora era controlar o ciúmes maluco de Vinícius, e minha própria consciência pesada. A essas alturas já não achava que deveria contar para ele o que aconteceu na casa. Bastava eu não deixar que acontecesse de novo.

Ele estacionou na frente do meu trabalho. Tentei beijá-lo antes de saltar, mas ele se esquivou.

— Não estou bem para beijos — falou.

— Vini — tentei colocar a mão sobre a dele, mas ele retesou. — Sei que ele é famoso, meu ex, e isso está mexendo com os seus brios. Que ele foi uma surpresa desagradável para você. Que você queria assumir esse papel com Chris, depois do casamento, e agora não dá mais. Mas você precisa superar isso — pedi. — Por mim.

Vinicius me olhou magoado:

— Não é fácil superar quando fica sabendo que sua noiva convidou o ex para jantar sem me avisar.

— Desculpe. Não avisei porque achei que ia acontecer o que aconteceu. E eu estava certa.

Ele bufou. Saltei do carro, frustrada com ele. Assim que bati a porta, ouvi o vidro abaixando atrás de mim:

— Estava falando sério sobre ir à sua casa hoje à noite. Não acho legal ele frequentar seu apartamento com você lá, sozinha.

Olhei-o, cansada daquilo. E ainda não eram oito da manhã.

— Você tem alguma coisa contra eu aparecer por lá hoje?

— Vinicius perguntou.

— Você tem a chave da minha casa. É sempre bem vindo.

A frase devia ter saído sincera, mas não senti que foi. Aquele era o homem com quem eu ia me casar, e eu estava detestando a ideia de que ele apareceria esta noite.

Ele assentiu. — Estarei lá então. Quer que leve algo?

— Por favor — murmurei. Ele partiu e eu entrei no escritório.

Carlão me esperava com o processo de Rosária na mão. Pegou a garrafa de café e levou para a sua sala, e eu segui o café. Sentei na frente dele desanimada, com um peso terrível no peito e uma ainda mais terrível incapacidade de concentração.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

Esfreguei os olhos, fazendo que sim. contei em poucas palavras sobre a apresentação de Chris a Gabriel. Como a noite acabou sendo prazerosa, e como Gabriel pareceu adorar o menino. Mas contei também sobre o ciúme enlouquecedor de Vinícius. Omiti a visita à minha antiga casa, pelo menos por enquanto.

— Fico muito feliz que Chris tenha gostado dele — Carlão comentou. — Como Gabriel está, depois de tanto tempo?

— Não sei. Vulnerável, eu acho. Parecia emocionado. *Muito* emocionado.

A imagem de Gabriel com a cabeça afundada em minha barriga enquanto pedia desculpas esquentou minhas bochechas. Carlão ajeitou os óculos, ciente de que alguma coisa havia disparado uma emoção em mim.

— Ele disse alguma coisa sobre a tentativa de suicídio? É importante que ele esteja vendo alguém; um terapeuta, um psicólogo. Seria errado aproximar-se de Chris sem tratar primeiro seus problemas.

— Não. Mas recusou a bebida, e parecia... sei lá, diferente — Olhei para Carlão. — Menos agitado, mais centrado.

Carlão cruzou os dedos e recostou na cadeira, que oscilou para lá e para cá. Seus olhos cansados sempre me olhavam da mesma maneira quando queriam arrancar de mim o que havia em mim de verdadeiro.

— Detesto quando me olha assim — abri a pasta do processo.

— Você está balançada por ele.

A frase, sozinha, era perturbadora. Que ela não fosse uma pergunta e sim uma afirmação a deixava pior.

— Eu estou balançada por tudo.

Eu não convenceria Carlão. E justamente por não conseguir enganá-lo nunca — e ele ser uma das poucas pessoas que conhecia a história inteira — acabei soltando:

— Ok. Aconteceu uma coisa — admiti, fechando a pasta.

— Eu escondi de Vinícius que ele ia lá em casa, porque não queria Vinícius lá. E senti um prazer estranho ao contar para Gabriel que estava comprometida. Fiquei balançada quando ele pediu perdão — *bastante balançada*, pra falar a verdade. Por isso preciso de você agora, Carlão. Não do seu lado *romântico* ou paternal. Preciso do seu bom senso. Gabriel é um desastre anunciado. Ele usa drogas, tem uma vida pública insana, e é incapaz de prover uma rotina. Que ele seja o pai do meu menino no meio disso tudo me amedronta...

Engoli em seco. Cocei a testa, bem pouco preparada para dizer a frase seguinte:

— No entanto, acho que ele quer reviver algo comigo. Pelos motivos errados, claro. Para brincar de casinha por um tempo? Redimir-se de uma coisa que me fez no passado? Não sei. O problema é que estou comprometida, e mesmo se não estivesse... — Pausei para olhá-lo. — ... não deveria fazer isso *comigo*. Eu sairia destruída outra vez.

Carlão tirou os óculos e o pousou sobre a mesa. Olhou para mim, e com a costumeira tranquilidade falou:

— Faça tudo que quiser, Lis. Só não deixe de fazer.

Bati os punhos de leve na mesa, como se constatasse o que já sabia: — Viu? Eu pedi para ser sensato, e não ... isso!

— Você quer que eu te dê o conselho que sua mãe deu antes de morrer. Sinto muito, mas não sou sua mãe. Eu te vejo há anos lutar contra o coração para seguir os conselhos que ela deixou. Ela disse o que precisava dizer naquela hora, dentro daquelas circunstâncias terríveis.

. Mas você já pensou que, se ela ainda vivesse, o conselho seria outro? Ela mandaria você aproveitar um pouquinho a juventude. Você precisou crescer rápido demais para dar conta de tudo.

— Eu tenho um emprego. Um filho! Não posso me dar ao luxo de jogar tudo para o alto para "curtir a juventude"!

— Você está perdendo o resto dela com um noivo que não ama.

Abri a boca, assombrada:

— Como pode dizer isso, Carlão? Claro que amo Vinícius!

— Se amasse, não estaria tão balançada pelo ex.

Eu detestava quando Carlão soltava essas coisas. Abaixei o tom, explicando o mais sucintamente que consegui:

— Meu ex é uma estrela do rock que já namorou mais modelos que o Leonardo Di Caprio. O que está exatamente me recomendando? Terminar meu relacionamento estável para entrar em um tornado que vai me cuspir destroçada para fora alguns meses depois?

— Tem razão — Carlão respondeu recolocando os óculos.

— Faça o que a razão mandar.

Ele juntou os papéis à frente e começou a estudar o processo, me deixando com a aquela frase. *Não seria diferente, o ditado?* Seria, mas com o ditado certo eu não queria nada.

Para Carlão, a conversa estava encerrada. Era eu quem ainda estava inquieta pela reação enciumada de Vinícius, pelo beijo que dei em Gabriel, pela noite em que precisaria

encontrar não apenas um, como o outro. Era coisa demais na cabeça para me concentrar no trabalho.

— Carlão?

Ele ergueu os olhos.

— Gabriel alugou minha antiga casa.

— Como sabe disso?

Abaixei os olhos, sem coragem de olhar para ele: — Eu passei na frente da casa ontem. Como sempre passo, você sabe. Acabei dando de cara com ele.

Meu mundo era realmente pequenininho. Ele era do tamanho daquele fim de rua de onde eu nunca saía.

— O dono da casa deve ter decidido alugá-la — continuei.

— Gabriel falou que ficará para a temporada.

— Isso é bom, não? Sinal de que o dono decidiu ganhar dinheiro com ela, ao invés de deixá-la apodrecer ano após ano, vazia. Por que não dá um pulo na imobiliária na hora do almoço? Peça para avisarem ao dono que tem a intenção de comprá-la. Você sabe que posso ajudar.

Sorri para ele. Se juntássemos nossas economias, eu e Vinícius — com uma eventual ajuda inicial de Carlão — poderíamos comprá-la. Era um plano.

— Vou fazer isso — concordei.

Mais animada, abri as pastas e organizei os documentos para começar minhas anotações. Só uma coisinha me incomodava: Vinícius. Comprar uma casa com ele era firmar de maneira definitiva o compromisso que só existia no campo das intenções. Éramos noivos há pouco tempo, sem nada concreto que provasse aquilo. Um noivado apenas falado — e bem mais falado que sentido.

Na hora do almoço, andei até a imobiliária e pedi para falar com a corretora responsável pela casa. Me apresentei, contei a história sobre a casa que queria comprar, e que tinha ouvido dizer que ela havia sido finalmente alugada, depois de anos.

— Ah sim — a mulher falou. — Me parece que ela tem um novo morador.

— É por isso que eu vim. Gostaria que contactassem o dono e dissessem que queremos comprá-la quando a temporada passar. Assim que o inquilino sair, quero fazer uma proposta.

A mulher não entendeu:

— Que eu saiba, o inquilino é o dono da casa. Não a alugamos; apenas cuidamos do seu estado. Essa casa foi comprada anos atrás. Só agora, sabe Deus por que motivo, o dono resolveu se mudar para ela.

Meus joelhos ameaçaram falhar.

— A casa foi comprada anos atrás?

— Sim. Por um cantor famoso da cidade. Se tiver paciência, posso me lembrar do nome.

Ela não precisava se lembrar de nada. Eu sabia quem era o dono da casa.

1 * (Em tradução livre, "Trepe com a advogada").

DE RUIM PARA PÉSSIMO

*Será que nosso segredo está seguro esta noite?
Nós estamos fora de vista?
Ou será que nosso mundo está desmoronando?
Será que descobriram nosso esconderijo?
Será esse nosso último abraço?
Ou será que as paredes começam a desmoronar?*

Resistance, Muse

Nada era tão ruim que não pudesse piorar.

Eu tinha passado o dia inteiro com azia por causa das duas noites: a passada e a que viria. Como encararia Gabriel depois do beijo? Como encararia Vinícius e Gabriel juntos, debaixo do mesmo teto?

Onde eu estava com a cabeça?

Eu tinha feito essa pergunta milhares de vezes durante o dia, tanto aos prantos quanto aos gritos. Por que tive que entrar na casa e deixar que ele me botasse abaixo daquela maneira? Eu precisava tê-lo tratado como o estranho que era.

Só um completo babaca compraria a casa da minha mãe para vê-la apodrecer ano após ano. Eu não conhecia esse Gabriel. Quer dizer, tive um vislumbre desse homem antes do fim. Ele nunca foi o rebelde de coração de ouro que achei que fosse — fiz as pazes com esse engano. Continuava o mesmo irresponsável de antes. Mentiroso, babaca.

E agora a campanha tocava e tudo que eu pensava era qual dos dois estava ali. O noivo que eu queria evitar ou o babaca que me roubou o juízo. E por que raios eles precisavam estar ali.

— Não vai atender? — Chris perguntou. — Balancei a cabeça que sim, recuperando a compostura. Alisei a calça de moletom, ajeitei a camisa de malha branca. A intenção era parecer casual. Nem arrumada demais, nem de menos. Evitei maquiagem. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo. Vinícius desconfiaria se eu me arrumasse, e Gabriel poderia pensar que estava fazendo aquilo por causa dele. Que exaustivo era considerar tudo que eles poderiam achar, e negar o que eu realmente queria: nenhum dos dois ali.

— Ah. — O sorriso de Chris morreu assim que ele viu que era Vinícius. — Vou esperar Gabriel no meu quarto.

Olhei para Chris de cara feia. Íamos ter uma conversinha sobre isso mais tarde.

— Oi — Vinícius disse quando chegou. Ele trazia flores, e eu as recebi desconfiada. Ele me deu um beijo breve nos lábios e entrou, olhando ao redor. — Está sozinha?

— Vamos parar com a bobeira? — perguntei levando as flores para a cozinha. Voltei com o vaso na mão e a coloquei do lado das que Gabriel tinha trazido no dia anterior.

Vinícius parou ao meu lado.

— Flores?

— Gabriel trouxe ontem — deixei as que ele colocou do lado, desconfortável. Não parecia possível, mas era: eu estava querendo fugir do meu noivo.

— Você sabe o que essas flores significam? — ele perguntou.

Olhei para elas, fazendo que não. Na confusão não tive tempo sequer para pensar nisso. Ele estava para me mostrar o que elas significavam quando a campainha tocou outra vez. Olhei para Vinícius. Ele não parecia nem um pouco feliz.

— Deixa que eu atendo! — Chris passou correndo pela sala.

— Oi, Chris — Vinícius falou, mas Chris já tinha aberto a porta e corrido escadas abaixo.

— Ele está animado com o pai — falei para não deixar o silêncio piorar o desconforto.

A situação inteira era constrangedora, e nem eu, nem ele estávamos bem com aquilo. No meu caso, pesava o fato de que eu ainda tinha feito algo errado. Algo que não se repetiria nunca mais. Eu estava decidida a não ultrapassar mais aquela linha.

Nunca mais.

Gabriel parou à porta com duas caixas na mão, ao lado de Chris. Assim que viu Vinícius do meu lado, seu sorriso morreu.

— Vem cá ver o que eu construí — Chris o puxou.

— Calma, Chris — falei, olhando rápido para Gabriel. A saliva desceu pesada pela garganta constricta: — Pode entrar. Ele montou um palco de lego. Está falando nisso desde que chegou da escola.

— Boa noite — Gabriel cumprimentou Vinícius. Vinícius grunhiu um boa noite de volta. Em seguida, olhou pra mim. Havia algo de cúmplice em seu olhar. Mil coisas não ditas pedindo pra sair, impossibilitadas pela situação. Eu só rezava pra Vinicius não começar a surtar.

Gabriel estendeu o pacote que tinha na mão: — Trouxe pizza.

Ele colocou as pizzas sobre a mesa e seguiu o menino.

Vê-lo depois do beijo arrebatava os meus nervos. Eu preferia encarar um leão faminto do que minha consciência; ser soterrada por uma avalanche do que estar debaixo de tantas lembranças. Ambas me atacavam com imagens e sensações absurdas.

— Eu ia pedir tacos — Vinícius olhou com antipatia para as pizzas.

— Podemos comer taco outra hora — respondi baixo.

Sentamos na sala, ouvindo a conversa de Gabriel e Chris no quarto. Vinicius fingindo prestar atenção na TV, eu sentada na beirada do sofá, amassando uma mão na outra. Se um lado me sentia bem por não ser o motivo que trazia Gabriel ali, por outro me sentia mal que Vinicius achasse que precisava me vigiar. *Talvez ele precisasse*. Dobrei as pernas e recostei no sofá. Vinícius me puxou e passou o braço pelo meu ombro, em um gesto de carinho — e posse.

— Tenho uma coisa para você — ele disse.

— Ah, é? — cocei o pescoço, metade atenta ao que ele dizia, metade atenta ao que fazia pai e filho rirem tão alto no quarto. — É de comer?

Foi a coisa mais estúpida que poderia perguntar, mas estava com medo de presentes.

— Não, bobinha — ele respondeu, e me beijou. Beije-o de volta, com a cabeça espiralando. Ele não queria um beijo breve; naquele minuto ele queria me beijar *de língua*.

Era um jogo. O problema? Ele estava ficando cada vez menos divertido. E tinha cada vez mais língua dentro da minha boca.

Uma limpada de garganta nos interrompeu. Chris estava na porta do seu quarto, ao lado de Gabriel.

— Estou com fome — Chris disse baixinho. Levantei em um salto, limpando a boca, como se tivesse sido pega fazendo algo errado. O olhar de Gabriel me queimava a alma.

— Vou colocar a mesa, amor — falei sem graça. *Por que está sem graça, mulher? Aquele é o seu noivo.*

Vinícius me ajudou a colocar os pratos, copos e cortador de pizza sobre a toalha colorida. Trouxe os talheres e o guardanapo, enquanto Gabriel e Chris abriam as caixas e escolhiam seus lugares. O cheiro era divino, mas meu estômago tinha acabado de avisar que não toleraria nada.

Ver a figura esguia e vagamente familiar do ex circulando pela sala trazia uma sensação estranha ao peito. Ele não era, mas *parecia certo*. Cabia de um jeito estranho ali, entre nós. Fazia alguma coisa em mim vibrar de um jeito antigo. Um jeito bom.

— Mãe, senta aqui — Chris indicou seu lado. Ele queria me afastar de Vinícius.

— Tenho um presente para a sua mãe — Vinícius respondeu ao menino. — Deixe-a aqui do meu lado mesmo.

Olhei para um e para o outro, sentindo faíscas riscarem o estômago. Eu podia lidar com a infantilidade do meu filho, mas não com a do marmanjo do meu noivo. E nada disso dava pra ser tolerado na frente de Gabriel, que continuava em um silêncio fúnebre que estava me matando.

— Vou sentar na ponta, que tal? — Falei sentando longe de todos. Os três homens olharam para mim mas não argumentaram mais.

O primeiro pedaço de pizza foi comido em silêncio. Elogiei a pizza daquele restaurante, e Chris contou que sempre pedíamos pizza lá. Gabriel sorriu para Chris, mas não para mim. O beijo trocado na casa impedia que a gente conversasse. A escalada de um simples toque de bocas para uma explosão de desejo incontrolável era uma situação difícil de administrar.

— Diga, Gabriel — Vinícius apoiou as mãos na mesa, olhando para ele. — Como é essa carreira que você escolheu? Dá pra chamar de carreira, não dá?

Gabriel limpou a boca. O olhar tranquilo não se alterou:

— É um trabalho como qualquer outro. Noventa por cento fica fora da mídia, dez por cento está em tudo quanto é lugar. Mas sim, pode chamar de carreira que não tem erro.

— É muito diferente do que eu faço — Vinícius riu, partindo a pizza com o garfo e a faca. — Sou dentista. Toda aquela coisa de oito as cinco, sabe? Acordar cedo, rotina.

Gabriel levou outro pedaço de pizza à boca, impassível. Eu sabia onde Vinícius queria chegar.

— Vocês se conheceram assim? — Gabriel perguntou meio mastigando, meio engolindo a pizza, do jeito mais casual do mundo, como quem come entre amigos. Fingi que estava ajustando o cabelo e olhei para outro lado. Não conseguia olhar para ele, e os lábios chegavam a formigar quando me lembrava o porquê.

— Sim. Ela foi levar Chris ao dentista, e acabei me encantando pela mãe.

Sorri para Vinícius, e quando ele esticou a mão em minha direção, levei a minha até a dele. Ele alisou meus dedos, carinhoso. Um silêncio constrangedor desabou sobre a sala.

— Há quanto tempo estão juntos? — Gabriel perguntou um minuto depois.

Vinícius me olhou. Enquanto eu fazia as contas, notei que ele não se lembrava.

— Dez meses — respondi encarando Gabriel.

Erro. Péssima ideia. O maldito tinha um jeito todo diferente de olhar para mim. Mais uma vez o suor começou a encharcar a mão e eu a puxei sob os dedos de Vinícius.

— Não é muita coisa. — Gabriel comentou enfiando outro pedaço imenso de pizza na boca. Chris o imitou.

— Quando a pessoa é a certa, ela é a certa — Vinícius rebateu. — A gente não demora para saber.

— A gente sempre sabe — Gabriel concordou com Vinícius. — E concordo com você. Certas coisas sabemos

logo.

Duas piscinas azuis me encaravam como se respondessem algo àquilo também. *Me deixe em paz, criatura dos infernos.*

Aquilo pareceu lembrar Vinícius de algo: — Por falar nisso, Lis, tenho algo para você.

Acompanhei sua mão até o bolso da calça. O coração começou a batida errática, impulsionado pelo medo. *O que vai fazer, Vinicius?* Ele estendeu a mão até o bolso traseiro e trouxe uma caixinha às vistas. Meu coração batia de forma cada vez mais atabalhoada. *Não, não, não. Você NÃO vai fazer isso comigo.*

— Pensei muito antes de comprar isso aqui. Achei que poderíamos fazer as coisas como sempre fizemos: conversando, e chegando juntos a decisões que seriam melhores para nós dois — quer dizer, nós três — ele lembrou de Chris. — Mas um ato impulsivo de vez em quando não faz mal a ninguém.

— O... O que é isso? — Olhei desconfiada para a caixa.

— Adivinhe.

Um cercado? Um aviso? Um afasta interessados? Subi os olhos para encará-lo, surpresa. Vinícius comprou um anel para mim.

Ele abriu a caixinha e uma aliança linda reluziu no centro da mesa.

— Já que nos casaremos, queria fazer as coisas direito. A gente precisava de um anel.

Se eu levantasse os olhos, veria todos me encarando, cada um a seu modo. Eu só conseguia encarar o anel. O anel que eu precisava aceitar, sob risco de parecer que estava passando alguma mensagem para Gabriel. O engraçado é que embora aquilo dissesse respeito a uma união com outro homem, era a reação de Gabriel que me preocupava.

Aquilo deveria ter sido um aviso.

— Não faz sentido sermos noivos e não termos anel. — Ele pediu a minha mão.

Estendi o dedo até ele e sorri, com o coração comprimido. Vinícius deslizou o anel em meu dedo sob olhares atentos. O silêncio era tanto que eu ouvia o motor da geladeira na cozinha. Podia ouvir os sons da rua, metros abaixo. Eu podia ouvir meu próprio coração bater.

Vinícius se inclinou e beijou meu dedo. Seu sorriso parecia honesto e legítimo, mas havia sem dúvidas um grande prazer em fazer aquilo na frente de um possível rival.

— Vamos comemorar com vinho. Vou pegar um na adega, ok, Lis?

— Claro — respondi, correndo rapidamente os olhos pela mesa. Não demorei no olhar soturno de Gabriel. Parei no rosto de Chris, que estava com um bico.

Sorri para ele, mas ele não sorriu de volta. Meu sorriso morreu também. Vinícius voltou com a garrafa e as taças, mas ao estender uma para Gabriel, ele ergueu a mão. Não queria.

— Quer terminar de comer e voltar a brincar? — Gabriel perguntou baixo para Chris. O que ele estava dizendo era: aquele não é momento para nós dois. Chris fez que sim, mas antes que se levantasse, Vinícius perguntou:

— A.A.?

— Como?

— Parou de beber? — Vinícius parou de entornar o vinho em sua taça. — Ou nunca bebeu? Acredito que esteja parando, certo?

— Estou dando um tempo — Gabriel respondeu.

— Imagino que deva ser difícil na sua área... Como entrar em um palco sóbrio, certo? — Vinícius subiu o olhar, fingindo não ter intenção na pergunta.

Talvez por respeito a Chris, Gabriel estava aguentando as indiretas com enorme tranquilidade.

— A gente não deveria sequer estar bebendo — comentei, afastando minha taça. Não era certo beber na frente de quem estava tentando se manter longe do álcool.

— Fala sério, Lis — Vinícius empurrou o copo outra vez em minha direção. — Duvido que ele se importe que a gente celebre.

Gabriel ergueu os olhos para Vinícius. Em um olhar tranquilo e extremamente azul cabiam muitos palavrões, e ele despejou todos eles sobre o meu noivo.

Aquilo deixou Vinícius inquieto. Ele pousou com a garrafa na mesa e perguntou, interessado:

— Aliás, sua carreira não é muito errática? Errática assim, no sentido de não ter muita rotina? Pergunto isso porque você certamente pretende incluir Chris na sua vida, mas não vejo *como* — Vinícius soltou uma fungada divertida. — Acho que uma hora teremos que conversar sobre isso, não?

Ele olhou para mim, mas eu estava absolutamente chocada com tudo que ele estava falando.

— ...Seria estranho movê-lo de uma vida estruturada para o... absoluto caos.

— Eu me pergunto qual é a intenção desse comentário — Gabriel decidiu entrar na briga com um sorriso tão tranquilo quanto falso. — ...Ou do teatro com o anel. Se quer me mandar uma mensagem, seja direto.

Um calor inominável tomou meu rosto. Eu não permitiria que esses dois brigassem aqui. Não mesmo. As farpas continuaram a voar:

— Indireta? Não. Apenas pensando alto o que passa pela cabeça de adultos responsáveis.

Chris aguardava o próximo movimento do pai. Olhei para ele, implorando que ignorasse os comentários de Vinicius. Só duas pessoas tinham voz naquela casa quanto a ele, e Vinicius não era uma dessas pessoas.

Mas meu noivo estava se mordendo de ciúmes. Sabia que não podia competir com o pai de Chris em muitos — *muitos* — aspectos, enquanto desconfiava que perdia em outros. Ele faria de tudo para diminuir Gabriel.

— Vamos parar? Por Chris? — pedi, mas fui ignorada. Esse era o problema quando dois homens se mediam por causa de uma mulher: nunca era por causa da mulher. Aquela era a coisa mais egocêntrica que já tinha presenciado.

— Você não se perguntaria em que tipo de casa Chris cresceria? — Vinicius perguntou para mim. — Tenho certeza que isso já passou pela sua cabeça.

— Vinícius — apoiei a testa na mão, sentindo a irritação crescer.

— Somos pessoas de rotina — ele deu de ombros, falsamente tranquilo. Falsamente *me incluindo* numa argumentação que tinha agora pouco a ver comigo. — ...e rotina é importante para que a criança cresça com bases seguras. Isso será ainda mais importante depois do nosso casamento.

Eu estava para voar nele.

— Você não é casado, é? — ele perguntou para Gabriel. — Ah, espere. Você e a Tris, que era daqui, tiveram alguma coisa durante anos, estou errado? Bem, ela não parece ser fã de rotinas também.

— Vinícius! — eu praticamente gritei. O que estava acontecendo com aquele homem?

— Que babaquice.

Tomei um susto ao ouvir a voz de Chris. O menino se levantou e estendeu a mão para Gabriel, chamando-o para sair dali. Vinícius, como eu, não esperava que a reação viesse justamente do menino, e parecia ter levado uma porrada — ao meu ver, merecida — na cara. Apostou que Gabriel perderia a compostura, e foi chamado de babaca pelo filho da noiva que

queria agradar. Agora que havia sido chamado de babaca, estava ofendido.

Ele me olhou cobrando alguma coisa. *Aplausos?* Se queria que ralhasse com meu filho, perdeu seu tempo. *Bem feito*, era o que eu diria se não me importasse tanto com todos ali.

Chris e Gabriel deixaram a mesa, e eu finalmente pude olhar para Vinícius com a fúria apropriada.

— O que deu em você? — soquei de leve a mesa, tentando manter a voz baixa. — Que palhaçada foi essa?

Ele me respondeu igualmente irritado: — Você acha que vou deixar que esse babaca iluda Cris — e talvez você — com essa aura de fama e rebeldia? O que você acha que tem por trás dessa vida glamourosa de dinheiro e sucesso? — ele abaixou mais a voz: — Vou te dizer o que tem: drogas, promiscuidade, pouco apreço por gente como nós. É isso que você quer? Por que me parece que é isso que você quer que o menino veja.

Suas palavras não me feririam mais se fossem chicotadas. Vinícius sabia como me trazer para a realidade. De um jeito torpe e odioso, sim, mas com as palavras certas. Olhei para o quarto me lembrando de todos os escândalos em que Gabriel se envolveu nos últimos anos. Nas confusões, os namoros que mal terminavam para serem reiniciados em outro lugar, com outras garotas. Caí da nuvem e chacoalhei a cabeça. *O que eu estava esperando que saísse dessa brincadeira de dar corda para os avanços de Gabriel?* Em quanto tempo ele se entediaria de nós?

Ele voltaria para a vida dele, da qual nem eu, nem Chris fazíamos parte, e eu ficaria aqui.

— Não se esqueça que ele te largou grávida.

Olhei para a porta do quarto de Chris e perdi a cor. Vinícius olhou para trás. Gabriel estava parado ali, mão dada com a de Chris, olhando para nós.

— Estou indo, Lis. — Ele falou. — Volto outra hora.

Levantei, constrangida e acuada.

— Você não precisa ir.

— Não quero ficar — Gabriel respondeu olhando unicamente para mim. — Vou marcar em breve um almoço na casa da sua mãe. Gostaria que Chris fosse. Quero que Rico e os meninos o conheçam, se você estiver ok com isso. Se quiser acompanhá-lo, será muito bem vinda.

— Na casa da *sua* mãe? — Vinícius repetiu, olhando para mim. — Como assim, na casa da sua mãe?

Nós o ignoramos. Gabriel ergueu a mão para Chris e suas palmas se encontraram. Em seguinte ele caminhou até a porta.

— Posso trocar uma palavra com você? — Gabriel perguntou ao passar por mim.

Vinícius bufou. Gabriel estava ignorando sua presença.

— Espere aqui — eu falei para Vinícius. Caminhei até a saída com Gabriel, devendo-lhe desculpas. Pediria também que a partir de hoje seria melhor se ele visse apenas Chris, e limitasse o contato comigo. Vinícius estava ficando louco e eu não estava sabendo lidar com isso. Acompanhei-o até o corredor. Ele desceu um degrau, indicando que estava realmente de partida.

Por favor, não mencione o beijo. Aquele era um assunto que eu não podia falar em um edifício com paredes tão finas.

— Desculpe por hoje — falei cruzando os braços, encarando-o pela primeira vez desde ontem. — As coisas saíram do controle.

O olhar que ele me deu mataria os fracos do coração. Por que tinha que ter olhos tão doces? *Por que tinha que ser tão certo e tão errado?*

— Venha hoje à noite — ele disse baixo.

A boca ensaiou perguntar *o quê* três vezes.

— Ir aonde? — gaguejei.

— Deixarei a porta aberta. Preciso conversar com você.

Meus olhos viraram duas luas na cara.

— Você enlouqueceu?

Ele prensou a boca, em um sorriso que não chegou a acontecer. Deu mais um passo, descendo um degrau.

— Não é loucura alguma. Existe um motivo para eu ter feito o que fiz, e você ainda não a ouviu.

Do alto da escada eu o vi descer a escadaria, sem saber o que responder.

O corpo reagiu enlouquecido à proposta proibida. Claro que não ia, claro que não. O que ele estava pensando? Voltei para o apartamento e vi Vinícius encher mais uma vez o seu copo. Parei na sua frente, séria. Ele teria que se explicar. Ciúmes não era salvo conduto para agir daquela maneira.

— Por quê? — perguntei, tirando o anel do dedo e colocando sobre a mesa. — Nunca conversamos sobre anéis antes. Não temos data para nada. Falamos sobre uma vida em conjunto dezenas de vezes, e em nenhuma delas você mostrou a diligência dessa noite. E por que o ataque ao pai do menino?

Ele olhou em silêncio para o anel sobre o tampo da mesa.

— Eu só achei que ... — ele pausou, olhando para o aparador, onde dois vasos mostravam flores coloridas. — Foram as flores — ele confessou.

— Que flores?!

— A que ele te deu. São Astromélias. Conheço o significado de uma ou outra, e calhou de eu conhecer o significado dessa.

Olhei para as flores sobre o aparador, sem entender. Gabriel as havia trazido ontem.

— Elas significam "Saudade infinita". — O coração se aqueceu sem minha autorização. Vinícius levou a taça a boca, completando: — Ele gosta de você.

Chris estava parado na porta do quarto, ouvindo a conversa. Era testemunha da minha desorientação. No

momento não conseguia pensar direito, só na proposta que Gabriel me fez antes de descer.

— São só *flores* — disse arrastando os dedos pelo cabelo.

— Como pode alguém que fez uma música horrível para você, te chamando de vadia, ter a cara de pau de mandar uma mensagem assim?

— Que música? — Chris perguntou da porta. — *Aquela Garota*? Então ela foi escrita para você?

Havia de tudo um pouco na maneira como Chris me olhava, mas a maior tristeza foi ver sua decepção. Sim, seu pai, que ainda estava conhecendo, fez aquela música desrespeitosa para a sua mãe. Chris deu meia volta e sumiu no quarto, sem dizer mais nada.

— Obrigada, Vinícius. Sua necessidade de confrontar Gabriel magoou o único que não precisava ser magoado essa noite.

— Você acha que ele não saberia? Que conseguiria esconder isso dele? — Vinícius me olhou, sério.

— Claro que um dia ele saberia. Mas imaginei que seria contado por mim e pelo pai, não em um acesso de ciúmes *seu*. Aliás, quer saber? — eu disse para ele com decepção escancarada:— A última coisa que preciso hoje à noite é do seu ciúmes. Quando sair bata a porta.

Entrei no quarto de Chris e deitei ao seu lado na cama, esperando ouvir o barulho da porta batendo.

Não demorou a acontecer. Quando levantei para fechá-la a chave, vi que a aliança continuava sobre a mesa.

MANCOMUNADOS

— Mãe? — Chris me chamou assim que afastei a colcha de sua cama, arrumando-a para que ele se deitasse. A dor na cabeça vinha em pulsos, rítmica e dolorida, encurtando a paciência. — Telefone para você.

— Para mim?

Ele me estendeu o aparelho.

— Alô?

— Lis? Aqui é Jandira, mãe do Luigi.

Demorei um segundo para lembrar quem era Luigi. E quem era Jandira. Não por que não soubesse quem são — são os vizinhos de baixo — mas porque jamais recebi uma ligação deles, especialmente à noite.

— Oi Jandira. Como vai?

A voz da mulher saiu hesitante:

— Er... O Chris pode dormir aqui hoje com o Luigi?

Olhei para Chris. Ele estava de costas para mim, tirando um pijama da gaveta e enfiando em uma mochilinha azul. Atenta, saí do quarto.

— Mas assim, um convite do nada? — Forcei uma risada.

— Que eu saiba faz meses que Chris e Luigi não brincam.

— Pois é... — a mulher exalou como se não tivesse entendido também. — Chris me parou hoje na saída da

escola e disse que adoraria dormir lá em casa qualquer hora dessas. "Reconectar-se com as amizades de infância", foram as palavras que ele usou. Você conhece Chris, ele leva a gente nesse vocabulário dele e a gente nem vê. Eu disse que sim, claro.

Olhei de cara feia para Chris. Ele estava parado na minha frente, pronto. Mochila nas costas, X-Box no colo, olhar de quem não tinha aprontado *nada*.

— De onde saiu essa vontade? — perguntei para ela, fuzilando o menino com os olhos. *Luigi não era até ontem "o garoto mais chato do mundo?"*

— Não sei — Jandira respondeu. — Mas Luigi está aqui, todo serelepe. Ele adorou a ideia. Disse que vão brincar muito de pirata.

— De *pirata*? Que ótimo — repeti alto, vendo Chris revirar os olhos. — Está tudo bem para você ele dormir aí?

Eu entendia lentamente o que aquilo significava.

— Claro! Nunca achei que eles ainda gostassem de brincar juntos. Eles parecem ter uns... — ela pausou — *...trinta anos de diferença?*

Eu conseguia ouvir do outro lado a gritaria de Luigi. Olhei para Chris, quase com pena do menino.

— Posso deixá-los brincar por uma hora e depois buscá-lo, Jandira. Não quero dar trabalho.

— Eu quero dormir lá — Chris respondeu, enfático. Enquanto Jandira me assegurava que não era trabalho algum, Chris andou até a porta: — Até amanhã, mãe.

— Ei, espere aí! — falei com ele, mas ele já tinha destrancado a porta e agora descia as escadas.

— Eu recebo ele aqui — Jandira me assegurou. — Boa noite e até amanhã.

Ouvi a porta de Jandira se abrir e os gritos de animação de Luigi. Desliguei o telefone completamente ciente de que fui

envolvida em um plano para me liberar da noite. Um plano que Gabriel montou com Chris.

Furiosa, peguei as chaves e saí. Gabriel não tinha o direito de fazer isso comigo. Não tinha o direito de envolver o menino em nossos assuntos, e ia ouvir poucas e boas de mim.

ESTACIONEI o carro na frente da casa. A rua estava escura e silenciosa, com os poucos postes de luz clareando apenas a entrada das casas. Havia algo diferente na casa que um dia foi minha. Havia um aroma fresco ao redor dela. Um cheiro de grama molhada e recém aparada. Materiais de construção amontoavam-se em um canto, na entrada da garagem, e dentro da casa uma luz fraca vinha da cozinha.

Segurei o volante, respirando fundo. *Ok, vir aqui não foi a melhor ideia do mundo.*

Pouco mais de 24 horas atrás, minha vida foi virada de ponta cabeça. Ela antes seguia um curso fixo — uma trajetória firme, sem percalços. Agora me via caminhando sobre um chão cheio de minas explosivas. Meu emocional estava em pandarecos, e a previsão do tempo dizia que viriam mais tormentas. Eu tinha beijado aquele homem que esperava a minha chegada. Escondido, como uma adolescente. Tudo porque eu não conseguia resistir a ele.

Olhei para trás, sentindo o frio na barriga que só as coisas erradas provocam. Se Vinícius resolvesse aparecer ali, eu estava ferrada. Mas no momento a situação com ele me irritava mais do que me preocupava.

Desliguei o carro e saltei. Guardei a chave na bolsa e caminhei até a entrada, estalando os dedos. Eu seria breve. Para começar, me desculparia por Vinícius — ele foi babaca

— e depois confrontaria Gabriel sobre duas coisas que estavam me matando.

Uma, ele nunca mais combinaria coisas com Chris nas minhas costas. Não sei o que falou para o menino, mas usá-lo para me atrair até ali foi demais.

E tinha o lance da casa.

Subi as escadas da varanda pensando no que ele fez. Ele comprou a minha casa de infância e a deixou fechada. Como pode nunca ter dito nada?

Coloquei o dedo sobre a campainha, mas sua voz dentro da cabeça repetiu: *Deixarei a porta aberta*. Bati de leve na porta. Como ninguém respondeu, girei a maçaneta e a porta abriu.

A sala estava escura, iluminada pela luz fraca que vinha da bancada da cozinha. Conhecia a casa e suas sombras, e reconhecia também a dele no sofá. Não sei se ele me ouviu entrar; ele parecia dormir. Tinha uma mão cruzada sobre a barriga e a outra debaixo da cabeça; um pé descansava sobre o sofá enquanto o outro se apoiava no chão. E ele estava sem camisa. Vestia uma calça escura, um tênis e só.

Parei ao seu lado. A luz que vinha do janelão, pálida e prateada, o transformava em uma pintura. O peito liso reluzia pela luz da lua, acetinado como pérola. Eu precisava controlar essa emoção toda vez que o via, mas meu coração tinha vontades próprias. Eu o achava o cara mais bonito do mundo. Um perigo. O único que causava em mim esse tipo de falha completa do sistema. Seus olhos se abriram e ele sorriu.

— Você veio.

— Achei que estivesse hospedado no hotel — murmurei, engolindo um litro de saliva. O silêncio era tão grande que mesmo o murmúrio pareceu alto.

Ele se sentou, coçando os olhos.

— Muita gente acampada na entrada. Resolvi ficar por aqui.

Andei até a janela, olhando a rua vazia.

— Já descobriram que você está na cidade?

— Sua amiga marcou a minha localização. Está impossível circular pelo centro.

Lembrei da postagem de Dalila sobre a camiseta que ele deu para Chris. Por sorte estava escuro, ou ele veria que avermelhei inteira.

Ouvi Gabriel se levantar, mas não ouvi passos. Meu coração batia no pescoço, nos pulsos, no peito, nas pernas. Estremeci quando a presença dele já não era mais ouvida, e sim sentida. Ele estava atrás de mim.

— Preciso falar com você — virei dando de cara com ele. Seu rosto estava parcialmente clareado pela luz. Suas intenções eram claras, quase transparentes. Como seus olhos. Que, a propósito, corriam meu rosto de maneira tranquila, quase líquida. Ele queria me tocar. Recomeçar de onde tínhamos parado ontem. E teria me tocado se eu não tivesse dito:

— O que disse a Chris antes de ir embora?

Ele não entendeu.

— Ele arrumou um esquema com um vizinho. Fez a mãe do menino me ligar convidando ele para dormir na casa dela. Desconfio que tenha feito isso para que eu pudesse vir aqui.

Gabriel segurou o sorriso.

— Não disse nada. Bem, talvez tenha dito algo sobre como a noite anterior, passada a três, foi melhor que a de hoje. E concordei com ele sobre o seu "noivo", o rei da razão, estar agindo como um babaca.

Balancei a cabeça, ignorando a alfinetada em Vinícius. Gabriel deu um passo para trás, e me senti menos acuada.

— Não podemos misturar as coisas — falei, deslizando para longe dele. A voz saiu menos firme do que gostaria, mas saiu. — Você e Chris estarão na vida um do outro. Eu, não. —

E antes que ele mencionasse ontem, completei: — Ontem perdi a cabeça. Não vai acontecer de novo.

Gabriel sentou no braço do sofá e cruzou as mãos sobre as pernas. Ele continuava esguio. Levemente mais musculoso, como se às vezes malhasse, mas não muito. Tinha duas tatuagens bonitas nos braços, nada que tampasse muito a pele, e o cabelo batia na altura dos ombros, como sempre pouco comportado. No mamilo direito reluzia um pedacinho de metal. Um piercing de argola. Discreto, mas suficiente para disparar em mim um comichão da coluna para outros lugares.

— Por quê? — ele perguntou.

Quis erguer a mão e mostrar que era por causa do meu compromisso, mas lembrei que deixei a aliança em casa. Escondendo os dedos no bolso da calça, falei engasgada:

— Por causa de Vinicius. Por favor, não tente forçar encontros, ou...me beijar outra vez.

Eu corresponderia, e você sabe.

— Não tentarei te beijar de novo — ele prometeu.

Estalei o pescoço, incomodada. *Flashes* da sua boca na minha empapava a nuca de suor. Eu podia sentir o gosto de sua boca; a textura dos lábios. Mas ele não tentaria de novo. Isso era bom.

— Onde está sua aliança? — Ele perguntou.

— Em casa. Fiquei com raiva com a maneira como Vinícius falou com você. Ele foi desrespeitoso com Chris, também.

— Ele foi desrespeitoso *com você*.

— Olha quem fala — eu me inflamei. — Estou só explicando que Vinícius cruzou a linha do bom senso, e peço desculpas. Vocês não ficarão mais no mesmo cômodo, garantirei isso.

— Não faço questão de ficar no mesmo cômodo que ele.

— ...E nem ficará comigo. Não quero mais dar chances para ... — olhei para a distância que nos separava, e para o piercing indecente que enchia a cabeça de fumaça. — Isso. O meu noivado é real.

Ele não disse nada. Tinha me esquecido desse lado de Gabriel. Vê-lo desempenhar um papel no palco me fez fantasiar coisas a seu respeito que, eu via agora, não existiam. Sua performance alimentava ideias no imaginário popular: ímpeto, pulsão. Agito e improvisação. Com isso acabei me esquecendo de como ele era tranquilo quando estava comigo.

— O beijo de ontem também foi real — ele disse.

— Foi só um beijo.

— Que eu amei dar, e quero repetir.

Seus olhos soltavam faíscas, e sua voz era um convite.

— Pare, Gabriel. Você voltou por causa de Chris. Eu não estou no pacote.

Ele escorregou sobre o tecido e se sentou, recostando na almofada. A sala estava quente, e eu suave. Mal conseguia olhá-lo. *Um beijo que amou e queria repetir* era golpe baixo.

— Entendi, Lis. Não vou tentar nada, prometo. Mas preciso conversar com você, foi por isso que te chamei aqui. Há coisas sobre mim que você não sabe.

Sei o quanto me custou me envolver com você, e pensei.

— Sente-se. Tenho coisas a beça para falar.

LOUCO POR VOCÊ

*E Deus sabe
Que é difícil encontrar aquela pessoa
Mas na hora certa, todas as flores
Sim, na hora certa
Todas as flores se virarão em direção ao sol*

Face the Sun, James Blunt

— Seria mais fácil se eu dissesse que você tem razão — ele começou. — Que voltei por Chris. Mas não seria toda a verdade. Vim por ele, claro. Teria voltado no dia seguinte à minha partida se você tivesse me procurado. Mas depois que vi a filmagem no hospital, sei que voltei por você.

Era injusto fazer aquilo comigo. Me seduzir era um capricho. Tinha o potencial de estragar a minha vida. Só traria tristeza. *Cabia a mim resistir.*

Ele continuou:

— Estive em 2015 aqui em Porto. Mandeí convites para o show. Pra cá, achando que ainda morava aqui.

Fechei os olhos, lembrando do ano de 2015. E do show, que fingi não saber. E das lágrimas que entornei imaginando-o a poucos quilômetros de mim.

— Eu queria te ver, Lis. Conversar com você depois de tantos anos... Pedir desculpas pela música, rir finalmente daquilo, sei lá. O que eu teria feito se você tivesse aparecido? Às vezes me pergunto isso. Era importante para mim que você viesse.

— Nessa época você ainda estava com *ela*.

Não gostava de falar sobre Tris. Ele sempre disse que não tinham nada, mas e todas as fotos na mídia? As viagens internacionais em que apareciam de mãos dadas? Os olhares trocados em público? Sofri muito pela partida de Gabriel, mas o odiei, mesmo, por ter me trocado tão cedo por ela.

— Eu não estava com ela, mas isso é assunto para outro momento. O que eu quero dizer é que no dia seguinte ao show, aluguei um carro e vim até aqui. Vi a casa caindo as pedações, à venda. E a comprei.

O fogo que tentava manter baixo aumentou. Balancei a cabeça, furiosa que ele tivesse comprado a *minha casa* e não dito nada. Corrigindo: que a tivesse comprado e *mentido* que a alugou.

— Eu a troquei pelo seu endereço. E vi você — ele continuou, agora ciente de que estava chegando em um assunto delicado. — Com uma criança.

Aquilo me fez cravar os olhos nele.

— E não disse *nada*? — praticamente rosnei.

— Eu achei que você tivesse seguido a vida. Casado, tido um filho. Nem em mil anos poderia acreditar que aquele menino fosse meu.

— Que tipo de idiota você é? — O som da minha voz ecoou na casa vazia. — De onde tirou que uma criança daquele tamanho, com quatro anos, poderia ser de outro?!

Senti a ardência tomar os olhos. *Como pode ter pensado que eu conseguiria seguir adiante tão rápido depois de você?*

— Nunca fizemos nada sem proteção, Lis. Você não abria mão disso.

Antes que eu lhe estalasse outro tapa na cara, ele se adiantou: — Mas confesso que não me lembro da última vez. Aquela última noite foi por anos um borrão para mim.

Levei as mãos ao rosto, lembrando bem da última noite. Aquela lembrança em particular eu tentei esquecer.

— Se estivesse sóbrio ou menos drogado, teria se lembrado — respondi, seca.

Ele concordou em silêncio.

Andei até o outro lado do sofá e tombei sobre ele. Meus ombros estavam caídos pelo peso da revelação. Como pode ter parado do meu lado, me visto e continuado seu caminho?

— Achei que estivesse feliz. Que só atrapalharia se reaparecesse.

— Não teve curiosidade? — virei o rosto em sua direção.

De saber se meu coração ainda batia por você? De descobrir se aquela criança, a luz da minha vida, poderia ser sua também?

— Eu tinha pouca condição de lidar com você naquela época.

Chacoalhei a cabeça, sem entender.

— Eu estava quebrado. Vivia a base de remédios para dormir e outras coisas para acordar. Sentia raiva e mágoa daqui. Remorso e rancor de você. Mas também sabia que você era o meu ponto fraco. Por anos não consegui mencionar seu nome. E quando estava mal, voltava para cá. Para a noite em que me resgatou. Ver você feliz, com uma criança, terminou de me quebrar.

— Ela era sua, seu... — Afundei a cabeça nos dedos, querendo xingá-lo outra vez. — Desculpe — falei em seguida. — Você não tem ideia do que eu passei.

Longos minutos se passaram. Eu ouvia sua respiração. Sentia seu cheiro impregnar de novo a casa. Então, de volta ao momento, lembrei que ele disse que o resgatei.

— Você mencionou um resgate. Que noite foi essa em que te resgatei?

— A noite de tempestade. Quando parou o carro e me trouxe para cá.

Quando ele percebeu que não entendi a relevância da noite, perguntou:

— Você não faz ideia, faz? De como me salvou?

Respondi que não.

— Se você não tivesse parado naquela noite, não sei o que teria acontecido comigo. Eu ia fazer algo muito ruim.

Soltei uma bufada de escárnio.

— Gratidão não é o que vem à cabeça quando ouço o hino da vadia ser entoado nos estádios, Gabriel.

Ele se sentou no sofá, ao meu lado. Virado para mim, perto o suficiente para que a temperatura se elevasse. Um calor antigo chegou tomando a pele, acompanhado de um pânico lento. Ambos se alastravam por mim, disputando barriga, coração e braços, alternando entre frio e ardência.

— Essa é a versão que nunca contei, Lis. O motivo pelo qual voltei tantas vezes para cá, e ao mesmo tempo não voltei.

Tropecei nas palavras, achando sua explicação furada: — Essa é a sua versão? Que comprou a casa para deixá-la apodrecer, que viu Chris mas achou que fosse de outro, que escreveu uma música me esculhambando porque eu *te salvei*?

— Não — ele balançou a cabeça. — O que eu nunca disse, mas estou dizendo agora, é que você resgatou um cachorro de rua naquela noite. Um cara sem nada, que só conhecia abandono e porrada. E trouxe esse cara para casa. Deu a ele atenção e dignidade. E mais tarde, seu amor. E eu venerei você. Amei você por mil vidas, como nem sabia que dava para

amar. Mas tudo que eu pensava era: o que vai acontecer quando ela me enxergar? Quando *realmente* me enxergar? Quando for para a faculdade e perceber que eu nunca poderia oferecer *nada*?

— Não era assim que eu via você, Gabriel.

— Como um vira lata deixa de ser um vira lata? Me diz, Lis.

Limpei a lágrima idiota que insistiu em rolar bochecha abaixo. *Você não era um vira-lata*. E como podia dizer assim, com essa naturalidade, que me amou por mil vidas?

Ele fingiu não ver que eu chorava. Sua voz saiu embargada:

— Quando recebi a chance da gravadora, agarrei com força demais. E perdi de vista por que, exatamente, queria aquilo com tanta força.

Não ouça mais uma palavra. Não deixe ele entrar em você outra vez.

— Quando pediu para que eu ficasse, fiquei ofendido. Eu tentava crescer e você me queria pequeno? Foi assim que encarei na época. Quando me deu o ultimato, escolhi partir. E levei comigo só suas últimas palavras. Você se lembra delas?

Todos os dias.

— "Você nunca vai ser alguém." — Tive a dignidade de admitir. Foi com aquela frase horrível que nos despedimos.

As lágrimas agora banhavam o rosto e molhavam a camiseta. Tentava segurar os olhos com o indicador e o polegar para conter a profusão de rios, mas eles continuavam a seguir seu curso, salgando a boca.

Não houve no mundo quem o tivesse amado mais. E foi horrível ter que assassinar nos anos seguintes tanto sentimento.

— Eu precisava da raiva para continuar — ele falou. — Se baixasse a guarda, veria o que realmente sentia. E teria desmoronado.

Ouvi meu próprio soluço cortar o silêncio.

— Desmoronado *mais cedo* — ele consertou. — Desmoronar foi inevitável.

Jamais havia dito algo tão cruel para outra pessoa. Como posso ter falado aquilo justamente para ele? Foi por raiva? Desespero? Por que ele estava para alçar vôo, e eu estava presa, ali?

Enxuguei as lágrimas. Aquilo explicava algumas coisas. Não sei se havia coisas que ele pudesse dizer, hoje, que me fariam perdoá-lo completamente. Ao mesmo tempo, perdoar o quê? Fora a música — essa sim, uma ofensa — tudo que fez foi direito seu fazer. Partir, voltar, me ignorar.

Levantei, enxugando o rosto com as costas das mãos e limpando-as no moletom.

— Está tudo bem — falei baixinho. — Obrigada por... me dizer essas coisas. Explica por que partiu. E mais ou menos por que nunca me procurou.

Eu precisava ir embora. Um alarme antigo, que costumava me alertar para situações de risco, girava vermelho dentro de mim. O que faria agora com essa informação? Carregaria o que ele despejou sobre mim e pelos próximos anos ruminaria o que disse?

Sim, era isso que eu faria. Não conseguia vislumbrar uma vida em que não ruminasse sobre Gabriel. Peguei a bolsa e tirei a chave de dentro. O coração doía, de tão apertado.

— Se ainda dá tempo, quero pedir desculpas também — falei sem olhá-lo. — Quando disse que nunca seria nada, estava com raiva. Muita raiva.

Engoli em seco, ainda mexendo nas chaves:

— Eu tinha medo por você. Você não aparecia mais sóbrio, não dormia mais aqui. Começou a cheirar pó e... e então aconteceu aquele lance com Tris.

Seus olhos estavam cravados nos meus.

— Enfim, passou. Achei que te procurar depois da música não fazia sentido. Eu estava magoada. Mas tomamos nossas decisões da melhor maneira que conseguimos. Você as suas, e eu, as minhas. Nossa chance passou, mas você ganhou uma nova oportunidade: Chris vai iluminar sua vida como fez com a minha.

Ele sorriu, triste.

— É melhor que nós dois não ... — não precisei concluir a frase. Corri os olhos pelo seu peito, pulando a parte onde pendia a argolinha prateada. *Por causa dessa química louca e inegável, você sabe. E dessa energia que acenderia um continente inteiro ao mero contato.*

Ele fez que sim.

— Você pode aparecer lá em casa quando quiser, mas é melhor ligar antes. — Cocei o pescoço. — Para evitar... você sabe.

Que fiquemos sozinhos. Céus, eu me sentia esfarelar. Bem ali, na frente dele.

— Então tá. — Olhei para a porta. — Pelo menos colocamos as coisas em pratos limpos. Fico feliz que esteja na vida de Chris.

— Obrigado, Lis.

Droga de voz que parece ter sido lixada em pedra. Que tocava sininhos internos. Alcancei a maçaneta mas não a movi. Minhas pernas não se mexiam.

— Quanto à música, não vou mais pensar nela — falei para mim mesma. — Passou.

— Posso conseguir uma entrevista — ele sugeriu. — Pedir desculpas publicamente. Não posso deixar de cantá-la por motivos contratuais, mas...

Fiz um gesto de "esqueça" com as mãos. *Não precisa.*

— Está tudo bem. — *Agora eu vou.* Apertei a maçaneta, sentindo o metal frio na palma. Meu estômago dava

cambalhotas. Meus nervos estavam carcomidos. — A gente se vê.

Abri a porta. Ao invés de se despedir, ele disse:

— Eu cumpri a promessa.

Parei no lugar: — Promessa?

— A que fiz certa vez. Sobre fazer uma música para você.

— Sei que fez. Aquela Garota.

Ele balançou a cabeça que não. Não estava falando daquela música.

Voltei à noite em que me disse aquilo. Ao quartinho atrás do Rocker's, à excitação depois da apresentação, à pele colada à minha. Foi o nosso primeiro *eu te amo*. Era fácil voltar para lá, eu me lembrava perfeitamente do caminho.

Todas as minhas músicas serão para você, ele disse aquela noite. Não apenas uma.

Tantas letras passaram à frente que eu precisaria de uma vida para colocá-las em palavras:

"Certa vez conheci uma garota que foi escrita para mim. Ela era a letra de uma música triste, e sua melodia embalava meu sono..."

Comecei a tremer.

"Como avalanche, ela passou; arrasando caminhos, chances, opções... Minha loucura, meu vício, minha dor. Você foi o preço por eu amar demais..."

Ande, vá. Saia da casa, Lis.

Dalila já havia dito aquilo, mas não acreditei. *"Não são músicas, Lis"* — ela falou. — *"São declarações"*.

"Escrevi canções e inventei batidas, formei com letras palavras bonitas

Pra cantar em versos, refrões e rimas ...

versos completos

da noite que foi só melodia..."

Fechei a porta. Não tinha coragem de ficar, mas também não tinha de sair. Tinha pedido que me deixasse, sem querer

realmente que me deixasse ir. Havíamos acabado de combinar que o correto era lidar com isso separados.

Balela.

O coração tomava o lugar da batida das músicas. A ânsia por vida falava mais alto que o medo que sentia. Letras se confundiam com a realidade. Falavam mais de mim do que eu mesma sabia.

"O amor guarda o DNA de todos os amantes do passado... mas o que fazer quando o erro é mais perfeito que o acerto?"

— Por quê? — voltei um passo. — Por que compôs aquelas músicas para mim?

— Porque só valia a pena cantar se fosse para você.

Deixei a bolsa cair, e caminhei até ele. *Tudo errado.* Ele venceu o resto da distância com dois passos, e me abraçou. Boca, braços e mãos; tudo dele estava ao meu redor, e tudo meu estava dentro do seu abraço.

MINHA FRAQUEZA

*And all our skin burned so fast
I'll give you a love that cannot last
And all our eyes light like flames
I need you to forever call my name*

Kyla La Grange, Catalyst

Gabriel

Acho que agarrei com força demais seu cabelo, com medo que mudasse de ideia. Ela riu dentro da minha boca, e eu amansei, soltando as mechas. Inspirei seu riso. Serpenteiei o quadril contra o dela, querendo proximidade. Ela não me conhecia mais, e nem eu conhecia mais ela, mas se me reconhecesse, saberia que eu estava completamente vidrado. Seu sorriso tinha se mantido intacto na memória, era exatamente como eu me lembrava. Ela se abria assim, no sexo. Rindo. E toda vez o sexo acabava comigo. Começava louco, um se desmanchava dentro do outro e depois...

Puxei-a, mordendo sua boca. Ela queria me arranhar mas também continuar beijando. Deixou que eu a suspendesse e enganchou as pernas na minha cintura, me segurando pelos braços. Se eu soubesse que bastaria mencionar as músicas para tê-la de volta, teria gritado aquilo no palco, anos atrás. Por que demorei tanto para seguir o coração? Por que deixei o medo e a insegurança se vestirem de mágoa e precaução e dirigir o show?

Minha saudade era crua. Minhas mãos estavam afobadas, meus beijos machucavam sua boca. Eu a puxava o tanto que a alisava, as palmas pesadas correndo a cintura fina, os ombros delicados, os seios perfeitos. Andei com ela pelo cômodo tentando acertar qualquer superfície — se fosse parede, me esfregaria contra ela; se fosse no sofá, deitaria sobre ela — e acabei caindo sentado sobre o estofado do sofá velho. Ela continuava agarrada a mim, sentada sobre a minha virilha, me beijando com a mesma força esmagadora com que eu a beijava. Suas mãos me prendiam pelo ombro, às vezes subiam pelo peito, outras pelas costas. Sua boca me largou para oferecer, no lugar, a pele macia do pescoço. Deixei uma trilha de beijos do maxilar ao colo, gemendo baixo quando ela circulou com o dedo o piercing no meu mamilo. Ela se afastou para me olhar.

— Seu diabo — disse me recriminando. — Você conhece meu DNA ruim.

Ri, cheio de saudades. Corri os olhos pelo rosto bonito. Ela tinha mudado muito pouco, e só para melhor. Tinha agora linhas discretas ao lado dos olhos. O cabelo estava mais escuro, e bem menos cacheado. Os olhos continuavam grandes e escuros, e os cílios femininos e imensos a deixavam parecida com uma boneca.

— Tenho outro — disse baixo.

Seu olhar se afiou. Ela desceu os olhos pelo meu peito e subiu. Olhou para as minhas orelhas, mas eu balancei

discretamente a cabeça que não. Pela expressão que fez, ficou espantada.

Ela chegou mais perto: — Onde?

Sussurrei de volta: — Descubra.

Sua testa vincou.

Não era minha intenção soar safado, mas soei. Ela quis rir outra vez, mas não conseguiu. Beijeí seu ombro, estudando sua reação. Ela mordeu os lábios e voltou a me beijar, não mais como beijava o menino que fui. Como homem que eu era.

Era bom respirar o ar que saía dela, me dava a sensação de que ela estava em mim outra vez. Beijeí seu queixo, a linha do maxilar, seus olhos ao me lembrar das lágrimas que derramou. Não gostava de lembrar que tinha chorado, partia meu coração. Eu me sentia de súbito protetor em relação a ela. Precisava compensar anos de ausência, e queria começar fazendo-a feliz.

O beijo voltou para a boca, dessa vez delicado. Ela enfiou a língua macia e quente em mim, e com a minha a acariciei de volta. Ajeitamos o rosto para repetir o antigo encaixe. O beijo vinha em ondas, em avanços e recuos succionados. Voltei a segurar seu cabelo, e ela a acariciar minha barba rala. O beijo trouxe de volta uma enxurrada de memórias acalentadoras, quentes como o ar morno estagnado na casa. Ajustei a virilha sob ela, sentindo ânsia de corpo. De entrar nela. Ela apertou as coxas, esfregando com um gemido a virilha contra a minha.

Desci as mãos até a borda da sua camiseta e embrenhei os dedos debaixo dela. Ela tinha cheiro de perfume fraco, de nota amadeirada sumida em pele feminina. Como se tivesse tomado banho com um sabonete delicado e vestido uma roupa limpa por cima. Encostei a ponta dos dedos na barriga, deslizando-os até o umbigo. Em outras épocas teria tirado a camiseta de maneira frenética para ver seus seios, mas os

anos tinham passado. A vontade era a mesma — talvez tivesse crescido — mas não queria parecer um tarado.

Ela amoleceu ao contato dos dedos, e se afastou. Cruzou as mãos na frente da camiseta e a puxou, arrastando-a pela pele. A malha subiu mostrando as mesmas formas que me faziam ter a impressão de ter chegado no céu. Quem nunca pegou a menina mais bonita da escola nunca saberia a emoção que era senti-la derreter entre seus dedos. Sair dos sonhos e deitar-se ao seu lado. O sutiã era branco, comum, mas a curva que não tampava entre os seios fez meu pau doer de tão duro dentro da calça.

Acaricieei o tecido acetinado com os olhos fixos nos pontos endurecidos debaixo dele. *Carvalho, Lis*. Ela levou as mãos às costas e desabotoou a peça. As alças caíram pelos ombros alvos, e ela segurou no último segundo o sutiã no lugar. Seus olhos encontraram os meus. Ela estava com vergonha.

— As coisas não são as mesmas depois que a gente amamenta, Gabriel.

Se ela soubesse como aquela frase me encheu de amor, deixaria que venerasse cada centímetro de pele do seu corpo. Mas queria que ela entendesse isso com o tempo, e não agora, na euforia pré-sexo.

Fiz que sim, que respeitava. Abracei-a, deitando lentamente com ela sobre o sofá. Não a queria tímida. Queria que soubesse que a única coisa que importava era ela. O todo que ela significava.

Sentir o peito novamente contra o dela era mágico. Beijar seu pescoço, sentir a maciez de sua pele na ponta dos lábios. Beije e lambi centímetros sem rumo certo. Minha coxa se encaixou entre as dela, tocando-a de leve. Suas mãos desceram a curva dos quadris e se enfiaram nos bolsos traseiros da minha calça. Dali, me puxaram para mais perto. Um pouco mais para cima, e para dentro.

Olhei para ela com a frase na ponta da língua: *Tenho medo de não dar conta*. O peito era a própria praia de Copacabana no primeiro segundo do ano. Eu estava com ela, outra vez. Tinha medo de falhar. *Eu nunca me recuperei de você, sabia?*

Não tive tempo de confessar aquilo porque ela tomou coragem e afastou o sutiã, me liberando para beijar seus seios outra vez. Adolescentes eram doidos por peitos, e eu não era exceção, anos atrás. Achava erótico dormir ao seu lado sem roupa e poder passar a mão neles durante a noite. Eles eram firmes, pareciam peras maduras apontados para a frente. Gostava de descer na cama nas primeiras horas da manhã e acordá-la chupando um dos bicos. Tudo recomeçava a partir daí. Ela se espreguiçava, excitada, o meio das pernas molhado outra vez. Só de lembrar disso sentia vontade de rasgar sua calça e ...

Nove anos, cacete. Uma arremetida e você gozaria igual um moleque.

Desci os beijos até o seio direito. Ele continuava lindo, de onde ela tinha tirado a neura? O mamilo continuava bem desenhado, o brotinho durinho, esperando pela língua. Então vi as estrias, e entendi a paranóia. Respondi beijando cada uma delas com a delicadeza que a história delas merecia. Então corri a língua até o montinho arrebitado e comecei a chupá-lo devagar. Sem força nem pressa. Sons sensuais saíram de sua boca. Os dedos delicados acariciavam minhas costas, gentis. Fiz o mesmo com o outro, abaixando a lateral de sua calça. Ela levou as mãos, ainda de olhos fechados, até o cóis e me ajudou. Afastei o tronco para que sua calça descesse, e dei de cara com o montinho perfeito, escondido pela calcinha que tapava pouco.

A calcinha deslizou pelas pernas e parou no canto do sofá.

Botei um joelho entre suas pernas e apoiei o outro pé no chão. Olhá-la me causava agonia. Era possível passar nove anos sem tocar alguém e se sentir em casa? Como se

caminhasse por uma trilha conhecida? Desci até a barriga e a beijei de olhos fechados. Inalei seu cheiro cravando os dedos em suas coxas. Abri-as rude demais porque precisava sentir seu gosto. Agora. *Já.*

— Gabr..

Meu nome virou *ahhh...*

Não dei tempo para que terminasse. Minha língua queimou entre as bandas úmidas, lavando-a de saliva do sul ao norte. Com os polegares, afastei suas camadas para chegar mais perto do pontinho minúsculo de onde saiam os gemidos mais lindos. Estava escuro para ver seus detalhes, mas ela brilhava, lustrosa de desejo, e eu só consegui beijá-la e beijá-la, e passar a língua em seu centro para vê-la saltar de agonia. Seu gosto era uma loucura à parte, ele parecia certo na minha língua. Ajeitei-a no sofá. Ela encostou a cabeça no encosto e pousou os pés no chão. Mergulhei entre suas pernas, lambendo-a como se precisasse prová-la. Aquele era o cheiro que mais senti falta na vida. Lambi cada prega, cada protuberância, cada fenda e camada. Ela inchava de desejo, melada. Enfiei um dedo dentro dela. Tirei, lambi, olhei para ela. Enfiei outra vez. Ela se agarrava ao estofado, às vezes de olhos fechados, em outras, olhando para mim com os olhos bem abertos. Seu peito subia e descia, como se respirar estivesse ficando difícil. Enfiei dois dedos, e eles saíram molhados. Enfiei os dois na boca outra vez. Três dedos, só para ver sua testa crispar e sua mão desajeitar o próprio cabelo.

Levantei, e ela abriu os olhos, perdida. Na sua frente, desabotoei os botões da calça. Seu cabelo estava espalhado no sofá, seus olhos me observavam atentos. O corpo alvo em contraste com o tecido escuro parecia um negativo sendo revelado em uma câmera escura. A calça desceu pela coxa, e ela firmou os olhos no volume que mal se continha dentro da cueca.

Ao ver o desenho do piercing apertado contra a malha, um calombo desceu pela sua garanta.

— Não — ela riu, balançando a cabeça. — Fala sério que você tem um piercing aí.

Desci a cueca e ela se ajeitou no sofá. Não ria mais. Perfurar a glândula do pênis pareceu uma idéia legal na época, mas cada fisgada de dor só valeu o esforço hoje, ao ver suas bochechas pegarem fogo e seus olhos irradiarem desejo.

Você pode ser a garota mais certinha do mundo, Lis, mas seu gosto não mudou nada.

Eu não conseguiria ficar mais um segundo afastado dela. Deitei sobre ela. Ela estava molinha, entregue. Me envolveu com braços e pernas, a superfície da pele quente, e nos entrelaçamos no sofá como antes. Não dava para saber mais o que era eu, e o que era ela. Beije-a enlouquecidamente. Tudo outra vez, a boca largando a dela só para beijar sua nuca e lamber cada gota de suor que brotava entre os seios. O pau se ajustava naturalmente contra sua entrada, querendo acesso. Eu rosnava de desejo. Ergui seu rosto para forçá-la a me olhar. Seus olhos tinham a mesma paixão dos anos bons.

— Como pode ? — Perguntei abrindo suas pernas sob as minhas. Meu cabelo caía sobre o rosto, e ela o afastou para me ver.

— O quê? — Ela mexeu o quadril, se ajustando ao meu pau.

— Com posso ser tão louco por você?

— Você é louco, Gabriel. Ponto.

Concordei, empurrando o membro adiante. Ela estremeceu, segurando com força meus braços.

— O que foi?

— É gelado.

Mordi o lábio, fazendo que sim, e seu sorriso cresceu. O piercing que tinha na ponta do pau, um adereço chamado de *Príncipe Albert*, era um meio arco preso entre a uretra e a

glande, com uma bola de metal em cada ponta. Quando a bola encostava nela, ela estremecia. Ao tocar bem lá no fundo, no seu ponto G, ela gozaria como louca. E eu assistiria àquilo sem saber como me controlar.

Forcei mais um pouco o membro contra ela, investigando como ela se contraía. Ela estava melada, inchada, pronta. Eu precisava entrar nela para continuar a viver. Mas ela se arrastou para trás.

Não, não, não, não. Eu quase supliquei para que não se afastasse. Segurei-a pelos ombros, sem entender o que tinha feito errado.

— Camisinha — Ela me olhou do mesmo jeitinho que me olhava antes. — Esqueci de trazer.

Mas eu não, pensei tateando a reentrância do sofá. Empurrei nossos corpos para o lado, e do mesmo jeito que ela estava preparada anos atrás, eu estava hoje. Jamais chamaria ela para aparecer sem enfiar uma camisinha naquele buraco. Quando saquei a fileira de pacotinhos da fresta — devia ter umas doze enfileiradas — ela me beliscou.

— Ai!

— Presunçoso. Você tinha certeza que eu ia ceder?

Eu me aproximei, encantado pelo jeito que sorria. Beije a ponta dos seus cílios, fazendo que sim. Não tinha certeza de nada, mas a esperança, ... bem, o ditado continua o mesmo. Arrastei a ponta do nariz no seu quando ela aquietou. *Você é a minha fraqueza, e sabe disso.*

Rasguei o pacote e tirei a camisinha de dentro, com pena do piercing que não conseguiria mostrar a que veio. Com a camisinha ao redor do membro, deitei outra vez sobre ela. Passei o nariz pela pele sensível dos seus lábios e pela textura aveludada do seu rosto. Voltei a acariciá-la e a embrenhar os dedos sob as mechas douradas. Os polegares massageavam a lateral do seu rosto enquanto um *eu te amo* urgente se formava na boca. Cedo demais. Ainda não

estava pronto para dizer aquilo. Eu poderia afastá-la. Mas uma palavra saiu assim mesmo, sem querer:

— Minha.

Seus olhos envidraçaram. Ela não era minha. Não era de ninguém, mas tinha um cara na cidade que achava que ela era dele. E ela tinha aceitado um anel dele naquela noite. Embora estivesse ali.

Eu sequestraria você do altar, pensei entrando em silêncio dentro dela. A barriga deslizou sobre a dela, e ela fechou os olhos. *Eu te roubaria dele*. As mãos amoleceram em meus braços, e desceram até se apoiarem no estofado azul. Entrei outra vez, dessa vez mais fundo. Queria cantar para ela uma das mil músicas que fiz pensando nela, mas ela sumia do sofá, e parecia que só eu estava ali. Eu precisava correr se quisesse embarcar com ela para o paraíso. Enterrei o corpo dentro dela outra vez. E outra. E outra. E sumi também.

Sua pele encrespava, arrepiada. Seus mamilos endureceram apontados para mim. Sua boca rosada entreabriu, e seus olhos se fecharam. Ela exalou de prazer. Eu mal me concentrava em entrar e sair, engolido pelo corpo quente e as paredes apertadas; eu só conseguia respirar de maneira rasa e instável, e perder lentamente a força das pernas.

Tentei não jogar o peso do corpo sobre o dela, mas o encosto do sofá deixava a posição complexa. Meti mais fundo, arrastando-a até que ela batesse a cabeça no braço do sofá. Ela levou as mãos para trás para se segurar neles. Sua testa estava coberta de suor.

Lambi seu suor. As mãos escorregaram do sofá e escorregamos devagar em direção ao chão, como se tivéssemos combinado de descer juntos. Aterrissamos em câmera lenta; eu embaixo, ela agora por cima. Ela continua encaixada em mim, meu pau fundo dentro dela. Ela moveu o quadril para frente e para trás, e aquela visão completou a

lacuna que faltava nos sonhos. Suas palmas sobre o meu peito, meu corpo no dela, a pele fervilhando de tensão.

Príncipe Albert fez sua mágica. De maneira doce, ela gemeu. Contraiu o corpo, as coxas apertadas contra mim, estremecendo inteira. Tombou como uma árvore eu a agarrei. O quadril só precisou se mover mais uma vez para explodir também. Puxei seu cabelo e rosnei no seu ouvido. E enquanto estremecia, mordi de leve seu queixo. Ela desmanchou em cima de mim.

Por um tempo ficamos abraçados, em silêncio, pensando no que fizemos. Ela saiu naturalmente de dentro de mim e deitou-se ao meu lado no chão sujo de poeira. Como eu, sequer notou. Nos olhamos por uma eternidade, reconhecendo o rosto do outro outra vez. O que aconteceria depois daquela noite? Sei que ela tinha medo. Sentia um mundo de coisas por mim, mas eu tinha chegado quebrado. Eu não era mais o mesmo e ela sabia. O conselho de sua mãe não podia ser ignorado.

Sei que, enquanto desenhava coisas com os dedos em meu peito, pensava no que aconteceria a seguir. Havia Vinícius, e sua vida em Porto das Pedras. Havia eu e minha vida maluca na cidade. E havia Chris.

— Fique comigo — Eu falei. Ela ergueu os olhos, espantada. Não esperava que eu dissesse aquilo, pelo jeito. Mas o que esperava? Que eu desse tchau depois dessa noite e sumisse outra vez? *Sem chances, Lis.*

Ela não respondeu.

— Não importa pelo que se decida — falei depois de um tempo. — Tudo que quero é você e Chris ao meu lado.

CONFUSA

Abri os olhos, confusa. Sentia o lado direito do corpo quente e melado. A pele formigava, adormecida sob um peso indistinto. Então a imagem ganhou forma; um braço encostava no meu. Ele era coberto por pelos macios e escuros, e veias altas corriam sob a pele como rios por paisagens. O lado direito, quente e suado, estava apertado contra o peito de Gabriel. Afundei o rosto em seu pescoço, beijando-o de leve quando me dei conta de onde estava, e com quem. Ele ajustou a posição no sofá apertado, me puxando junto. Pernas e braços se enroscaram ao meu redor. Seu joelho acariciou o meio das minhas pernas, acomodando-se tranquilamente ali, enquanto voltava a dormir.

Afastei seu cabelo e puxei seu queixo para cima. Depositei ali um beijo leve e doce, e só então ele acordou.

— Bom dia. Preciso ir — falei.

Olhos do mais puro azul me olharam sonolentos. Ele grunhiu um não e me apertou como uma jibóia. Esfregando a virilha contra a minha para mostrar sua ereção, resmungou:

— Ninguém aqui quer que você vá.

Tentei afastar seus ombros com as mãos:

— Preciso levar Chris para a escola.

Mais um grunhido, reajuste de braços, outra reclamação:
— Não.

Dessa vez eu ri. — Sério, Gabriel. Me largue.

— Quanto tempo temos? — ele perguntou levantando a cabeça.

Olhei para a janela, e para o céu rosado do lado de fora: — Não faço ideia que horas são.

— É uma hora a menos do que acha que é, não se preocupe.

Claro que não era. Ele fazia ainda menos ideia de que horas eram, e suas intenções estavam duras e visíveis. Suspirei ao me lembrar do que o dia guardava para mim. Eu precisaria conversar com Vinícius. Organizar os sentimentos. Entender como incluiria Gabriel na minha vida.

Uma coisa era certa: eu não conseguiria mais voltar a ter o que tinha com Vinícius. Quando cruzei a linha que me separava de Gabriel e andei até ele na noite passada, tinha ciência de que deixava para trás os últimos anos de vida. Eu lutei tempo demais contra esse sentimento, eu não saberia, nem se quisesse, reagir diferente.

Os beijos continuavam carinhosos e delicados pelo pescoço e ombro, e quase perdi o rumo outra vez.

— Hora de mais *umazinha* — ele falou safado no meu ouvido. Espalmei seu peito, afastando-o.

— *Outrazinha*, você quer dizer.

— Quantas você aguentar, Lis.

O jeito como ele me derretia era ridículo.

— Sua vida está ganha, a minha não — reclamei. Suas mãos agora passeavam por mim. Bunda, coxas, barriga.

— Ela tá? — ele perguntou vago, como se não tivesse prestando atenção. *Diacho de homem insistente*.

Abri de leve as pernas, cedendo, sentindo a delícia de ser penetrada outra vez. Eu sabia que não deveria fazer aquilo sem camisinha, mas a curiosidade de sentir o piercing lá

dentro venceu a razão. Gabriel subiu em cima de mim, alerta. Seu peito liso estava com marcas de unhas, e sua boca, vermelha de beijos. O cabelo caía revoltado para todos os lados, e o sorriso deslumbrante ainda parava as batidas do coração. Lindo. E mexia com absolutamente cada nervo do meu corpo.

— Estamos sem...

— Eu sei — ele respondeu com um brilho malvado nos olhos.

— Não podemos.

— Eu sei.

De 'eu sei' em 'eu sei' ele se movimentava para frente e para trás, me confundindo. Tentei rebolar para fora dele, mas ele me prendeu no lugar. Os dedos agarraram minha anca e ele meteu fundo. Gemi, derretida. Minha respiração voltou a pesar.

— Isso é golpe baixo — murmurei.

Ele saiu e entrou outra vez, inspecionando minha reação. Em como eu me derretia e arfava baixo. Ele queria que eu cedesse. Quase cedi.

— Não — empurrei-o de cima de mim antes que aquilo ficasse mais rápido e mais frenético.

— Do que tem medo? — ele perguntou, alisando o membro molhado. — De doença?

— Você é rodado.

Levantei, pegando a calcinha do chão. A luz do dia incidia mais forte pelos janelões, e qualquer um que tentasse espiar para dentro da casa nos veria. Por sorte ninguém tinha descoberto seu esconderijo, ou estaríamos em todos os sites de fofoca do país. Vesti o sutiã e a camisa de costas para ele. Ele continuava sentado no sofá, sem roupa, olhando para mim.

— Você sabe que a maioria das coisas do que falam sobre mim são rumores, não sabe? Tenho menos quilometragem que afirmam.

— Não, não sei — enfiei o pé dentro da calça de moletom, e depois o outro. Não estava a fim de conversar sobre isso agora. A realidade desabava lentamente sobre mim e queria estar sozinha quando ela caísse de vez.

— Antes de deixar o hospital fiz todo tipo possível de exame. Estou limpo.

— Que ótimo — respondi. — Mas não é só por isso que devemos usar camisinha.

Ele não respondeu.

— Quais os planos para hoje? — ele perguntou.

Fechei os olhos, de costas para ele. *O plano era pedir um tempo. Para terminar com Vinícius. Para colocar as ideias no lugar.*

— Não sei, Gabriel.

Você não estava nos planos, e tenho medo agora que está.

Ele levantou e caminhou sem roupa pela sala. Pegou a calça e a vestiu sem se preocupar com a cueca. Mesmo descabelado e riscado por marcas de unhas, sua visão era de arrancar o ar dos pulmões.

— Desculpa pelos... — Apontei para uma marca especialmente vermelha na altura dos ombros. Ele olhou para si mesmo, tateando a pele, e encontrou o arranhão. Quando se deu conta de como parecia ter rolado no chão com uma onça, sorriu.

— Adorei. Quero mais.

Difícil argumentar. Todas as vezes foram maravilhosas, e sexo era definitivamente o seu forte. Ele caminhou despreocupado até a cozinha e pegou algo de uma sacola. Voltou com uma garrafinha de água para mim e um maço de cigarros na outra mão.

— Preciso fumar — falou.

Abrindo a porta da varanda, saiu da casa descalço, sem camisa, e tirou um cigarro do maço. Juntei o resto das minhas coisas e o segui.

O ar aquela hora da manhã estava fresco e cheirava a maresia. A bruma da madrugada havia sumido, mas deixado para trás uma película úmida sobre o gramado. Ele se sentou no primeiro degrau e acendeu um cigarro. Tragou profundamente, apertando os olhos como se precisasse desesperadamente daquilo. A imagem me lembrou remotamente os anos passados, e os vícios que parecia gostar de colecionar.

Eu precisava perguntar sobre seu problema com drogas. Embora estivesse decidida a arcar com as consequências da noite, não estava preparada para embarcar em uma aventura com alguém que não conhecia mais.

— Gabriel — falei com tato, encostando no pilar da varanda. — Preciso saber se você ainda leva a mesma vida que levava quando saiu daqui.

— Você quer saber se ainda uso drogas.

Ele tragou outra vez. Raios do sol que vazavam por entre as imensas árvores da propriedade clareavam o cabelo castanho e iluminavam ainda mais os olhos azuis.

— Larguei a cocaína há três anos — ele falou olhando para a rua. — Nos tempos malucos eu bebia quase até cair, e então cheirava. O pó cortava o efeito do álcool e eu subia assim no palco: completamente surtado. Foram os anos caóticos do Bandits, e também os meus.

Eu o ouvia imóvel.

— ...Mas aquilo ia me matar, e na época eu não queria morrer. Então cortei o pó, me internei, foi uma época horrível. Fiquei só na anfetamina. Ajudava a aguentar o ritmo frenético dos shows, mas eu entendia que foi só a troca de um vício por outro. Passei a depender de remédios para dormir e de bolinhas para acordar.

Ele olhou para mim.

— Depois da overdose, parei com tudo. Tô fazendo acompanhamento médico para a abstinência, mas estou

bem. Só não consigo parar com isso — ele ergueu o cigarro. — Quando estiver melhor, vou parar com ele também.

Durante os anos em que advoguei, prestei especial atenção aos casos que envolviam usuários de drogas. Uma coisa aprendi com eles: suas palavras precisavam ser consideradas com cautela.

— Por que queria morrer? — perguntei me sentando ao seu lado. Era uma pergunta pesada para a hora, mas eu precisava saber. *Por mim e por Chris.*

— Faltou vontade de viver — ele deu de ombros. — Sabe aquela história de como a gente carrega coisas pesadas e um dia essa bagagem cobra o seu preço? Foi mais ou menos isso. Naquela noite eu estava mal. Tive uma crise de pânico em cima do palco, no meio de um show. As crises estavam cada vez mais frequentes. Por causa da música, do que eu sentia. E então começou a chover, e...

A chuva mexia com ele. Na verdade, a noite em que nos conhecemos tinha alguma coisa ver com tudo aquilo.

— Os remédios estavam ali, a vontade também. Então pensei: quero acordar amanhã? Quando descobri que a resposta era não, *fiz.*

Coloquei a mão sobre a sua e perguntei, calma:

— Como vou saber que não fará isso outra vez?

Eu precisava saber. Não queria dizer que não suportaria uma vida sem ele — ainda estava cedo para admitir nisso — mas havia Chris. Seus sentimentos eram mais importantes que os meus.

— Não farei, Lis.

Havia sinceridade em sua voz, e uma certeza cristalina no olhar. Mas atrás dele havia uma sombra escura e gigantesca, e ela sempre ameaçaria sua força de vontade. Era dessa sombra que eu tinha medo.

Acreditei nele, por enquanto. Olhei o relógio: precisava ir.

— Você pode pegar Chris e levá-lo à sorveteria — disse me levantando.

Ele fez silêncio por um tempo.

— E você? Quando verei você outra vez?

— Preciso de uns dias, Gabriel.

E realmente precisava. Precisava observá-lo à distância, e testar sua resistência à prova que um filho o colocava. Resolver os dilemas que me esperavam. Recuperar o chão, que no momento havia sumido.

— Quantos dias?

— Não sei.

— Por quê? — ele não entendia.

— Porque eu preciso.

Inclinei-me sobre ele e o beijei de leve na boca. Ele me observou enquanto eu me afastava, tentando achar na noite algo errado.

— Vejo você hoje à noite, então — ele falou enquanto eu abria o carro. — Pego-o às sete.

— Não fure — Olhei para ele, séria. *Não furamos com crianças.*

— Não vou furar — ele me garantiu

NOITE INFELIZ

Durante o dia, trabalhei como se estivesse perdida em meio a uma estrada enevoada. Não sabia para onde ir, ou que caminho me levaria aonde. Evitei os trinta telefonemas de Vinícius e as dez mensagens. Mandeí uma para dizer que estava viva e bem, mas faltou coragem para escrever que precisávamos conversar. Precisamos conversar era o prólogo dos fins. Eu estava com medo de colocar um fim em um romance que, embora rápido, me deu por quase um ano a sensação de segurança que procurava. Eu sentia medo. Não dor pelo fim, ou saudades do que viveríamos: só medo. E aquilo era um mau sinal. Eu estava com Vinícius pelos motivos errados, e, mesmo cega pelo nevoeiro, conseguia enxergar isso.

Droga, pensei baixo ao constatar que não tinha como achar Gabriel. Não tínhamos trocado telefone, nem ele falado em que quarto estava no hotel do centro.

Um novo vibrar na bolsa me fez conferir as mensagens, e lá estava ela: a mensagem de Vinícius perguntando o que estava acontecendo. Era a quinta vez que ele perguntava a mesma coisa.

"Precisamos conversar", escrevi finalmente.

Minutos se passaram até que eu recebesse seu retorno:

"Passo hoje na sua casa"

"Pode ser depois das oito? "

"Estarei lá às oito"

Recoloquei o telefone na bolsa sentindo o estômago arder. Um gosto amargo subiu à boca, e precisei correr até o banheiro. Não cheguei a vomitar, mas o estômago ameaçava expulsar o café da tarde. Por um tempo me escondi ali, no banheiro minúsculo. Não havia dúvidas sobre o que fazer, só sobre o que aconteceria a seguir.

Voltei para casa. Avisei a Chris que Gabriel e ele sairiam, e que precisava conversar a sós com Vinícius. Chris aquiesceu, silencioso e atento. Sabia o que viria por aí, e ao mesmo tempo em que tentava esconder a animação, estava excitado. Às sete ele estava pronto, o cabelo recém lavado penteado de lado, vestido bermuda e camiseta de malha.

Ele se sentou na beirada da poltrona e esperou, pronto para saltar quando a campainha tocasse.

Mas a campainha não tocou.

Nem às sete, nem às sete e meia, nem às sete e cinquenta. Quando a campainha finalmente tocou às oito e quinze, ele saltou alegre, mas sabia que não era o seu pai. No peito, uma mistura de amargo e azedo se fundiam. De ter vivido algo parecido anos atrás. Não envolvia filhos, mas envolvia espera, insegurança e sentimentos ruins.

Vi, comovida, Chris voltar. Estava decepcionado por ser Vinícius.

Ele se escondeu no quarto e bateu a porta. Não fui atrás dele porque não sabia o que dizer. Estava decepcionada com Gabriel, mas ainda disposta a dar o benefício da dúvida. Podia ter acontecido alguma coisa, claro.

Quando Vinícius apareceu no corredor, estava com o semblante sério. Só de olhá-lo meu coração parou de bater. Mesmo desconfiada de que havia explodido o chão sobre o qual pisávamos, precisava terminar de implodir o que ainda

estava de pé. Não tinha mais jeito, não depois da noite passada.

Ele se inclinou para me beijar, mas eu desviei. As lágrimas começaram a descer antes mesmo que a porta se fechasse.

A noite seria longa. E triste.

VADIA

*Então, quando eu estiver engasgada
e não conseguir encontrar as palavras
Toda vez que dizemos adeus, amor, me machuca
Quando o Sol se pôr
E a banda parar de tocar
Eu sempre lembrarei de nós desse jeito
Jeito, sim
Always Remember Us This Way, Lady Gaga*

V inicius balançou a cabeça quando lhe estendi a aliança. Esperava, de coração, que ele conseguisse reaver o dinheiro que gastou com ela. *E que, no processo, não me odiasse.* Não pedi que me entendesse — seria pedir demais — mas que não desistisse de encontrar alguém que o quisesse pelos motivos certos.

— Você entende o que está fazendo?! — Ele perguntou outra vez, o tom angustiado agora mais alto. — Ele nunca vai poder te prometer nada, só vai te trazer confusão!

Como eu gostaria que ele estivesse errado, para poder gritar de volta que aquilo era problema meu. Mas ele não

estava errado, e não merecia que eu gritasse com ele.

— Eu sei.

— Como pode ter... *dormido* com ele? — Vinícius me perguntou enojado, com os olhos cheios de água. — Achei que tivéssemos um relacionamento sério! Que você fosse uma pessoa honesta!

Apoiei a testa na mão, desistindo de empurrar a aliança de volta. Quando decidi contar o que fiz, decidi que contaria a história inteira. Eu errei, e sabia disso. O problema é que *quis* errar, e isso não tinha perdão. *Por favor, pegue a aliança da minha mão e me deixe sofrer sozinha.*

— Você sabe que esse homem vai acabar com a sua vida, não sabe?! Que você vai se decepcionar outra e outra vez com ele! Ele vai te trair! Ele vai sofrer outra overdose! — Ele gritava, fora de si. — E quer saber? depois do que fez hoje, acho que merece sofrer.

Ele finalmente arrancou a aliança dos meus dedos e se levantou. Andou com passos pesados até a porta e a abriu com força. Havia uma veia saltada em sua testa, e seus olhos faiscavam de raiva.

— Você me decepcionou, Lis. Muito.

— Me desculpe — falei baixo.

— Vá para o inferno.

Ele saiu sem bater a porta. Levantei, pensando em pedir desculpas outra vez, mas chamá-lo só o atrairia de volta ao apartamento, e eu não queria mais continuar a briga. Estava feito. Aquilo foi a coisa mais difícil e a mais fácil que decidi fazer. Até ontem eu o queria na minha vida — desde que Gabriel não existisse. Mas Gabriel existia. E existindo, não havia no meu coração lugar para mais ninguém.

Chris saiu do quarto quando ouviu o último grito de Vinícius, e me olhava com os olhos arregalados. Nossa vidinha tinha sido virada de pernas para o ar, e era culpa minha. Embora certa do que fiz, não havia certeza alguma ao

redor. Só uma noite passada nos braços de um homem que hoje em dia eu mal conhecia.

Não dava para colocar nome na sensação de derrota e pavor que eu sentia. Pela primeira vez em muitos anos eu não sabia o que me esperava no dia seguinte.

— Está tudo bem — eu o tranquilizei. Andei até a porta para trancá-la, mas dei de cara com uma mulher. Ela se vestia de maneira distinta e me olhava como se tivesse ouvido toda a conversa. Eu já a havia visto antes, mas não me recordava de onde.

— Lisley Macedo? — Ela perguntou.

O barulho do portão batendo no primeiro andar denunciava a partida de Vinícius.

— Sim, sou eu.

— Boa noite — ela estendeu a mão à frente, e por educação eu a apertei. — Meu nome é Giovana Cardenas, sou repórter da Gazeta de Porto.

Assim que larguei sua mão, entendi o que ela estava fazendo ali. Atraído pela voz feminina, Chris se aproximou, parando atrás de mim. Assim que o viu, o rosto da jornalista se transformou. Ela olhava para Chris como se tivesse encontrado algo que havia procurado por muito tempo.

— Uau — ela disse olhando de novo para mim. — Ele é a cara do pai.

— Chris, para o quarto — falei com ele. Meu tom foi tão duro que o menino saiu correndo.

— Gostaria de trocar algumas palavras com você, Lisley — ela disse. — Posso entrar?

Eu não tinha a menor condição ou intenção de conversar com uma repórter.

— Sobre o que quer falar?

— Sobre seu relacionamento com o vocalista do Bandits.

Eu ouvia o coração bater no ouvido. Sentia-o acelerar os pulsos e amolecer as pernas. *Ela sabe quem eu sou, e quem*

Chris é.

— Que relacionamento? — perguntei firme à porta, sem intenção de deixá-la entrar.

— O que teve com ele anos atrás — ela disse lentamente, como se algo mais corresse por baixo da pergunta. Uma intenção oculta, mas que ela queria descobrir. — Ou o relacionamento de agora, talvez.

— Não tenho nada a dizer — respondi polidamente. — Se não se importa, está na hora de colocar o menino para dormir. Com licença.

Ela deu um passo adiante, se colocando na fresta: — Desde quando se conhecem? Ele sabe que o menino é dele? É por isso que ele está aqui? Quanto tempo ficaram juntos?

— A senhora está me assustando — falei, forçando-a a dar um passo para trás.

— Desculpe, não era a minha intenção. Mas posso tentar conseguir as informações por outras pessoas, ou ouvi-las corretamente de você. Não prefere me dar uma entrevista? Posso colocá-la na capa do jornal.

— Deus, por que eu iria querer isso? — empurrei-a discretamente ao fechar mais um pouco a porta. — Não tenho nada para falar.

— Todos sabem que ele está na cidade, Lisley. Que está aqui por algum motivo, e esperava que você me contasse qual é.

Fechei a porta sentindo socos dentro do peito. Chis me olhava da porta, no rostinho um pouco de medo mas também confusão. *Como explicar o que estava acontecendo, se nem mesmo eu entendia?*

— Por que ela queria falar com a gente, mãe?

— Ela queria informação, meu filho.

— Sobre Gabriel?

Sim, sobre o panaca que furou com você. Andei até a sala e liguei a TV, para ver se ouvia alguma coisa no jornal local.

Nada. Chris me trouxe o tablet. Tinha medo de ver o que as notícias trariam, mas sei que era ali que o encontraria. Digitei o nome de Gabriel e procurei pelas últimas notícias. Como esperava, achei algo falando sobre a presença dele na cidade. Uma foto de algumas meninas acampadas na frente do hotel, e a imagem dele entrando pela porta principal, correndo edifício adentro para não ser fotografado.

Era impressionante o interesse da mídia por ele. Já tinha visto isso antes com cantores de sertanejo e grandes nomes da música, mas era a primeira vez que notava como ele mexia com as meninas. Garotas adolescentes gritavam histéricas seu nome. Alguns seguranças na porta do hotel as mantinham afastadas, mas elas continuavam acampadas na entrada.

Talvez fosse esse o motivo dele ter furado.

Eu e Chris nos deitamos no escuro, abraçados. Não conversamos sobre meu término com Vinicius, nem sobre seu pai não ter aparecido. Mas eu sabia que ele estava decepcionado. Tinha esperado o dia inteiro para ver Gabriel e ele não tinha vindo. Dormimos acreditando que o dia seguinte seria um novo dia. Só não esperávamos amanhecer no olho do furacão.

+++

— Lis? Sou eu! — Acordei assustada com as batidas na porta. Havia uma gritaria do lado de fora. Sons de sirene, gritos de mulheres brigando. — Lis? Abra! É Dalila.

Andei tropeçando até a entrada e abri a porta. Dalila entrou, batendo a porta atrás de si. Seu semblante era assustado.

— Por que não atendeu o celular? — ela perguntou.

— Devo ter dormido demais — falei olhando para o relógio pendurado sobre o aparador. *Seis da manhã?*

— Você não tem ideia da confusão que está lá embaixo! — Ela jogou a bolsa sobre o sofá e tirou o celular do bolso. —

Olha isso.

Sentei ao seu lado. A noite foi intercalada entre choro e tentativas de ficar bem, e o cansaço embaçava as vistas.

— Amiga, eu não sei o que aconteceu, mas você está em todos os lugares. Com esse lance de cada idiota do mundo ser jornalista só porque tem acesso a uma câmera e um computador, deve ter umas mil reportagens falando sobre você.

— Sobre mim?

— A mais assustadora é essa — Dalila apertou no app de uma rede de TV, e a cara da jornalista que esteve na minha porta, ontem, apareceu na tela.

A essas alturas eu estava completamente alerta.

A repórter estava na frente do meu edifício. Ela apontava para a minha janela e falava sobre um caso antigo de Gabriel, e sobre a teoria de que ele estava na cidade porque sua ex namorada havia escondido dele um filho. Ela levantava hipóteses sobre o menino. Sobre os porquês dessa "suposta ex" nunca ter avisado sobre essa criança.

— *Resta pedir um teste de paternidade e confirmar essa alegação* — Ela concluía.

Eu me sentia desmanchando no lugar.

— Fica pior amiga — Dalila avisou. Ela mexeu na tela e clicou em outro aplicativo. Um perfil chamado *Banditsmaníacas* estava na cidade com a missão de "desmascarar essa vadia, em uma live para milhares de seguidores.

Essa vadia?

Olhei para Dalila com os olhos arregalados. O que era aquilo?! A menina, uma garota de cabelos vermelhos e espetados com uma maquiagem pesada, mantinha a tela apontada para o próprio rosto enquanto defendia aos gritos Gabriel e a banda. Seu palavreado era rude, o jeito como me pintava, errado.

"Seja lá quem esconde por nove anos uma criança não merece minha piedade", ela justificava seu ódio. "A gente sabe que Gabriel é reservado sobre o seu passado. Quem é essa mulher? Ela pode estar se aproveitando da situação dele!"

A garota resfolegava enquanto andava pela rua, fazendo uma curva e parando.... na frente do meu prédio.

— Como ela sabe onde eu moro!?

— Assista ao resto.

"Vai saber se não foi isso que o fez tomar aquelas pílulas e parar no hospital! Quem suporta tantos baques na vida!? Mas bora ver o que essa vagaba tá aprontando. Ela que nos aguarde, porque não vai sobrar pedra sobre pedra em cima desse assunto. Vou descobrir tudo."

Em seguida ela se despedia carinhosamente de quem assistia, a quem chamava de *Bandidas*, e finalizava o vídeo.

Dalila abaixou o celular, tão horrorizada quanto eu.

— Amiga, eu não sabia. Eu jamais teria marcado Gabriel naquela foto se soubesse que esse tipo de gente ...

Ela olhou para o celular sem saber como finalizar a frase. Nem eu sabia o que dizer. Andei até o meu celular e quase não acreditei quando vi a bolinha vermelha indicando o número de mensagens não lidas: 2500.

Abri o aplicativo, sabendo que não deveria ter feito aquilo. Havia milhares de mensagens, a grande maioria de gente que nunca vi. Em um gesto automático, abri a primeira e acabei lendo em letras garrafais:

COMO PODE TER ESCONDIDO UM FILHO DELE, SUA VADIA?!?

Desliguei o celular, pálida. Meu número havia vazado. Eu era novamente a vilã da história.

Passei as horas seguintes deitadas na cama, com as persianas abaixadas. Não levei Chris para a escola, nem tive vontade de conversar com Dalila. Ela resolveu algumas coisas por mim. Conversou com Carlão, tentou entrar em contato

com o hotel e falar com Gabriel, gritou da janela alguns palavrões para as meninas que apareciam de tempos em tempos, curiosas pelo endereço que a tal blogueira não fez questão de esconder.

Eu deveria estar pensando nas mil maneiras que iria processá-las, mas tudo que conseguia fazer era chorar. Para piorar, não tinha como falar com Gabriel, a menos que ele me procurasse. No momento queria que ele não viesse, para evitar o caos.

Chris começou a ficar agitado. Ele queria brincar, mas não podia. Queria descer mas eu não deixava. No fim do dia, com a cabeça e agora o corpo doendo, fiz um café e afundei no sofá, ligando a TV. Estava cansada de digitar o nome do Bandits na internet e me deparar com minha foto nos sites. De onde eles tiravam todas aquelas fotos? Fotos do meu exame da Ordem, fotos 3x4 de documentos antigos, e até algumas de um passeio que fiz anos atrás com um grupo de colegas do escritório. Alguém tinha conseguido essas fotos nas mídias sociais. Era uma sensação horrível saber que estava na boca do povo, e que a história que contavam mostrava uma mulher fria que havia escondido por nove anos uma criança e revelava apenas agora que Gabriel era o pai.

Dinheiro, a maioria das análises concluía. Eu queria o dinheiro dele.

Só não esperava que as coisas fossem ficar ainda mais cruéis. Muito mais maliciosas do que os ataques a mim. Sei que aquilo eventualmente pararia, era questão de tempo, mas o que fizeram a seguir ultrapassou todas as linhas do bom senso e da dignidade.

Na reportagem transmitida no horário nobre, à noite, a repórter que estive na minha casa entrevistava uma pessoa que preferia não mostrar o rosto. Ela dizia que "o suposto filho de Gabriel" — motivo de sua estadia na cidade — era

uma criança "estranha". Minhas mãos ficaram frias quando entendi que estavam falando ali do *meu filho*. A reportagem queria saber detalhes do menino, mas a entrevistada acabou soltando aquilo. Que ele tinha poucos amigos. Que era uma criança "meio triste." A cada palavra eu ia perdendo a cor.

"E a mãe?" A jornalista perguntava.

"A gente não sabia quem era o pai, mas nos últimos tempos o pessoal começou a comentar, né."

"A mãe nunca disse por que escondeu essa informação?"

A entrevistada fazia que não, e a entrevistadora agradeceu.

Chris estava encostado na porta, olhando para mim. Ele tinha sido pintado como uma criança tristonha e sem amigos, nada mais longe da realidade. A reportagem terminou com a jornalista informando que a entrevistada, mãe de um aluno da escola, preferia não mostrar o rosto para não ser reconhecida. Era cruel, insensato, uma ataque à nossa vida particular. Eu estava assombrada com as consequências das minhas decisões, e sofria por no momento questioná-las.

— Por que estão falando de mim? — Chris perguntou.

Desliguei a TV, profundamente magoada. Não teve jeito de segurar as lágrimas: comecei a chorar. Meu filho querido, tão sensível e esperto — mas *definitivamente* diferente — ganhava contornos bizarros para satisfazer as necessidades doentes da mídia. Ele se aproximou e eu o abracei, arrependida por ter assistido aquilo. Alguns arrependimentos adicionais eram inevitáveis.

— Sinto muito que tenham te pintado assim — beijei sua cabeça. — Sinto muito mesmo. Esse tipo de desonestidade vende — expliquei. — Toda essa maldade vende.

Ele balançou a cabeça, mas continuou agarrado a mim, tentando entender, como eu, *por quê*.

— Acho que precisamos encontrar seu pai e esclarecer algumas coisas, não acha? — perguntei. Chris fez que sim.

— Vá arrumar suas coisas. Vou te levar para a casa de Carlão e dar um pulo no hotel.

Cruzamos a cidade em silêncio, eu com os olhos na estrada, ele olhando pela janela. Estacionei na frente da casa antiga e jeitosa, aliviada por ver a normalidade silenciosa ao redor. A esposa de Carlão, Dalva, veio nos receber no portão.

— O que está acontecendo nessa cidade? — ela perguntou dando um abraço em Chris.

— Não sei, Dalva. Eu me meti em uma confusão, e preciso sair dela.

Dalva abriu o portão para que Chris entrasse. Ele acenou para mim, correndo para brincar com o poodle do casal, e eu e a senhora idosa nos encaramos.

— Carlão acabou de ligar — ela me informou. — Pediu que não saísse de casa.

— Vou fazer melhor. Tentarei falar com Gabriel no hotel. Posso deixar Chris aqui por uma horinha? Espero não demorar.

— Você sabe que pode deixar ele aqui sempre que quiser, querida. Mas não seria melhor ficar em casa e evitar as notícias? Essas coisas morrem sozinhas.

— E o trabalho? E a escola de Chris? — Eu devolvi a pergunta.

Dalva suspirou.

— Vou enlouquecer se ficar em casa — falei baixo. — E no mais, o que custa para Gabriel dar uma entrevista e dizer a verdade? Que sim, ele tem um filho, e que não, ele não é uma "criança triste e solitária". Qual é o problema dessas pessoas?

— A gente consegue argumentar com uma pessoa, Lis, jamais com uma multidão. A massa, quando comovida em torno de um assunto, se torna uma carrasca. Afaste-se dela.

Eu me recusava a pensar assim. No momento em que me decidi ficar com Gabriel, contei toda a verdade para Vinícius. Agi sobre o problema, e não *fugi* dele. Não fugiria desse também. Mas por que Gabriel fugia?

Seu desaparecimento aumentava o que podia ser diminuído.

Dalva e eu nos despedimos e então parti. Parei minutos depois na frente do hotel, olhando de longe a aglomeração de garotas perto da entrada. Respirei fundo. Eu não sabia se estava fazendo a coisa certa, mas queria que Gabriel se pronunciasse. Não por mim, mas pelo menino.

Se ele desse uma entrevista acalmando os fãs, tudo seria resolvido mais rápido. Elas achavam que eu era uma aproveitadora que veio com essa história e acabou fragilizando-o. Eu não era a vilã da história. Eu nunca fui. Estava na hora dele esclarecer isso.

Desci do carro e tentei manter a cabeça baixa para não ser reconhecida. Cruzei a entrada, cumprimentando um dos seguranças e andei até a recepção. Falei que precisava falar com Gabriel. Que eles podiam dizer meu nome e deixá-lo decidir se eu podia subir ou não.

— Sinto muito senhora — a recepcionista falou. Com um gesto de cabeça, ela chamou um segurança e ele me convidou a sair do hotel. Meu plano de encontrar Gabriel deu com os burros n'água.

Aquilo estava me enfezando, e não tinha se passado nem 24 horas desde que me descobriram. As meninas acampadas na porta do hotel riam e se divertiam com seus celulares na mão. Uma delas dedilhava uma música conhecida.

Balancei a cabeça, irritada. Assim que olhei para os lados para atravessar a rua, ouvi alguém gritar meu nome. Não achei estranho, era só o meu nome, mas assim que olhei para trás, ouvi o grito: "*vadia!*"

Alguma coisa acertou minha cabeça, e eu caí.

ONDE ESTÁ GABRIEL

*"I'm standing on a bridge
I'm waitin' in the dark
I thought that you'd be here by now
There's nothing but the rain
No footsteps on the ground
I'm listening but there's no sound
Isn't anyone tryin' to find me?
Won't somebody come take me home?
It's a damn cold night
Trying to figure out this life
Won't you take me by the hand?"*

Avril Lavigne, I'm With You

Lis

Não lembro da dor, só de sentir uma profunda indignação. De me perguntar enquanto tentava me sentar no asfalto qual era o problema daquela gente. Antes que pudesse gritar a pergunta em voz alta, senti o líquido quente escorrer pelo rosto e salpicar de vermelho a camisa clara.

— Ah meu Deus — Passei a mão na cabeça, vendo-a voltar cheia de sangue.

Um dos seguranças correu até onde eu caí, enquanto outro segurava com força a garota que me atingiu. Ela tinha jogado uma pedra em mim. *Uma pedra*. A primeira coisa que achou no chão.

— Você está bem? — O homem me ajudou a levantar. Eu estava confusa, tomada pela raiva, e prestes a chorar, mas *bem*. Fiz que sim, mas por precaução ele levou o rádio à boca e pediu ajuda.

Em questão de minutos a enfermeira plantonista do hotel me ajudava a estancar o sangue com gaze e me acompanhava até uma clínica a poucos metros dali. Ela só se despediu quando Carlão chegou com Chris.

Era esse tipo de confusão que não conseguia imaginar para a minha vida. O assédio, a raiva gratuita, o tipo de emoção que a música do Bandits causava. Chris começou a chorar ao ver o sangue na minha roupa e quilo me agitou. Por um tempo eu o abracei e o acalentei, dizendo que não era nada. Que mamãe não estava machucada. Que tudo ia ficar bem. *Mas ficaria, um dia?*

Chris não perguntou onde Gabriel estava.

Durante todo o tempo em que a médica deu os dois pontos na minha cabeça, chorei em silêncio. Ela perguntou duas vezes se estava doendo, e eu disse que sim. Melhor que ela achasse que a dor era física do que desconfiar o que passava pela minha cabeça. Sentia uma coisa ruim crescer no peito; uma sensação de já ter vivido aquilo antes, e saber como a história acabava.

— Você precisa fazer o boletim de ocorrência — a médica comentou, me estendendo um lenço de papel. Eu sabia.

Enquanto fazia o boletim de ocorrência na delegacia sob os olhares às vezes raivosos, às vezes arrependidos da fã descontrolada e detida a poucos metros de mim, sentia pena

por Chris, deitado no banco da delegacia no colo de Carlão. *Que droga, onde estava Gabriel?* Por que ele não me ligava, não se pronunciava, tentava saber o que estava acontecendo no térreo do hotel onde estava hospedado?

— Por que ele não ligou? — Perguntei baixo para Carlão quando ele se aproximou.

— Não sei, filha. Já checkou seu telefone?

Mostrei para ele o estado em que meu telefone estava. Três mil mensagens e centenas de chamadas não atendidas de números desconhecidos. Não havia a menor chance de atender a uma ligação.

— Como vai saber que uma dessas não veio dele? — Ele perguntou rolando a tela para baixo, conferindo os números para ver se achava algum conhecido.

— Não dá para atender. Algumas dessas ligações são feitas por garotas histéricas que foram incendiadas por um site tosco. Elas acham que estou atrás de dinheiro, me aproveitando da situação de Gabriel. Se ele me ligou, a ligação ficou perdida entre as milhares que ignorei.

Carlão exalou longamente, me devolvendo o celular. A vontade era jogar o aparelho no lixo.

— Você precisa trocar o número — Ele falou, voltando a se sentar. — Ou não. Espere o próximo escândalo, e então você será notícia de ontem.

Abaixei a cabeça entre as mãos e xinguei baixo uma dúzia de palavrões que devem ter deixado Carlão encabulado. O delegado, tenho certeza, ficou bastante constrangido.

Quando a tortura acabou — e a menina foi fichada e advertida de que não deveria se aproximar de mim ou do hotel onde Gabriel estava hospedado — peguei Chris no colo e caminhei ao lado de Carlão até o carro. Eu estava com raiva, mas também com vergonha. Carlão tinha me alertado sobre aquilo. Pedido para eu ficar em casa, e eu, inocente, achei que resolveria as coisas indo ao hotel. Eu não fazia ideia de

como a massa reagiria, e sinceramente, jamais gostaria de saber outra vez.

Carlão me ajudou a colocar Chris deitado no banco de trás. Já passava das onze, e o dia tinha sido uma judiação para o menino. Assim que fechei a porta, precisei encarar meu chefe e amigo. Eu estava um caco, e ele também.

— Me desculpe por envolver você nisso. Você disse para eu ficar em casa, e eu não te ouvi.

— Imagine, filha, eu entendo sua agonia. Quanto a estar aqui, jamais deixaria você passar por isso sozinha.

Enxuguei outra lágrima furtiva. A rua estava silenciosa ao lado da delegacia. A noite, estrelada como as noites de verão.

— Onde acha que ele se meteu, Carlão?

— Ele pode estar em qualquer lugar, Lis. Definitivamente pode estar evitando essas malucas. Por amor elas seriam capazes de matá-lo.

Não consegui segurar o riso. Aquilo era louco de maneiras perturbadoras.

— Não acredito que não salvei o número dele — resmunguei baixo. *Onde estava com a cabeça?*

— Tentei ligar para o empresário dele, mas ele não me retornou. Vamos torcer para ele retornar ainda hoje. Talvez saiba onde Gabriel se enfiou.

— Você chegou a passar na frente da casa de minha mãe? Pensei que ele pudesse estar escondido lá.

Carlão fez que sim, mas que ele não estava lá, ele checou.

Diacho, onde Gabriel tinha se metido?

— Bem, acho que vou indo. Você vai ficar bem? — Carlão perguntou.

Balancei a cabeça que sim.

— Se souber de qualquer coisa, te aviso. E você pode me ligar se precisar de ajuda, ou quiser que eu fique com Chris.

Assenti mais uma vez, sentindo os ombros tombarem sob o peso do dia. Eu queria perguntar mais uma coisa para ele,

mas não sabia como. A lágrima solitária havia virado muitas, e eu mal conseguia esconder que na cabeça passavam só os piores cenários. Carlão sabia disso, por isso continuou em silêncio do meu lado.

— Você acha que ele... — Puxei o ar, tomando coragem. — ...Que ele teve uma recaída?

Aquele era o meu maior medo. Além de violência, sequestro, morte, acidente e doença, drogas me apavoravam. *Céus, eu tinha medo de tudo.*

Sem deixar Carlão responder, continuei: — Você conhece o tipo, já trabalhamos com usuários de drogas antes. Eles podem ser instáveis, voláteis. Mentem se precisarem mentir para colocar as mãos novamente na droga. Não sei se consigo suportar isso. Preciso pensar em Chris, e..

— Lis — Carlão pousou a mão no meu ombro. — Antes de acusá-lo, espere ele aparecer e se explicar. Seria muito estranho dar uma nova chance para ele sem *realmente* acreditar nele, não acha?

A frase de Carlão mais uma vez funcionou como um tapa. Um *acorda!* dito de maneira gentil. Eu realmente estava achando o pior. Claro que nessas 24 horas aconteceu de tudo comigo, mas precisava admitir que a primeira coisa que passou pela cabeça era que Gabriel tinha falhado.

E enquanto dirigia de volta para casa, lembrei da noite nove anos atrás. Aquela que pôs tudo abaixo, inclusive minha confiança nele.

RETORNO AO PASSADO (PARTE 1)

*Eu me curvo para rezar
Tento fazer o pior parecer melhor
Senhor, me mostre o caminho
Para cortar através de todo esse couro desgastado
Tenho cem milhões de motivos para ir embora
Mas amor, eu só preciso de um bom motivo para ficar*

Million Reasons Lady Gaga

Nove anos atrás

Lis

Enxuguei aquela lágrima disposta a fazer dela a última, mas foi só a enfermeira chefe me ver saindo do quarto que elas voltaram. Ela me olhou penalizada, com os braços esticados. A mulher com cara de cansada esteve em cada uma das etapas do longo calvário de minha mãe. Ela não aguentava mais nos ver sofrer. Ninguém mais aguentava.

— Ela lutou bravamente — disse abraçada a mim. — Vocês lutaram.

Eu sabia, e soluçava por isso. A UTI inteira sabia que não passaria dessa semana. Ela estava partindo. *Partindo*, no gerúndio. Seria errado usar qualquer outro tempo verbal para descrever sua morte: ela estava indo há tempos, cada dia um pouquinho. A última vez que consegui falar com ela foi duas semanas atrás, e desde então só ouvi gemidos, e senti seus leves apertos de mão quando conversávamos.

Foi a época em que mais falei. Conteí sobre a vida nos últimos tempos, em como passei de ano, e como me alegrava pela faculdade que me esperava adiante — no segundo período, quando o luto estivesse menor. E falei sobre Gabriel. Sobre a multidão que ele e a banda atraíam todo fim de semana para o Rucker's. Sobre como tinha certeza de seu sucesso.

— Algumas pessoas nascem artistas — disse para ela, olhando sonhadora pela janela que mostrava o pedacinho de céu. — Ele é uma dessas.

Mas não contei a ela as partes ruins. Era um relacionamento editado, e eu sabia. Virei uma ilha de edição quando falava dele: ressaltava as partes boas, escondia as ruins. E as ruins era todas relacionadas ao comportamento cada vez menos confiável, resultado da vida maluca e do consumo exagerado de drogas. Cocaína, eu desconfiava. Ele negava.

Gabriel sumia por dias. Não acontecia sempre, mas acontecia. Eu entendia seus motivos: ele tocava até de madrugada, desabava na casa dos meninos e não conseguia vir. Não tinha carro, o dinheiro ainda era contado. Mas também achava que nos distanciávamos por causa do momento da vida: de dia, quando podíamos nos ver, eu estava no hospital. Ele queria vibrar pelo sucesso; eu só queria chorar.

Quando ele começou a tocar nas cidades vizinhas, soube que estaria em breve completamente sozinho. Ele ia embora aos poucos, como a minha mãe. Naquela noite, por exemplo, ele tinha um show importante. O agente que descobriu uma banda hoje famosa queria vê-los tocar. Era a chance de sua vida.

— O que vai fazer hoje à noite? — A enfermeira perguntou ao me soltar.

— Acho que vou dormir na sala de espera.

— Não tem ninguém que queira ver? — ela tirou uma mecha de cabelo da frente do meu rosto, carinhosa. — Um lugar mais alegre para estar? Não vai fazer diferença dormir naquela sala fria, Lis. Sua mãe ainda pode viver três ou quatro dias.

Inspirei fundo. Eu nunca me acostumaria com essa *certeza* da morte. Mas não era mais hora de acreditar em milagres.

— Meu namorado tem um show importante — confessei.

— Então vá vê-lo. Dê apoio, divirta-se, lembre-se que você é jovem e viver vale a pena.

Como aquelas paredes brancas estavam a ponto de me roubar a sanidade, deixei o hospital para ver Gabriel tocar. Queria estar com minha mãe quando ela se fosse, mas precisava acreditar que ela não partiria justamente nas duas horas em que me afastaria dali. *Deus, por favor não faça uma injustiça dessas comigo, ok?*

Mas eu desconfiava que Deus tinha adormecido. Quase preferia assim, para que não visse os sentimentos dúbios que guardava no meu coração. Eles oscilavam entre a profunda tristeza de vê-la partir e o desespero mudo ao vê-la ficar.

Só DEU tempo de tomar um banho e dirigir até o bar. O estacionamento do Rocker's estava lotado outra vez. Os equipamentos e a iluminação eram agora profissionais, e havia um tipo de capricho extra para o evento. Bati na portinha do pequeno camarim, onde às vezes eu e Gabriel nos encontrávamos, e Gus abriu a porta. Assim que me viu, o baterista empalideceu.

— Gabriel, é para você — ele disse alto.

Inclinei o rosto, e o que vi desabou como uma geleira dentro de mim. Uma carreira de pó disposto sobre uma superfície de vidro, e Gabriel ao lado, de olhos fechados, com a cabeça apoiada na parede como se tivesse acabado de aspirar e sentisse os primeiros efeitos da droga. Assim que ele abriu os olhos, tomou um susto. Saltou da caixa onde estava e caminhou com passos firmes até a porta.

— Lis?

Dei um passo para trás, profundamente decepcionada. Quantas vezes tinha pedido para ele não começar com aquilo? Ele estava levantando vôo, como podia saltar com ... *com uma bigorna amarrada na alma?*

— Fala sério — falei antes de dar meia volta e correr dali.

Eu estava cansada de lidar com coisas pesadas. De ser a chata estraga prazeres e ter que enfiar juízo na cabeça de um marmanjo. O que ele achava? Que chegaria aos trinta começando com drogas aos 19? Eu estava do lado da morte a maioria do tempo, e nas horas vagas tinha que ver meu namorado flertando com ela. Era demais para mim. Ele me segurou pelo braço, e eu parei.

— Espere, Lis.

Me desvencilhei de seus dedos e continuei a empurrar o corpo contra a multidão, querendo distância dele e daquilo.

— Lis, fala sério!

Estava na entrada do Rocker's quando ele finalmente conseguiu me segurar pelos braços. As pessoas passavam por

ele e batiam nas suas costas, vibrando pela noite que viria. Pelo sucesso que, tinham certeza, estava destinado à banda. As meninas piscavam, dando mole, tentando tirar uma casquinha do cara que seria em breve um sucesso. Gabriel agradeceu a um e a outro, ignorou as meninas e me puxou dali. Ele me carregou até o escritório de Dan, o dono do bar. Bateu na porta e, como ninguém atendeu, me empurrou lá para dentro. Era um escritório normal, cheio de papeis e móveis de madeira escura. Ele fechou a porta e acendeu as luzes. Suas pupilas estavam gigantescas, dois imensos poços escuros cobrindo todo o azul.

— Eu posso explicar.

— Claro que pode. Mas nem tente.

Por um tempo nos encaramos, tentando lembrar há quantos dias não nos víamos. Ele investigou minhas olheiras, e sua expressão enterneceu. Embora estivesse visivelmente agitado, não esperava me ver tão fragilizada. Sorrindo minimamente, deu um passo adiante e eu o abracei. *Era ele, ali. Estranho, errado, mas ainda assim, ele.* Se Gabriel soubesse como minha sanidade dependia de sua presença, jamais usaria nada. Ele afundaria nós dois.

— Senti sua falta — ele disse no meu ouvido. Embora as palavras fossem doces, seu abraço estava errado. Forte demais, inquieto.

— Eu também — sussurrei de volta.

Ele segurou meu rosto na frente do seu: — Como ela está?

Precisei de um segundo para desligar de sua aparência levemente perturbadora e pensar na resposta.

— Acho que chegou a hora.

Ele voltou a me amparar, quente e macio. Estranhamente, não chorei. As lágrimas tinham secado.

Por um tempo ficamos abraçados. Conversando ao pé do ouvido como se quiséssemos proteger um ao outro do

mundo. O mundo andava cruel comigo. Pela primeira vez, no entanto, estava sendo generoso com Gabriel.

— Você sabe como ele é? — perguntei sobre o agente que veria o show de hoje. Como ele hesitou, me afastei para olhá-lo. — Espere. Vocês já conversaram?

Ele fez que sim. *Uau, e eu nem fazia ideia.*

— Ele veio três noites seguidas — Gabriel falou. — Pediu para que tocássemos algumas bandas que conhece. E também que criássemos uma música.

Olhei espantada para ele, ajeitando a camiseta desbotada do Green Day que tinha lhe presenteado alguns meses atrás.

— Uma música autoral? E vocês a compuseram?

Ele esfregou o rosto, fazendo que não. — Faltou inspiração. A vida tá uma loucura.

— Tenho certeza que a inspiração virá — beijei-o de leve, feliz por ele. — Hoje é sua grande noite.

Ele confirmou. Coçando o nariz, adicionou: — Mas tem uma coisa que preciso te contar.

Um frio polar cresceu pela barriga. Ele continuou com o semblante sério:

— Ele quer que a gente vá para São Paulo. Disse que se quisermos crescer, precisamos nos mudar para lá.

Longos segundos passaram por nós. Sonho a sonho, meu mundo desmoronava.

— É longe — foi tudo que falei.

— Eu sei.

Ele não disse que me levaria junto. Nem podia, já que não sabia o que aconteceria com ele ou com a banda. No mais, em seis meses eu começaria a faculdade na cidade vizinha. Mas isso não importava. Estávamos em um cruzamento no meio de uma longa estrada: ele precisava ir para um lado, eu para o outro.

As mesmas coisas devem ter passado pela cabeça dele, por que, sem qualquer aviso, ele me agarrou e me beijou com

tanta fúria que me deixou zozza. Enlacei seu pescoço quase implorando para que não fosse. Que não assinasse contrato algum. Que continuasse comigo, não só durante as noites, mas também todos os dias. Por quanto tempo ele quisesse, porque não conseguia imaginar a vida sem ele.

Ninguém disse nada. Suas mãos correram por mim para cima e para baixo, tensas, enquanto ele falava coisas sem sentido. *Não queria. Não posso.*

Ele enfiou os dedos ao lado da minha cabeça, e me puxou pelo cabelo. Mordeu minha boca e ergueu meu top, dizendo que não tínhamos tempo. Em um segundo eu estava de calça jeans, no próximo ela estava nas canelas. *Não tínhamos quase tempo algum.* Ele afastou minha calcinha enquanto colava a boca à minha, me beijando do jeito desesperado que às vezes me beijava. Ajeitou o rosto ao meu enquanto abria o zíper da própria calça e me encostou na parede do escritório sem se importar que o som rolava alto do lado de fora e em breve ele subiria no palco. Mesmo assim, perdeu segundos preciosos olhando no fundo dos meus olhos.

— Eu amo você — ele disse entrando em mim de uma vez. — Você sabe disso, não sabe? — Ele se ajustou, e eu fechei os olhos fazendo que sim. — Amo — ele entrou outra vez. — Amo —, e entrou novamente. E disse que me amava cada vez que arremeteu, como um jeito de me consolar ou consolar a si mesmo. Tudo ia dar certo porque queríamos que desse.

Certo?

O sexo foi rápido, estranho, meio bruto e meio terno, se é que é possível misturar brutalidade com ternura. Só não demorou, porque Gabriel ejaculou logo. Ele mal notou; vestiu a calça, me abraçou e estava pronto para sair, como se o mundo estivesse dentro de uma centrífuga e os ponteiros do relógio voassem.

Ele me explicou com a fala rápida que o agente era o mesmo que lançou uma dupla famosa. Que ele gostava da sua

teatralidade no palco, e acharia que, se ele e Tris *interagissem* mais, poderia causar um certo *buzz* inicial. Disse isso sem me olhar, esperando que a frase, cuspidada, não fosse surtir efeito. Não dei a ela a devida relevância. Eu ainda vestia a minha calça e tinha acabado de perceber que não tínhamos usado camisinha.

— Gabriel, esquecemos de ...

— Será um beijo de mentira — ele soltou. — Mais nada, prometo.

Deixei a história do preservativo para lá, atenta.

— Como assim? O agente quer que *vocês se beijem*?

— De mentira. O cara acha que se eu e Tris encenássemos um romance, a coisa podia pegar fogo. Ele acha que a gente combina quando toca junto. E deu certo com aquela dupla que ele lançou.

— Por que vocês começariam a carreira com uma mentira? — Perguntei achando aquilo bizarro. Não fazia o menor sentido para mim.

— Porque mentira vende. É só para gerar comentários.

— Boa sorte pra não levar uma mordida dela — falei com uma careta.

— Você vai ficar para o show?

— Acho que sim.

Ele coçou o nariz outra vez, apoiando a outra mão na cintura, como se pensasse. Então ele olhou para mim. Lembro como se fosse hoje de seus olhos. Eles o traíam. Gabriel não queria que eu ficasse. *Por quê?*

— O que está acontecendo, Gabriel?

Não gostava daquilo: sexo agitado, palavras de amor, aviso de mudança de cidade, drogas, e agora aquela sensação de que ele não me queria ali. Não ia nem comentar sobre o beijo *fake* trocado com a antipática colega de banda: aquilo não tinha a menor chance de dar certo.

— Nada — ele mentiu.

— Você não quer que eu fique, não é?

Ele hesitou.

— Mas não é por causa de Tris — eu falei devagar para ver sua reação, e um caroço desceu volumoso pela sua garganta. — Por que não me quer aqui?

Meu coração voltou a bater descompassado. Gabriel olhou para os lados e exalou.

— Porque preciso... — ele coçou o nariz, olhando rapidamente para mim. — Preciso de mais...

Quando cheguei, interrompi seus planos. Ele não estava pronto para o palco. Ele me queria ali, mas sabia que eu brigaria com ele se cheirasse outra carreira.

— Você não vai cheirar mais, entendeu? — Eu falei, séria. Gabriel não tinha limites, e estava afoito demais para mostrar o que podia a esse agente. — Você me ouviu, Gabriel?

Ele olhou para o meu dedo erguido e fez que sim.

— Posso confiar em você? — Perguntei.

Ele assentiu.

— Você é maravilhoso, Gabs. — Eu me aproximei. — Não precisa disso.

Ele me abraçou sem vontade e fez que sim. Estava mentindo.

— Você vai ficar ? — Ele perguntou de novo. — Hoje eu durmo na sua casa. Pode me esperar que vou logo depois do show.

Se tinha vontade de ficar ali, passou.

— Acho que não. Estou cansada — falei com a óbvia intenção de mostrar que ia embora porque estava decepcionada com ele. Abri a porta e saí, deixando-o para trás. Ele ainda me chamou mas eu estava com raiva. Tinha um mal pressentimento sobre a noite.

Os primeiros pingos começaram a cair quando deixei o Rucker's e peguei a avenida em direção à casa. Quase desejei

que a chuva despenhasse e o show fosse cancelado.

Assim que peguei a estrada, meu telefone tocou. *Babaca*, pensei, achando que fosse ele.

— Alô?— disse com raiva.

A voz da enfermeira soou baixa do outro lado:

— Querida, é do hospital. Venha para cá. Sua mãe acabou de falecer.

RETORNO AO PASSADO (PARTE 2)

Não que aquilo fosse algum dia interessar a alguém, mas marquei no relógio: da hora em que alguém morria até os últimos ajustes do velório transcorriam-se dolorosos 120 minutos.

Cento e vinte minutos depois da notícia, deixei o porão do hospital, lugar para onde iam os cadáveres, com uma pequena bolsa na mão. Aquilo foi tudo que sobrou da minha mãe. Alguns remédios que ela tomava antes de ser entubada, um batom de manteiga de cacau, meias para esquentar o pé, os documentos que a acompanharam durante a vida — e alguns que ela acumularia depois da morte.

A porta automática do saguão se abriu, e a noite, escura, lembrava uma bocarra aberta. Eu vestia roupa de noite e tinha a maquiagem borrada. Ainda cheirava a Gabriel. Mas nada passava pela cabeça; nenhuma cena, nenhuma dor. Só um grande e imenso vazio que devia roubar uns noventa e nove por cento de mim.

Olhei para a lixeira ao lado e pensei em jogar a bolsa inteira fora. O que faria com os remédios dela? Guardaria de recordação para me lembrar de sua dor? Abri a bolsa e joguei fora o batom, os remédios, as meias velhas. Tateei o fundo e achei algo que não tinha visto antes.

Uma carta.

Ela só podia ter sido escrita quando ainda tinha forças nos braços. Talvez tenha ditado a carta, não sei. Só a abri quando me sentei na varanda escura da casa que agora era só minha. Clareei as palavras com a luz azul do celular e vi que era a sua letra, embora tremida. As lágrimas começaram a descer como se nunca mais pudessem ser estancadas:

QUERIDA LIS,

Se você está lendo essa carta, é porque parti. Espero ter pensado em tudo antes de ir, e por isso — e só por isso — sou grata ao câncer: ele me permitiu programar o fim (poderia ter sido um ataque fulminante, então...)

Brincadeiras à parte, acho que pensei em tudo. Casa, carro, mensalidades da faculdade e uma minúscula reserva em dinheiro para os momentos difíceis. Enquanto a doença me comia pelas beiradas, devagar e diligente, deixei um testamento para você não ter que lidar com inventário. Quitei as dívidas até o momento do hospital e avisei alguns parentes distantes que você estaria disponível para um ou outro natal (eles são chatos, não eleve as expectativas). Mas são família. Gostaria que os conhecesse eventualmente. Escolha o natal para visitá-los (só dois dias) e tente criar laços.

O que não posso fazer, no entanto, é blindar seu coração para o que virá. Você sofrerá o luto que a morte de uma mãe causa. Procure os velhos amigos, e a partir de agora escolha os novos bem. Tenha namorados, mas fuja dos embustes. "Como reconhece-los?", você se perguntará. Siga a sua intuição. Lembre-se das minhas péssimas escolhas e não as repita. Confie quando seu corpo avisar que aquele ali significará problema. Você saberá reconhecê-los: eles raramente te colocarão em primeiro lugar. Não se envolva com os narcisistas, os perdulários e os preguiçosos. Fuja dos brutos, dos vaidosos e dos ordinários.

Corra dos que mentem e furam planos. Acione o alerta para aqueles que desaparecem.

Pergunte-se sempre: ele me trará caos ou calma? Sempre opte pela calma.

Não preciso nem dizer o óbvio, mas vá lá: não use drogas, não beba ao volante (nem ande com quem bebe), use camisinha e beba muita água. Confie nos seus instintos. Passe protetor solar e sempre leve o casaco aonde for.

Cheque regularmente os pneus do carro (lembre-se de como é caro trocar os quatro de uma vez quando eles ficarem carecas!) e tranque sempre a porta de casa. Que tal alugar os quartos para algumas amigas para não achar que está fadada à solidão?

Case-se com um homem bom. Tenha filhos — e tenha um monte para que eles tenham irmãos. E pense em mim, porque estarei sempre de olho em você.

*Com amor,
Chris (mamãe)*

ABAIXEI A CARTA CHORANDO MUITO. Muito mesmo, mais do que achei que choraria no dia. Meu coração estava solapado no peito, como se fosse feito de gel e tivesse sofrido um impacto. Por muito tempo balancei no balanço da varanda, pensando nas palavras que ela deixou. Aos poucos elas entravam em mim como verdades. E eram verdades. Não completas nem inteiras, mas palavras verdadeiras de quem verdadeiramente me amava.

Já era madrugada quando vi o vulto na estrada, caminhando em direção à casa. Não acreditava que *ele* pudesse estar ali. Que ele tivesse vindo, mesmo na chuva, dormir comigo. O coração pegou o fôlego que não conseguiu nas últimas horas. Vê-lo sempre trazia o coração bater mais rápido, causava uma animação indistinta no peito como se o corpo fizesse festa.

Ele se aproximou da porta sem me ver. Mexia nervosamente no nariz, e o limpava como se quisesse apagar qualquer vestígio antes de me encontrar. Como estava escuro, ele não me viu no balanço.

— Ela morreu — falei.

— Caralho, Lis — ele quase caiu do degrau ao dar um passo em falso para trás. — Que susto.

Abracei os joelhos e afundei a cabeça entre eles, soluçando. Gabriel se aproximou, mudo. Não conseguia achar as palavras, porque seu cérebro disparava tantos impulsos e sinapses que, se falasse, correria com as frases e denunciaria seu estado. Ele sabe que eu o mandaria pastar. E era só isso que eu esperava que fizesse para mandá-lo pastar: que falasse qualquer coisa.

— Lis, eu sinto muito.

Eu acreditaria nele se ele tivesse cumprido a promessa de não se matar aos poucos também. Levantei o rosto, irritada:

— Quanto tempo acha que vai viver nesse ritmo, Gabriel?

Ele não entendeu. Ou entendeu, mas fingiu não entender.

— Não interessa mais — abaixei a carta, sem vontade de mostrá-la para ele. — Ela tinha razão.

— Do que está falando? Quem tinha razão?

— Você não vai parar, vai? Agora que está de partida para São Paulo, que começou um relacionamento de mentirinha com sua colega de palco, agora que sabe que vai crescer. Você vai parar?!

Você vai ficar?

Claro que não ia.

— Cara, não sei o que a morte da sua mãe tem a ver comigo, mas você precisa se acalmar.

— Eu preciso me acalmar, eu preciso ser forte, eu preciso isso e aquilo! Sabe o que *você* precisa? Crescer!

— Você pode me explicar o que está acontecendo, cacete?!

— O que está acontecendo é que você vai embora! — eu soltei. — Que não para de tomar decisões erradas e me decepcionar!

— Do que está falando? Eu ainda estou aqui! Por que não podemos conversar?

— Faz alguma diferença conversar? Você cheirou outra vez, não cheirou? Olhe para mim! — Eu gritei, descontrolada. — Cheirou ou não cheirou!?

Ele me deu as costas.

— Você não era tão careta assim — ele resmungou.

Por um segundo achei que fosse partir também, e a punhalada dessa perda — o fantasma dessa *nova* perda — acabou de me devastar. *Ele ia embora, e não havia nada que eu pudesse fazer.*

Ele ia embora e eu estava morrendo. *Nós estávamos morrendo.*

Guardei a carta, desdobrei as pernas e me levantei. Eu queria que a dor sumisse, que as coisas voltassem a ser como antes, que meu vazio não fosse tão gigantesco.

— Quer saber, Gabriel? — falei com os olhos cheios de água. — Vá embora daqui. Não quero ver você definhar também. Eu amo você, mas não posso fazer isso comigo. Vá embora.

— Lis, calma — ele estendeu as mãos para a frente. — Você está nervosa pela morte de sua mãe. Deixe eu ficar com você.

— Não! — gritei. — Você não vai ficar!

— Lis — ele se aproximou, e esse foi seu erro. Nunca na vida havia encostado em outra pessoa com violência antes, mas soquei seu braço para que se afastasse.

— Saia daqui! Suma da minha vida!

O corpo parecia injetado por uma força nova.

— Lis, calma! — Ele tentou segurar minha mão mas eu o empurrei.

— Você não vai ficar comigo! *Você vai embora!*

Ele deu dois passos para trás e eu fui atrás dele. A chuva caía torrencialmente sobre nós. O cabelo dele pingava, e os olhos que não eram mais azuis me olhavam, assustados. Eu batia nele, com força. A única pessoa que me restava na vida era tudo que minha mãe, nos seus últimos minutos de força, pediu para eu evitar.

Estávamos novamente na estrada, como na noite em que nos conhecemos. A diferença é que quem estava por baixo era eu. Mas eu não ia aceitar mais sofrer. Eu faria melhor. Eu não o deixaria se aproximar.

— Por que está fazendo isso? — Ele não entendia, tentando me conter. — Eu disse que o beijo não seria nada! E não foi!

Ele achava que o que eu sentia era ciúmes. Ele não fazia ideia de quão profunda era a minha dor.

— Você é um babaca, é isso que vc é. — Apontei para o peito dele, limpando a chuva do rosto.

— Fale baixo — ele disse olhando para as casas ao redor. Com a gritaria, a luz da janela do vizinho tinha se acendido.

— Vá embora! Suma da minha vida! — Eu não parava de gritar. — Se não consegue cumprir a promessa e ficar longe das drogas por *uma única* noite, não posso confiar em você!

Como poderei acreditar que voltará de São Paulo, que não se encantará por outras garotas, que não seguirá a vida sem mim?

— Lis...

— Você nunca chegará a lugar algum, Gabriel — avancei sobre ele. — Nunca vai ser alguém — gritei, tomada de dor e fúria. Eu o empurrei tão forte que ele caiu no chão. Como um cachorro chutado para fora. *Como se não valesse nada.*

Naquela noite estragamos tudo. Eu estraguei tudo, e ele também. Gabriel me olhou doído de volta, levantando-se em silêncio. Sujo, magoado. Eu acertei um nervo exposto. Ele também achava que não merecia o sucesso, nem ser alguém.

Ele não respondeu, não insistiu, não revidou dizendo que ia ser alguém *sim*. Só se virou e começou a andar. Depressa, para longe de mim.

— Me esqueça! — Eu gritei enlouquecida, querendo desesperadamente que ele se virasse pela última vez para que eu pedisse desculpas. Para que implorasse perdão. Mas ele não se virou.

E não apareceu para o velório, ou para o enterro.

Nem nos dias seguintes, ou semanas.

E eu tive que aprender a viver sozinha, até descobrir que não estava tão sozinha assim.

RETORNO AO INFERNO

*The promises we made were not enough
The prayers that we had prayed were like a drug
The secrets that we sold
were never known
The love we had,
the love we had,
we had to let it go*

Hurricane, 30 Seconds to Mars

24 horas atrás Gabriel

Como Lis e Chris estariam ocupados até a noite, decidi andar. Eu não podia voltar para o hotel por causa da galera que começava a acampar na porta, nem suportaria olhar para o teto da casa esperando as horas passarem.

Não era minha intenção voltar ao estacionamento de *trailers* onde morei. Foi acontecendo, as pernas me

puxaram para direções conhecidas e, quando vi, cheguei ao passado.

Eu podia ter ido de carro vendo a paisagem da janela, mas só andando teria a dimensão do que ficou para trás. A estrada, hoje esburacada, parecia levar a lugar algum. O velho estacionamento estava parcialmente destruído. Um enorme outdoor sinalizava as mudanças: um homem segurava sorrindo uma chave na mão, sob os dizeres: *"Seu lar é aqui! O mais novo empreendimento Imobiliário de Porto das Pedras."*

Segurei na cerca que agora circulava o local achando tudo menor, mais sujo e mal cuidado. Grande parte dos *trallers* tinha sido removida, e, segundo o guardinha que passava calor dentro de uma guarita minúscula, os moradores tinham recebido uma pequena indenização para sumirem dali.

— E quanto àqueles? — apontei para alguns *trallers* caindo aos pedaços, isolados em um canto do terreno. Dentre eles estava o que foi um dia minha casa, e meu padrasto tirou de mim.

— Aqueles são os problemáticos — o homem disse olhando para trás. — A maioria está com a situação embolada na justiça. Inventários, Impedimentos, essas coisas.

Observei a pequena residência cujas rodas haviam sido há muito cimentadas no chão e lembrei da infância passada ali. O eterno cheiro de mofo impregnado nas paredes dos cômodos, o odor de bebida na cozinha imunda, os lençóis sujos, a pobreza indigna.

— Eu conheço um dos moradores — apontei para o mais antigo deles. — O daquele verde ali. Sabe se alguém ainda mora nele?

O guarda tirou o palito da boca.

— O do Seu Josué? — ele perguntou.

Fiz que sim, sentindo o azedume na boca ao ouvir o nome. O homem investigou minha roupa, o cabelo comprido preso em um rabo e as tatuagens que escapavam da camisa sem manga. Ele queria saber de onde eu conhecia aquele psicopata bêbado.

— Ele foi casado um tempo com a minha mãe — expliquei.

O homem revirou os olhos: — Que peça. Como vê, ele é um dos casos-problema.

— Sabe me dizer por quê?

— O *trailer* não pertence a ele e ninguém consegue achar o dono.

Me afastei da cerca, coçando o pescoço. *Mas claro. O trailer estava registrado no nome da minha mãe.*

— Acho que acabamos de achar o dono do *trailer* — falei para ele, abrindo os braços. — Aquela espelunca é minha.

O guardinha mastigou por mais um tempo o palito, em seguida me entregou um cartão. Era o cartão do corretor que de vez em quando aparecia com compradores para ver o terreno. Rolei o cartão entre os dedos, absorto.

— Sabe se Josué está em casa?

O que está fazendo, Gabriel?

— Ali? Não, ele não mora mais ali.

— Morreu?

— Não. Está internado na casa de repouso que fica ao norte da cidade, conhece? Santa Maria, Santa Joana, alguma coisa assim. Ficou doente demais para viver sozinho.

Ouvi a informação rangendo os dentes. Não era bem raiva o que sentia por me lembrar dele. Era um tipo estranho de tensão. Uma sensação de que encontrá-lo não me faria bem. Ao mesmo tempo, ele não podia mais me fazer mal.

Agradei pelas informações e voltei pela mesma estrada, pensativo. Os encontros do A.A diziam que em determinada hora devíamos fazer as pazes com as pessoas do passado.

Não tinha vontade de fazer as pazes com ele, mas queria contar uma coisa que nunca disse a ninguém, e quealaria apenas para ele.

Passei pelo lugar exato onde, anos antes, Lis havia parado o carro e me oferecido carona. O sol banhava a rua de luz dourada, e o precipício daquela noite era, hoje, um pasto verde e vasto salpicado de vacas malhadas.

Sorri ao ver o carro chegando sob aquela chuva infernal. Senti outra vez a raiva no peito, o frio nos ossos, a ideia fixa de vingança. Queria voltar no tempo e contar àquele garoto que só via uma solução para a noite que ele estava prestes a presenciar um milagre.

A imagem de rosto bonito à janela até hoje esquentava meu coração.

— E amo você por isso, minha gatinha — passei pelo exato lugar onde ela tinha parado o carro, e mandei um beijo para ela sentindo o peito leve. — Demorou para a gente se reencontrar, mas prometo fazer tudo certo dessa vez.

Quem passasse por ali veria um cabeludo falando sozinho para um ponto da estrada. Mas o garoto que fui precisava ouvir aquilo.

Refiz o caminho até a casa, decidido a ver Josué. Por nenhum motivo especial, só para contar o que aconteceu naquela noite, e como Lis acabou salvando não um, mas *dois* homens de um desastre.

Ao me aproximar da varanda, perto da escada, lembrei da briga que eu e Lis tivemos na última noite. Lembrei do empurrão que me jogou na poça de lama. Dos olhos injetados e da corrente sanguínea infestada de drogas. Das palavras duras: você nunca será ninguém.

— Bem feito para você naquele dia, babaca — disse em voz alta. — Você falhou com ela, e sabe disso. Ela merecia alguém melhor.

Entrei na casa e peguei a chave sobre a mesa, completando, bem humorado: — Por sorte esse alguém sou eu.

Dirigi até a casa de repouso do outro lado da cidade e me apresentei na recepção. A recepcionista parou de bater nas teclas do teclado e ergueu os olhos ao ouvir meu nome. Em três minutos eu estava autorizado a ver meu antigo padasto.

Enquanto cruzávamos os corredores de paredes descascadas do asilo, perguntei: — Quem paga pela permanência dele aqui?

— Alguns de nossos moradores recebem benefício do estado. Coisa mínima, só para cobrir as despesas. Seu Josué é um desses casos. Coitado...

— Sim, coitado — falei sem piedade.

Josué havia envelhecido bem mais que os anos. A enfermeira explicou que ele estava morrendo. Tinha diabetes, estava na fila para um transplante de fígado e sofria de uma doença rara que atacava o sistema nervoso. Há pouco mais de um ano perdeu parcialmente o movimento das pernas e vivia sentado em uma cadeira de rodas. Ele estava na varanda. Uma das mãos se apoiava em uma bengala, a outra jazia meio morta ao lado do corpo. Suas pernas estavam roxas e inchadas, e varizes assustadoras corriam sob a pele descamada.

— Josué?

Ele não me ouviu, e foi preciso parar na sua frente para ele me notar. Ele me reconheceu imediatamente. Ajeitou o corpo sobre a cadeira, desconfortável, fingindo não saber quem eu era.

— Você se lembra de mim?

— Não. Vá embora.

Sentei no parapeito da varanda, observando ao redor. Senhorinhas cuidavam de uma horta comunitária, enquanto

um senhor em cadeira de rodas orientava o jardineiro a podar o roseiral mal cuidado.

Lembro vagamente de quando minha mãe o trouxe para morar conosco. Eu devia ter oito, nove anos. Já não me interessava pela vida dela, e ignorava sua vida desregrada. O que um menino daquela idade podia fazer, além de tentar sobreviver? Josué estava sempre desempregado, sempre bebendo demais. E batia nela, como batia em mim. Até que um dia ela se cansou e nos deixou. Sem aviso, sem mandar notícias. Tempos depois soubemos que tinha morrido e sido enterrada como indigente em um cemitério do Rio. Ninguém sabia dizer qual.

Sobramos eu e ele no traller imundo. Zero dinheiro, muitas surras, muito desprezo. Sempre entendi sua necessidade de vícios, esse não era o meu problema com ele; o que nunca entendi foi a violência. Tive momentos violentos, mas aprendi a sublimá-los com arte. Alcancei dignidade financeira, o que ajudou muito. Quem não via a correlação entre violência e falta de dinheiro não estava realmente prestando atenção a nada nem ninguém.

— O que veio fazer aqui, pirralho? — Ele disse com voz rouca, como se não a tivesse usado no último século.

— Estou passando uma temporada na cidade. Passei pelo estacionamento e vi o traller.

Ele fingia não prestar atenção.

— Acho que vou reivindicá-lo — provoquei. — Ele agora é meu, certo?

— Grandes merdas. Divirta-se naquele pulgueiro.

— Não pretendo morar lá — olhei para baixo, mexendo os pés. — Vou vendê-lo.

— Foda-se.

Eu ri. Certas coisas jamais mudariam.

— Também vim aqui para contar uma coisa. Uma que nunca contei para ninguém.

— Não quero ouvir.

— Oh, e o que vai fazer? Tapar os ouvidos? — perguntei achando graça. Ele ergueu o rosto vincado e me olhou com desprezo.

— Eu queria te contar sobre a noite em que fui embora. Aquela em que você matou meu cachorro e a gente saiu na porrada, lembra?

Claro que ele se lembrava.

— Então... naquela noite eu revidei seus socos. Lembro que causei alguns estragos no seu nariz. Eu estava com muito ódio, e tinha chegado no meu limite. Você tinha dado uma paulada em Xerife. Um cachorro idoso, meu único companheiro. Saí do estacionamento com sangue nos olhos, disposto a matar você. Andei na chuva até o orelhão mais próximo e liguei para um amigo. Pedi que me arrumasse uma arma.

Os olhos de Josué se moveram depressa até os meus. Foi rápido, apenas um reflexo.

— Meu amigo disse que me arranjaría uma — continuei, sorrindo educado para uma senhorinha que passava por nós. Uma eternidade depois, quando ela já não podia nos ouvir, completei: — Para o seu azar, ele tinha uma arma para me emprestar.

Inspirei fundo, sentindo um leve desconforto pelo estado de ódio em que eu me encontrava. Me ajeitei sobre a mureta e cruzei os braços:

— Eu ia matar você. O que aconteceria depois não me interessava. Polícia, cadeia, não pensei em nada disso. Minha ideia fixa era destruir você. Não deixar que você vivesse mais um dia no mundo.

Ele olhava com ódio para frente.

— Essa era o tamanho da raiva que eu sentia por você.

— Devia ter me matado — ele falou algum tempo depois.

— Não, não devia — disse calmo. — Mas só não executei o plano porque, no caminho, uma pessoa parou do meu lado e me ofereceu um café.

Fiz uma pausa. Era difícil voltar àquele momento. Um minuto a mais ou a menos, uma decisão errada, e eu hoje seria um criminoso a mais na cadeia. Lis não existiria. Chris não existiria. Nada de banda, de Bandits, *nada*.

— Enfim. Esfriei a cabeça e vi que era uma ideia realmente ruim. Nunca disse nada a ninguém, mas queria te contar isso. Que você foi salvo por um gesto de gentileza. E porque estou me sentindo particularmente *gentil*, quero comprar o meu trailer de você. Sei que ele está atravancando um negócio imobiliário, e você não consegue vendê-lo porque ele era da minha mãe. Ou seja, meu.

Ele me olhou com os olhos apertados.

— O dinheiro pode ajudar nas despesas com remédios — falei olhando para a perna ferida.

Levantei do parapeito, sem esperar sua resposta. Não vim até aqui para ouvir nada, só para falar mesmo. Mas antes que eu partisse, Josué falou:

— Você sempre foi um pirralho enervante.

Sem saber o que dizer, fiz uma mesura, indicando "de nada".

— Sua mãe não suportava você.

— Ela também não suportava você. Isso diz uma penca de coisas sobre nós, não?

Ele se irritou com meu sarcasmo. Sua face ficou vermelha, e ele tentou se levantar.

— Melhor ficar sentado — falei. — Se levantar, é capaz de se esfarelar. Vai dar trabalho para limpar.

— Seu cachorro — ele rosnou, erguendo o punho e atraindo olhares de quem estava por perto. — Acha que pode me comprar com aquele trailer caindo aos pedaços? Aquilo não vale nada!

— Tá bom então — respondi, olhando-o com pena. — Doarei o valor para uma obra de caridade.

Ele começou a moer os dentes, com as mãos crispadas. Seus olhos eram pura maldade. Fiz um gesto de despedida e me virei. Assim que dei o primeiro passo, ele disse:

— Vai morrer sem saber o que fiz com sua mãe.

A frase me parou no lugar. Virei, devagar, apertando os olhos em sua direção.

— O que disse?

— Não disse nada — ele acenou para um enfermeiro, que veio em seu auxílio. Dei dois passos até ele, parando os dois homens no lugar.

— Você disse "*vai morrer sem saber o que fiz com sua mãe*"? O que quer dizer com isso, seu canalha? — falei alto. O enfermeiro, notando a tensão, pediu que eu me afastasse.

— Não, ele vai ter que explicar o que falou! — Avancei sobre Josué. O enfermeiro espalmou meu peito, me parando antes que o atingisse. O sangue tinha voltado aos olhos. Nunca ouvi nada sobre ela, tudo que soube foram por pessoas que de tempos em tempos repetiam histórias *sobre ela*. *Seria possível que ele...*

— Ele acabou de insinuar que matou a minha mãe! — gritei para o enfermeiro.

Dois outros homens chegaram para me acalmar. Fui escoltado para fora, sem direito à explicação. Quando já estávamos lá fora, um enfermeiro se aproximou:

— O Josué é um homem amargo que tira prazer em machucar as pessoas. Ele sabia exatamente onde te ferir. Vá para casa, acalme-se. Se acha que algo aconteceu, acione a polícia.

Dizendo isso, fechou o portão. Olhei para a rua, sem ar. O coração socava o peito tão forte que mais pareciam tiros de canhão. O suadouro que começou na nuca espalhou-se pelo peito e costas. Tentei me lembrar dos amigos que juraram

ver minha mãe nas ruas do Rio, fumando crack. Outros que juraram vê-la na Cinelândia, depois na Tijuca, depois em Marapendi. Mas eram pessoas que diriam qualquer coisa por atenção ou um litro de bebida.

Cambaleei alguns metros tentando me convencer de que ele tinha dito aquilo para me ferir.

As imagens continuavam a vir. Um ou outro abraço em que sentia seu cheiro feminino. Um rosto hoje vago se abrindo em um sorriso. A vassoura varrendo o quintal. Sua voz, cristalina, repetindo para eu "sair do caminho de Josué porque quando ele bebia, ficava mau."

O vazio que sentia pela falta dela se inflou de repente, como um guarda chuva que se abre ocupando todo o espaço. Alguma coisa nas batidas do coração estavam estranhas. Dei mais alguns passos, arrependido de ter vindo. De ter remexido no passado.

Parei do lado do carro e olhei para as mãos: elas tremiam. Ainda era cedo para ir para a casa, ou procurar Lis no trabalho. Eu precisava procurar a polícia, mas estava nauseado demais. Esfreguei o rosto, sentindo a ansiedade, velha conhecida, crescer.

Eu estava agitado e sabia. Tateei os bolsos atrás da Nalxetrona, mas não a encontrei. Bem que Rico avisou que eu não podia esquecer de tomá-la. A ansiedade se confundia à abstinência do álcool. *Era uma crise.*

Onde estão os cigarros? Eles tinham acabado.

Na periferia da visão, algo vermelho e chamativo resplandecia, como um enorme chamado. A fachada de um bar. A boca se encheu de água, e litros de saliva desceram pela garganta seca. *Lá tem cigarros, o diabinho sussurrou ao pé do ouvido. Sente-se um pouco, peça uma bebida, relaxe.*

Só um gole não vai te fazer mal.

Balancei a cabeça que não. Eu não podia ir até lá. Sei que um gole faria o tremor parar, mas eu precisava lidar com isso

de outra maneira.

Que mal faria uma única cerveja?

Eu preciso buscar Chris.

— Só uma dose — disse alto, como se me convencesse de uma ideia trivial.

Tirei o telefone do bolso com as mãos trêmulas, olhando para o asilo a poucos metros de mim. Se uma coisa prestou daquele encontro maldito, foi a lição que Josué deixou. A maldade afastava as pessoas. *Elas acabavam sozinhas no final.*

O telefone só tocou uma vez.

— Gabriel? — a voz do outro lado soou preocupada. — Onde você está?!

— Rico, estou em Porto das Pedras. Preciso de ajuda.

CAOS E CALMARIA

*"Oh, I always let you down
You're shattered on the ground
But still I find you there
Next to me
And oh, stupid things I do
I'm far from good, it's true
But still I find you
Next to me (next to me)
So thank you for taking a chance on me
I know it isn't easy
But I hope to be worth it (oh)*

Next to me, Imagine Dragons

Lis

Eu achei o pior dele, mas ele tinha feito tudo certo. Vê-lo em segurança, depois de tanta raiva e preocupação, descarregou um peso titânico do peito. Andei até ele com cuidado, tentando me colocar no seu lugar. Imaginando

como deve ter sido revisitar o lugar de infância, conversar com o ex padrasto e ficar sabendo, de forma vil, que sua mãe pode ter sido assassinada.

Olhá-lo me fazia ter certeza das decisões que tomei. Não foram fáceis, nem foram para os fracos de coração. Mas eu sabia que tinha nascido para me apaixonar por ele toda vez que o visse, sem exceções. Eu já o queria antes de conhecê-lo, mesmo sabendo de sua história triste. Eu o quis quando era ferrado e não tinha nada. Nada além de amor por mim e talento. *E eu o queria a partir de agora para sempre.*

Seu empresário havia me contado tudo ontem à noite, quando ligou. Disse que tinha tentado me ligar no celular mas eu não atendi. Então lembrou-se de Carlão. Por mim eu teria vindo ontem mesmo, mas Gabriel pediu que eu esperasse e só viesse hoje. Era importante para ele que eu o visse de pé. Mais forte depois do baque, e não frustrado consigo mesmo.

Não foi, ao contrário do que imaginei, uma noite passada em claro. Óbvio que eu tinha medo de recaídas e tudo que ainda aconteceria no infinito processo de recuperação, mas justiça fosse feita: ele agiu certo sob a pior das pressões. Ele resistiu, com a ajuda de amigos.

Rico havia me contado ainda, no caminho até a clínica, dezenas de histórias sobre Gabriel e a banda. Tinha as mesmas impressões que eu sobre ele: teatral para o mundo, reservado em sua vida pessoal. Sensível e ferido pela infância. Gentil, mesmo quando era cruel consigo mesmo. E, segundo ele, *eternamente apaixonado pela garota da música.*

Sem aviso, Rico começou a entoar a canção antiga com os olhos na estrada:

*"Anos depois, ela liga a TV
Adivinha quem ela vê?
O perdedor botando o ginásio abaixo*

*Cantando a música sobre a garota
Que achou que ele não teria nada"*

Notei que ele não usou o termo *vadia*, e sim *garota*. Ele explicou:

— O *vadia* foi ideia minha, e não dele. A música tinha energia. Tinha dor e tinha raiva. Troquei *garota* por *vadia*, e ficou melhor. Mas originalmente não era.

Ele olhou para mim, inspecionando minha reação.

Dei um soco em seu nariz com o punho fechado. Foi tão forte que quebrei seu maxilar. Sua cara de babaca ficou destruída, e a boca nunca mais fecharia. Gritei bem alto que por causa do termo idiota evitei Gabriel por nove anos. E que meu destino — e o do meu filho — poderia ter sido outro se ele não tivesse sido tão ordinário.

Claro que não fiz nada disso, só lhe dirigi um sorriso amarelo. Daqueles que a gente dá quando soca a cara das pessoas em pensamento.

Ao mesmo tempo, sua revelação não alterava o presente. As coisas aconteceram porque tinham que acontecer, e delas, hoje, eu só tiraria lições. Eu teria aguentado os primeiros anos lunáticos de Gabriel se afundando nas drogas? Indo contra o que minha mãe tinha pedido com tanto carinho para evitar? Dispensado a faculdade que ela deixou paga antes de morrer para viver com ele, longe de Porto?

Eu não teria suportado criar um bebê ao seu lado. Teria me beneficiado das vantagens que o dinheiro traz, é claro, mas cada gota de suor que derramei em cada etapa que venci sozinha havia me transformado na mulher que eu era, e eu estava muito satisfeita por isso.

E já que estávamos conversando, perguntei sem mágoas sobre o romance que Gabriel teve com Tris, e ele revelou que era pura jogada de marketing. Sempre que Tris aprontava (ao que parece ela tinha um problema de cleptomania que a

colocava constantemente em apuros), ele acionava Gabriel e os dois, juntos, abafavam os escândalos. Aquilo me fez respirar mais leve, e ter mais vontade de que o tempo passasse logo para chegar até a clínica.

Rico me acompanhou até vermos Gabriel no jardim, sentado em um dos bancos que rodeavam o lago. Era um lugar bonito e tranquilo, que quase não indicava ser o que era: uma clínica de reabilitação.

— Vou deixar vocês sozinhos — o empresário disse dando meia volta.

Gabriel jogava de tempos em tempos pedacinhos de biscoito nas águas paradas e esverdeadas do lago, atraindo carpas coloridas a disputarem as migalhas. Seu cabelo estava solto e brilhava ao sol. A camisa deixava as tatuagens à mostra, o jeans desbotado dava o ar rebelde que me derretia. *Amo, amo amo sem saber nem como começar a explicar o quanto.*

— Oi — falei, me aproximando.

Ele se levantou. Estava surpreso por não ter me ouvido chegar, mas com um passo me alcançou. Seu abraço foi a melhor coisa que poderia receber no mundo. Um presente depois de tanta tensão. Ficamos abraçados por minutos a fio, em silêncio. Eu respirando o cheiro bom que vinha dele, sem dizer ou perguntar nada, ele me apertando de tempos em tempos, como se precisasse conferir que eu estava ali. *Você está em segurança e é isso que importa.* Quando ele finalmente me soltou, seus olhos foram direto para o curativo que tampava os discretos pontos próximos à linha do cabelo.

— O que aconteceu? — ele tateou meu rosto, e eu ri, achando graça que o machucado fosse mais urgente que sua internação.

— Isso — respondi — Foi o que aconteceu quando suas fãs me descobriram.

Gabriel abriu a boca, espantado. Ele não sabia de nada, estava isolado das notícias. Sem saber o que dizer, olhou para o machucado, as sobrancelhas pesadas sobre os olhos, e começou a tentar se desculpar:

— Lis, eu não sei o que dizer, eu...

— Ei — pousei a mão sobre o seu peito. — Você não tem culpa. Passou.

Ele me abraçou outra vez, gentil. Beijou carinhosamente o curativo e aproveitou para deslizar a boca de mansinho até a minha. Foi um beijo breve, o mais doce dos pedidos de desculpas que recebi na vida.

— Eu sinto tanto — ele murmurou.

— Sei que sente. Mas preciso te dizer uma coisa. Essas meninas são completamente loucas. Tenho medo por você, juro.

— Eu sei — ele confirmou.

— Como conseguiu sobreviver a elas? — perguntei, bem humorada.

Seus olhos voltaram a sorrir no rosto.

— Sabe quando você vê algo muito, *muito* estapafúrdio e constrangedor e não pode dizer que achou bizarro? — Ele perguntou. — E tudo que te sobra é abrir um daqueles sorrisos congelados, bem forçados, que mais parecem um pedido de socorro?

Dei uma risada, lembrando da conversa com Rico no carro. Balancei a cabeça, fazendo que sim. Eu sabia.

— É assim que a gente lida com algumas fãs. Como se a qualquer momento pudéssemos ser devorados ou mortos com requintes de crueldade por elas.

Rimos, próximos. Ele acariciou meu cabelo e eu me perdi dentro dos seus olhos. Finalmente demos o beijo que queríamos dar desde a noite passada juntos. Foi um beijo de alívio. De suspiros soltos entra a dança de línguas. De abraços apertados e palavras carinhosas sussurradas.

Quando a ânsia foi finalmente apaziguada, ele perguntou:

— E Chris? Elas não fizeram nada com ele, fizeram? Quero dizer, elas não são más, só loucas, mas podem fixar em pessoas aleatórias e atormentar alguém até...

— Claro que não — Eu o acalmei. — A implicância delas se limitou à vadia que aparentemente quer te dar o golpe da barriga. Ele é vítima, não se preocupe. A vilã continua sendo eu.

Gabriel revirou os olhos, me abraçando outra vez.

— Não vejo a hora de pedir desculpas a ele por ter furado. Eu jamais teria feito o que fiz se não precisasse. — Ele se afastou para me olhar: — Você sabe disso, não sabe?

Alisei seu braço, vendo o pequeno roxo perto das veias, por onde ele deve ter recebido a medicação. Tive vontade de beijá-lo ali. Beijá-lo inteiro, cobri-lo de amor.

— Eu sei. Mas cuidado — ergui os olhos, séria. — Chris tentará te convencer que deve a ele, agora, duas bolas de sorvete ao invés de uma. Não ceda.

Ele fez cara de desapontado: — Mas eu quero ceder. Não posso?

— Não — disse firme, voltando a enlaçar sua cintura. — Ser pai é uma coisa muito difícil e dolorosa — disse, sorrindo. — É quase obrigatório negar a segunda bola de sorvete.

Ver seu espírito leve e intacto depois de um tropeção — mas não uma queda — valeu cada segundo de angústia.

— Mas eu adoro sorvete — ele me abraçou e me ergueu, me trazendo até o banco, onde me sentou sobre o seu colo. E a conversa seguiu assim, leve e descompromissada.

Quando o assunto mudou para questões mais concretas — quando ele sairia dali, o que faríamos no futuro — ele disse que tinha algo a dizer. Tentei sair do seu colo e sentar ao seu lado, mas ele não deixou. Ele não tinha tirado ainda as mãos de mim.

— Quero te dar um presente — ele disse enlaçando minha cintura.

— Adoro presentes — suspirei, sentindo o corpo aquecer.

— Mas o presente vem com um pedido que você, talvez, não gostará.

Ele segurou minha mão entre as suas, e eu o encarei. *O que vem por aí?*

Ele inflou o peito e disse:

— Quero te dar a casa que foi de sua mãe. Ela já está sendo reparada para ficar exatamente como era, anos atrás. Ela agora é sua e de Chris, nunca deveria ter deixado de ser. Já pedi aos advogados da banda que providenciem a transferência.

Eu estava muda. Meu coração, ao contrário, não.

— Eu deveria ter feito isso muito tempo atrás — ele passou as costas da mão pelo meu rosto. — Teria economizado muita dor dos três lados. Mas não é tarde demais.

Meus olhos se encheram de água, e tudo que consegui fazer foi deitar a cabeça em seu ombro e dizer:

— Não é tarde demais. Obrigada.

Então lembrei que ele ia fazer um pedido que eu talvez não gostasse.

— E o pedido? — Perguntei, preocupada.

— Não quero que morem lá.

Minha testa vincou.

— Por que não?

— Por que quero que venham comigo para São Paulo. Quero fazer parte da família de vocês. Só que, infelizmente, é lá que está o meu trabalho.

Antes que pudesse dizer que eu também tinha o meu trabalho e que não podia largar tudo, ele completou:

— Não precisa decidir nada agora. Se por acaso não quiser sair de Porto, eu me mudo para lá. A banda não vai acabar se

eu passar duas semanas em Porto, duas em São Paulo. Dá para casar as coisas.

Não sabia direito o que pensar, mas estava emocionada. Ele tinha falado a palavra que sempre fazia meu coração bater mais forte: família. *Quero fazer parte da família de vocês. Quero que venham comigo.*

— E por falar em casar — ele coçou a testa, olhando para mim. O coração, morno pelos últimos segundos, atingiu a temperatura de Marte. — Você teria alguma coisa contra... a gente ... sei lá...

— Defina o *sei lá* — respondi engasgada.

Ele parou o que ia dizer e sorriu. Segundos se passaram, e ele perdeu a coragem. Sei o que ia dizer, mas não cheguei a ouvir. Ele desistiu.

— Eu sou impulsivo demais. Não quero assustar você outra vez.

Você me assustaria, mas do jeito bom.

Deitei em seu peito, em paz.

— Não precisamos fazer nada atropelado — eu disse sem conseguir esconder a loucura que estava o coração.

— É que estou nove anos atrasado, e não queria mais passar um segundo longe de vocês.

— Nem pensei na hipótese de passar — respondi. — Eu e Chris queremos você por perto. O mais perto que conseguirmos.

Havia uma vida inteira se abrindo à frente, e não queria mais passar um único momento dela sem sua presença. A verdade? Eu nunca quis.

E enquanto o abraçava, lembrei de uma voz antiga que vinha me guiando há tempo demais.

— Vai ser uma vida caótica, não vai? — eu perguntei.

— A do tipo que você vem tentando evitar — ele admitiu. Ergui os olhos até ele e ele sorriu. — ...mas prometo ser calma em meio a ela. Para vocês dois.

Ele beijou a ponta do meu nariz, minha boca, meu rosto.
— Acredita em mim?
Fiz que sim. Eu acreditava.

MINHA GAROTA

Para otimizar a experiência do capítulo, aperte o play nessa música quando Gabriel subir ao palco!

Bandits é rock, bebês!

<https://bit.ly/2q0NHuk>

*"Learning to walk again
I believe I've waited long enough
Where do I begin?
Learning to talk again
I believe I've waited long enough
Where do I begin?"*

Walk, Foo Fighters

Gus estalava as costas, concentrado, atrás do palco. Tris estava imóvel há minutos, acho eu, meditando. Rafa dedilhava em uma guitarra imaginária enquanto eu

acompanhava Gabriel por um corredor escuro até seu camarim.

Suas mãos estavam suadas nas minhas. Ele disse que era a excitação das estréias; que era a primeira vez que subia em um palco sabendo que a namorada estava na plateia, ouvindo e vendo as loucuras que ele fazia.

— Uau, um camarim só para você — li seu nome na porta antes dele abri-la. Ele me empurrou com um sorriso safado para dentro, já com as mãos em mim.

— Delícia da minha vida, vem cá.

A gente tinha pouco tempo para ficar sozinho. Nas últimas semanas, Chris tinha grudado naquele homem como um pequeno polvo. Gabriel já tinha PhD em Segunda Guerra, sabia desenhar cosaedros, montava qualquer coisa em Lego e foi oficialmente apresentado ao mundo do Minecraft.

Chris tinha orgulho desse pai que caiu sobre a sua cabeça. Esse homem remendado que estava fazendo de tudo para compensar a família que não teve e a que demorou a conhecer. E meu filho sabia no fundo de seu coraçãozinho que pela primeira vez em muitos anos sua mãe estava alegre. Não alegre no sentido sereno que faz com que andemos milhas em paz; ela estava alegre no outro sentido. O que causava revoada de borboletas no estômago e a fazia dançar quando ficava sozinha. A felicidade dos pais era um bálsamo para os filhos. Eu estava no céu, e havia carregado ele comigo.

— Não temos tempo — Gabriel meio sussurrou, meio mordeu minha orelha. — O show começa em cinco minutos.

Ele me ergueu pela bunda e me carregou até o sofá. Sua boca procurou a minha, faminta, enquanto eu segurava seu rosto entre as mãos. Os preparativos para o último show o haviam roubado de mim muito mais do que eu gostaria. E nas poucas noites que tínhamos — já que rearrumar planos

consistia em longas idas e vindas a São Paulo — éramos surpreendidos por visitas inesperadas no meio da noite.

Chris abria a porta, sonolento, e se deitava entre nós. Não dizia nada, apenas voltava a dormir, ressonando tranquilo. E nessas noites Gabriel olhava para mim como se estivesse participando da experiência mais transcendental de sua vida. Ele cheirava o menino e alisava de leve seu rosto, e então sorria para mim no escuro. Duas vezes ele murmurou "obrigado." Nas duas vezes virei para o outro lado e chorei, tocada.

Portanto, quando ele me empurrou no sofá morrendo de saudades, eu era puro fogo também.

— Você sempre foi assim tão safado antes dos shows? — perguntei enquanto ele erguia minha saia jeans, afobado, e beijava meu pescoço. Convenhamos que ninguém apagava o incêndio que era esse homem.

Ele ergueu a cabeça, o cabelo jogado para tudo quanto é lado:

— Essa pergunta é uma pegadinha, não é? Tipo: se eu responder, estarei encrencado.

— Dado o número de shows multiplicado pelos últimos nove anos... — olhei para cima, fingindo fazer os cálculos. — Acredito que sim, você estaria encrencado.

Claro que não estava fazendo cálculo algum, não conseguia pensar direito quando ele começava a se esfregar em mim. Ele gemeu, falsamente entristecido por estar encrencado, e me beijou. Os beijos escalaram para os amassos, os amassos para a movimentação de roupa, e o frenesi culminou naquilo que eu e ele fazíamos melhor.

Não foi rápido. Na verdade, foi estendido e prolongado. Eu gostava de sua pele, do jeito manso de me olhar, do perigo que ele era para o meu coração. Ele me tinha todinha. Ainda estávamos envolvidos e suados, olhando nos olhos do outro enquanto nos movíamos como um, quando bateram à porta.

— Gabriel? Dois minutos!

— Dois minutos, Gabriel — eu disse baixinho, sentindo a pele arrepiada e as faíscas crescerem do ventre para as extremidades.

Sua resposta foi enrijecer, fechar os olhos e gemer. Em seguida, desabar sobre mim.

— Hora do show — falei para ele lânguida, sentindo as pernas bambas.

Ele recolocou a calça, abaixou a camisa e me ajudou a levantar. Lembrei do pedido inusitado de minha amiga e perguntei:

— Está tudo certo para o lance com Dalila?

— Ainda não acredito que você me pediu para beijar sua amiga. Nunca vou superar isso.

Soltei uma gargalhada.

— É um beijo fake. Ela vai driblar os seguranças, subir no palco e pular em cima de você. Faça a sua mágica, incline-a de um jeito dramático e finja que a beija. Só isso. Ela quer atrair o *personal* de volta. Ele voltará, se não morrer de ciúmes antes.

— Você sabe que ela é doida, não sabe?

— Tenho plena consciência disso — respondi.

— Gabriel? — A produtora colocou a cara para dentro da sala. — Hora de começar.

Ele me acompanhou até a entrada do palco, onde nos despedimos. A partir dali segui a produtora até a área VIP, em frente ao palco, enquanto a batida forte da bateria começava a mais agitada das músicas da banda.

Dalila me esperava para começar a pular. Ela estava eufórica, como eu. Tínhamos uma visão perfeita de Gabriel em cima do palco, assim como de Rafa e Tris. O vocalista do Bandits entrou com os braços erguidos, sorrindo, arrancando gritos da multidão. Colocou a guitarra atravessada no corpo e a mexer nela como se ela e ele fossem um, começando uma

música conhecida. As notas tinham um jeito único de entrar no corpo, de correr pelas veias fazendo os pés saírem do chão.

Na próxima horas Gabriel deu um show dentro de um show. Ergueu e comandou a massa imensa de pessoas, e todos entoaram as músicas como se cada uma delas tivesse sido feita para elas. Era como se ele falasse com cada indivíduo no ginásio. Como se cada um, ali, desse àquelas letras significados próprios, tiradas de sua própria história.

Era estranho pensar que todas tinham sido feitas de lembranças passadas. Que nos aproximados quatro milhões e setecentos mil minutos que nos separaram, do último dia em que o vi até o dia em que o reencontrei, estive de certa forma com ele. Desses milhões, talvez milhares ele esteve comigo também. E em todas essas milhares de vezes jamais imaginei que, ao reencontrá-lo, o devolveria tão completamente o que sempre foi seu: meu coração, inteiro.

Em algum momento do show o enorme telão atrás deles começou a passar imagens de pessoas desaparecidas. Homens, mulheres, crianças. A música falava sobre caminhos perdidos e achados. Sobre buscas infinitas. Tampei a boca ao ver, entre tantos rostos, um que me roubou o ar. Eu não precisava ler o nome e a data da última vez em que aquela mulher foi vista: eu só precisava olhar seus olhos para reconhecer seu filho — e o meu — nos dela.

Ela estava em algum lugar, nem que fosse enterrada. Alguém deveria saber. Alguém veria aqueles rostos na TV. Gabriel tinha finalmente recommçado a procurá-la.

Ele cantou *Aquela Garota* e a multidão foi ao delírio. Em algum momento tive que rir ao olhar para o lado e ver Dalila cantar a maldita música de cor. Sua farra foi tanta que acabou atraindo a atenção de Gabriel, que mal conseguia olhar para baixo por causa das luzes que o cegavam. Quando nos viu, acenou. E mandou um beijo. E eu esqueci que aquele

era o meu namorado e pai do meu filho, e gritei como se fosse uma de suas fãs. Mais uma fã maluca para a conta.

Para a surpresa de todos, quando o show se encaminhava para o final, a música parou. Ele agradeceu à cidade por recebê-los. Disse que estava feliz por voltar à estrada, que amava estar ali, com eles, e agradeceu a vibração de sempre. Falou sobre o álbum novo e sobre as músicas que estavam compondo.

Então fez um sinal para Rafa e Tris. O baixo e a guitarra se harmonizaram em uma melodia completamente nova. As baquetas de Gus se uniram ao som, trazendo a batida leve é fácil de acompanhar. O corpo começou a pulsar, como se programado para reagir às notas. Os holofotes de cima se acenderam e ficou tudo azul cobalto, a cor dos Bandits. Eu não conseguia parar de olhar para Gabriel. Para onde ele ia, meus olhos o seguiam. Ele tinha entregado a guitarra a um ajudante e estava só com o microfone nas mãos. A plateia começou a bater palmas, acompanhando a batida e a sequência bonita das notas.

— Antes de finalizar esse show — ele cadenciava as palavras para caberem nas pausas — ...queria contar uma história para vocês...

Meu coração, agitado, ameaçou parar.

— É a história de um cara que chegou no fundo do poço...

Batida, pausa, melodia.

— ... Que foi salvo por uma garota do passado.

Batida, pausa, solo de baixo. Minhas pernas tremiam.

— ...Aquela garota, quem aqui se lembra? — Gabriel falou ao microfone olhando para a massa de gente. — Então aquilo me fez pensar...

Batida, pausa, batida outra vez.

— ...quem aqui saberia reconhecer que errou, e a hora de voltar algumas casas?

Solo estendido da guitarra de Tris, que olhou para Gabriel e murmurou sorrindo: "Fala logo!"

— Todos sabem o que aconteceu comigo poucos meses atrás. O que vocês não sabem é que muitas mãos me ajudaram a estar aqui hoje...

O ruído da multidão inchava como uma onda. Não eram gritos: era um zunido em ascensão, que escalava em volume e força. Poderoso, enérgico, comovente. Todos estavam ao seu lado naquele momento. Meus olhos se encheram d'água. Quando olhei para Dalila, ela estava aos prantos.

— Meu primeiro obrigado vai para Rico, nosso empresário, que veio prontamente em meu socorro quando chamei.

Os urros ficaram tão altos que o estádio parecia estar indo abaixo.

— Tris, Rafa e Gus, minha família pelos últimos nove anos, que seguraram mais barras minhas que precisavam segurar....

A batida de Gus à bateria soou alta e dramática, e a galera enlouqueceu.

— ...todas essas pessoas foram fundamentais para que eu saísse do lugar ruim onde caí. Agradeço a vocês todos — Gabriel inclinou o corpo, mostrando sua gratidão. Tris mandou um beijo e os meninos sorriram rápido, concentrados nos acordes que continuavam a dar ao discurso a potência que estava tendo.

— Mas uma pessoa — na verdade, duas — estavam lá quando eu abri os olhos, e se transformaram no lugar *para onde eu queria ir*. Todos precisamos de uma direção, e eu finalmente vi a minha. É para essas duas pessoas que quero dedicar não só a próxima música, mas cada segundo da vida a partir de agora.

Ele olhou para a câmera e seu rosto apareceu no telão. Eu sabia que a mensagem ia para o filho, que certamente tinha

ludibriado Dalva e Carlão e os convencido a deixá-lo assistir o show na Tv.

— Lis, Chris... Eu amo vocês.

Um clarão explodiu atrás do palco, e luzes coloridas se misturaram à fumaça do gelo seco. A música pegou velocidade e logo estávamos todos embalados pelo ritmo agitado outra vez.

Gabriel olhou para mim e levou o microfone à boca, começando a música inédita:

*Garota,
tudo o que você precisa para não ruir
é uma mão para te segurar*

*Garoto,
tudo que você precisa para não desistir
é uma palavra que te ponha no lugar*

*Palavras machucam
ferem
e afastam
mas também remendam
consertam
e nos blindam contra esse mundo cruel*

*Do fundo do poço ouvi a voz do passado
E vi o rosto que sempre amei
Dizendo para mim: viver vale a pena
Você precisa acordar*

*Sinto muito pelo passado, minha garota,
Obrigado pelo presente e pelos anos que virão
se o destino das coisas fracas é ruir*

a das fortes é durar...

E, enquanto ouvia a música que contava a história das últimas semanas, Dalila, descontrolada, driblou o segurança e saiu desatinada em direção ao palco. No susto, um dos seguranças quase a pegou mas ela desviou, escorregando sem cair. Empurrando outro para o lado, determinada a arrancar de vez seu *personal* do ex, ela invadiu o palco enquanto a música tocava.

Eu quase temi pela vida de Gabriel.

Ele viu quando ela disparou palco acima, mas ao invés de dar nela o beijo arranjado, olhou para Rafa — aquele, que anos atrás a tinha chamado de ‘algodão doce’ e vinha arrastando asa para o seu lado — como se tivessem combinado algo. Rafa entregou o baixo para Gabriel, que continuou a música, imperturbável. Tris olhava para a cena se perguntando se algum dia pararia de tomar sustos sobre o palco.

A música não parou, para a surpresa da plateia. Quando Dalila finalmente alcançou o centro, foi recebida não por Gabriel, mas pelo baixista que a segurou firme, inclinou-a como se ela fosse uma dançarina profissional e lascou finalmente o beijo que ela tinha planejado.

E não foi nem um pouco fake.

O beijo teve a plateia merecida, e seria reproduzida no futuro para mais de cem países. Ele viraria meme e figurinha de Whatsapp. Mas o verdadeiro intuito do beijo, aquele que a fez subir ao palco para beijar o vocalista do Bandits, quase foi esquecido. Ao ser solta por Rafa sob aplausos e gritos exasperados, ela cambaleou, arrebatada pelo beijo de verdade, e teve o espírito de erguer o dedo do meio e gritar:

— CHUPA, FERNANDO!!

EPÍLOGO

UM ANO DEPOIS

Gabriel

Um ano havia se passado. A vida estava mansa, muito menos badalada. Para a minha surpresa, aquele foi o ano preferido de toda a minha vida.

Quando resolvemos morar juntos, Lis pediu que eu "pegasse leve". Pegar leve é uma dessas coisas que pedimos ao outro quando temos medo de como o outro vai reagir. No que exatamente o outro deve moderar? Eu precisaria pegar leve comigo mesmo? Com todo o lance de paternidade, ou só pegar leve com ela?

Ela tinha se acostumado a uma vida simples e sem grandes emoções, e não tinha muita vontade de mudar. Queria que Chris se sentisse em casa, e não em uma montanha russa. Que respeitasse sua vontade de continuar trabalhando, embora ela não soubesse ainda como faria para conciliar a vida à minha.

Mas tudo que ela tinha de organizada eu tinha de impulsivo, e a primeira coisa que fiz foi me mudar para Porto. Tirei seis meses de férias do Bandits, sem grandes avisos. No dia em que encerramos o último show da turnê, arrumei as malas e voltei para casa. Gus, Rafa e Tris acabaram voltando aos poucos também, tomando posse da garagem da casa de Lis como estúdio. Primeira grande mudança da vida pacata. Achei que ela fosse me explicar ali que transformar sua garagem em estúdio era pegar pesado, mas ela não reclamou.

Pior que não peguei nada leve na paternidade também. Comprei na afobação um celular para o menino sem perguntar para Lis se podia (não podia; levei uma bronca e precisei voltar na loja para devolver). Acompanhei o menino mais vezes do que deveria à sorveteria (onde geralmente comíamos escondidos a segunda bola). Varamos noite em trincheiras construídas dentro do quarto, onde éramos os Aliados e Lis e tia Dalila, do Eixo (tia Dalila era um alvo disputado quando fazíamos guerra de Nerf*). Acabei comprando uma bateria por impulso, porque o menino perguntou se podia gostar mais do que o tio Gus tocava. Para mostrar como eu era legal (e não um pai ultra mega enciumado pelo filho gostar de bateria mais do que de guitarra) comprei o raio do instrumento que acabou parando na sala por falta de espaço.

Dessa vez eu tinha pegado pesado, e Lis reclamou.

Lis continuou trabalhando com Carlão, o anjo que nunca a deixou sozinha. Como forma de retribuir de alguma forma, doei a indenização do *trailer* para um dos clientes da firma: Rosária, que teria mais chances de conseguir a guarda do filho se tivesse um endereço fixo. Com o dinheiro ela comprou um apartamento e pode recomeçar a vida. A última notícia que tive foi que ela ganhou a guarda.

Nas primeiras férias escolares viajamos para a Normandia, para conhecer a praia onde foi o desembarque das tropas americanas no dia D. De lá seguimos para Londres, onde conhecemos o bunker de Churchill. Ainda viajamos outra vez, mas sem Chris, seguindo uma pista de que minha mãe poderia estar em uma casa de saúde em Minas Gerais. Alarme falso. Continuamos procurando. As fotos dos desaparecidos que mostramos no telão durante os shows renderam bons resultados: três crianças voltaram para os braços de seus pais; um idoso reencontrou os parentes perdidos e dois adolescentes, hoje adultos, contataram sua famílias para dizer que estavam bem. Infelizmente três mulheres de idades variadas foram dadas como mortas: por mais que nesses casos a notícia não fosse boa, as famílias puderam finalmente encerrar as buscas, catar seus cacos e procurar a paz.

Nunca mais coloquei uma gota de álcool no organismo. Nunca mais cheguei perto de droga de tipo algum. Há três meses não fumava.

E hoje de manhã, quando o primeiro raio surgiu no quarto, despertei de um sonho bom. Nele, eu ouvia uma voz feminina conversar comigo. Não era a voz baixa e delicada de Lis, nem a rouca e conhecida da minha mãe. Era outra voz: infantil, fininha, quase um sussurro. E ela começou a cantar. A música era tão leve que as notas flutuavam no quarto. Quando abri finalmente os olhos, o som sumiu e me virei, me espreguiçando na cama, encaixando o corpo no corpo quente ao lado. Lis dormia virada para a janela, o rosto descansando sob os dedos. Colei a barriga nas suas costas e afundei o nariz nas mechas perfumadas.

— Bom dia, meu amor — falei. Ela se virou de olhos fechados. O rosto procurou apoio em meu peito e eu a abracei. — Você não sabe com o que acabei de sonhar.

Ela grunhiu alguma coisa, entre o sono e a vigília.

— Ouvi uma menininha cantando.

Comecei a dedilhar a música em sua barriga, refazendo as notas. Os dedos iam e vinham na barriga lisa, por baixo da camisola. Lis se mexeu, sorrindo:

— O que está fazendo? Eu sinto cócegas.

— Espere.

Se eu não tocasse as notas agora, elas se perderiam. Eram como plumas ao vento, eu precisava segurá-las. O *riff* era curtinho, sete notas, mas com eles abria-se uma vastidão de possibilidades. Beije o pescoço de Lis, mantendo-a quietinha colada a mim, enquanto trilhava caminhos de pele com a ponta dos dedos. O beijo virou uma fungada, o *riff* cresceu, e logo estava tocando nela a música mais bonita que já tinha ouvido.

— Foi essa a música que ela cantou? — ela perguntou se espreguiçando.

Fiz que sim, beijando sua pele. Notas decoradas. Se eu esquecesse, bastava deitar essa mulher ao meu lado e passear com os dedos por ela para que a melodia retornasse.

— O que será que esse sonho quer dizer? — perguntei.

Lis abriu os olhos. Seu cabelo estava bagunçado e suas bochechas coradas. *A coisa mais linda que já toquei na vida.*

Ela me olhou de lado, desconfiada.

— Desde quando você tem sonhos premonitórios? — Ela quis saber.

— Você me diz. Foi premonitório ou foi só um sonho?

Ela rolou os olhos. Estava esperando meu aniversário para me fazer uma surpresa, mas acho que a surpresa escapou em sonho.

Na verdade, a surpresa escapou em música.

— Por que acha que será uma menina? — Ela perguntou com a voz rouca das manhãs. Sua pergunta não foi "*por que acha que seria uma menina*". Foi "*por que acha que será uma menina?*"

Encarei-a de volta.

— Você está....

— Era surpresa — ela sorriu. — Planejava fazer algo bonitinho no dia do seu aniversário. Definitivamente não esperava que você sonhasse com isso, muito menos que saltasse para a conclusão de que será uma menina.

Eu estava em choque.

— Eu acabei de sonhar com uma garotinha — expliquei.
— E a garotinha estava cantando *essa* música que acabei de tocar em você.

Não seria a primeira vez que tocaria nela uma música, nem que uma garota me inspiraria. Mas era a primeira vez que recebia a notícia de que minha mulher estava grávida.

Abracei-a o mais forte possível, absorvendo a notícia. Um segundo filho? Eu queria. Eu era eternamente grato por ter tido essa segunda chance na vida. Eu a veria grávida. Eu a ajudaria a segurar um bebê. Eu amaria aquela criança do começo, como não tive a chance de fazer com Chris.

Beijei seu rosto milhares de vezes, até ela me empurrar e dizer chega. Tentei subir em cima dela e livrá-la da camisola — minha gratidão, assim como qualquer outro tipo de emoção logo se transformava em fogo —, mas ela balançou as mãos que não, que era cedo e a gente tinha que fazer menos barulho. Assim que ela me jogou para o lado, a porta se abriu e um Chris dorminhoco se arrastou até a cama. Desabou entre a gente e voltou a dormir, e nós ficamos olhando um para o outro por cima do cabelo fino e castanho do menino.

— Foi a melhor notícia que eu poderia ter recebido na vida. — Falei beijando sua mão.

— Acho que teremos uma pequena impulsiva na família. Não aguentou esperar eu dar a notícia.

Ela voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

— Vou voltar a dormir — avisou. Aconchegando-se a Chris, completou: — Tente dormir também. Precisamos dormir o máximo que conseguirmos nos próximos meses.

Não havia a menor chance de eu voltar a dormir. Mas pelo jeito, grávidas e crianças conseguiam, e deixavam a animação para depois das sete da manhã.

E enquanto minha família dormia segura e tranquila ao meu lado, eu sonhava acordado com uma garotinha que já existia, adicionando notas à música que ela em sonho havia tocado para mim.

FIM

**NERF: uma arma que atira balas de isopor*

MEUS LIVROS

Obrigada por lerem **A Garota da Música!**

Pesquisas indicam que 20-40% do sucesso de uma obra está na propaganda do boca-a-boca.

Deixem sua avaliação na **Amazon e no Skoob**, entrem em contato (karinaheidr@gmail.com), recomendem o livro para uma (ou mais amigas)! E se quiserem conhecer minhas outras obras, aqui estão elas:

Fantasia

A Jornada das Bruxas

Romance Adulto

A Última Peça

Sessenta Noites em Trindade

Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2

Sexo, Amor e Outros Estragos

Selvagens

Mascarado

A Morte e a Donzela - Parte 1

A Luz e a escuridão - Parte 2

O Lado Bom do Inferno

Contos e Antologias

Spin-off de Selvagens: a história de June e João

Homens de Farda

Doze por Doze: “Janeiro”

Quer me conhecer? Clique aqui:

www.karinaheid.com.br

Meu trabalho com escrita terapêutica:

www.ocaminhointerior.com

SOBRE A AUTORA

Publicitária, professora de alemão, psicóloga e escritora — tudo que é legal ser, já fui (e sou). Sou também mãe de duas crianças lindas e esposa parceirona. Já corri o mundo e morei em um monte de lugares. Adoro falar sobre livros, técnicas de escrita e papos psi!

Se quiserem bater papo comigo, sabem onde me encontrar <3

www.karinaheid.com.br

